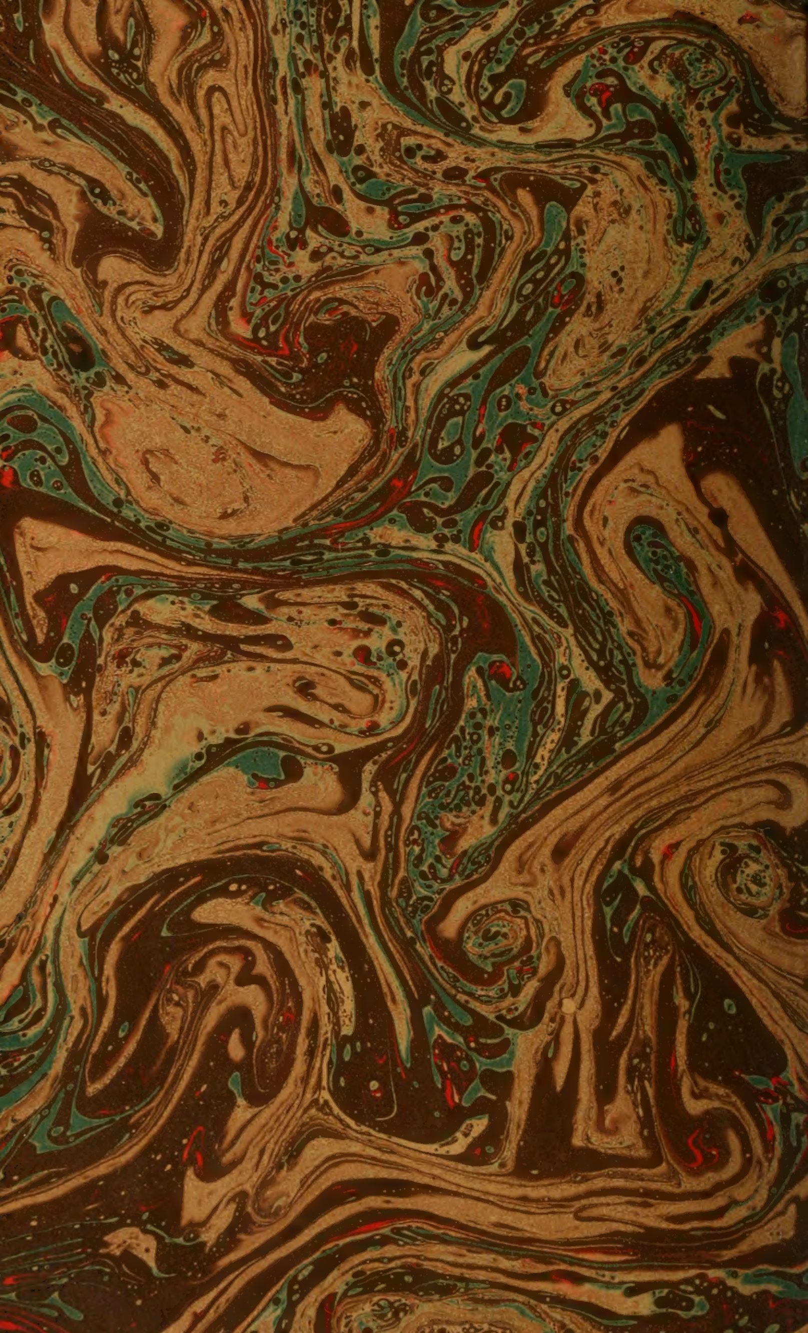
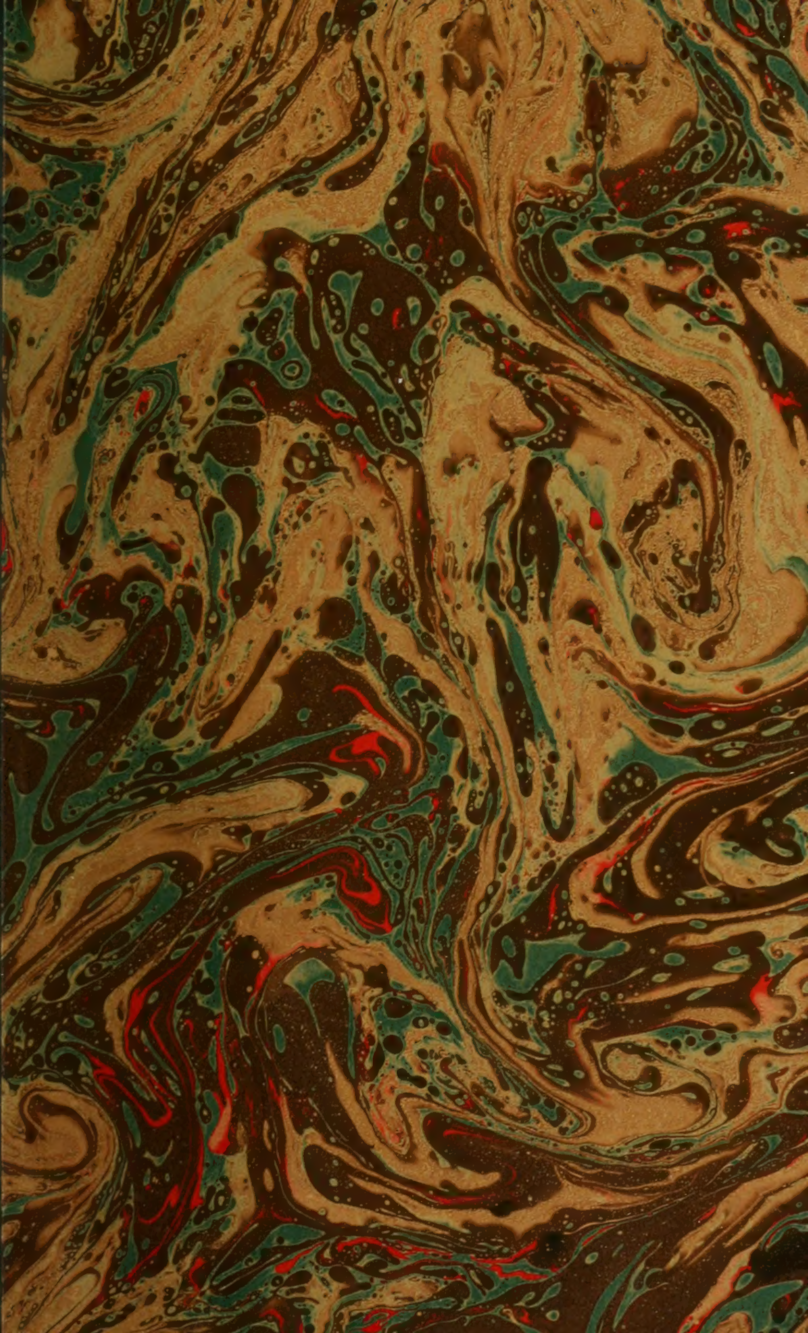

3 1761 07136114 1








LIVRARIA
FERIN,
LDA
LISBOA

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Director Litterario — Conselheiro *Luciano Cordeiro*

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

Apologos Dialogaes

POR

D. Francisco Manuel de Mello

(com uma noticia da vida e escriptos do author por Alexandre Herculano)

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — Rua dos Retrozeiros — 147

LISBOA

1900

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

LISBOA
A LIBERAL — Officina Typographica
Rua de S. Paulo, 216
—
1900

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Director Litterario — Conselheiro *Luciano Cordeiro*

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

Apologos Dialogaes

POR

D. Francisco Manuel de Mello

(com uma noticia da vida e escriptos do author por Alexandre Herculano)

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — Rua dos Retrozeiros — 147

LISBOA

1900



D. Francisco Manuel de Mello [1]

I

Nasceu este grande e affamado escriptor em Lisboa no anno de 1611, de familia mui nobre, porquanto pelo lado materno descendia do primeiro conde de Faro, irmão do duque de Bragança D. Fernando, que morreu degolado em Evora. Tendo estudado humanidades no collegio de Santo Antão, onde teve por mestre o historiador da Ethiopia, Balthasar Telles, seguiu a vida das armas, por morte de seu pae D. Luiz de Mello. Embarcou de 16 annos, como aventureiro, na armada que capitaneava o general D. Manuel de Menezes, mais conhecido como auctor da chronica d'el-rei D. Sebastião. Parece que D. Manuel ganhou particular affeição ao moço aventureiro, e que, conhecendo-lhe extraordinario talento, com seus conselhos mais o inclinou ao estudo, o que D. Francisco Manuel pagou com uzura, immortalisando nos seus escriptos a memoria do protector, amigo, e mestre.

---

(1) *Panorama,* 4.º vol. pag. 179 e 294.

De 28 annos já o auctor dos *Apologos dialogaes* servia de mestre de campo de um terço de infanteria na armada de Antonio Oquendo, mandada ao canal da Mancha em 1639 contra a d'Inglaterra. Antes d'isso tinha servido nos Paizes Baixos, e de lá voltando a Hespanha além de andar n'aquella armada militou no exercito do marquez de Las-Veles contra os Catalães revoltados. Andando na côrte de Madrid em 1637, quando rebentou a sublevação d'Evora, tendo apenas 26 annos, o duque de Bragança, depois D. João 4.°, o encarregou por via de Antonio Pereira, seu agente na côrte, de apresentar a el-rei de Castella e ao primeiro ministro as informações, cartas e documentos pelos quaes o governo castelhano podesse estar certo das suas intenções pacificas. Quanto D. Francisco Manuel trabalhou para se aquietar sem violencia aquella sublevação, se pode vèr nas Epanophoras e, em resumo, nos dois artigos que sobre os tumultos d'Evora publicámos a pag. 385 e 394 do 3.° volume. Acclamado em 1640 D. João 4.° e restabelecida a independencia nacional, apenas esta noticia se soube em Madrid, foi mandado prender D. Francisco Manuel que se achava servindo no exercito da Catalunha. O motivo d'este prendimento, segundo affirma elle proprio, consistia em ter patenteado pouco tempo antes ao governo de Castella o estado dos animos portuguezes, e a irritação em que os tinham posto as vexações dos ministros. Solto no fim d'algum tempo, passou a Hollanda, e d'ahi á patria a offerecer seus serviços. O que D. Francisco fez em proveito de Portugal desde que saiu de Castella melhor se pode vêr da seguinte passagem de uma supplica que dirigiu a D. João 4.°, e de que adiante faremos particular menção. A allegação de notaveis serviços, feita por tão elegante escriptor, é melhor historia, por certo, d'este periodo da

sua vida, que tudo o que nós poderiamos sobre isso escrever.

«Quiz-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos d'ella em serviço de V. M. a quem não tardei a offerece-la, mais que o que se tardou em me darem liberdade.»

«Soltaram-me, e não sem premio e honra, como constou a V. M. pelos despachos que puz em suas reaes mãos.»

«Acaso cuidei, ou duvidei se havia de vir logo entregar essa liberdade, que gozava, ao imperio de V. M.? Não, por certo. O primeiro fui, que, rompendo difficuldades, e deixando commodos, vim a este reino, dando assim exemplo a que viessem outros.»

«Antes de chegar a elle comecei a servir a V. M.; pois entrando nos estados d'Hollanda, fui ali encarregado em nome de V. M., pelo embaixador Tristão de Mendonça, do governo d'aquella armada, que elle lá pervenira para soccorro d'este reino».

«Governei-a, e a conduzi a Lisboa, sendo aquelle um dos maiores soccorros, que em seu porto entraram, á custa d'immenso trabalho meu, pela contrariedade dos tempos, e faltas de todos os meios necessarios.»

«Justifiquei, e assigno o animo com que vinha, só por alcançar a honra de vassallo de V. M., fazendo particular estudo de não pedir mercê alguma; porque desejava primeiro merece-las.»

«Os postos para que V. M. foi servido destinar-me, por sua real grandeza se serviu a fazer-me mercê d'elles; não por algum genero de diligencia minha.»

«Aquelles em que todos cuidaram poderia ser empregado, se desviaram: eu, observando como podia o semblante da minha furtuna, em nenhum posto fallei jámais, e d'alguns procurei humildemente escusar-me; por convir assim n'aquelle tempo, tanto ao serviço

de V. M. como á minha conservação, até que o mesmo tempo calificasse meus prendimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros logares.»

«Fui depois, em foro de soldado, servir a V. M. a Alemtejo. O como servi e obrei em um anno de asssistencia dirão os cabos, debaixo de cuja mão servia. Vivos são; honrados são: estou pelo que disserem.»

«No mesmo dia em que eu estava diante d'um esquadrão, governando-o contra os inimigos de V. M., estava alguma pessoa, (que já d'esta practica haverá dado a Deus conta) n'esse Paço, persuadindo a V. M. me mandasse prender; porque eu sem duvida (a juizo da sua bondade) ia com animo de me passar a Castella».

«Fundava bem esta sua suspeita em me haver eu escusado de testemunhar contra Francisco de Lucena aquillo que eu não sabia, e este tal queria por força que eu soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse V. M. e o mundo n'aquella conta em que elle tinha aquelle ministro.»

Fui d'esta acção avisado, porque a practica não parou nos ouvidos de V. M. Então, por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade, escrevi a V. M. uma carta, a que V. M., com singular clemencia foi servido de me mandar responder com outra, firmada da real mão, em 4 de janeiro de 1642, servindo-se V. M. de honrar-me tanto que se acham n'ella escriptas estas palavras: = Me pareceu dizer-vos que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação, e fico certo que em tudo o mais que se offerecer de meu serviço procedereis sempre muito como deveis ás obrigações de quem sois, e á confiança que eu faço da vossa pessoa =.»

«Não houve occasião, conselho, negocio, ou confiança n'aquelle exercito, em que os cabos d'elle a não fizessem de mim mui particular. Será V. M. lembrado

fui boa parte para se resolver a campanha d'aquelle anno, tão bem lograda como todos viram.»

«Sabem todos se não deu forma áquelle primeiro exercito sem meus papeis, parecer, e industria. Examine-se bem quaes d'estas minhas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a peesoa, com o juizo, e com a fazenda; e se para estes empregos se achou outro mais diligente, ou mais offerecido.»

«Serviu-se V. M., depois, de me mandar encarregar a conducção de todas as tropas rendidas por suas armas em Castella, tirando-me para este effeito do exercito, em virtude de uma sua real carta, em que V. M., depois de considerar a importancia d'este serviço, houve por bem que continuasse n'esta maneira: = confiando de vós, e do amor com que me servis, procedereis n'esta occasião como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou, (e mais abaixo) sendo certo que este serviço que ora me ides fazer, se ha de avaliar em vossas pertenções, como se fôra feito no exercito, em que com tanta satisfação minha o estaveis fazendo. «Foi esta carta escripta em Evora a 17 de Setembro de 1643.»

«Representei eu então a V. M. as razões que havia para que V. M. me escusasse de me misturar com aquella gente; porque sem falta isto seria dar novas azas com que voasse o odio de meus inimigos.»

«V. M. o não houve assim por bem, mandando-me responder por boca de seus ministros, podia estar seguro, que a confiança que V. M. de mim fazia se não embaraçava com similhantes calumnias.»

«Concluido aquelle negocio, que então era não de pequeno cuidado, se deu V. M. por tão servido do modo porque n'elle me houvera, que me fez mercê de me mandar escrever por carta de cinco d'outubro de

1643, o seguinte: = agradeço-vos muito o trabalho e acerto com que tendes concluido este negocio.»

«Varias vezes me honrou V. M. mandando-me assistir em algumas juntas com os maiores ministros, sobre materias de guerra, politica e conveniencia, como se vê dos bilhetes, porque fui chamado, que em meu poder tenho. Vivos são, e ao lado de V. M. assistem alguns dos sujeitos que alli concorreram, e ouviram meus pareceres; testefiquem do zêlo, e amor ao real serviço, com que sempre tratei aquellas materias.»

«Pareceu a V. M. podia bem empregar-me a servi-lo na conducção e commandos dos soldados reformados de Flandres e Catalunha, que andavam na côrte. Mandou-m'o assim V. M. por seu real decreto de 5 de novembro de 1642, e em muito breves dias, por minha indústria, despejei a côrte de requerentes, e povoei as fronteiras de reformados.»

«O expediente que depois se tomou sobre seus soldos, conservando-se-lhe algum á parte, eu fui o primeiro que o arbitrei a V. M., por um papel, que para isso offereci muito tempo antes que se resolvesse, e emfim se praticou, na mesma fórma que eu havia proposto.»

«Mandou-me V. M., por decreto de 16 de novembro de 643, recebesse em seu serviço os soldados que andavam vagos na côrte, d'aquellas tropas dos rendidos de Castella, dos quaes por minhas diligencias desfiz mais de setecentos homens, que para o poder do do inimigo não voltaram, e d'estes, em menos de tres dias, reconduzi uma leva a V. M. de quinhentos homens, soldados velhos, que fui mettendo aos almazens, segundo V. M. me ordenava.»

«Não é para esquecer, nem creio que a V. M. esquecerá, que, achando-se quasi toda a nobreza d'este reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos

generaes para vir dar conta a V. M., de boca, dos designios, e potencia de suas armas, e receber de V. M. as ordens de como se servia ellas se empregassem em seus progressos.»

«Estes foram, senhor, passos meus e progressos em dois annos e meio, que assisti solto na côrte e no exercito de V. M. Mande-me V. M. agora a meus emulos, que declarem quaes foram os outros porque me calumniam; quaes foram meus designios, vistos por minhas obras, ou indicados por ellas n'estes seis annos de minha prisão.»

Do extracto acima se vê quão grandes serviços fez D. Francisco Manuel á sua patria nos primeiros tempos da restauração, serviços provados pelos documentos que cita, e pelo testemunho d'el-rei que invoca. Vê-se tambem que o odio, concebido contra elle por alguns homens poderosos, nascera de não querer fazer causa commum com inimigos do desgraçado Francisco de Lucena, ministro de D. João 4.º, que foi degolado como traidor, crime de que, segundo todas as probabilidades, estava innocente. Os emulos do nosso illustre escriptor vendo baldados seus enredos e calumnias para o perderem em quanto elle expunha a vida pela sagrada causa da independencia nacional, esperaram mais favoravel ensejo, o qual não tardou em apparecer.

Fôra assassinado um certo Francisco Cardoso, em consequencia de um adulterio que commettera com a mulher de um dos matadores. Descubertos os matadores condemnaram-os á morte, e o menos culpado a galés. Durante o processo alguns dos réus deram a entender que para perpetrar aquelle assassinio tinham sido comprados por D. Francisco Manuel. As contradicções em que laboravam suas declarações, e o indiciaram tambem outras pessoas claramente alheias áquel-

le crime, faz acreditar que ou elles se quizeram valer de um nome illustre para por esse meio se salvarem, ou que para envolver D. Francisco Manuel n'este negocio se empregaram as violencias e subornos de que, conforme todas as apparencias, alguem fez uzo para levar ao patibulo Francisco de Lucena.

Seguiu-se a prisão do indiciado, que em sua defeza apresentou quarenta testemunhas de credito, invocou a razão evidente do assassinio, que fôra a affronta feita pelo morto a um dos matadores, mostrou os absurdos e contradicções que havia no monstruoso processo que se lhe formara, e para anniquilar qualquer suspeita que podesse manchal-o pelas declarações ambiguas dos criminosos fez vêr como elles em outras circumstancias do seu processo tinham sido convencidos de falsarios. Apesar d'isto foi condemnado na segunda instancia em degredo perpetuo para a India, e em dois mil e seiscentos cruzados de custas, somma que (segundo affirma o proprio sentenciado) não valia tudo quanto elle possuia. Appelou então D. Francisco para el-rei, a quem dirigiu um memorial, que é talvez o mais eloquente arrazoado escripto em lingua portugueza, e que nunca se imprimiu. D'elle tirámos o pedaço que acima ficou transcripto, e outro que vamos apresentar, como um modelo de vehemencia, sentimento, e estylo, para que de caminho se veja quão rica e bella é esta nossa lingua portugueza, que para exprimir affectos nem carece de neologismos, nem de enredar-se de archaismos e de torcer-se no estylo metaphysico-barbaro dos rudes escriptores do 15.° seculo.

Havia seis annos que D. Francisco jazia preso quando este memorial foi dirigido a D. João 4.°, que passados ainda dois para tres annos, attendendo ás instantes rogativas de Luiz 13.° de França, que sobre este negocio lhe escrevera, o mandou restituir á liberdade sem

a menor condemnação, fazendo, em fim, justiça ao merito perseguido e desgraçado.

Provavelmente, depois da sua soltura, o nosso auctor recebeu a insinuação de se embarcar para o Brazil, onde a primeira sentença que teve no seu demorado processo o condemnara já a viver desterrado. Para lá partiu com effeito, e d'ahi, passados alguns tempos, regressou a Lisboa, d'onde, que nós saibamos, nunca mais tornou a sair.

Desde então viveu D. Francisco Manuel quasi exclusivamente para as lettras. Durante a sua larga prisão compoz uma boa parte dos escriptos que d'elle nos restam; poucos são anteriores a esta epocha, porque envolvido na vida militar e politica, pouco tempo podia dar ao estudo. Aos emulos que o perseguiram deve elle a gloria que cerca o seu nome. Se não fosse a dura e larga prisão, porventura teria gastado os seus dias no meio dos tumultos da guerra e dos enredos cortezãos. Assim os invejosos que pertendiam deprimil-o foram aquelles mesmos que contribuiram para que lhe coubesse o que n'este mundo mais preço e valia teem — o renome, e a immortalidade.

Historia, jurisprudencia, moral, politica, milicia, litteratura, tudo abrangeu o engenho prespicaz e universal d'este homem extraordinario. As imprensas de Leão de França, de Roma, de Londres, e de Lisboa, communicaram a um tempo ao mundo os fructos do seu saber. As pessoas mais illustres da Europa eram suas amigas; ou carteavam-se com elle. Fallava D. Francisco umas poucas de linguas com tal pureza e facilidade, que podia passar por natural de diversos paizes. Emfim nada lhe faltou senão a fortuna na vida, condição esta que quasi sempre acompanha aquelles a quem a consciencia d'uma grande superioridade torna pouco proprios para mendigar valimentos, ou para a

troco de vilezas comprar as riquezas e as *honras*, que, por certo não são o mesmo que a *honra*.

Viveu celibatario D. Francisco Manuel de Mello. Morreu em Lisboa em 1666. Foi sepultado em S. José de Ribamar, d'onde provavelmente a civilisação e o progresso já atiraram os seus ossos, ou para o Tejo, que fica visinho, ou para algum deposito d'immundicies que sirvam para adubar terras de pão pelo valle d'Algés, ou da Ribeira de Jamor.

II

Promettemos dar um extracto da representação dirigida por D. Francisco Manuel a el-rei sobre a sua prisão, da qual já apontámos um largo trecho como documento para a historia da sua vida. Desempenharemos hoje a promessa, e concluiremos este rapido esboço biographico de tão illustre varão, dando uma resumida noticia dos seus numerosos escriptos.

Depois de mencionar brevemente os serviços que fez ao seu paiz e a seu rei, com a espada e com a penna, D. Francisco Manuel prosegue assim: — «Senhor! — se estas são minhas acções exteriores, examinem-se as interiores, pelas quaes logo o animo dos homens é conhecido.»

«Quaes são os meus tractos? Qual o animo? Que soffrimento? Que pezar ou alegria com os bons ou maus successos publicos? Que pessoas são as da minha amisade? Que taes as razões que me são ouvidas?»

«Constará que minhas correspondencias são com os sujeitos mais graves d'este reino, e de maior religião e virtude: — que aquelles com que tenho mais estreita amisade, e me fazem graça de a quererem ter com-

migo, são os ministros e creados de V. M. mais confidentes, e mais para o serem.»

«Fóra de Portugal aquelles que de mim teem alguma lembrança, e eu a conservo para com elles, são os embaixadores, residentes, secretarios, e outras pessoas de que V. M. faz toda a conta e estimação.»

«Meus commercios são as lettras e os livros, em que maior piedade e honra se acha, como é notorio.»

«Meu sentimento e alegria é aquelle e aquella, que um bom e zeloso vassallo deve ter nos prosperos e adversos acontecimentos da sua patria.»

«E' constante, que, succedendo n'este reino, depois que eu a elle vim, quasi todos os casos de infidelidade. sem os quaes Deus não quiz conceder a gloria de vermos a V. M. em seu throno, foi tambem elle servido, por sua infinita bondade, que havendo-se enredado n'aquellas materias muitas pessoas, com culpa ou sem ella, não fui eu nenhuma d'essas.»

«Não é menos certo que em nove annos de Portugal, seis de prisão, e em quasi todos de perseguição, foi sempre tão claro e tão singelo o meu procedimento, que, apesar do artificio dos emulos, não houve nunca logar de me occasionarem esta ultima ruina.»

«Onde se achará, senhor, no mundo um mau que assim saiba e assim possa reprimir a sua malicia, e porque se não acabará de crêr que é bom quem por tantas obras, e por tantos annos o tem mostrado?»

«Que maldade não commette quem contra um proceder tão justificado pretende oppôr sombras de maliciosos pensamentos?»

«Dou todos por testemunhas da moderação com que levo meus trabalhos.»

«Acaso o ver-me enterrado vivo no melhor da minha edade, quando podera esperar de possuir o que

vejo esperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só regra, e uma só palavra impaciente?»

«Vendo encaminhar a uma total ruina minha justiça, e tendo por certo havia pessoas, que folgariam de m'a não achar, e chegando a tanto que m'a não acharam, foi porventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse estes cadeados de bons respeitos, que voluntariamente havia lançado em minha propria boca?»

«Cancei a V. M. algumas horas com petições de melhoras, ou de allivio de prisão? — senão que padecendo meus males e trabalhos, me accommodei sempre de tal sorte com a prisão que V. M. me assignou que já pode ser que pela conformidade com que a levava, houvesse quem d'essa temperança quizesse fazer artificio?»

«Ouviu alguem o meu nome antes d'agora pelos tribunaes, accusado d'algum delicto?»

«Esta observação é um dos incentivos que mais estimulam a meus contrarios a fazerem hoje contra mim todo o esforço de sua malicia. Sabem que livrando-me Deus d'esta accusação, não acharam nem acharão cousa em que poder empecer-me.»

«Fui tão attentado ao grande decoro que devia á justiça de V. M., que havendo recebido uma carta d'el-rei christianissimo para V. M. em recommendação da minha causa, desviei que ella se apresentasse a V. M. pelas mãos do secretario do expediente, só a fim de não obrigar a V. M. contra seu dictame a alguma correspondencia com aquella corôa, ainda a troco de minha utilidade.» (1)

«Presentemente deixei de valer-me da intercessão

---

(1) De outra passagem da Representação se colhe que esta carta d'el-rei de França sempre foi ás mãos de D. João 4.º.

dos principes palatinos, com quem tinha algum conhecimento d'Inglaterra, e da rainha sua mãe e irmãos, quando me achei em Hollanda, sendo de alguma maneira invitado, com sua auctoridade, para esse effeito; só por me não parecer justo aprimir as resoluções de V. M. com extraordinarias diligencias.»

«Desejava e desejo de alcançar o beneficio de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de V. M., ou da virtude de minha justiça.»

«Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter algum logar as communs, por singular favor peço a V. M. se sirva de mandar ouvir o que ácerca de minha causa, procedimento e pessoa diz o povo, de quem se affirma por sua boca falla Deus.»

«Mande-me V. M. ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos das lettras: ouça V. M. os bons e os melhores, que são os mais dignos de ser ouvidos, e de ser cridos dos principes: ouçam-se aquelles em cujo poder estou ha seis annos: mande-se V. M. de todos elles informar ácerca da minha vida, dictos e feitos.»

«Que artificio será aquelle, que tanto saiba fingir? Que industria, a que de tantos se recate, e a todos engane?»

«Não é, senhor, mais proprio, mais prudente, e mais christão discurso, entender que erra um ou dois primeiro que tantos? Que se enganam os poucos antes que os muitos; e que podem fingir os inimigos aquillo que se não pode fingir para todos?»

Depois d'esta passagem tão abundante e rica em sentimento, em vigor de raciocinio, em estylo, e em tudo, D. Francisco Manuel mostra com evidencia quão absurda era a accusação que contra elle moviam os seus inimigos de querer fugir da prisão em que se achava, e emfim conclue assim o seu admiravel papel:

«Eu deixei premios por vir buscar a V. M, e entre-

guei-lhe por eleição e por amor a liberdade que possuia. Nada d'isto se mudou, nem mudará em toda a vida; por quanto nas pessoas de juizo e christandade o castigo não induz desaffeição da parte de quem o dá, nem de quem o recebe. Castiga o bom pae e o bom senhor, e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho e ao subdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.»

«Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, animo e juizo me deu Deus para o saber agradecer. Se o não merecesse, e V. M. me castigasse, animo e juizo me deu Deus para saber discernir as acções de V. M. das de meus inimigos, e conhecer que sua malicia d'elles inexcusavelmente obrigaria, em vez de justiça, a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.»

«Tenho inimigos encubertos, e descubertos. Sabe-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deus por testemunha de que não mereço eu odio de nenhum, nem de ninguem. Todavia não descançam de fulminar meu damno. Não me val para com elles o callar e o soffrer: mas para com Deus, e para com V. M. muito espero que me valha.»

«Conheceram que já aqui não tinham outra cousa com que criminar meu procedimento: inventaram esta, por ser a cousa que mais levemente se pode crêr de um preso o desejo da liberdade, sem saberem medir que ella para mim, por este meio, era mais dura que a prisão e o desterro, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo a graça de V. M., e o suave repouso da patria, que, sobre todas as felicidades, é desejado dos homens.»

«Senhor! — castigando-me V. M., perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me n'elles, eu sou e serei dos mais fieis vassallos dos que a V. M. amam e obedecem.»

«Aquelle que nunca faltou aos homens com a verdade; nunca enganou aos amigos, aos conhecidos, nem a ninguem no mundo, este tal, senhor, é certo que tem feito largas provas, para não haver de faltar a seu senhor e a seu rei, a quem se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais se espera e depende.»

«Mostrará o tempo o que prometto. Verá V. M., saberão estes reinos, se Deus me der vida, se V. M. m'a deixar empregar em seu serviço, que, castigado, despresado, e cheio de trabalhos, procedo tão alegre e tão constante em minha obrigação, como aquelle que mais possue favores e premios.»

«Espero, já que no estado egual não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miseria obre de maneira que a todos pareça digno de lastima e perdão.»

«Occasiões passadas houve, em que muitas vezes offereci a V. M. o sangue e a vida, que é sua. E assim como aquelle que deve lhe não é licito excusar-se de pagar sua divida a quem e aonde manda seu acredor, assim tambem ao bom vassallo não é licito excusar de dar sua vida na parte e como lhe manda seu senhor.»

«Isto conheço: isto promulgo: isto protesto fazer.»

«No desterro, na parte onde V. M. fôr servido que eu viva, alli, senhor, estarei mais satisfeito e mais honrado, que no favor e na companhia de outro algum principe do mundo.»

«Este é costume antigo de portuguezes, que alguns desprezaram reinos para ser vassallos de seus reis.»

«Confio na bondade de Deus me dará graça para que não seja eu quem quebrante os louvaveis exemplos.»—

—Começou mui cedo D. Francisco Manuel o seu

officio de escriptor, que com tanta gloria exercitou toda a vida. Já dos 17 para os 23 annos ajuntava trabalhos de profunda meditação aos fructos da imaginação de mancebo, e á erudição de historiador e politico. Foi n'estes verdes annos que compoz as *Concordancias Mathematicas*, a novella *Finezas mallogradas*, o *Memorial da honra* sobre um imposto que Philippe 4.° queria lançar á nobreza, e uma collecção de Sonetos á morte de D. Ignez de Castro, thema ou teima eterna dos nossos poetas. De todas estas obras a unica impressa é a ultima, isto é os Sonetos, segundo todas as probabilidades, a menos valiosa de todas. Quando servia em Castella publicou a *Politica militar* na lingua castelhana, de que muito se serviu, por ser esta mais geral, posto que no proprio idioma fosse tão versado como mostrou em varios escriptos. Depois d'esta obra, em cinco annos que decorreram até 1643, nada mais deu ao prelo, occupado inteiramente com os negocios politicos e militares que n'essa epocha agitaram todos os animos tanto em Portugal como em Castella.

Foi n'este anno de 43 que deu á luz um manifesto a favor da revolução de 1640, com o titulo *Declaracion por el reyno de Portugal*, e debaixo do pseudonimo de Jeronymo de S. Cruz: no seguinte anno saiu com a *Demonstracion*, obra sobre o mesmo assumpto, bem como o foram os dois outros livros que publicou subsequentemente nos annos de 1645 e 1649, o primeiro intitulado *Ecco Politico*, o segundo *Manifesto de Portugal*. Por estes mesmos annos publicou D. Francisco Manuel a *Historia de los movimientos y separacion de Catalunha*, obra ainda hoje lida e estimada por nós e pelos castelhanos; a vida de S. Francisco d'Assis, que intitulou *El mayor pequeño*, escripto comparativamente de pouco merito, como o que imprimiu em dois volumes nos annos de 43 e 49, *El Fenix de*

Africa, *Augustino*. Estas duas vidas de sanctos compostas nos tempos da sua dilatada prisão, mostram quão abatido estava aquelle grande espirito com tão diuturno padecer.

As obras poeticas de D. Francisco Manuel publicadas separadamente em diversas occasiões sairam juntas e acrescentadas em Leão de França no anno de 1665. Constam de tres partes, a primeira e terceira contendo poesias castelhanas, e a segunda portuguezas. Entre esta se acha o entremez do *Fidalgo Aprendiz*, notavel pela propriedade e riqueza do estylo popular em que é escripto. Em algumas das *Cartas* imitou Sá de Miranda, mas ficou áquem do seu modello posto que não careçam de merito, e entre os sonetos e epigrammas se encontram alguns de bastante graça e agudesa; no genero grave parece-me levarem grande vantagem as poesias castelhanas ás portuguezas.

Duas obras moraes foram o fructo das suas meditações sobre a sciencia dos costumes; a primeira, talvez de todas do auctor a mais geralmente conhecida, é a *Carta de guia de casados* (Lisboa 1651), notavel pela delicadeza das observações, e a solidez dos principios: a outra mais pezada e grave com certa côr theologica, e certo guindado de pensamento e de estylo, é a *Victoria del Hombre*, que publicou em Roma em 1664.

As *Epanáphoras de varia Historia* (publicadas em Lisboa em 1660) são uma especie de estudos historicos, sendo talvez a primeira intitulada *Alterações d'Evora* a materia d'este genero mais bem tratada por D. Francisco Manuel, que tão grande parte teve n'aquelles acontecimentos. A terceira que tracta do descobrimento da Ilha da Madeira tem mais de novella que de verdadeira historia. Nos outros tres tomou por objecto, em uma o triste naufragio da armada portugue-

za, que capitaneava D. Manuel de Menezes, destruida por um temporal que a levou ás costas de França em 1627, n'outra a batalha entre as duas armadas hollandeza e hespanhola, dada no canal de Inglaterra, e em que os hespanhoes foram derrotados, na ultima emfim a conquista do Arrecife de Pernambuco feita pelo general Francisco Barreto aos hollandezes em 1654.

A *Primeira Parte das Cartas Familiares* sahiu á luz publica em Roma no anno de 1664. Estas cartas, que pela natureza do livro pareciam o menos importe dos que compoz o nosso auctor, são um dos mais illustres monumentos da sua gloria litteraria. A variedade de materias que contem, o tom conveniente, o estylo, e sobre tudo a pureza e propriedade de dicção fazem que ellas sejam um dos melhores modellos dos que n'este genero possue a lingua portugueza. D'este livro se fez nova edicção em Lisboa, cousa das mais torpes e miseraveis que teem sahido dos nossos prelos, de modo que hoje é de raridade e estimação aquella primeira edicção de Roma, principalmente quando lhe não falta a ultima carta, que em quasi todos os exemplares foi arrancada, talvez porque ahi se alluda ás torpezas que em negocios religiosos se commettiam na curia romana.

A *Aula politica* (Lisboa 1720); os *Apologos Dialogaes* (Lisboa 1721) e o *Tratado da Sciencia Cabala* (Lisboa 1724) foram composições publicadas posthumas. A *Aula Politica*, *Curia Militar*, é uma noticia da origem, organisação e prerogativas dos conselhos d'estado e de guerra, segundo os uzos e leis d'Hespanha. Segue-se-lhe no mesmo volume a *Epistola Declamatoria* ao principe D. Theodozio, papel muito importante, que lhe dirigiu com o mesmo intuito com que dirigira a D. João 4.° o que em grande parte publicámos n'este artigo. Quiz n'ella ponderar ao prin-

cipe os seus serviços, trabalhos e miserias na dilatada prisão que padecia. E' obra mui digna de lêr-se porque n'ella se encontra parte do vigor d'animo e d'eloquencia que, na supplica a el-rei, o nosso auctor mostrou possuir. N'este mesmo volume se reimprimiu a *Politica Militar* publicada já em Madrid em 1633.

Os *Apologos Dialogaes*, são no nosso entender, a balisa que marca o ponto mais alto a que subiu o talento de D. Francisco Manuel, e com razão dizem os editores ser esta a *obra mais politica, civil, e galante que fez seu auctor*. O sal com que estão escriptos estes inimitaveis dialogos, o tacto com que n'elles se castigam as loucuras, ridicularias, e maldades de uma sociedade corrupta, o talento com que o auctor trava esta especie de drama, genero de que alguma cousa participa o dialogistico, e a critica, erudição, e bom gosto de que elle dá provas, principalmente no ultimo dialogo, são os principaes motivos para se dar a este livro a primazia entre tantos que D. Francisco escreveu. Dividiu-o elle em quatro dialogos: o 1.° intitulado *Relogios Fallantes*, em que são interlocutores um relogio da cidade e outro da aldeia: o 2.° *Escriptorio Avarento* em que fallam um portuguez fino, um dobrão castelhano, um cruzado novo, e um vintem navarro: o 3.° *Visita das Fontes*, que se passa entre a fonte velha do Rocio, a nova do Terreiro do Paço, Apollo, e um soldado: o 4.°, em fim, *Hospital das Lettras*, é um dialogo entre Justo Lipsio, Boccalini, Quevedo, e o auctor. Este é certamente por tòdos os titulos o melhor, e o mais claro testemunho da vasta lição de D. Francisco Manuel, bem como da clareza do seu juizo em materias litterarias. E' para nós a cousa mais admiravel, o modo porque elle apresenta em poucas palavras a sua opinião ácerca d'uma multidão de escriptores portuguezes, hespanhoes, italianos, france-

zes, etc., sempre com expressões frizantes e infinitamente variadas, accrescendo a isso que pela maior parte os seus juizos foram confirmados pela posteridade, que por via de regra condemnou ao esquecimento os seus incuraveis, ou mais gravemente achacados.

O titulo do *tratado de Sciencia Cabala ou Noticia da Arte Cabalistica* está dizendo o que é o livro: — um aggregado de quantos desvarios sobre esta falsa e abstrusa sciencia lembrou ajuntar aos antigos rabbinos e a muitos entendimentos mais ricos d'imaginação que de juizo, e é innegavel que os muitos livros que D. Francisco Manuel leu ou consultou, para escrever o seu, lhe communicaram boa parte da lepra intellectual de que estavam eivados. Todavia encontra-se n'esta obra muita e variada erudição, e sobre tudo uma particularidade mais curiosa que é a noticia dos maravilhosos effeitos da arte de ensinar os surdos-mudos, posta em practica por seu auctor o catalão Bonet; effeitos que o proprio D. Francisco assevera ter testemunhado em Madrid, produzidos não só pelo referido Bonet, mas tambem por D. Luiz Ramires *seu successor n'aquelle difficil ministerio e magisterio, e que muito melhorou a arte tanto na especulativa como na pratica.*

Extensissimo é o catalogo das obras inéditas de D. Francisco Manuel, e os titulos principaes se podem vêr na Bibliotheca Luzitana, posto que ahi se contem algumas que já se achavam publicadas como *La Impossible*, especie de drama que está entre as suas poesias, bem como o *Canto de Babilonia*, e se não nos falha a memoria a comedia *De Burlas haze amor veras*, impressa em um dos volumosos repertorios do Theatro Hespanhol.

D'essas obras inéditas apenas conhecemos duas; o *Tacito Portuguez: Vida e Feitos de D. João 4.°*, que

Barbosa não menciona, e que apezar de incompleta, seria uma das que mais contribuiriam para a gloria do auctor, se algum dia se publicasse. A outra, que lêmos, e de que possuimos uma copia, é a *Feira dos Annexins*, livro curioso em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer fallar as suas personagens com phrase conveniente e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza, e do verdadeiro estylo dramatico, cousa a mais difficil talvez n'este genero de litteratura, e de que tão arredios andam os que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escaracéus, e expressões falsissimas que aprendem pelos livros do visconde d'Arlincourt, e ainda dos grandes auctores dramaticos francezes; que até estes ás vezes apparecem eivados de tão pegadiço e damnado achaque.

Concluiremos aqui a noticia da vida e escriptos de um homem tão célebre, ácerca do qual desejariamos ter encontrado mais miudas e averiguadas memorias; mas obrigados da estreiteza dos documentos acingimo-nos a tão pouco, e ainda assim não seguros de não ter cahido em algum erro, de que nos desculparão aquelles, que sabem quão grande trabalho ha quasi sempre em colligir apontamentos para a historia das cousas nacionaes, e dos varões que mais honraram esta nossa terra portugueza.

A. H.

APOLOGOS DIALOGAES

COMPOSTOS POR

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

Varão digno d'aquella estimação que o mundo emquanto vivo fez da sua pessoa e depois de morto conserva ao seu nome

---

OBRA POSTHUMA

E A MAIS POLITICA, CIVIL E GALANTE QUE FEZ SEU AUTHOR

Offerecida ao preclarissimo senhor

D. ANTONIO ESTEVÃO DA COSTA

Armador mór de Sua Magestade, etc.

POR

MATHIAS PEREIRA DA SILVA



LISBOA OCCIDENTAL

Na officina de MATHIAS PEREIRA DA SILVA & JOÃO ANTUNES PEDROZO

MDCCXXI

Com todas as licenças necessarias

Licenças

DO SANTO OFFICIO

Eminentissimo e Reverendissimo Senhor:

Estes Apologos Dialogaes, que deixou escriptos D. Francisco Manuel de Mello, já eu tinha lido muitas vezes, porque com grande universalidade justamente correm copiados, tão merecedores são da luz publica, que não necessitam da que inventaram os homens com a impressão, porque outra melhor e mais perdoravel adquiriram suceessivamente nas palmas e estimações dos mesmos homens. Agora, que tambem se lhe pertende dar a luz commua da mesma impressão, os tornei a lêr por ordem de V. Eminencia, e de todas as luzes me parecem dignissimos; porque ao mesmo tempo egualmente nos ensinam e recreiam; divertem e advertem os animos e os entendimentos; já com as doutrinas moraes, que nos propõem, com a doçura e suavidade com que nos reprehende; já com as sentenças e agudezas com que nos admira; com as graças e galantarias com que nos alegra; nos successos e pessoas que introduz; já com a formosura e elegancia da phrase, pureza e naturalidade das palavras, em que resplandece tanto aceio sem artificio, tanta galla sem affectação, que deixa

absorta e suspensa a mesma admiração. Não me parece haver obra d'este genero, nem mais perfeita, nem mais galante, nem mais util, nem mais deliciosa. Em fim em tudo similhante ás muitas que correm impressas d'este insigne Auctor, com que illustrou a nossa Nação; onde será perenne e sempre esclarecida a sua memoria. Por todas estas razões, e sobre tudo, por não achar n'estes Apologos cousa alguma contra a Fé e bons costumes, me parecem dignissimos da licença que se pede a V. Eminencia para se imprimirem. Este é o meu parecer. V. Eminencia mandará o que fôr servido. Lisboa Oriental, Santo Eloy, 18 de Janeiro de 1720.

LOURENÇO JUSTINIANO DA ANNUNCIAÇÃO.

EMINENTISSIMO SENHOR:

Por ordem de V. Eminencia vi o livro intitulado Apologos Dialogaes, de que trata esta petição, e que quer imprimir Mathias Pereira da Silva, e n'elle não achei cousa alguma contra a nossa Santa Fé, nem contra os bons costumes; parece-me que se póde imprimir. V. Eminencia ordenará o que fôr servido. Lisboa Oriental, em o convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, em 2 de Abril de 1720.

FR. ANTONIO DE S. THOMAZ.

Vistas as informações, póde-se imprimir o livro intitulado Apologos Dialogaes, Politicos, de que trata esta petição, e impressos tornarão para se conferir e dar licença que corram, e sem ella não correrão. Lisboa Occidental, 9 de Abril de 1720.

Rocha. Fr. Rodrigo de Lancastre. Guerreyro. Carneyro.

DO ORDINARIO

Illustrissimo Senhor:

Manda-me V. Illustrissima, que veja os Apologos de D. Francisco Manuel de Mello, e devo interpetrar o seu preceito, que não é para os censurar, senão para os applaudir. Mas teem elles merecido tão boa opinião entre os amantes de boas letras e curiosos de bom gosto, que os applausos mais servirão já de credito a quem lh'os der, que de novo abono seu. Lá tem sua fortuna tambem os livros; a d'este sempre foi boa e será sempre a mesma: porque é merecida. Não ha descripção menos affectada, nem sátira menos offensiva. Não ha moralidades tão sem fastio, nem discursos tão sem embaraço. As figuras introduzem-se com todo o decoro, a arte dissimula-se com o melhor artificio. A linguagem em sua pureza; a graça em seu ponto; a reprehensão a seu tempo. O estylo familiar sem baixeza, erudito sem pompa, doutrinal sem mo-

lestia. As palavras naturaes, como sem estudo; escolhidas, como sem cuidado, collocadas, como sem mysterio. Quem assim escreve, nos deixa quasi persuadidos que podia ensinar a fallar até os insensiveis; porque nem os Relogios podiam fallar mais certos, nem as Fontes mais claro, nem as Moedas mais corrente, nem os Livros mais erudito. Em tudo se vê o grande juizo do Auctor e o seu nobre e fecundissimo espirito, que repartido por tantas fiuguras a todas se accommoda e dá alma, e viveza a todas. Ora o vemos cortezão galante sem vicio, ora politico discursivo sem enfado; umas vezes fiscal severo sem offensa, outras critico judicioso sem paixão. Já faz a reprehensão bemquista com a galantaria; já faz util a graça com a moralidade. Em fim consegue perfeitamente duas cousas bem difficultosas de unir, que são entreter ao mesmo tempo e approveitar. Inexcusavel seria o descuido, que até agora houve de imprimir tão excellentes Opusculos, se não vissemos que a curiosidade competindo com a impressão, tinha multiplicado traslados manuscriptos, quasi tantos, como podiam correr impressos. D'esse trabalho de copiar manuscriptos e mendigar traslados nos livra Mathias Pereira da Silva imprimindo estes Apologos, satisfazendo n'isso ao commum desejo dos curiosos e merecendo, não só a approvação, mas o louvor de todos. E' o que me parece. V. Illustrissima ordenará o mais acertado. Lisboa Occidental, e Congregação do Oratorio, 30 de Abril de 1720.

Pedro Alvares.

Podem-se imprimir os Apologos Dialogaes, de que esta petição trata, e depois de impressos tornem para se conferir e dar licença que corram, sem a qual não correrão. Lisboa Occidental, 2 de Maio de 1720.

D. J. Arcebispo.

DO PAÇO

Senhor :

Se algum dia se pudera julgar menos pura a intenção da minha obediencia, fôra hoje na lição d'este livro, para que já me servia de estimulo o nome de seu Auctor que, como disse, no que ha tão pouco tempo (obedecendo ao mesmo soberano impulso) acabei de rever, elle é o que só dignamente o póde approvar. Sempre as suas obras se recommendaram á posteridade para a estimação, e para o appluso; sendo egualmente celebres as que escreveu no estylo galante, que no sério; e se em cada um de tão oppostos estylos, sendo tratados de per si, se singularisou sempre o seu grande talento, como realçará hoje em uma obra, em que fazendo mais rara a duplicidade, observa juntamente ambos ; e formando união da differença, até chega a deixar duvidosa a sua distincção !

Mas ainda sobe de ponto a admiração, porque ainda passa a mais a singularidade ; pois não menos no jocoso, que no grave, sabe ao mesmo tempo recrear, e advertir ; divertir, e utilizar ; sendo esta a ultima gloriosa méta do juizo humano, tão poucas vezes coroado do humano discurso.

Fallam n'estes Dialogos os Relogios, e a todas as

horas fallam; que como collocados de mais alto, tem mais livres as vozes; mas esta mesma liberdade, que pudera degenerar em desattenção, não deixa de ser decencia; a mesma voz, que assim penetra os ares, é a mesma que provoca os animos, para conhecer e abraçar o bem, para detestar e reprehender o mal.

Fallam as Moedas, e sendo tão corrente a linguagem em que fallam, não correm menos, que discorrem para a persuasão dos bons costumes, condemnando egualmente a ambição, que a avareza; com tanta efficacia e suavidade, como poderam attrahir a cobiça as mesmas moedas.

Fallam os Tostões, e fallam tão claro, que as suas linguas podem servir de espelhos em que se veja a consciencia mais ajustada, a politica mais justa, a attenção mais escrupulosa, e a razão mais attenta. A pureza do crystal do seu curso, é a mesma que tem o curso das suas vozes, que em perenne afluencia dos mais uteis e necessarios documentos, levam e elevam as attenções ao melhor uso d'elles.

Fallam finalmente as boas Lettras, qne são só as que deviam fallar, pois sabem o que fallam; mas com serem os caracteres tão varios como os idiomas, as materias tão diversas como as artes e sciencias, e os estylos tão differentes como os genios, em todos fallam, por todas discorrem, com todos se accommodam, e a todos utilizam.

N'estas quatro scenas se divide a dôuta, discreta, deliciosa representação d'estes Apologos, que até aqui com avára prodigalidade corriam manuscriptos, sendo as memorias a estampa, e os traslados o prelo em que viviam impressos, reservando-se para este tempo o serem gloriosa fadiga da prensa, pela industria e diligencia de Mathias Pereira da Silva, que segunda vez a quer enriquecer com o thesouro de tão preciosas

obras; livrando-as dos precisos erros das copias, que não fez seu Author, nem são tiradas do mesmo original, e fazendo esta a mais correcta, que pode ajustar e conferir a curiosidade de erudita applicação. E como este é um livro, que até quando diverte aproveita, e os seus dictames são tão conformes á justiça e á verdade, já se vê que não pode ter cousa que repugne ao real serviço de V. Magestade, sendo todo fundado n'estas mesmas virtudes. Isto me parece. V. Magestade mandará o que fôr mais de seu agrado. Lisboa Occidental, 26 de Maio de 1720.

Jozeph Soares da Silva.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio e Ordinario, e depois de impresso tornará á mesa para se conferir e se lhe dar licença que corra, e sem ella não correrá. Lisboa Occidental, 6 de Junho de 1720.

Andrade. Botelho. Pereira. Oliveira. Teixeira.

Está conforme com o seu original. Lisboa Oriental, S. Eloy, 12 de Maio de 1721.

Lourenço Justiniano da Annunciação.

Visto estar conforme com o seu original, póde correr. Lisboa Occidental, 13 de Maio de 1721.

ROCHA. ALENCASTRE. CUNHA. TEIXEIRA. SILVA.

Póde correr. Lisboa Occidental, 14 de Maio de 1721.

D. JOÃO, ARCEBISPO.

Taxam este livro em 800 réis, em papel. Lisboa Occidental, 15 de Maio de 1721.

PEREIRA. NORONHA. OLIVEIRA. TEIXEIRA.

DEDICATORIA DO AUCTOR

AO DOCTOR

ANTONIO DE SOUSA TAVARES

Desembargador dos Aggravos, Juiz da Corôa e primeiro Ministro da Junta do Estado de Bragança

JÁ ouvirieis a graciosa indecencia com que disse um dos nossos discretos, que a imaginação era curral do conselho, onde por não ter portas todo o animal tinha entrada! Se isto alguma vez foi verdade, na imaginação dos solitarios se verifica. Persuado-me que do proprio modo, que ao homem só o investem seus inimigos, ao homom só o assaltam seus pensamentos; entre os quaes não ha algum tão cobarde, que deixe de fazer fortes n'aquelle, a que ninguem deffende. Todavia não sei que feitiços nos dá a solidão, que apezar d'esses inconvenientes, quem uma vez a experimentou, sempre a procura; será porque n'ella entre o entendimento e o ceo ha pequeno intervallo; larga distancia entre a vida e o perigo, quando racionalmente se busca e sabiamente se dispende! Ora eu não advogo esta vez por ella, sendo seguro da affeição que vos deve. Porém vós em tudo não só varão da justiça, mas varão justo, constituido sobre nós e para que nenhuma razão padeça,

não podeis sem prejuizo da Republica querer da solidão a posse, contentae-vos com a reverencia; nem ella espera de vós mais, que a approvação por exercicio. Os fortes capitães tenham (como costumam) por apozentos os perigosos cornos da lua, em os de seus exercitos. Alogem os sabios ministros (segundo vemos) nas ourellas dos thronos, que não estão ahi menos em seu lugar, de que os homens desenganados, escondidos pelas tocas agrestes. Foi sempre a fortuna grande pintora de passagens, que assim de longes, como de pertos, de vistas primeiras e segundas compõem esta formosa perspectiva do mundo. D'onde é para notar, que aquelles baixos materiaes, que em si não são outra cousa que taboas, lenços, terras e azeites de que a pintura se serve, ella os realça, levanta e illustra, de tal modo, que agora nos parecem altos montes, agora soberbos edificios; talvez rios caudalosos, e talvez fresquissimos arvoredos. Mas oh! Senhor! Aonde vou, que deixando, como a principio vos disse, de par em par a imaginação, não tornei mais a entrar n'aquella, da qual parece haver partido. Consenti-me tornar atraz, e assentando que vivo só e que como só discurso, e que como só entendo, ficará logo corrente a confiança da offerta que vos faço, enviando-vos este humilde conceito, que uma vez cá me entrou na imaginação, por achar a porta aberta, e entrou para não sahir até communicar-vo-lo. São os conceitos como as figuras, que se vazam em moldes, sempre hão de trazer a propria fórma da matriz em que se engendram, e quando esta seja illustre, pouco importa que a materia o não seja. Estatuas vemos de barro altamente prezadas ou ao contrario as de ouro valem pouco, quando informes. O primeiro fim com que escrevi este Apologo, foi só por divertir-me de penosos cuidados que ha tantos annos me

acompanham, ou para melhor dizer, me perseguem. Comparo eu a memoria aos bugios (perdoae tão baixa comparação, com que seja propria) se os não ataes a um pezado cepo em vez de enterterem com os seus jogos, são perluxos e damninhos contra quem os cria: assim é a memoria, vendo-se solta, quando alguma ponderosa obrigação a não opprime, tudo revolve, tudo acarreta, lança a perder tudo, e no cabo lastima e maltrata ao proprio que a alimenta.

Depois (digo) prosegui este papel com nova esperança de interesse, (bordão de todas as obras) que desde que teve geito de ser alguma cousa, guardei para vo-lo apresentar. Pouco vae, em qne vá errado, se ha de parar em vossas mãos: uma de mestre, outra de amigo; não perigará em nenhuma: sendo certo, que se tornam defeitos proprios, aquelles que os amigos uns aos outros dissimulam. Fará pelo menos certo aquillo de que eu mais necessito, que como todas estas razões se dirijam a vós sómente, não puz aqui palavra, que não fôsse de vós uma lembrança. Do applauso vos desobrigo, e até da censura, porque vós nada lereis para vós sem conceito, e eu não quero de outrem ser lido. Escuso-me a esse troco de que me gabe, ou me desculpe, fugindo ao costume dos mais, que a cada passo em o que julgam de seus escriptos, se nos convertem de auctores a leitores dizendo-nos de si o que nós haviamos de dizer d'elles. Para uma só acção vos peço o vosso voto, e seja para approvar a eleição que fiz do vosso nome, porque entre tanto merecimento ficasse dissimulada a curta valia d'esta obra. Quando ella alguma hora montar na estimação d'aquelles que lhe podem dar preço, a vós se deve esse interesse, vós o lograes, pois de vós ha procedido. Sabendo-se como eu tenho ha dias feito um contracto com o tempo, quito-lhe a gloria que pudera

dever-me pelo bem que obrasse, com condição que me não injurie pelo que fizer a seu descontentamento. Tomo-vos por meu juiz conservador, para o que lhe façaes observar as condições d'este contracto, a que estou prestes. Sobretudo vos guarde Nosso Senhor como desejo, etc. N'esta Aldeia, em 20 de setembro de 1654.

V. A. e D.
D. F. M. de M.

RELOGIOS FALLANTES

APOLOGO DIALOGAL

PRIMEIRO

Fazem interlocução um relogio da cidade e outro da aldeia

Relogio da cidade. Seja v. m. muito bem vindo, quem diremos que é?

Rel. da aldeia. Concerte Deus a v. m. senhor relogio.

Rel. da cidade. Tristes de nós, que logo nos conhecemos pelas mãos como damas!

Rel. da aldeia. E ás vezes pelas badaladas como galantes; mas não é isso, se não que nos corre a ferrugem pelas rodas, como aos homens o sangue pelas veias.

Rel. da cidade. Logo relogio é tambem v. m.?

Rel. da aldeia. Sim senhor, ainda que indigno.

Rel. da cidade. E d'onde, se se póde dizer?

Rel. da aldeia. Villão sou, não ha ahi nega-lo, que é o peior das villanias.

Rel. da cidade. Antes já ouvi dizer a um prégador na minha egreja, que cada um é obrigado a conhecer-se.

Rel. da aldeia. Sim; se é para emendar ou dissimular seus defeitos; não para se prezar d'elles.

Rel. da cidade. Comtudo v. m. me diga como se

chama? Que sua gentil presença me promette grande achado em tão boa companhia!

Rel. da aldeia. Não se fie de apparencias, senhor relogio; porque d'essa maneira nos está enganando todo o mundo, e até o mesmo céo, que cada dia nos apparece azul, não tendo côr alguma; o officio dos olhos é vêr, chorar e enganar.

Rel. da cidade. Sem embargo, a agradavel presença é como sobrescripto de boa letra, que mostra será a carta da mesma mão.

Rel. da aldeia. Tambem n'essa pouquidade nos trapaceiam os grandes, porque de ordinario o córte não é do mesmo panno que a amostra.

Rel. da cidade. Nem a nota irmã da firma; mas deixemos para outra hora o lêr por sentença, e vamos hoje por carta de nomes. Como é o nome de v. m?

Rel. da aldeia. Sou, com perdão de v. m., o relogio da villa de Bellas, ou sem perdão, para melhor dizer; porque nunca fiz erro, que se me perdoasse. Parece, que só para mim anda o mundo concertado!

Rel. da cidade. Tá, tá, tá, v. m. é o relogio de Bellas? Grandes cousas tenho ouvido de seu bom gosto. Dizem por cá finalmente, que v. m. é relogio de Bellas, mas não bello relogio.

Rel. da aldeia. Zomba v. m. porque me vê aldeão; pois tambem lá na cidade dizem, que cantam as moças: Relogio, que andaes errado, que não daes as horas certas.

Rel. da cidade. E, quem queres tu que tape a bocca aos namorados, e lhes acerte com a vontade, com que o mesmo amor não atina? D'onde eu cuidei já, que por isso o pintaram com os olhos cubertos, como mulla de atafona, porque com as muitas voltas que os amantes lhe fazem dar, o coitado endoidecêra, se vira.

Rel. da aldeia. Tenho feito minha obrigação no-

meando-me; fazei vossa cortezia correspondendo-me, quem quereis ser? Por qual mandaes que vos tenhamos?

Rel. da cidade. Quem gostareis vós que eu seja? Sou esse cançado, esse negro, esse maldito relogio das Chagas de Lisboa.

Rel. da aldeia. Chagado e ferrugento vejo eu a v. m., para ser tão grande e tão antigo cortezão, de quem a fama publíca mil galantarias.

Rel. da cidade. O' saloio, por bom modo me deshonraes de mentiroso!

Rel. da aldeia. E vós a mim de villão com bem máo modo.

Rel. da cidade. Por isso se diz, que não ha alfaiate bem vestido. Nunca vereis menos cortezia, que na côrte. Soffrei! Anda o mundo desconcertado, e o peior é que nos põem a nós a culpa.

Rel. da aldeia. Essa manha sempre elle teve, e muitas vezes cá pelas minhas móças de ferro hei notado, que de continuo os baixos pagam os encontros dos altos, que é justiça de canhotos, ou esquerda justiça. Oppõem-se lá no céo dois planetas, eclipsa-se o sol ou a lua e nada de tudo aquillo prejudica ao céo; pagam os campos, as sementeiras, e talvez os homens as paixões que passam as estrellas no seu firmamento, e os planetas em suas espheras, como se nós os atiçassemos; o que me cheira a sem razão de dois em carga. Na terra é do mesmo modo. Os homens desmancham o mundo, e os relogios tem a culpa!

Rel. da cidade. Ora pois todos somos de campanario, será bom que nós vejamos os jogos, como bons parceiros: a que vindes a esta casa?

Rel. da aldeia. Ao mesmo para que vós estaes n'ella.

Rel. da cidade. Dir-vo-lo-hei: sou tão m al afortunado

que sendo eu dos mais anciãos relogios da cidade, me deram por aio um mentecapto, vêde que gentil pedagogo podiam ter meus desvarios?

Rel. da aldeia. Muito tempo ha, que o tempo é esse; uma cousa vos digo, que quando por mais não fôra, que estar sugeito á censura dos parvos, se não podia ser discreto.

Rel. da cidade. Vou ávante: O meu pedagogo era torto, e mandaram que me endireitasse, (cousa impossivel!) porque já disse o dictado castelhano, que *solo Dios acierta a reglar con regla tuerta*. Emfim era um thesoureiro, que enthesourava tudo quanto lhe davam por ter cuidado com os meus descuidos. Jámais me untou as rodas pelas untar ao carro de seu proveito: jámais me alimpou, temendo sujar-se, e então pela culpa alheia, eu não sou a mesma pontualidade; em lugar dos pezos, que me não levantava, me levantou falsos testemunhos, tantos, que juntos á ruim suspeita, que o povo do meu bairro teve sempre da minha verdade, não descançaram meus inimigos até não darem commigo em casa d'este maldito caldeireiro, aonde nos vemos, e d'onde dizem que já não sahirei senão para o ferro velho, depois de haver em vão tomado mil suores de fornalha, dois mil banhos de forja e quatro mil esfregações de bigorna, que não sei como sou vivo. De sorte amigo, que as mentiras e trapaças d'aquelle tacanho, eu hei de ser quem as pague. A fama de mentiroso ficará sempre para commigo, e o falsario será satisfeito, não só as rodas me andam todas ao redor, ou me desandam, mas a mão, a cabeça, e tudo se me desconcerta, cada vez que cuido no engano dos tolos dos meus freguezes e na malicia do malvado sachristão, por quem se me causaram tantos males. A isto vim, n'esta fórma me vejo, e n'esta affronta. Notaes como anda a nossa côrte bem governada?

Rel. da aldeia. Como quem se governa pelo relogio das Chagas.

Rel. da cidade. Por mim não, mas por outros peiores, sim ; porque todos os que nos governam trazem seus relogios comsigo, por ser insignia de homem de estado, os quaes elles temperam sempre á sua vontade. De maneira, que governando elles como querem os seus relogios, se governam por elles, e assim vivem sempre ao gosto de seu gosto; boa ordem! E então que só seja conhecido por fabuloso o pobre relogio das Chagas, que com ninguem se mette; assim vae tudo direito!

Rel. da aldeia. Sempre ouvi dizer que era manha de ministros, fazerem-se elles os relogios da republica e fazerem que os mais dessem horas como relogio.

Rel. da cidade. Tendes razão, e por isso um pintor astuto mandando-se-lhe pintar o symbolo de um ministro, pintou um relogio ao revés, a campainha para baixo e os pezos para cima.

Rel. da aldeia. Que queria dizer n'isso? Porventura, porque os ministros trazem sobre si os pezos e os pezares da republica, e que a lingua assim no sino para baixo, é a que ha de andar por baixo de tudo sem apparecer?

Rel. da cidade. Não, por certo, mas porque diz lá um proverbio, que a nós outros os relogios todos nos crêem e nenhum nos adora; por isso o pintor agudamente pintando um relogio ás avessas, quiz dizer, que os ministros todos os adoram, mas ninguem os crê.

Rel. da aldeia. Senhor relogio da cidade, badalemos limpo, que as paredes ouvem, e as dos campanarios nunca foram de segredo.

Rel. da cidade. Olhae ora cá, se o estar sempre á dependura, me não ha de valer para tirar o medo de morrer enforcado, melhor é acabar logo de uma vez.

Rel. da aldeia. Cala-te, que te fundirão.

Rel. da cidade. Pois que importa? Farão de mim campainhas, e então lhes direi por cem boccas, o que não querem ouvir de uma. Por Deus, mas que me fundam, mas que me confundam, eu hei de tanger sempre a verdade!

Rel. da aldeia. Por isso tu cá vens, porque és mentiroso: diz que a verdade na lingua dos que a não fallam, é como a agua do chafariz de El-Rei, que por correr por canos de enxofre sempre faz mal ao figado.

Rel. da cidade. Figados ha ahi tão damnados, que da agua pura e clara, fazem peçonha.

Rel. da aldeia. E tu amigo, que ganhas em desenganar o mundo, que se não quer desenganar; o summo gráo de sandice é perder-se um pelo ganho do outro.

Rel. da cidade. E' nobreza do coração, e ainda proximidade não deixar perseverar a ninguem no seu engano.

Rel. da aldeia. Vou vendo que v. m. terá maior, que bom officio; mas sabes como se paga?

Rel. da cidade. Como?

Rel. da aldeia. E nunca ouvistes de um que se vingava dos cães que lhe ladravam, levantando-lhe que eram damnados? Pois o proprio succede entre os homens: d'onde em nossos tempos já houve algum tão desapiedado, que disse que não havia vingança como a de uma ruim fama, porque tendo uma pessoa mais inimigos que amigos, sempre eram mais os que a criam do que os que a duvidavam; nem seria pequena vingança deixar (quando menos) o credito do contrario duvidoso. Isto apeteces e isto solicitas?

Rel. da cidade. Vindes tão sabedor, que me pareceis antes relogio da Universidade de Coimbra, que da aldeia de Bellas.

Rel. da aldeia. Não ha villão, que não saiba para seu proveito.

Rel. da cidade. Assim deve ser, segundo os via approveitados desde a minha torre, quando Deus queria.

Rel. da aldeia. Esta cousa é natural: os pequenos são os que crescem. Nenhuma arvore vereis, que se contente com ficar no estado em que a plantam; e se se vê apertada, ou se levanta ou se secca; as grandes páram, e se fazem mudança e para diminuirem; murcham-se e cahem. Nos homens passa da mesma maneira; os que são crescidos, não podem ser maiores, antes se se abalam é só para a ruina. Os que se vêem em estado infimo procuram avantajar-se, e tanto se esforçam, até que se estiram; emfim tudo aquillo que já é, não cuida de ser: e tudo aquillo que já não é, de nenhuma outra cousa cuida. D'onde vem?

Rel. da cidade. Já sei do que vem, erguerem-se as tripeças e baixarem-se as cadeiras. Este é o bom governo do mundo! Se terão tambem d'isso a culpa os relogios da cidade? Mas v. m. senhor relogio de Bellas, com toda a sua pratica vae dissimulando muito bem a causa de sua santa vinda.

Rel. da aldeia. Peccadora, por meus peccados, lhe chamae vós, se não chamar-lho-hei eu.

Rel. da cidade. Arrebeçae, arrebeçae, que vos vejo com engulhos de desgraçado, salvo se sois de uns hypocritas de desaventuras, que por se fazerem gente, se mettem tambem em reste com os mofinos.

Rel. da aldeia. A esses tenho eu inveja, porque ao menos está em sua mão deixarem de ser desgraçados cada vez que o diabo os tenta a serem verdadeiros.

Rel. da cidade. Muito me retenis a letrado, reloginho de por ahi além! Dizei vosso dito.

Rel. da aldeia. Direi: porque na comedia do tempo

são já taes nossos feitos, que todos podemos dizer nossos ditos.

Rel. da cidade. Valha-me Deus, sendo relogio que tantas horas daes para os outros, só para vós falta uma hora?

Rel. da aldeia. Das muitas que tenho, me peza, mas ouvi: Penduraram-me ha 30 annos; não sei se é chaminé ou campanario a casa de minha vivenda, e assim sem mais nem mais mandaram-me ser relogio, que governasse a terra sobre minha palavra. Eu vendo-me onde nunca me havia visto, como não fôra outra vez gente, fazia-me pedaços, e cursava todo o dia e noite sem atinar jámais com minha obrigação. D'onde vi, que a boa vontade desarmada da sciencia e experiencia, não basta para fazer homens peritos, como cá cuidamos. Depois que com ruim satisfação dos moradores, e peior agrado dos passageiros, não relojava cousa com cousa, resolvi-me a parar e não se me dar de nada. Assim o fiz e amuei-me, de feição que nas 24 horas do dia minha bocca se não despregava. Entendia eu que o silencio me podia fazer bemquisto, como se o não fazer nada mal feito pudesse supprir a obrigação dos que são obrigados a fazer cousas bem feitas. Ora os visinhos vendo-me parado, encommendaram-me a um alveitar, que vivia junto de mim, o qual acceitou logo a commissão, muito persuadido de que por eu ser de ferro, e elle tratar de ferraduras, atalharia logo meus desconcertos. D'aqui procedeu, que o pobre ferrador empregado no que não sabia, deu commigo e comsigo de avesso, porque os viandantes, vendo-o já mestre de relogios não ferravam com elle, e os moradores sabendo que tão mau relojoeiro sahira, lhe não pagavam seu salario.

Rel. da cidade. Mofino homem! Quantos conheço eu, que por isso mesmo medraram por tomarem os

officios que não são seus, e sabem outros, por fazerem o que não sabem.

Rel. da aldeia. De que sorte?

Rel. da cidade. Porque vendem a sua ignorancia por mysterio, e como ninguem quer mostrar que ignora o que o outro mostra que sabe, fica-lhes mais perto approvar a parvoice alheia, que descobrir a propria.

Rel. da aldeia. Deixae-me já fenecer meu conto.

Rel. da cidade. Até a vós se quizeres.

Rel. da aldeia. Pois vendo-me eu tão mal tratado fiz-me louco.

Rel. da cidade. Tende mão, se d'essa laia é o vosso panno, em boa hora viestes.

Rel. da aldeia. Porquê?

Rel. da cidade. Porque nos custam cá os doidos os olhos da cara, valle aqui a doidice pezada a pezo de ouro; e d'ahi nasce, que são mil as castas de nossas teimas; cada qual se quer trajar de seda do costume; e a que se costuma, ainda que seja de ruim lei e feitio, é a que valle mais cara. Parecer-vos-ha agora bem um saio de Arbim de espadas? ou um sainho de palmilha, como já vestiram os reis e as princezas? Pois isso mesmo é agora um sezudo.

Rel. da aldeia. Pois se assim é, bem disse logo o outro antigamente, que na doidice só consiste o sizo.

Rel. da cidade. E outro mais antigo que esse: Arrenego de meu pae, se d'essa agua me não molho.

Rel. da aldeia. Sempre os desvarios acharam maré de rosas e mar bonança, para o applauso do vulgo.

Rel. da cidade. Vamos ao ponto: como vos fizestes doido? Ensinae-mo pelo que póde succeder.

Rel. da aldea. D'esta maneira nunca dava hora com hora; ainda os loiros raios do sol não appareciam nos beiços do Oriente, já eu lhe cascava o

meio dia; era alta noite quando lhe pespegava as seis, ou sete.

Rel. da cidade. Estou vendo que te não poupavas por dar mais do seu direito. A liberalidade até do que não vale nada, sempre valeu muito. Mas que proveito conseguistes d'essa insania?

Rel. da aldeia. Grande: primeiro fazer minha vontade.

Rel. da cidade. Sanha de villão; e depois?

Rel. da aldeia. Depois? Que sendo geralmente malquisto de meus visinhos, me tiraram o officio em breves dias, porque diziam elles, que assás melhor e mais barato lhe serviria de relogio a gulla do sachristão, ou a preguiça do cura.

Rel. da cidade. Bem affirmou logo o que affirmava, que não trazia relogio na algibeira, mas no estomago, e tal houve, que disse, que tinha sempre as horas na ponta da unha, porque com ella acommodava como queria a mão do seu mostrador.

Rel. da aldeia. Ó diabo! Se unhas foram relogios, quem se entendera com as horas da nossa terra; mais horas tivera então um dia, que agora um anno.

Rel. da cidade. Muita graça tinha aquelle escolar, que consultava á candeia, que horas eram pelo relogio do sol.

Rei. da aldeia. Que me dizeis?

Rel. da cidade. Pois acrescentae-lhe, que morreu ministro do maior tribunal do seu tempo.

Rel. da aldeia. E como sentis do outro que desmentindo o sol do seu relogio, jurava e terjurava que o sol era errado.

Rel. da cidade. Esse era como o nosso Barraca, que queria matar o sol porque lhe não enxugara o seu manteo enrocado: esta é uma relè de malhadeiros gloriosos, que tem por certo que tudo o seu é melhor

que toda outra gente: não matou mais a peste grande, que esses com suas presunções e porfias tem moido de pessoas!

Rel. da aldeia. Mas como vos ia dizendo.

Rel. da cidade. Pois amigo, encostae o pejo, e descalçae a vergonha, porque haveis de saber que n'esta casa, em que estamos, se vem curar os mais illustres relogios da côrte e reino.

Rel. da aldeia. Valha-me Deus!

Rel. da cidade. D'isso vos espantaes?

Rel. da aldeia. Não, não me espanto de que se venham curar, senão de que cuidem que ainda tem cura.

Rel. da cidade. Ora não negarei a malicia do saloio, de quem gracejam os doutores, que é certa sallada de gentio com seu azeite e vinagre de Mafoma.

Rel. da aldeia. Isso não é por mim, que descendo de mui nobre ferro, fidalgo biscainho, com misturas de aço de Millão, cavalleiro lombardo.

Rel. da cidade. Menos roncos se lhe prás, que fidalguias de mar em fóra, são como o trigo do mar; sempre val menos, que o peior da terra, e lá tem de ordinario seu fortum, d'onde é conhecido por bastardo. Contentae-vos com ser christão velho, sem esbarrar pela ladeira abaixo de fidalguia, que é a mais sem sabor empreitada que tomam os madraços, e quanto é por essa, eu fico que nenhum bem vos succeda: sede relogio como vossos antepassados, e se acaso vos achares filho de um ferrolho, e neto de uma enxada, calae-vos, e não esbombardeis, que como estejaes em alto estado, eu vos fico que nem por isso tina peior a vossa campainha, quanto mais que não faltará aqui algum limbajudo, que a troco de quatro réis vos enxira na arvore dos sinos de S. Pedro em Vaticano.

Fazei por vos prezar da vossa sorte, que assim fazem os honrados.

Rel. da aldeia. Mal poderei despresar-me d'ella, tendo-vos n'ella por companheiro.

Rel. da cidade. Que mais quereis que vos diga? A primeira vez que eu aqui vim curar-me, encontrei cá muito em segredo o relogio da sé, que se vinha emprastar e remendar de mais de mil enfermidades.

Rel. da aldeia. O relogio da sé em casa do serralheiro?

Rel. da cidade. Esse mesmo.

Rel. da aldeia. O da Matriz?

Rel. da cidade. Esse proprio.

Rel. da aldeia. Que lhe doeria ao relogio metropolitano?

Rel. da cidade. Padecia uma madorna mortal.

Rel. da aldeia. Porque causa?

Rel. da cidade. Porque o senhor sineiro afim de lhe cahirem as matinas baixas pela manhã, tudo era fazer dormir toda a noite o bom do relogio: faltava o tempo para louvar a Deus e sobejava para o seu somno. A cidade andava revolta com sua revolução, deram-lhe na trilha ao innocente, mas não ao peccador, que pondo em pés de verdade suas mentiras, sem pés nem cabeça, prevaleceu de tal modo, que á calumnia cedeu a innocencia, e o pobre relogio quebrando-lhe a hora na boca, houve de ser o culpado na madorna do velhaco, até vir passar esta vergonha, que agora está passando por nós outros. Vêde como seria bem emendado o desconcerto, curando-se a innocencia do relogio, e ficando em seu ponto a poltronaria do sineiro?

Rel. da aldeia. Grande caso! Agora digo, que não somos os aldeões os mais mofinos vivendo em perenne

desterro das côrtes e cidades, se n'ellas vae tanto de monte a monte a malicia!

Rel. da cidade. Bem pareceis boçal; pois se vos eu contára outro segredo ficáreis frio.

Rel. da aldeia. Contae, mas que me deixeis congellado.

Rel. da cidade. Juraes vós de manter silencio?

Rel. da aldeia. Juro pelo alto sol que nos governa, e assim eu me veja livre da lima e do martello d'este villão, em cujo poder nos vemos.

Rel. da cidade. Ora sabei, que os annos passados deu uma desenteria ao relogio da côrte, tão desordenada, que ninguem o julgou á vida.

Rel. da aldeia. Ui! Tambem lá chegam esses desmanchos?

Rel. da cidade. Antes alli são mais cadimos.

Rel. da aldeia. Quem tal fizera crêr ao senado da minha aldeia!

Rel. da cidade. Ouvi-me: eis o relogio da côrte, que entrava muito em secreto pela casa do mestre d'onde eu tambem jazia por travessuras, mas já convalescido, quando começam a ir recados e mais recados do provedor das obras, que logo fosse concertado. O pobre serralheiro dizia que tinha muito que concertar. Nada lhe valeu até lhe mandarem alcaides á porta; vendo-se pois o triste homem tão affligido, appellou da violencia para a industria; vem, e que faz? Pois não faz mais, nem menos, que tomar-me a mim em corpo e alma, e chimpar-me na ametade da torre, como quem não diz nada, e sem me dizer a mim cousa alguma, ferrolhou-me a porta, e vae-se. Confesso-vos que estranhei, vendo-me em aquellas alturas, e que como prégador safaro me espantava o grande auditorio: mas finalmente esforçado, e fazendo das tripas coração, sabendo que não havia outro remedio, e que o mestre

me achava digno d'aquelle officio, me determinei a servil-o como podesse. Chegada a primeira hora, escumei a vós, e compuz o movimento, vou, e dezando, e por Deus, que foi como outra cousa; tão pontualmente assisti ao meu exercicio, que eu proprio me desconhecia, pois como lá dizem, se quereis conhecer o homem dae-lhe mando; e como quem más manhas tem, tarde ou nunca as perde, ou fosse d'isto, ou do saibo da vazilha, ou do ar corrupto que me deu no alto da vaidade, brevemente comecei a fazer taes cousas, que o mundo se tornou em um novello. Sabia que nos tribunaes meus sufraganeos se custumava entrar ás sete horas, e em sendo tempo de que eu as désse dissimulava com o negocio até ás nove, e então com grande sumissão escaçamente dava as sete; e como tambem tinha entendido que o despacho se continuava até as onze, antes que fossem bem dez, já vinha com ellas. Durava apenas uma hora o expediente dos tribunaes, e supposto que as ampulhetas, ou relogios de areia, me desmentiam a cada hora, com tudo havia ministros tão meus amigos e affeiçoados, que tomavam sobre sua consciencia a minha verdade, affirmando que nunca tão ajustado como então andára o relogio da côrte, que minhas rodas mereciam ser de ouro, e balsamo o azeite com que se temperassem. Tal havia, que ao meu concertador julgava digno de um habito de Christo. Pois as mulheres e criados d'estes, que os viam recolher sedo, contra seu costume, ahi vos gabo eu que tinha as bençãos certas. Com os requerentes me não ia tão bem, porque os mais vendo-se desacommodados de monção, e para tudo faltos de horas, me amaldiçoavam pela boca pequena. Nas audiencias, ahi era eu homem; e ahi era a sua total desesperação d'elles, porque fazia de modo, que das dez ás onze não punha meia hora.

Rel. da aldeia. Não tinheis escrupulo de ser ladrão do tempo.

Rel. da cidade. Não; antes entendia, que ao rei e á republica fazia um grande serviço, atalhando assim prosas de soldados falladores, queixas de lettrados presumidos, orações de frades descontentes, impertinencias de velhas lagrimosas, que vem a ser em summa os quatro elementos, de que se compõem e descompõem o mundo dos negocios, ou os negocios do mundo. Por eu deixar com a palavra na bocca, e a mesura no ar a um ratinho, dera quanto se vê do meu campanario; porque tal ha d'elles, que por teima de que seu visinho não seja almotacé nos coutos de Leonil, vem a pé sessenta legoas á côrte, gasta o que tem, mata aos ministros, e no cabo volta-se á sua terra, e por dois magustos, que ambos merendam, depois de muito bem deshonrados, elle e seu contendor, ei-los amigos. Pois que vos parece? Será materia de restituição, desviar a um d'estes a audiencia, e cercear meia hora, a troco de que para elle a não haja, nem para el-rei tal enfadamento? Ora deixa-me a mim com a minha consciencia, que mais vos contarei de travessuras que tenho feito. E' um conto largo!

Rel. da aldeia. Se ellas forem tão sazoadas e merecidas, como as que fazeis aos fidalgos da Beira, ouvilas-hei de muito boa vontade.

Rel. da cidade. Assim como me dava o faro que algum bacharel impertinente estava marcando as horas para dar assalto em casa do regedor ou presidente do paço, sabeis o que fazia? Furtava-lhe a volta, e sumindo o curso, gizava de tal sorte o movimento, que chegava elle duas horas depois do regedor e do presidente serem saidos; era um gosto ouvir lamentar a estes letrados enfadonhos, quando tal lhes succedia: choravam-se, diziam mal á sua vida, escomungavam a hora

em que nasceram e o costume da côrte, aonde sempre faltava o tempo para o que era necessario. Depois convertidos contra mim, tudo era lançar a culpa ao maldito relogio do côrte, que os enganava (como se lá fosse estranho!) Eu ria que arrebentava de os vêr e de os ouvir, e cada vez lhes fazia peior. Já namorados! Isso foi uma só cousa, fiz d'elles gato sapato. Filhas de ourives e mercadores ricos, e delicadas, tive toda a noite em pé como Centurios, sem acabar de dar a uma, sabendo que essa hora era o signal para que lhe acudissem a fallar seus galantes: logo em vendo que fallavam, dava de esporas ao movimento, e em meia hora de conversação choviam horas sobre elles. Punha-se-me uma alma nova ouvindo-lhes trocar os requebros em querelas, e conceituarem sobre a ligeireza com que passam as horas do contentamento; vendendo-lhes eu gato por lebre cada noite, porque assim como de noite todos os gatos são pardos, até de dia todos os namorados são cegos. Mais moços tenho desesperado, que o gagao, ou carteta. Umas vezes por ronceiro, outras por estragado, sempre lhes dava desgosto nas horas de seus passatempos. Tafues não tinham commigo medra, porque fiados no relogio, que não dera ainda, ou sim dera, os fazia recolher por chuvas, neves e ventos, mortos, acatarrados, e fóra de horas, cheios de somno e vazios de dinheiro: emfim procurava de os mandar pelas ruas á vergonha, que posto que este vicio não tem pena pelas leis, (ou se lhe não executam) ao menos eu lhe queria dar aquella que podia; pois como eu soubesse que homem casado com mulher brava e ciosa, anoitecia fóra de casa na conversação escusada ou illicita, então era o meu repouso, dormia como carapeta: elles confiados em que o relogio da côrte não dera as nove horas, que é a taxa de todo o captivo do ma-

trimonio, se deixavam estar repartindo outras nove horas; eram já as doze quando eu despedia as nove. Não ha carreira de lebre no Alfeite tão gostosa, como eram para mim as carreiras que elles davam para casa, atordoados de medo, e dos sinos da meia noite. Caçadores tenho enterrado muitos; mais com raivas que lhes hei feito, do que tem com madrugadas o seu proprio officio. Aos lampeiros me fazia perguiçozo; e confiados em minha palavra os detinha entre os lençoes até ser alto dia; desesperavam-se, que eu os castigasse com tanto regallo; que ha gente tão extravagante no mundo, que lhe faz mal o que lhes está bem! Contra os poltrões era a propria diligencia; quatro horas antes do dia os mandava esguichar pela porta fora, arrenegando do desenfado do relogio. Mil galantarias tenho feito a damas e a freiras, d'estas que celebram as meias noites com procissão de golodices custosas e arriscadas: em me cheirando a filhóz, em me dando o vento da empada, ou em vendo reluzir o prato de ovos, não havia doze horas na minha taboada de sabbado para domingo; mas pagava-lhe esta demora, sendo promptissimo em dar meia noite, as noites de quinta feira para a sexta; com o que tenho esperdiçado tantas ceias no paço e nas casas dos grandes senhores, que as quizeram muitos para o jandar de muitos annos. Tomei por devoção não dar á gula e á occiosidade nenhum adjutorio. A uns acommodados, que tem como por onzeno mandamento jantar ás onze horas, hei feito taes trapaças e de tão bom humor, que me puderam levantar estatuas, como a Pedro de Malas Artes, Gusmanilho de Alfarache, e a Pablilhos, el Buscon. A estes confrades da vianda, irmãos de mesa do senhor Entrudo, fiz eu maior guerra; porque descompondo e fingindo sempre as horas da comida, lhe dei mil azos a mil ac-

cidentes de mal de estomago e de ourina, e talvez a muitos reverendas apoplexias, onde de ordinario os golosos vem a pagar seus excessos. Para beatas do meu bairro era um cutello de dois gumes; nunca lhes dei uma hora a proposito de seus propositos, porque vim a entender por esperiencia, que na maior parte d'esta gente, e seus costumes, mora a superstição e hypocrisia. Perguntae que mais virtude póde ter uma de suas orações a tal, que a tal hora? Velha conheci eu já, que ensinava ás moças, que as pragas rogadas das onze para o meio dia eram de vez, porque todas empeciam. Pois eu logo a estas soccorria com horas a tempo, nem horas? Todas as trazia em um vivo enleio, e com o proprio engano com que ellas traziam a outras cachopas, de S. João ás quartas feiras, e da Virgem do Monte ás sextas, que vão mudas á romaria, espreitando o que diz a gente que passa: d'onde affirmam que lhes não falta a resposta de seus embustes, se hão-de casar com fulano, ou não; se fulano vem da India com bons ou maus propositos; ou se se apalavrou lá em seu lugar com alguma mistiça, filha de Bracmene! Juro-vos que a toda esta canalha fui falsario, e que as trouxe tão desvariadas com meus acintes, que muitas se queriam mudar do bairro pelas falcatruas que lhes fazia o relogio. A cegos rezadores, homens de almas, aguardenteiros, avendeiros, e emfim a toda essa chusma dos matutinos despertadores fui peçonha. Havia na minha visinhança sollicitador tão presumido de bem informado nas cousas curiaes, que ouvindo na sua pousada vinte relogios, não se queria reger se não pelo da côrte, com que dava com as demandas por esses trigos; porém tudo isto não era nada em comparação do que lhe succedia ao coitado do verdadeiro relogio palatino, que em meu logar foi levado á torre das Chagas! Era elle bonissima

pessoa, e muito inclinado á razão, e como dos passados desconcertos se achava vergonhoso, trabalhava sempre por fallar verdade e ser pontualissimo em seus ditos, vindo com as horas muito ás suas horas. E porque o adro da minha egreja (já abinitio) não é mais que um terreiro de mentirosos, velhacos e vadios, de verão á sombra, e de inverno á soalheira, succedia que quando algum d'aquelles poltrões ia enxarceando alguma patranha, que em quatro horas não acabaria de a apparelhar, n'este ponto o bom do relogio dava com grande consciencia o seu meio dia; a cujo som os ouvintes alimpavam os pés á conversação: alce Deus sua ira! Então começava o diabo do charlatão a converter sua eloquencia contra o relogio, affirmando que não eram as onze, e que tal relogio merecia queimado, e cortada a mão que cuidava d'elle, e que por isso o mundo andava tão ajustado, porque a gente se governava por tal folle de mentiras. Finalmente choviam os oprobrios, que o triste relogio ouvia e callava a troco de fazer o que devia. Pois uns felpudos desalmados d'estes, que acodem ás egrejas ao domingo por cumprimento, se em vez da missa, que não ouviam, ouviam então dar uma ou duas horas, livre-nos nosso senhor; ahi vos digo eu era ella; não faltava mais que apedrejal-o!

Rel. da aldeia. Amigo, não vos canceis, que se não póde já ser relogio; e posto que outro inconveniente não houvera, que esse de estar sugeito um relogio de bem ao não quererem crêr patifes, bastava para que cada um de nós fosse buscar outra vida como eu estou resoluto a fazer: cançado officio temos, julgar aquelles de quem havemos de ser julgados! Antes fôra caveira, que relogio, se na minha mão estivera a faculdade de poder tomar officio. Mas sobre tudo

admirado me tem essa vossa relação; e como sahistes da demanda?

Rel. da cidade. Ainda agora lá estivera, e fôra muito por minha vontade, porque sem duvida tenho mão para bargantes, e alli fazia das minhas.

Achava-me gordo, nédio, luzente e untado, porque isto de fallar cada um á sua vontade, é mais sadio que gallinha cozida. Foi o diabo metter na cabeça aos architectos da côrte que se mudasse o relogio a parte d'onde melhor se visse e mais soasse. Mas o caso era, que os architectos queriam obras para si, ainda que para os outros fossem de misericordia , assim foi feito, e como o mestre relojoeiro tal entendesse, antes de ser colhido na trapaça, foi, e apeou-me, quando eu estava no melhor de meu mundo. Desfez a troca, tornando cada um á sua antiga casa. Porém é para notar que eu, que até então sendo relogio da côrte me via tão bemquisto de verdadeiro, em tornando a ser relogio das Chagas, logo fui tido pela mesma fraudo e mentira. Succedendo-lhe ao revez ao relogio da côrte, que em subindo a seu campanario, ficou tão aceito, como sendo relogio das Chagas era murmurado. Sendo assim, que nós já de arrependidos, haviamos trocado os humores e os propositos: porque o relogio da côrte, vendo que nas Chagas lhe não valiam suas verdades, deu em mentiroso, por se vestir da libré do tempo, e eu desenganado de seus applausos, vendo-me velho e com os pés para a cova, comecei a fallar verdade: mas a nenhum de nós poude ser bom seu pensamento, indo sempre ambos correndo o trocado; eu desmentido das minhas verdades, elle applaudido pelas suas mentiras.

Rel. da aldeia. Não se desconsole v. m. que essas são as justiças do mundo, onde ha dias (como v. m. melhor sabe) que ninguem vale pelo que é, se não

pelo logar em que o vemos; até no ceo (ouvi já aos astrologos da minha aldeia) são os planetas bons e maus, segundo o logar em que se acham; e o que de si é bom, posto em ruim parte influe nocivamente. Ao contrario, tambem quando o mau se acha em logar bom, despede (se não benignos) moderados os influxos. Para que é mais? Os mesmos numeros da arithmetica, que é a propria verdade do mundo, valem segundo estão, quero dizer, que tem o valor conforme o logar, porque se virdes um quatro com tres figuras atraz de si valerá quatro mil réis, e se elle detraz de todas essas figuras valerá quatro reis.

Rel. da cidade. Si: grande cousa é, que as figuras vão atraz, ou diante! Figuras de muito má figura conhecia eu, que as vi já andar atraz de outras muitas figuras, e valiam então tão pouco como se não fossem nada, e hoje mudaram o valor, o estado, e a figura, porque se vêem diante de muitas figuras, ou adiantadas a outras: mas o que me conforta é que por isso são figuras. Adverti, que já n'este sentido, de que nenhum dos caracteres da arithmetica tem valor proprio, a uns chamam figuras, e a outros cifras; d'onde se nota, que nenhum d'elles é cousa, se não representação de cousa; figura e cifra de alguma cousa: esta differença sabeis que vae de figuras a pessoas. As pessoas sempre representam o que são, e as figuras como não são nada, nunca tem outro valor, salvo o que os homens lhes constituem, que hoje lh'o dão, ámanhã lh'o tiram. De modo, que quem lh'o concedeu, lh'o póde negar; e a figura que hoje representa muito, ámanhã representa pouco. Mas então eu que estou de fóra, se tenho os pezos, ou o juizo em seu logar, soffro que a figura represente sua valia e sua grandeza, emquanto lh'o deixam, e depois olho-a, e vejo-a ficar em aquillo mesmo, que d'antes era, e ás

vezes menos, e não é nada. Com esta satisfação que o tempo me dá, passa a raiva e a inveja, sem inveja nem raiva muito quietamente.

Rel. da aldeia. Esse é o siso, e tudo o mais é ser escudeiro de Fernam da Acha.

Rel. da cidade. No tempo dos ultimos reis de Portugal, houve cá um valido muito discreto; (como era bem que todos o fossem) recebia este notaveis cortezias de outro tal pretendente: foi despachado como quiz, e nunca mais viu ao valido, nem lhe tirou o chapéo. Toparam-se um dia na rua Nova da Palma, que é longa e estreita e sem travessa; um vinha, outro ia; tanto que o requerente, ou despachado, viu o valido, voltou o cavallo; o valido apressou o seu; o requerente trotou, trotou o valido tambem; elle correu, correu o valido do mesmo modo; e dizia gritando: parae senhor fulano, e dizei-me se é isto verdade? O requerente sem parar lhe dizia correndo, sim senhor, isso agora é verdade, que o passado era mentira. Já cuidei certo á vista d'este e de maiores exemplos, que com grande providencia permitte Deus haja entre os homens estes enganos, ordenando que assim como os ministros se fazem aos olhos do mundo aquelles que não são, assim os lisongeiros se façam aquelles que não são aos olhos dos ministros; para que depois desfeita no vestuario do tempo esta farça, em que todos andam, se não achem enganados uns, nem outros.

Pois se os grandes mostram que não são aquelles que se fingiam, vejam tambem que nem os pequenos são aquelles que se lhe mostravam; e assim estes, e aquelles (como comediantes) cada qual em seus trajes naturaes, se recolham a sua casa propria, que vem a ser a sepultura, d'onde cada qual vae então só com o cabedal que lhe deu a natureza, despindo os faus-

tos e as tramoias, com que para representarem suas figuras os adornou a ambição ou a soberba.

Rel. da aldeia. Dias ha que eu conheço, que muitos se queixam do mundo, quando lhe vem fazer algumas rapazias, porque não tem paciencia para esperarem a vêr como as desfaz. Porque elle não é como o escudeiro da minha terra, mordomo de todas as festas, que nunca pagava: por onde diziam já d'elle os fuliões da Arruda, que assim desfizera o senhor fulano as festas, como elle as fazia! Este nosso mundo não tem certa essa ruim manha, nem nós com verdade podemos ter d'elle essa queixa; porque se bem as faz, melhor as desfaz.

Rel. da cidade. Olha, no cabo do anno, ditosos e mofinos todos ficam eguaes; para todos houve verão e inverno, frio e calma; e assim ou assim, jantar e ceia: os prosperos e desgraçados comparo eu com os velhos e os moços por uma ladeira acima; os moços porque são de ordinario sãos, ageis e robustos, sobem de um folego, os velhos fracos, pezados e doentes (como costumam ser) vão de vagar, assentam-se em uma parte, descançam em outra, e em fim lá sobem tambem como os moços. O anno é esta calçada larga e longa, e aspera de passar; os poderosos são os mancebos, os pobres são os velhos, mas todos mais ou menos cançados chegam ao fim do anno, ao termo e cume d'esta costa. E porque eu isto creio, como considero, acho cousa indigna de homem prudente (quanto mais christão) que só afim de levar este passo um pouco mais apressado e ligeiro, façam os mortaes tantos excessos, que querendo voar (por onde basta ir andando) venham a resvalar e precipitar-se. Digo-vos, se fôra homem, como sou relogio, que no tempo de hoje mais houvera de fazer por ser menos, que por ser mais do que Deos me fizera. O tempo é touro

bravo, e em tomando nos cornos um peccador, se elle por si se não faz morto, o mesmo touro o mata; se cozendo-se com a terra não bolle, nem se deffende, passa por elle e o deixa as mais vezes são e salvo.

Rel. da aldeia. Lembra-me agora por isso que ides dizendo, o que lhe vi succeder a um cagado com uma aguia, lá em certa lagoa da minha aldèia; veiu a aguia, e de repente o levantou nas unhas, não com pequena inveja das rãs, e de outros cagados que o viam ir subindo, vendo-se elles ficar tão inferiores a seu parceiro; julgavam por gram fartuna, que um animal tão para pouco fosse assim sublimado á vista de seus eguaes, e que a mais nobre das aves, e rei dos passaros, o levasse no collo tão honradamente; seguimol-o com os olhos, todos de emulação, eu só por curiosidade, porque seu vôo me não competia. Quando n'isto, eis que vemos que retirada a aguia com sua preza a uma serra, não fazia mais que levantar o triste animal, e deixal-o cahir nas pedras vivas, até que quebrando-lhe as conchas com que se deffendia, deu um pequeno almoço á aguia faminta e atraiçoada.

Rel. da cidade. A fortuna é muito d'isso, tem o costume dos abbades, engordam as gallinhas e cevam os leitões muito de seu vagar, e matam primeiro o que está mais gordo: a rez mais bem medrada, é a que faz maiores cocegas ao cutello do carniceiro, e ainda da criança mais bem criada dizem as velhas (que sabem d'isso,) está mais atreita ao máo olhado. Se pudera escolher a minha sorte, nunca morara em grimpa.

Rel. da aldeia. Esse juizo não é seguro, em os que como nós estão apeados, por aquella regra de mouro, o que não podes haver, etc. Romaria que se prometteu correndo tormenta, jámais se cumpriu. Doente que fez proposito de não comer nunca do manjar por-

que perdeu a saude, sempre foi d'elle mais goloso em se vendo são.

Rel. da cidade. Dir-vos-hei, todos somos relogios, e sabemos que não ha cousa que não tenha sua hora no mundo; o rir, o chorar, o trabalho, o descanço, a fome, e a fartura, tudo tem sua hora; d'onde procede que não é fóra de razão, que os homens tratem tal-vez de seu commodo, e tal de seu aproveitamento; pois é certo, que para se regerem e se dirigirem a bons fins e a termos uteis, lhes deu Deus entendimento, que negou ás alimarias, a quem deu menos, porque d'ellas não quiz receber tanto; mas com tudo já se sabe que é demasiada fanforrice, que o ditoso não queira alguma hora ser mofino, persuadido de que as boas andanças são morgado que haja de andar em sua familia para sempre, sem que se possa perder nem alhear. Por isso se diz vulgarmente, que tudo tem sua hora.

Rel. da aldeia. Não quizera eu ser al de menos o relogio, que tal hora lhe désse.

Rel. da cidade. Mas accrescento, que do mesmo modo é captiva desconfiança cuidar o miseravel que já nunca mais póde haver para elle uma hora de ditoso.

Rel. da aldeia. Vêdes vós? Pois se olhamos bem a causa, nenhum d'elles tem grande culpa, (a meu juizo) porque por essa propria rasão, que a uns lhes dura muito a dita, e a outros a desgraça, não ha quem os despeça de sua larga companhia; aquelles não se conformam com que lhes falte a envelhecida prosperidade com que se criaram: e estes não podem crêr se lhes mude a continua miseria que os perseguia sempre.

Rel. da cidade. Enganam-se todos; e a rasão é porque cada qual não conhece a origem dos males e

dos bens, e cuidam que são firmes, a modo da mulher, que por não tratar outro homem entendia que todos tinham pessimo bafo, como seu marido. A fortuna melhor engenheira que o Cósmandér, costuma fazer o que fazia um cerieiro do meu bairro, d'estes que fabricam tarjas de cera para egrejas: estava-o eu vendo trabalhar em um eirado, que frizava muito com a minha torre, e notava de meu vagar a facilidade com que o bom do meu visinho derretia os anjos, e fazia d'elles carrancas; e outras vezes tornava as serpentes em flôres, até que alguma hora cançado de brincos, reduzia anjos, carrancas, flôres e serpentes a tochas que ardiam até os cotos, e lá ia tudo. Tende por certo, que entre os homens o mesmo succede cada dia; não se enforque o despresado, nem o presado se engripone, que para todos virá seu S. Martinho. Lembra-me ouvir contar no meu adro a certo velhustro, que n'elle era muito continuo...

Rel. da aldeia. Chamava-o a campa.

Rel. da cidade. Que lá não sei aonde era, uma vez uma peça de panno azul, que por não servir para bodas nem mortuarios, havia mil annos que estava na tenda, porque os noivos o achavam triste para librés, e ledo os enojados para capuzes. Pois succedeu que passou por alli um rei com um tabardo da mesma côr, não quizeram mais os visinhos do lugar que amanhecer em casa do chatim a levar o panno ás punhadas, depois de mui bem ruido da traça, por muito mais do que valera em novo. Estae seguro, de que não ha coisa n'este mundo tão abatida, que alguma hora se não veja levantada. A roda que se lhe pinta á fortuna deve de ser de engenho de nora, aonde os homens são alcatruzes, uns cheios, outros vazios, uns no fundo, outros no alto.

Rel. da aldeia. Melhor estou eu com a historia do

panno azul, que com a comparação do cerieiro; porque, que lhe falta á gente se fosse de cera? De ahi (má hora) vem o ordinario descontentamento em que todos andam por se verem ser de um metal, que quebrado e desfeito não presta para mais nada; essa é a lida commua, que por mais que o vaso mau nunca quebra, não ha vasilha nenhuma d'estas que se não tenha por boa, e que não tema que o uzo a despedace e feneça, para nunca mais ser soldada.

Rel. da cidade. Em vão se cansam e se deffendem, que isso, depois de Deus, está nas nossas mãos, ou das horas, nossas filhas! Que lhe importa a dona fulana ser toda uma taboleta de ourives, testa de prata, cabellos de ouro, olhos de esmeraldas, faces de perolas, boca de rubins, dentes de aljofar, collo de crystal? Pois em se descuidando, talvez com a edade, lhe chega sua hora de velhice, contra quem não valem todos os estofos e badulaques que inventou a vaidade e a incontinencia. Porque a prata se marea, o ouro se denigre, as esmeraldas embaçam, as perolas desmaiam, os rubins descoram, o aljofar se perde, o crystal estalla, e tudo muda, não só a fórma, mas a sustancia do que era.

Rel. da aldeia. Essa foi a rasão, porque a outra formosa fazia concerto com a morte, promettendo de se lhe entregar cada vez que a chamasse, com tanto que a deffenderia do tempo, que a não envelhecesse.

Rel. da cidade. Eis ahi o maior engano dos mortaes, porque a velhice é uma piedosa estalagem, que Deus poz entre a morte e a gentileza, brio, esforço, e saude; se entre o inverno e o verão, não houvesse de uma banda o outomno, e da outra a primavera, quem podera viver passando desordenada e subitamente das calmas aos frios, e dos frios ás calmas? Se entre o dia e a noite não houvera um e outro cre-

pusculo, que vista se averiguára com as luzes, ou com as sombras, passando intempestivamente da claridade ás trevas, e das trevas á claridade? Da mesma maneira, e ainda muito mais necessaria interpoz a providencia, a velhice entre a vida e a morte, para que alli se domasse a furia dos affectos, e deminuisse a subgidão do amor da vida, e o homem fosse perdendo o receio á morte pela conversação dos achaques e companhia dos accidentes proprios da velhice. Senão dizei-me, quem poderia apartar-se liberalmente das felicidades humanas, em meio d'ellas, se ainda depois de gosadas, e depois de perdidas, custa tanta dôr seu apartamento? Vem então a velhice, a melancolia e o quebranto, de que procede o aborrecimento de todas essas cousas que se prezam, e faz com que os homens se despeçam da vida, não só com conformidade, mas alguma vez com alvoroço. D'onde se viu que muitos sabios requestaram a hora da morte, e alguns da gentilidade barbaramente a anteciparam, por se verem livres da penalidade da vida.

Rel. da aldeia. D'esses devia de ser um desmanchado, que dizendo-lhe os medicos que morria, lhes respondeu: ora folgo, por me não andar a vestir e a despir todos os dias.

Rel. da cidade. Parece que se houve Deus com os homens, como as mães com as creanças que querem desmamar; untam-lhe a teta com azebre, e logo que lhe toca o beiço da creatura, e gosta o sabor amargoso, já toma antojo ao leite, que por tão suave alimento até então recebia. Fazei conta que a velhice faz este proprio officio, e vêde agora se foi castigo ou mercê anteceder á morte a velhice; ou se seria melhor enganar a gente com a louçania da mocidade até a entregar nas mãos do fim, duro, pezado e incerto?

Rel. da aldeia. Pelo menos grande alivio é para nós

o sabermos, sem duvida, que cada cousa por nobre e altiva que seja, tem sua hora, como vamos averiguando, e que corre por conta de nosso officio, e dentro de nossa jurisdição o sermos executores da taxa que Deus pôz á ventura e á desgraça, á vida e á morte de cada qual.

Rel. da cidade. Muitas vezes me assombro, só em cuidar que está o principe repousado nos seus colchões de brandissima penna, guardado dos seus paramentos de finissima grã, com um somno tão quieto, como se o relogio de sua sala lhe não estivesse contando e descontando os proprios alentos que respira, sem lhe querer relevar o menor intervallo, de que na vida lhe não faça desconto, e que lhe não valha o ser rei sabio e imperador potente, nem para mandar prender o curso do relogio, porque se o relogio pára, o tempo não pára. E, finalmente, se lhe não dará de prazo ou espera um só instante, além d'aquelle que lhe está assignado no livro da vida, que se guarda na Torre do Tombo do alto do céo, do qual não ha appellação nem aggravo! Certo vos digo, que se os grandes e os pequenos isto consideraram como convém, que em vez do desprezo com que nos tratam, podiam amar-nos pelos mais fieis amigos e servidores, dos quaes sempre vão recebendo o aviso mais importante que ha na vida, pois em estando a hora determinada lá em cima, o mesmo é dar um de nós a hora, que dar a contrasenha á morte ou á fortuna, para que se cheguem e façam sua execução.

Rel. da aldeia. Bom é saber, e por mais que se riam de nós (como dizeis), ninguem vos tire a sciencia que sois relogio velho da cidade, por quem havendo passado muitas horas, é força que hajam passado muitos dias, semanas, mezes e annos, que são os bancos da escola da experiencia.

Rel. da cidade. Com palavrinhas doces me ides deshonrando de caduco, pois sobre me haverdes ouvido toda esta prégação dos bens da velhice, sabei de certo, companheiro, que a fructa das horas, é melhor para dar, que para ter; muito hei visto, e se vos servem algumas das minhas observações ou desenganos, pedi, que aqui me tendes.

Rel. da aldeia. Dizia eu agora (já que nós podemos tanto) se lhe seria a um de nós permittido que fosse ou não fosse chegada a sua hora, dar-lhe com a hora nos focinhos a um enfadonho, e chafurda-lo? Porque se tal fôsse, era melhor ser relogio que conego de S. Thomé.

Rel. da cidade. Já vos disse, que o fim das cousas era cousa das telhas para cima, e que em nossa mão não está mais que apontar e dar o signal aos executores que o céo tem na terra, para que façam sua vontade; mas não ha duvida que succedem cousas graciosas, e que parecem feitas acinte, n'isto da hora de cada um. Que me dizeis ao outro velho rico e encartado, andar muitos annos sem querer dotar a uma sobrinha, no cabo escolhe-la para mulher, entregar-lhe quanto ganhou, chegar-lhe a dispensação de Roma, e morrer elle ao outro dia?

Rel. da aldeia. Por Deus, tal hora teve bom gosto.

Rel. da cidade. E o tacanho adulador, que no fim de mil tempos de servidão alcançou o officio por maus meios, do qual indo tomar posse, lhe resvalou um pé á mulla, e dá com o velhaco no rio, não presta?

Rel. da aldeia. Merecia tal hora engastoada em ouro.

Rel. da cidade. E o mau ministro, que depois de enganar ao rei todo o tempo de sua vida, quando lhe mette (entre outras) a provisão falsa, em que lhe faça

mercê da commenda alheia, el-rei lh'a concede, e dá com elle ao pé do Pelourinho, não vale nada esta hora?

Rel. da aldeia. Oxalá d'essas horas houvera todas as que são necessarias!

Rel. da cidade. Pois aonde as dão as tomam, como dizem, e cada qual se desengane sem se fiar nas faltas de seu relogio, porque alguns ha que não cursam com estrondo, e são como as serpentes, que velam sem os olhos abertos, cuidam os descuidados, que para elles não corre o tempo nem as horas fazem seu officio, só porque não ouvem o relogio da vesinhanças, e elle lá por baixo da capa lhes vae fazendo as culpas summarias, até que chegada a hora em que sua liberalidade fez termo, eis que vem subitamente sobre elle o castigo, leva-o o peccado, e o relogio fica muito seguro no seu campanario.

Rel. da aldeia. Ora d'ahi vem que das cousas que ha no mundo mais falladas, são as horas, porque não ha cousa na bocca dos homens tão frequente, como em boa hora, e má hora; hi-de com as horas más, vinde com as boas horas; uma hora muito formosa; nas horas de Deus; logo n'essas horas; as horas peremptorias, as horas successivas, são horas, a que horas, a deshoras, fóra de horas, e outros mil modos de dizer; como se a gente em nenhuma outra cousa, que nas horas, empregasse o sentido. Até os mathematicos dizem que chamam horas planetarias, até os phisicos, criticas, e até os poetas lhes chamam vermelhas, e mulheres ha que lhes chamam negras.

Rel. da cidade. As côres das horas lhes dão os successos, como já foi costume de alguma gente antiga, que aos dias alegres e ditosos contavam com pedras brancas, e aos tristes e desgraçados com pedras negras; como ainda hoje nas conferencias se usa da côr

das favas, e por encobrir a dos corações para dizer sim, ou não, tendo as brancas por affirmativa, e por negativa as negras. Porém nós todos as ministramos de uma propria côr. A superstição dos homens lh'as pinta como quer, porque não contentes de serem tintureiros dos affectos, o querem tambem ser das horas, e cada um as tinge á sua vontade, mas isso não lhes vale.

Rel. da aldeia. Estou satisfeito n'esta parte, porém como quereis que entenda isto que dizem, horas minguadas? Porque já me teve este ponto tão escrupuloso, que porque me prezo de liberal, a troco de que as minhas horas nunca fossem horas minguadas, muitas vezes me succedeu que em lugar de dar uma e duas, dava vinte e trinta.

Rel. da cidade. Isso são termos sem cunhos nem cruzes, que se andam mettendo de gorra nas conversações com pés de lã, como sevandijas em casa de jogo; por onde toda a pessoa polida deve fugir que entre o grão limpo das palavras boas, honestas e significativas se intrometta a ervilhaca e joio d'esses annexins, proprios de regateiras; mas nada do que digo abate a honra da memoria, e nome de nossas horas, vendo que a egreja não só santa, mas sapiente, em muitas partes faz estimação das horas de sua significação e de seu nome. Assim vemos cada dia n'ella celebradas as sete horas canonicas: assim vemos fazer lembrança da hora do nascimento e da morte dos justos, e ainda dos peccadores, e assim ouvimos (como eu muitas vezes dou fé, que ouvi na minha egreja) que Christo nosso Senhor, e por elle seu sagrado chronista, chamou hora sua a hora da sua morte.

Rel. da aldeia. O mesmo ouvi eu, e creio; mas nunca achei quem me declarasse a razão, se vós (porque de tudo entendeis) alguma cousa ouvistes já a algum pre-

gador que a dissesse, correi pela memoria, e dizei a causa d'este mysterio.

Rel. da cidade. Cada anno m'o declaravam a mim, e aos mais ouvintes, os varões apostolicos, segundo o sentido moral, mystico e devoto, que cada um seguia; mas o que melhor me pareceu, foi o que ouvi ha muitos annos bem longe d'aqui, e me lembrará para sempre.

Rel. da aldeia. E como era?

Rel. da cidade. Os homens, segundo temos discorrido, são soffregos das horas da vida; reservam todas para si, afim de as dispenderem vãomente em seus passatempos: e porque gastam e tomam por sua conta todas as horas da vida, só querem dar a Deus as horas da sua morte. Por esta causa quando nos mais distrahidos lhes morde no peito aquella saudavel aranha da consciencia, sempre lhes ouvimos offerecer a Deus a hora da sua morte. Mas Christo, como sacrificou a seu Pae eterno todas as horas da sua vida, por isso mesmo recebeu do Padre aquella hora da morte para si sómente, e lhe chamou hora sua; como por elle disse o evangelista S. João: em a qual hora morreu tanto por sua propria vontade, que a essa mesma hora da sua morte, chamou em sua vida hora sua; mas isto baste de mandato, e sirva de maior realce ao officio e nome das horas, confessar um tal chronista, como S. João, que tambem Christo teve sua hora, notificando-a por tal a todos os viventes, para que não haja algum tão impacinte, que desespere de saber a infalibilidade da hora, que o está esperando, como hora sua.

Rel. da aldeia. Muito me alegraste com tão alto discurso; certo que não sabia que eramos capazes de fiar tão delgado. Eu sou relogio christão, e louvo a Deus por tão grande mercê; porque ainda que não vivo (como vós) das portas a dentro da egreja, sempre lhe

fui affeiçoado, e por parte dos metaes ainda sou parente muito proximo dos sinos da minha freguezia. Se todos já como eu se acharam tão bem instruidos no que lhes convém, nenhum duvidára ou se esquecêra da hora, qne para qualquer está guardada.

Rel. da cidade. Até um livro me dizem sahiu agora, que chamam Hora de todos: que com galanteria digna do seu author se esmera muito em provar com discursos e exemplos esta verdade.

Rel. da aldeia. Não sei se aproveitará; porque esse livro lêem os homens desde o principio do mundo, sem que acabem de o crêr, segundo obram diversamente do que se podia esperar de seu credito e de sua doutrina.

Rel. da cidade. Contra esse descuido bradaram os sabios e os santos, aos mais valeu pouco. Da mesma sorte nos succede, porque desde que somos relogios, damos horas, sendo esta já mais perto da hora que a cada qual o está esperando, que as outras passadas; da mesma maneira ouve agora estas horas e as esquece, como lhe esqueceram aquellas que ouviu e passaram. Pois em verdade que este estatuto da hora de todos e de tudo, deve ser tão pontualmente observado, que não ha entre a gente mais pezada turbulencia que seu esquecimento, d'onde procede trocarem os homens as horas com as mais cousas; e d'esta troca nascem todos os desconcertos do mundo, que em nossa mão não está podermos remediar. Porque considerae vós agora, se um homem bailasse á hora de comer, comesse á hora de dormir, dormisse á hora de negociar, e negociasse á hora de descançar, se se puzesse ao sol á hora de sesta, e se á sombra á hora do soalheiro; se andasse á hora de estar parado, e se parasse á hora de ir caminhando, vêde que tal seria sua vida, sua saude e seus negocios?

Rel. da aldeia. Estou tanto da vossa parte, n'esta parte, que se me ha posto nos cascos que os maiores desmanchos do tempo provem de se não fazerem as cousas a suas horas!

Rel. da cidade. Valha-me ora Deus; que vos estava eu dizendo se não isso? Se a náo partir para a India á sua hora, e á sua hora fôr esperar a armada, a náo chegará em boa hora a Gôa e a boas horas nos entrará pela barra dentro, dando-me a mim bem que fazer nos repiques dos meus sinos esse dia. Do mesmo modo se o exercito fôr pago á sua hora, poderá o soldado comer e servir a suas horas, sahir e recolher-se da campanha a suas horas: mas, que será se tudo isso fôr ao revés? Pois que direi se a justiça se fizer á sua hora e a mercê á sua hora? A justiça, parecerá bem, e a mercê melhor. Mas se a justiça se faz ante tempo e fóra de horas, e a mercê fóra de tempo e a deshoras, nem a justiça escarmenta como justiça, nem a mercê obriga como mercê; parecendo a primeira que é effeito da paixão, e não de zêlo, e a segunda, fructo do negocio, e não da magnificencia. Fazei conta que um rei mande por seu gosto, que cada um official deixe a sua tenda, cada morador a sua casa, e se metta, mande, e obre na de seu vizinho. Dizei-me, haveria maior confusão em uma republica, por mais que os tristes de nós outros relogios estivessemos a medir, a compassar e estremar o tempo, por vêr se podiamos reger, ou encobrir tamanha doidice? Porque, olhae, não vale a desculpa, que muitos dão, de que se não poderam fazer as cousas grandes logo em suas horas, e que por isso se fazem nas horas proximas, que é quando podem ser: tambem alli vive o bate folha junto ao sapateiro, por ventura, porque se não se intermette algum vizinho em meio, trabalhará bem o bate folha no officio de fazer sapatos, ou o sapateiro na arte de amas-

sar pães de ouro? Por menos mal tivera deixar de fazer as cousas, que faze-las fóra de suas horas. A sangria é saudavel na crescença do dia e logo mortal pela sesta; o mesmo ferro agudo dá vida na hora que abre a posthema, e mata na hora que dá a estocada: as faltas da impossibilidade são mais desculpaveis que da malicia; ou sempre aquellas o são, e estas nunca. A ninguem se póde com razão pedir conta do que não póde obrar, e ninguem a poderá dar boa do que não quiz, ou soube fazer, tendo o cargo de saber e querer obrar aquillo de que lhe pedem conta.

Rel. da aldeia. Certo que ainda que esta vinda me não importara mais que ouvir-vos, eu dera por ditosos os aleives que cá me trouxeram, quanto mais que eu não sahirei d'aqui sómente advertido, mas concertado para sempre, pois de hoje por diante já sei como hei-de ser relogio, que até agora não sabia.

Rel. da cidade. Dizei o que ha em vós mas não o que ha em mim; que assim tão mestre como me reputaes, e tão pratico como entendeis que sou, de nenhuma outra cousa cá sirvo na cidade, senão de escarnio e jogo da gente; sou o alvo da perseguição, e o negro da zombaria; e tantas são as pedradas que me tem tirado gentes a quem eu o não mereço, que ás vezes me recolho e não dou as horas que havia de dar, só porque não lembre a ninguem, nem saibam estes rapazes (que agora se costumam) d'onde me tem para me apedrejarem.

Rel. da aldeia. Não entendo dos uzos da côrte, nem quizera saber d'elles; mas dizei-me, virá isso (por ventura) de que os mais relogios da terra andem tão atilados, que vós em sua comparação monteis deslustrosa, ou desaproveitadamente? Conforme ao que me dizeis estou agora crendo que nos mais relogios se não achará um pequeuo erro, nem um leve descuido.

Rel. da cidade. Senhor relogio de Bellas, crêde que vos fallo verdade, que já mais andei de amores com o meu merecimento. Tende, amigo, por certo, que assim como todos os homens são de barro, todos os relogios são de ferro, e que sem embargo dos matizes e tauxias, de que n'este tempo se adornam, todos somos sugeitos ao mugre e á ferrugem. Gastam-se-nos com o uzo as molas, quebram-se-nos os dentes com o exercicio; as cordas nos afrouxam com a continuação, e no cabo não ha nenhum de nós que não dê seu par de badaladas.

Rel. da aldeia. Que mais claro se póde vêr, que na historia que me contastes d'aquelles dois relogios tão principaes do cabido e da côrte?

Rel. da cidade. Tende ora mão no martello, e tomae um refolgo aos pezos, porque parece que ouço gente abrir essas portas.

Rel. da aldeia. Assim é: bem aviados estamos se nos ouviram!

Rel. da cidade. Não façaes caso d'isso, que os relogios do chão ninguem os escuta; porém sem duvida é o serralheiro que nos vem concertar; sus, calemos.

Rel. da aldeia. Pois adeus, amigo.

Rel. da cidade. Adeus, e uma só cousa te peço que leves para casa: soffre como bom, não só que te concertem os erros, mas os mesmos acertos, porque por ahi hão-de começar a emendar-te, que é manha dos mestres d'agora, e então depois de lhe deixares fazer em ti (a bello prazer) toda a sua vontade, toma as de Villa Diogo para a tua villa.

Rel. da aldeia. Assim determino fazel-o, porque segundo o que ouço, e tenho experimentado na primeira jornada, de Marrocos por Marrocos, melhor é campo que a cidade.

Rel. da cidade. Vae-te em boa hora com as tuas horas, e leva crido que não ha relogio, por mais alto que elle viva, que por se forrar de sobresaltos e ingratidões, se não fôra antes ser badallo nas choupanas de Porto de Mugem, ou sino de cortiça na charneca de Monte Argil; mas não digas que eu t'o disse, ouves-me?

FINIS LAUS DEO.

Quare

ESCRIPTORIO AVARENTO

APOLLOGO DIALOGAL

SEGUNDO

FAZEM INTERLOCUÇÃO

Um Portuguez fino, um Dobrão Castelhano, um Cruzado moderno
e um Vintem Navarro

A

NUNO DA CUNHA DE EÇA

Conego Magistral da Sé de Lisboa

POR

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

DEDICATORIA

Porque nada lhe faltasse ao dinheiro já lhe não faltava mais que fallar: antes se contentou com a voz dos effeitos; mas agora despreza os effeitos sem as palavras, ou os troca por ellas. Deus nos valha, senhor, com tal inimigo, pois se quando mudo leva a melhor de todos, eloquente, que será de nós? Comtudo se mais attento considerarmos quando foi callado, acharemos que nunca. Porque quem se viu jámais tão eloquente, que Demosthenes? E persuadiu tão bem como elle. Quem que Quintilliano? E orou tão suave como elle. Digamos logo que não é d'agora fallar o dinheiro, nem d'agora o ser ouvido; mas que o confessamos nós ainda agora. Essa consideração, que apesar dos estoicos, não sei se como lastima ou inveja, occupou muitos tempos meu juizo, quasi violento me arrebatou, não só a conhecer, mas a ponderar as verdades ou mentiras que em si esconde, os damnos ou commodos d'esta abusão que anda entre os homens, a que chamam riqueza.

E porque o preço de tão grande materia (pois é cousa que mais preço tem no mundo) requeria um

estylo excellente, da minha penna já muito alheio e muito mais quando vos escrevo, visto que a amisade aborrece o artificio, foi necessario, pois era forçoso trasladar n'este papel aquellas idéas que me opprimiam, que em seu lugar uzasse d'este nosso modo familiar, amigo e intelligivel, para que por meio da clareza e confiança possam ficar seus descuidos desculpados.

Porque da mesma sorte que quem apresentar uma rica joia, não curará de que a caixa seja ou não de alto preço, e ao contrario quem de algum baixo material faz seu presente, se desvella pelo aceio e magestade da vasilha; nem mais nem menos, estas minhas observações tem a ouzadia de se mostrarem diante de vós envoltas em commua eloquencia, certificando-se pelo que são, não pelo que parecem, lhes façaes bom agazalho.

Nunca a formusura é mais lustrosa, que ao tempo que sem adornos se nos offerece. O maior valor despede as armas na batalha; e por isso a minha idéa (ainda desordenada) entende que vae composta. Além de que, os esmaltes da erudição que lhe faltam, vós lh'os sabereis dar na emenda que lhe fizerdes: deixando assim rica a obra, seu protector afamado, seu auctor agradecido.

O engenho humano, como os proprios humanos, necessita de alguma variedade para que produza obras convenientes. Eu, que ha muitos annos tinha o bofete por banco, e a penna por remo, confesso-vos amigo, que ás vezes de affligido e desesperado largo a redea do pensamento ao pescoço da furia, que arrastando me leva por onde quer, mas quando menos forçado por meus perigosos desvios.

Achava-me a este tempo escrevendo (em beneficio da patria) uma materia grave, e por isso melancholi-

ca; quiz minha sorte que estes proprios dias me faltassem alguns documentos competentes ao sugeito da obra; e porque emquanto trabalhavam outros para ajunta-los, eu ficava ocioso, (que é para mim um genero de descanço muito mais sensivel que o mesmo trabalho, a que serve de alivio!) busquei modo para no entretanto desafogar o engenho, ou diverti-lo em mais aprasivel occupação; porque haveis de saber, amigo, que o nosso entendimento é como a teta da mulher que cria, a qual se a miudo a não despejam d'aquelle humor que está produzindo, em vez de se poupar, se corrompe.

Por esta causa, no meio de enfadamentos (taes e tantos como padeço) vereis que me entrego a obras similhantes, cuja differença e desegualdade das ordinarias, são os maiores incentivos para elege-las.

Ainda que esta não julgo por mim, tão pouco a estimo por tão boa, que peça a vejaes com toda a attenção que os maiores estudos vos merecem. Porém se quer ouçaes esta nova porfia, como ouvis quiçá outras que vos serão mais molestas; o que esta vos não será nunca, porque se acaba (fazei conta) uma hora antes que vos falte o gosto de a proseguirdes. Deus vos guarde. Bahia, em 13 de novembro de 1655.

D. A.

D. F. M. M.

INTERLOCUTORES

I Portuguez—II Dobrão—III Cruzado—IV Vintem

PORTUG. Já vos disse (senhores meus) como era portuguez, nado e creado na casa da moeda de Lisboa: e haverá hoje isto! Sim haverá melhor de 150 annos; comtudo, meus avoengos lá vieram de Africa, mas eu (pela graça de Deus) de ser velho me consolo, com ser christão velho, sem raça de judeu ou mouro, como o jura pela mesma cruz este habito de Christo que trago nos peitos, e que el-rei me mandou lançar no berço; tanto pela antiga nobreza de meus passados, (porque não ha veia de sangue mais real, que a veia do ouro) quanto pelos serviços que de mim esperava sua alteza, sendo certo que não tem os principes para todo o successo da guerra e paz creado de melhor lei, que o dinheiro d'esta nossa nação. Reinava por aquelle tempo em Castella D. Fernando o V, a quem (não sem injuria dos outros reis castelhanos) parece que deram em chamar catholico, o qual vendo-se abundante de ouro que o parvo de Colon á força lhe metteu em casa, mandou bater certa moeda de 25 reales de pezo, a que chamou castelhanos; correu com ella sua fama, e vindo ás orelhas do

nosso rei D. João o II, que não soffria cocegas na grandeza, disse: ora bem está, se em Castella ha castelhanos de tanto preço, eu mandarei fazer em Portugal portuguezes, que cada um valha por sete castelhanos. Seu dito, seu feito: lavraram-nos de ouro mais fino das minas de S. Jorge, e valemos sete vezes vinte e cinco reales, que isto somma em portuguez miudo sete mil réis; e logo sem outro apparato que esta cruz e estas quinas que trazemos ás costas, ella nos serve de espada e ellas de escudo, com que confiadamente atravessamos o universo bemquistos, bem hospedados, e melhor guardados das gentes (ainda mal que tanto!) o que eu sempre experimentei; até que por avessos casos vim a poder d'este rico avarento, onde como vós outros ha tantos annos que al não faço se não gemer e chorar minha triste sorte, pois ao tempo que mil moedinhas falsas de por ahi além occupam as mãos dos principes e os olhos do povo, eu (pobre de mim!) sendo ouro fino de vinte e quatro quilates, me vejo preso, inutil, e esquecido, sem ser visto dos homens que a necessidade me deu por creados, ou dos grandes, que a cubiça me destinou para amigos; nem emfim poder olhar a face do sol que me engendrou, passando miseravelmente a vida ferrolhado nas malditas masmorras d'estas gavetas, que vivo me servem de sepultura. Mas vós, que de lá me fallaes tão sentido, parece que em lingua estranha, segundo cá duvidosamente vos percebo, dizei-me ora quem sois e pórque esquerdos fados viestes a ser n'esta escravidão meu companheiro?

Dobrão. Largo é o periodo de meus trabalhos, amigo portuguez; porque sem falta somos vindos ao mundo para instrumeuto d'elles, á maneira de martello na bigorna, que elle não dá maiores golpes dos que recebe. E' verdade que por nós padecem os homens

grandes damnos; mas os que nós padecemos por elles, não são pequenos. Finalmente eu, senhor Portuguez, sou o Dobrão Castelhano, tão conhecido e nomeado de todas as nações, entre quem vivo como natural de todas; d'onde procede meu enleio, sem que ao certo possa affirmar-vos se nasci em Sevilha ou em Segovia, (que annos e desgostos cançam não só a memoria, mas o juizo da gente!)

Portug. Assim é; porém agora, que melhor vos esforçastes para ser melhor ouvido, entendo que se vos não troca na boca a linguagem, que é (fallando em bom portuguez) parvoice a quem o finge, e desgraça a quem o padece.

Dobrão. Eu procurarei alentar-me emquanto dura a occasião de que nos alliviemos: mas (segundo creio) muito outra gente se mette na conversação.

Portug. Sim, será; porque é sem numero o numero dos mofinos.

Dobrão. Não estão longe, a meu vêr.

Cruzado. Perto e mui perto estamos, senhor portuguez.

Portug. Quem me nomeia aqui por meu nome, que é nova obrigação de lhe valer, segundo o livro do duello?

Cruzado. Um pobre cavalleiro africano do proprio habito de v. m.

Portug. Portuguez de nação?

Cruzado. Sim senhor; e nobre assaz; de linhagem moderna, mas illustre pessoa, e não devemos nada a ninguem.

Portug. Quanto por esse signal nunca tu és grande fidalgo: o vosso nome?

Cruzado. Cruzado me chamam.

Portug. Homem sois, que nunca vi em meu tempo, bem que já ouvi nomear-vos. Mas seja como fôr o

nome, a fortuna sobre o trage sobeja para nos fazer parentes; porque a similhança dos successos e dos humores, é pae e mãe das sympathias.

Cruzado. Em mim o experimento, sentindo uma interior sanguinidade com toda a desgraça; e não é a menor das que padeço, padecer as alheias como proprias.

Portug. Guardae-vos d'isso, que por tal disse já outro: ninguem se faça mel, que o lamberão; quem muito ha mister por si as lastimas, não as desperdice com quem lh'as não pede; que por isso eu já ouvi: (dizia um sabedor) homem que has de chorar muito, chora pouco; além de que, tempo, amor e dinheiro não se podem gastar, salvo com quem muito o mereça.

Cruzado. Sedo começaes a doutrinar-me, para que sinta mais quão tarde fui vosso discipulo.

Portug. A doutrina dos dias é vagarosa mas firme. A muitos chega primeiro o aviso que a experiencia, mas eu nunca me fiei de juizos maduros por arte, porque são como ameixas mózinhas, que a poder de vinagre vem á fouce antes de tempo, perdendo o gosto, formusura e saude de contado. Não sereis vós d'estes, porque tambem ha talentos tão ferteis, como parreiras de S. Thomé, que dão fructo duas vezes no anno.

Cruzado. Advertencias e lisonjas cabem peior em um saco, que honra e proveito; mudae de estylo, ou mudarei de lugar.

Portug. Seja embora, a troco de que me digaes quem é esse que lá se sorri ou rosna quando eu fallo?

Cruzado. Tenho aqui um velho meu creado, que me creou; homem d'aquelle bom tempo em que a pobreza não impedia o bom contentamento.

Portug. Como é a sua graça?

Vintem. Se por sua desgraça perguntareis, de vagar vos pudera satisfazer; mas por sua graça, logo! O meu nome (com perdão de v. m.) é Vintem Navarro.

Portug. Melhor nome tendes para douctor que para moeda.

Vintem. Vêdes isso? Pois dizia-me minha mãe: (Deus lhe perdoe) que me chamavam assim vintem, porque havia de valer por vinte, como quem diz: vinte tem.

Portug. Fadas de mãe, são como thesouro de moura encantada ou escondida; ao primeiro és, não és, eis carvão tudo.

Vintem. Menos sou eu que carvão, porque todo sou cinza por muito velho.

Portug. Não o pareceis na fala, que é subtil e tem um retimtim bem engraçado.

Vintem. Nunca esperei alcançar o verdadeiro conhecimento das cousas por aquelles que se podem fingir.

Portug. Logo ninguem será conhecido, pois todos vivemos simulados.

Vintem. Sim, póde ser; porque as obras são contrastes das intenções e pedra de tocar dos animos.

Portug. Dae-as, dae-as a Deus, porque ainda das obras me não fio, porque ha mais obras falsas que verdadeiras hoje no mundo; bem sei já que muita desconfiança é manha ruim e de villão ruim.

Vintem. As más dos nobres lh'as fizeram tão más a elles.

Cruzado. Para que é mais profia? Calla-te amigo Navarro, que o pouco dinheiro sempre foi mal ouvido.

Vintem. Por Deus, dir-vos-hei: muito e pouco tudo é um; e nenhum era bem fosse escutado porque suas

vozes são mais atraiçoadas que os ais dos lagartos do Nilo. Dizem que Alexandre injuriára algum dia a certo pirata, que com os remos de duas pobres barcas lhe açoutava o reino nas costas Macedonicas, ao que lhe respondeu o velhaco, bem sem fastio: tá, tá, (senhor Alexandre) não me maltrates, que tu e eu, ambos temos um proprio officio, mas com tal differença, que a ti, porque roubas o mundo cercado de exercitos, te saudam as gentes por monarcha, e a mim, que com poucos companheiros faço pequenos damnos me infamam de corsario; eis aqui como os homens fazem suas medidas!

Portug. Por certo, se a discripção dá valor, bem podeis dizer quanto quizerdes.

Vintem. Mas certo é que valia faz discretos, cousa com que eu estou a fogo e sangue; passe que a fortuna faça os homens maiores do que são, subindo-os sobre as peanhas dos altos postos que lhes mette debaixo dos pés; mas que a este passo queira tambem estirar-lhes o entendimento, isso (má hora) é muito.

Portug. Antes então confessa ella, que os grandes devem ser entendidos; pois não lhe achando verdadeiro juizo, lh'o dá fingido pelo menos; advertindo-nos de que ha tão grandes faltas de entendimento nos maiores, que logo que os engrandece lhes deve buscar um talento que as calle pela fórma de sua ventura.

Dobrão. Senhor, tratemos ora de nós, e deixemos o mundo, por não incorrermos na maldição de uns birbantes, que não se sabendo reger a si mesmos, toda a sua ancia é governar os monarchas.

Vintem. Pois ajuntae-lhe, que ainda é maior o desamparo dos principes que por tal gente se governam.

Cruzado. Não o fez assim aquelle grão Turco (só

então grande) quando em nossos tempos mandou espetar o Judeu Alvitrista, que lhe propunha se fizesse Pontifice de seus vassallos, dispensando-lhe os impedimentos da natureza a peso de ouro.

Vintem. Com tudo, uma cousa mal feita fez então esse canaz.

Portug. Que tendes que condemnar em acção tão justa?

Vintem. Ora simples, sabes qual? Não mandar a pelle do justiçado cheia de palha a mostrar pelo mundo (como quem pede com pelle de lobo) para exemplo dos reis e medo dos bargantes.

Dobrão. Outra vez nos enredamos em politicas escusadas? O mesmo que abominâmos, commettemos.

Vintem. Não te espantes que o dinheiro é o melhor conselheiro de estado que teem os reis; porque como disse não sei quem, a magestade sem potencia é gigante de palha, e d'ahi veiu que, denotando os antigos hespanhoes o poder dos grandes, lhes assignalaram por insignia pendão e caldeira, por onde aquelles cengos de Athenas prohibiam em lei aspera que ninguem désse conselho sem dar remedio; se isto assim é, visto que nós somos o verdadeiro e geral remedio dos monarchas, nós só devemos ser seus conselheiros.

Dobrão. Isso está bem, mas fallemos em o nosso caso, que é o que nos faz ao caso.

Portug. Dizeis bem; ora vinde já com esses artigos de nova razão, que todo o discurso nos embargam.

Dobrão. Digo pois, que como a este senhor cruzado lhe parece n'estas breves horas em que por illusão ou prodigio, gosamos o soberano dom de voz e juizo humano, nos empreguemos no que mais importa, tratando do que á nossa liberdade convém, sem nos di-

vertir a extravagancia dos accidentes do mundo, que nos não foi encommendado.

Portug. Tem razão o castelhano.

Vintem. Tambem é um dos milagres d'este dia, lh'a ache um portuguez!

Portug. Mal e peor fôra se nós lhe pediramos que nol-a achassem; mas bastou que Deus no-la descobrisse.

Dobrão. Por isso se diz lá na minha terra: antes enbidia, que mansilla.

Portug. Olhae: entre os sabios não ha nações; eu não sou natural senão da verdade: mas vós outros (dou-vos a S. Bernardo) sois terriveis!

Dobrão. A desgraça faz a todos uns e baralha bens e males; pois aqui estamos todos captivos, não haja mais meu e teu.

Cruzado. Tem justiça: e para fazer a pratica mais agradavel e mais segura na determinaçãó, bem a proposito será dar cada qual de nós a todos juntos conta da sua vida, para que cada um saiba de quem se fia.

Portug. A grande pena me obrigarei, sendo certo que as magoas na alma são como as settas no corpo; fazem maior ferida que quando entram, quando forceja por arrancal-as aquelle que as padece.

Dobrão. Para isso se fizeram os mofinos; para que até elles proprios tenham mão contra si mesmos.

Cruzado. Parece que está vencido em votos, que digamos o que nos lembrar de nossos successos.

Dobrão. Quem lhe dará o principio?

Cruzado. O portuguez que é mais velho.

Portug. Renego da dignidade, que nos pertence por via dos annos ou das desgraças!

Vintem. E tu fazes isso differente?

Cruzado. Todos esperamos a ouvir-te.

Vintem. Ouve e calla.

Dobrão. Escuto.

Portug. Digo: a cousa mais antiga e de que me lembro em minha vida, é que não sei porque rodeios me achei em poder de um grande, com outros parentes meus do meu tamanho, que o serviamos; e queria-nos elle tanto, que por mais que o seu vedor ás vezes lhe requeria nos trocasse, porque a familia por falta de dinheiro estava perecendo, nunca jámais houve remedio. Pediu-lhe reis um seu filho (que ainda era tempo d'isso) e bastou allegar-lhe ser cousa de principes, para que logo n'esse momento nos entregasse, a mim e a cinco camaradas nas mãos do moço que já não via a hora do nosso desbarate. Confesso-vos, que julguei de me mudar com pressa. Era eu tambem mancebo, parecia-me que toda a mudança era melhora, e foi assim que apenas aquelle senhor se apartou do pae, quando eu me vi com a vida em balança, e o corpo nas balanças de um ourives, a quem se mandou o valor de minha pessoa.

Vintem. Por isso eu digo, que a troco de que um homem de bem não se ache em estado de que outrem lhe ponha o preço, fôra eu antes caranguejo mouro, que portuguez de ouro.

Portug. E mais preço de portuguez, que é sobre todos incerto! Sahi finalmente avaliado e por mim os outros; ah! se todos os homens fossem eguaes no valor como o são no parecer! Aguas teve com isto o bom do nosso amo, de nos trocar em miudos, afim de satisfazer seu par de appetittes; e o fizera sem falta, a não se atravessar o bom zêlo de um seu creado, que nos trazia á déstra (e a elle mais) o qual julgando lanço de enxadrista, ou de creado (que ainda é mais astuto) lhe aconselhou que de nós todos fizesse presente á senhora fulana, porque lh'o merecia ella no amor e lealdade; e eis-me nas mãos da moça, a quem

o malvado nos levou com um recado mais longo, que os olhos com que ella nos esperava. Pouco me detive n'aquella casa; porque nas mãos d'estas lhe arrebenta o fel ao ouro antes de trez dias, e muito antes caminhava eu já para a rua Nova, aonde brevemente me vi vendido, em preço das calças e pelote do patife; porque como o sol traz comsigo a sombra, como as sombras o medo, traz o vicio ás costas o ìnconveniente; sendo uns erros justiça dos outros, e algozes muitas vezes. Digo-vo-lo, porque ainda tenho presente o escandalo dos embustes, das trapaças, emfim das traições que ali vi concertar contra o pobre de meu senhor pelo seu creado e pela sua amiga: vêde que bem cumpridas estavam n'aquellas duas boas pessoas as obrigações de seus officios. Ora o chatim em me recebendo, sepultou-me em a caixa (como elles dizem) ou em ataúde, que até isso tive de sepultado, assentado primeiro o dia e hora de minha entrada (como a enfermo do hospital) de que logo me temi, como de agouro de morte. Lá achei companheiros de todas as laias e moedas de todas as leis, algumas tão falsas como a propria de meu amo. Nunca padeci maior enfadamento (vos digo) que na enxovia d'aquelle mesquinho tão prezado de seu officio, que por suspeitar nos gastariamos uns com os outros, toda a moeda de ouro empapelava á parte como chapim de Valença: e gastando muito papel para nos fazer roupa branca, affirmava que em escusar roçaduras, ganhava cincoenta por cento. Vendo-me assim só e desesperado, minha occupação era um continuo lamento; até que nosso Senhor quiz trazer á logea um pretendente, que á força de ganho, rogos e importunações, me comprou e a tres ou quatro para nos mandar de presente a certo ministro, de quem dependiam seus negocios. Eram de ouvir as lastimas que o triste nos dizia em

nos vendo; e vendo que eramos seu sangue, e que era força derramal-o! Considerava eu, ouvindo-o, a miseria d'aquelles mofinos, que nem o proprio inferno deixam a outros que lhe preste. Roubam os mais d'estes a republica tão miseravelmente, que de sua propria perdição (como se fosse mercê de outro tempo) pagam meia anata: já que a perda ha de ser toda sua, porque o não será o proveito? Por tão penada e penosa traça lhe dá o engenho a beber seu proprio castigo. Tomou-nos emfim, e nos anafou em uma bolsa cheirosa, com mais cordões verdes e borlas no cabo, que chapeu de bispo armenio. Subiu-se á falla d'aquelle satrapa, que em publica audiencia e em dia claro roubava (fazei conta) como em valle de cavallinhos. Chegou-se o pobrete com passos tartamudos, e tão desconfiado, como se fosse pedir o mesmo que levava, e lhe disse: senhor, esta manhã quando vos descestes da mulla nas escadas do tribunal vos cahiu esta bolsa, cujo achado estimei mais, que um thesouro; não sei que traz dentro. Fez carranca o sobredito, mas cahindo tão depressa na conta, como na tentação, deu com amor os dedos e recebeu a offerta com despreso, por se não empenhar nas demonstrações de obrigado. Senti-lhe eu muita graça na diligencia com que se enxeriu no successo: porque de repente olhando para um creado (arlequim d'aquelle jogo) lhe disse alto: (perante todos) ora escuso-te as passadas! Aqui está o bolsinho que te mandava buscar agora: ainda ha homens de consciencia no mundo! E recolheu-se, não faltando alguns dos circumstantes que jurassem que elle a intervira cahir no chão, indo-lhe a dar o estribo. Oh! valha-me Deus, e quanto me metteu por dentro aquelle modo de capear! Notava muito para commigo a isenção do que recebia, a villeza do que dava, o engano dos confirmadores, e o artificio dos creados,

a credulidade dos requerentes, e emfim o desafogo de todos!

Vintem. De pouco vos espantaes para tão antigo.

Portug. São malicias á la moda, que se não viram na minha mocidade.

Vintem. Sabei que cada dia o mundo amanhece dessimilhante, e que não está nos modos, se não nos tempos a estranheza; males houve, males ha e males haverá; mas como dos passados fallamos de ouvida, dos futuros com receio, damos sómente fé do que experimentamos, d'onde vem que nos parecem maiores os presentes; que a experiencia é mais palpavel affecto, que a admiração do passado e que a cautella do futuro.

Cruzado. Calla-te, não interrompas.

Vintem. Oh! deixae-me, que uma pratica sem reparos, é como vestido sem guarnição!

Portug. Recolheu-me na algibeira (como disse) o meu senhor ministro, e dos companheiros fez entrega á sua esposa, que em obras pias de mandar encommendas a terras de pagãos, trazia empregado á uzura o seu cabedal e os alheios. Eu por mais prasenteiro fiquei em campo, aonde servi os meus tres annos como fronteiro de Africa, com armas e cavallo á minha custa; que cousas vi ali tanto para vêr! Emfim, eu fui o ferro do Potosi d'aquella casa; se meu amo jogava, a troco de me não trocar, não pagava jámais o que devia de perda; se comprava, por se não desfazer d'aquella peça, nunca retribuiu cousa que lhe vendessem; se lhe pediam esmola, eu era sempre muito dinheiro para ser dado de uma só vez a um homem pobre; se devia, era pouco, e quando satisfizesse o o mais, satisfaria o menos; de tal modo, que sempre ficava intacto, e á minha sombra o mais dinheiro de casa. Ponham-se de parte os Ostendes de Flandres,

as Inclusas de Hollanda, os Brisaques de Tirol, os Zantes de Veneza, que eu fui sempre (em poder d'este) mais firme e seguro baluarte. Mas como a fortuna é como forão, que por costume se encarna nos mais amigos, chegou-lhe á minha fortuna a sua hora, ordenando que uma escrava de casa, espanando-lhe o vestido, me espanasse a mim do bolsinho de meu amo para contribuir com os reditos a um rascão musico, que a poder de xacaras e seguidilhas a trazia amartellada. Vêde ora o jogo da sorte e contemplae porque maneira em mim se fez tal mudança; como descer da algibeira perfumada de um ministro aos asquerozos entreforros de um pagem? A tudo me accommodei, descursando que n'estes dados do tempo não ha (por mais que digam os mofinos) maior numero de azares, que de encontros; e foi assim que os proprios dados aquella vez me fizeram forro ou melhoraram de captiveiro; porque indo-me o micho a parar á tabola do terreiro do Paço, por suffragio de um dois e az, passei de repente a poder de um certo alferes, pessoa abalisada entre as d'esta arte. Alegrei-me então commigo mesmo, entendendo que poderia na guerra luzir muito.

Vintem. Segundo os amigos que deixaste na côrte?

Dobrão. Pois que proporção tem a guerra com a côrte?

Portug. Trabalhosa tecla tocaste; mal soante por certo aos ouvidos que amam a harmonia do merito e galardão.

Cruzado. Essa musica aonde se canta?

Dobrão. No côro dos bons propositos.

Vintem. Deixemo-la para dia de festa.

Cruzado. Será a maior do anno.

Portug. Passo ávante; o meu alferes era mancebo de brio.

Dobrão. Assim havia de ser por força, para que se cumpra o proverbio: capitão valente, alferes brioso, sargento sollicito.

Portug. Que mal se guarda essa lei!

Vintem. Antes bem; mas guarda-se na gaveta, como dizia o outro; mais macissos são os dez mandamentos, e quanto mais fracos vemos os homens, os quebram mais facilmente.

Cruzado. Marchae já com esse vosso alferes, senhor soldado, e prosegui.

Portug. Passava então um terço a Flandres, enxertou-se meu amo na jornada, na qual em breve nos vimos ás gadelhas com uma grande frota de Hollanda no canal de Inglaterra.

Vintem. Ora, mas que me reprendaes e lanceis da conversação com caixas destemperadas, eu não posso deixar a sandice da gente, que sem que, nem para que, nem mais tirte, nem guarte, que viva o Leão de Hespanha, ou viva o principe de Orange, se mate e consuma a fogo e sangue com terror dos mortos e estrago dos vivos; fazendo crêr aos montes da terra e ao golpho do mar, que o mundo é destruido. E o melhor de tudo, e em que eu lhe acho mais graça, é que n'essas mesmas horas em que elles jogam a morte e a vida, esses mesmos leões e esses proprios tigres, por cujas vidas os outros bestialmente perdem as suas, se estão repousando de inverno entre aposentos, enroupados de ouro e seda, e de verão passeando-se por jardins cheirosos, sem saberem quem são os mentecaptos que se matam porque elles vivam; nem ás suas vidas importa que est'outros se matem, um só dia de vantagem além dos que lhe estão promettidos. Mal por mal, melhor estou eu com o costume das saudes, que com o dos vivas, porque é menos sanguinho e mais alegre, cujo suffragio já que não

aproveita á saude d'aquelle por quem se offerece, aproveita ao menos ao paladar e estomago d'aquelle que a faz.

Portug. E eu a tudo callado! Pois esperae, que hei de ir trincando-vos a cada passo vossa arenga.

Vintem. Antes eu vo-lo pedirei por favor, como estudante que faz actos e roga muito que o desmintam, para sahir melhor com a sua.

Portug. Não haviam parado meus trabalhos na perigrinação; foram-se estranhando da propria paciencia com que os soffria, como ás vezes succede, e logo ouvireis. Eram rijos os combates e os combatentes; faltou da parte dos nossos o valor ou disciplina, (e praza a Deus não fosse tudo) desceu sobre nós o fogo do céo, e sobre a minha embarcação (se acaso não subiu contra ella o do inferno) ardeu como estopa, e o meu pobre companheiro, depois de fazer sua obrigação, deixou que n'elle fizesse a desgraça a sua vontade; lançou-se ao mar e afogou-se, que é boa consequencia, e eu a par d'elle sempre, não regeitei o salto, qual se conta d'aquelle cão fiel, que se arremessou com o senhor na sepultura. Ora, que seria de mim vendo-me lá no fundo do mar, estrangeiro entre peixes e areias, que me não conheciam? Vi o que nunca poude crêr; vi que havia lugar, onde do dinheiro se não fazia caso; mas não sei que seja outro se não este. Então tive por certo que ali ficaria subterrado até o fim dos tempos; porque quem iria cuidar que a cobiça humana, embarcada no coração do homem, desce ao abysmo das aguas, mudando o ser da gente e os elementos? Pois aconteceu que d'ali a alguns dias se buscaram buzios para salvar a artilheria (que é outra boa invenção), mergulhou-se um diabo de um italiano, e tanto se profundou, que lá foi dar commigo; gallou-se de repente sobre mim, (que não venha

cá gavião sobre calhandra) e filou-me de sorte, que ainda vendo-se afogado por mil vezes, me não quiz largar da mão. Tornei então a vêr o mundo, que não esperava, e espantou-me, porque d'aquella novena que fui fazer ás profundezas, já quando vim o achei outro.

Vintem. Por isso disse bem a nosso intento aquelle clerigo de Polonia (Copernico, ou como lhe chamam) que a terra e os homens, era o que sempre andava ao redor, não já céo, o sol, nem estrellas.

Portug. Promettia eu em tanto, entre mim, fazer uma vida nova, se pudesse; mas promessas de quem não tem liberdade são como os pomos de Sodoma, fructa por fóra e cinza por dentro.

Dobrão. Que fez então de vós esse diabo, ou esse anjo, que vos desencantou?

Portug. Primeiro escondeu-me astutamente, para me manifestar logo, como fez, em uma taverna donde se não sahiu até que por vinho, jogo e tabaco me não deixou concluido; mas affirmo-vos que nunca, como então, cheguei a palpar os desconcertos do mundo, vendo haver n'elle gente que tão caro compra o que vende tão barato, e que seja a vida amavel e seu risco, certo preço da mais vil satisfacão, do mais indigno appetite! Achava-se á mesa um vagamundo d'estes que chamam peregrinos, leves dos pés e das mãos, o qual marcando-me com a vista, e acenando-me com alvoroço, (apezar das vigias de tantos olhos) me arrebatou subtilmente. Levantou-se primeiro que os mantens, e tomou o caminho; vinha eu já como insensivel, porque a roda da minha fortuna me trazia a cabeça á roda; não direi como foi, mas fosse como fosse, quando eu dei de mim fé, eis que me acho em meio de um deserto, eu e meu viandante, cercado de bandoleiros, homens de rostos atrozes, de consultas desencadernadas, costumes fóra de villa e termo; lembra-me que

quando abri os olhos, que de pressa cerrei, vi já o pobre do meu amo despido por dois d'aquelles submilheres, que pegados com elle, luctavam cruelmente sobre quem me havia levar por força de lucta ; outros de fóra diziam me esquartejassem ; (que fôra n'elles mais bem empregado) mas tal foi a raiva do vencido, que vendo-me já inteiro nas mãos de seu contendor, remeteu ao pobre despojado, e dando-lhe de punhaladas, entre mau castelhano e peior catalão, dizia : toma Belhitrás, para que te não venhas cá outra vez aonde estão dois homens honrados, com uma só peça de ouro. Nunca me senti tão perturbado, como então; e já commigo suspirava pelo repouzo com que vivia dentro no pego, sem vêr nem ser visto. Mil vezes amaldiçoei a cobiça e a ambição, a avareza e o interesse dos viventes ; e sem saber que sorte me cahiria em sorte, vi que o bom do meu amo (mau ladrão) se abaixava a descozer a solla da alparcata, para me dar mais seguro aposento; isto supposto e feito, caminhava e calcava-me, sem advertir por d'onde. Ia-me eu lembrando das cousas da vida, porque, quem me dissera a mim, sendo creado em mimo e regallos dos principes, guardado como joia em seus escriptorios perfumados e lustrozos como um ouro, que ainda viria tempo em que me veria ser tacão das palmilhas de um esfola caras ? Mas não passaram muitas luas que tudo isto se não mudasse; com o que sei acabo : que ao bem do mal não ha já mais jornada, que do mal ao bem.

Vintem. Por isso eu má hora desespere, porque ha gente no mundo, que lhe não quer dar tempo ao tempo, querendo sempre que o tempo lhe dê tempo a ella para tudo. Ei-lo ahi; se logo n'essa hora vos matasseis á vista de vossas desgraças, morto ficarieis sem sahir d'ellas, e sem alguma graça a comedia de vossos acontecimentos!

Dobrão. Certo creio, que o mesmo nos succede a todos.

Vintem. Logo nos entenderemos.

Portug. Fui até á villa do meu salteador de caminhos.

Vintem. Das villas me guarde a mim Deus, que d'esses outros com estar quedo, me forro.

Portug. Vendeu-me por pouco mais de nada a um dizimeiro e acabou-se commigo de ferrar a prova ao ladrão, de quem era; prenderam-n'o e levaram-me; vêde que cousas estas!

Vintem. Com o dizimeiro não vos iria mal?

Portug. Nem bem; porque é uma casta de gente como tafues, que compram (como elles pagam) o sol antes que nasça. Este que me coube servir, do bem e do mal ganhado fazia thesouro, afim do casamento de uma filha, para quem já nãö queria senão fidalgo de tres sollas.

Vintem. Isso assim se diz em portuguez; eis ahi porque todos esses são ladrões; como fará boa cousa o homem, que começa despresando-se a si mesmo, sem ser por amor de Deus; ou querendo-se fazer o que Deus não quiz, que elle fosse? Então que succede n'esta porfia? Succede que elle faz, e Deus desfaz: e como está de mais alto, sempre fica de cima.

Portug. Em quantas terras tenho corrido, não vi taes cousas, como n'aquella officina! De todas as lingoas havia alli dinheiro ocioso: as pistollas francezas; os Jacobos ao revez de Inglaterra; os Maticais Berberiscos; os Zanquins de Turquia; os Venezianos de Levante, passavam pela mão com os nossos S. Thomés e S. Vicentes, como se todos fossem uns; até os Julios Romanos e todo o livro de Guilhermo Chorel vi que andava vivente, revolvendo-se por aquelles cofres e contadores; era um labyrintho!

Vintem. E quantos folgariam de entrar n'elle, mas, que perdessem o fio e lhes ficasse a vida n'outro.

Portug. Choviam cada dia os hospedes pela greta do caixão: não vi banho de Argel mais povoado de captivos!

Vintem. Bem, senão quando.

Portug. Bem senão quando?

Vintem. Ora acabae.

Portug. Não era eu de quinze dias chegado á casa quando por contas ruins dos dizimos, ou dizimas, e eis aqui que dão com o meu dizimeiro em outra mais aspera prizão, que a em que elle nos tinha; é bem julgado, ou mal julgado, em nove dias nós já eramos todos del-rei d'aquella terra (bofé que me esquece o nome,) é verdade que (como ouvistes) eu fui creado em paços, mas no d'el-rei não entrara nunca; antes pelo que tinha sabido, entendia eu que a par das riquezas e magestade da casa d'el-rei nenhuma conta fariam de mim: tambem n'esta me achei enganado; porque ali me estimavam todos e me agazalhavam muito mais do que esperava e merecia; sobre que me disseram que não era assim antigamente. Digo-vos, que nunca cuidei que valia tanto! E' boa gente a cortezã, muito dada e muito amiga de dinheiro, o mais inchado se me tinha junto de si affigurava-se-lhe que ainda ficava mais inchado; tal havia, que nunca tirava os olhos de mim e tal que a meu respeito os queria tirar aos outros. Confesso-vos, que ás vezes dei em suspeitar mal d'aquelle agazalhado; porque as amizades desproporcionadas sempre são mal seguras; emfim, querendo-me todos levar para casa lá me accommodaram na de um thesoureiro d'el-rei, que me fez mil cortezias.

Dobrão. Se elles fossem tão cortezes com nossa sahida como á entrada, ninguem se queixaria.

Cruzado. Antes o são mais, e com mais causas, porque nunca sahimos das mãos d'esta gente, que lhe não tragamos o coração comnosco.

Vintem. Se assim prendessem as vinhas na charneca, como o dinheiro péga nos cofres dos depositarios, fôra Portugal outra Candia, apezar do Grão-Turco.

Portug. Pouco me durou a fortuna de estar enthezourado, porque achando-me de melhor ouro que os outros, me pediu certo ourives para remendar uma corôa.

Vintem. Pediu bem o homem! D'esse é o panno com que ellas se remendam.

Portug. Tocou-me (como digo) a mim a sorte do emplasto; e porque a mais fina desgraça é encontrar com os trabalhos pela mesma rua, que outros topam com o descanço, deram em me gabar sobre os mais afim de me derreterem e consumirem; mal estou com estes meus quilates, que de nenhuma outra cousa me servem, que trarzer-me hypothecado aos perigos!

Dobrão. O mais terrivel artificio que inventou a malicia, é offender com os louvores.

Vintem. E ainda assim ha parvos, mortos por louvaminhas!

Cruzado. E por ellas.

Portug. Não era grande a quebra da corôa, porque lhe accudiram com tempo, e só faltava fortificar por dentro um florão d'ella. Quer Deus que sem me fundirem, e assim como aqui estou vestido e calçado entrei em logar da chapa que fallecia, e ficou tudo feito.

Dobrão. Bom official aquelle, que sem damno de umas cousas, remedeia as outras.

Vintem. Esses mestres em vez de corôas, deviam os principes trazer por corôas na cabeça: gente que compõe a falta do rei sem consumir aos vassallos!

Dizei-me que reino é esse, que me quero ir para lá viver uns dias?

Portug. Muito material estaes; que melhor viera aqui dar uma volta com o discurso ás cousas do mundo, vendo que da palmilha do sapato de outro vagabundo me vi em poucos dias collocado sobre a diadema de um monarcha.

Vintem. Por isso sois ouro cuja fortuna parece que herdastes do pae que vos engendrou; que cada dia retoca liberalmente as pomas de ouro da mais alta torre dos monarchas e entra pelas mangedouras dos mais tristes aduares da Aduquella, sempre sol, sempre limpo, sempre formoso; assim é a virtude, assim a nobresa que d'ella procedem, cujo simbolo no ouro e seus compostos se verifica, que não nos de *quis, vel quid*, por isso n'estas côrtes vereis sempre confiado o ouro fino: não já (má hora) os escudeiros de cobre e de latão; que em lhes faltando o lustre ei-los perdidos e feitos caldeiras velhas; sendo assim que como a alta providencia de Deus o creou na mais baixa parte da terra, e na peior, porque como o creava para ser n'ella o metal mais alto, se não ensoberbecesse lembrado de seus humildes principios.

Cruzado. Valha o sermão sem sello ex causa; mas vamos vêr o fim d'esta perigrinação, com que Fernão Mendes Pinto não tem que fazer, e é um tolhido Marco Antonio Veneto.

Vintem. Sem sello irá o sermão, mas não sem Ave Marias, tendo-se rezado já muitas porque elle se acabasse.

Portug. Pouco lhe falta.

Dobrão. Dizei tudo.

Portug. Teve seu termo a solemnidade d'aquelle dia; e como eu fosse mal cosido e pegado á pressa, senti que me dilizavam pela corôa abaixo: valha-me Deus, quasi em uma hora, tão luzido e tão cahido!

Vintem. São cousas do paço.

Portug. Estava alli junto um official del-rei, quando eu cahi (homem esperto d'estes que lhe não cahe nada no chão, ou em sacco roto) foi para me levantar.

Vintem. Se cuidaria que eras falso testemunho?

Portug. Não cuidou se não que era portuguez verdadeiro; emfim levantou me.

Vintem. Grande milagre! Porque lá se diz: que não é costume dar a mão tão depressa aos que vem cahidos.

Portug. Soube d'isto o amo d'este, e esbulhou-o, affirmando que assim como a fructa que cahe das arvores, é de quem guarda a quinta, assim os desperdiços del-rei são de quem lhe anda mais perto.

Vintem. Olhae: bem estou eu com que estes lhe comam ás arvores a fructa que lhes cahe, mas com que lhes deem abanos para que cáiam, com estes não estou bem.

Cruzado. Tudo o que ha no mar ha na terra, tambem cá entre nós é como no val de eguas: peixe grande papa peixe pequeno.

Dobrão. Então d'alli, que foi feito de vós?

Portug. Estive-me alli alguns dias, até que findos os de meu senhor lhe deram com os bens na praça.

Vintem. E como os males se vem á mão! Porque a morte faz cobrir os vivos, e descobrir os mortos: d'aquelles se cobrem os rostos e d'estes se descobrem os costumes.

Cruzado. Por isso disse bem aquelle philosopho, que disse: pois bem, cada dia pódes morrer; vive como se houveras de morrer cada dia.

Dobrão. Melhor o disseram os santos, porque o fizeram: mostrando que não só se deve dizer, mas que se póde fazer.

Cruzado. Ora feito o leilão, que foi de vós?

Portug. Andei á vergonha, como malfeitor.

Vintem. Tendes razão, que ver-se uma pessoa pelos seus mesmos vendida, não sei se tem mais de magoa que de vergonha, ou se de pouca vergonha.

Dobrão. D'ahi vem sem falta, que os nossos antigos chamassem affrontar ao arrematar, venda na praça.

Portug. Finalmente já não sei o que vos diga : alli me comprou um clerigo velho, a quem os medicos tinham receitado que bebesse agua cosida com ouro, para lhe alegrar o coração e confortar a natureza ; fez-me dar o primeiro fervedouro, e como por conselho ou antojo de um amigo (tal como elle) se persuadisse que eu me gastava qualquer cousa, por razão do fogo no cozimento, se resolveu que queria antes morrer, que desfazer o seu dinheiro e fez depressa sua vontade, deixando-me com outra caterva a outro velho, seu irmão mais velho e mais avarento ainda que elle, que sem filho nem herdeiro, de outra cousa lhe não servimos que de apoquentar lhe os dias da vida com temores e ciumes de que o vento nos levasse de seu poder : e fôra elle o ditozo, se só o vento tivera por inimigo, mas a malicia dos creados, a cobiça dos parentes, e astucia dos vizinhos, haveriam de ser sem falta a maior tempestade de seu despojo.

Dobrão. Notando esse vicio dos velhos, já haveis de saber de algum philosopho a causa de que elles fossem mais avarentos.

Vintem. Não vos canceis por inquiri-la ; é aquella mesma que faz parecer aos homens mais doces as uvas de pendura, que de parreirra ; está a vida para acabar e então é sofrega de si mesma, espertando o appetite de todos aquelles bens que por força acabaram com ella.

Cruzado. Grande mal é ser uma pesssoa avara!

Vintem. E' vicio opposto a todo o bemfazer, e

cousa que encontra todas as boas obras, não póde deixar de ser muito perverso.

Cruzado. Eu creio que assim como o surdo ou mudo, dizem que o sentido que lhes falta se lhes converte logo em outro, que proporcionalmente se lhe augmenta (tão grande conselho tem a natureza!) Assim aos miseraveis se lhes trocam todos os vicios (se alguns lhes faltam) em aquella propria miseria que padecem.

Portug. Ora a tudo isso eu vos juro que tenho agora de ouvir-vos outros dois tantos do que me tendes ouvido, se quizeres manter jogo.

Dobrão. Isso será impossivel depois de haverdes feito vossa relação de modo, que para a julgar qualquer de nós lhe faltou arte e tempo.

Cruzado. Dirá hoje o nosso amigo Navarro alguma cousa de seus successos, que devem ser galantes, porque historias engraçadas não succedem a homens semsabores, e eu com o dobrão ficarémos para outro dia.

Portug. Nem para replicar estou sobre o que desejo, mas seja como mandardes; quanto mais que nós para contarmos nossas desaventuras não estamos aqui, se não para buscarmos algum modo de remedia-las.

Vintem. Ninguem perdeu em ser obediente; mais depressa perdereis vós em que vo-lo seja, que por isso se disse: serviço te farei com que arrenegues.

Cruzado. Escusar prologos.

Vintem. Embora.

Dobrão. Ouçamos.

Vintem. Se fôra homem como sou dinheiro, eu crêra de mim ser algum engeitado, mas visto que não póde ser, porque ha prematica de que ninguem nos engeite, não saberei agora ao certo determinarme em que sou, nem se é verdade que nasci em Olite

ou Tudella, que é a flôr de Navarra, segundo lá se diz, ou se sou Navarro enxerto, como se suspeita.

Dobrão. Bem pareceis pobretão, pois ainda não achastes quem vos enfiasse a prozapia até avós, quando menos.

Cruzado. Cara é a nobreza por arte : e de avós que custam dinheiro, é perigoza a descendencia.

Vintem. Cedo começaes vós outros (como a gente ocioza) a armar cambapé á minha narração ; mas eu vos direi : ha muitos dias que sou como odre dos touros, que quando elles mais trabalham e se esbravejam pelo derribar, elle mais de pressa se levanta da terra

Dobrão. Quanto é para isso melhores invensões se acham na nossa edade ; se não perguntae-o em segredo a quem vos eu disser.

Portug. Senhores, ou vivemos, ou despertamos ! que se assim é quero tambem metter minha praga em reste.

Vintem. Nem as do sol estão d'ellas seguras ; mas como vos dizia : ao collo entendo que me criou um cego, se não ao peito, trazendo-me de continuo (como reliquiario) ao pescoço em uma nomina, que ás vezes lhe servia de bolsinho, porque pela achar rija dos fechos, vazava as reliquias afim de guardar n'ella o cabedal. Em dias grandes de jubileu, procissão, ou romagem, me dava abertas e publicadas, e desenfardelando-me passou-me a um prato, onde lhe servia de endez.

Dobrão. De indes quereis dizer, que signala a cousa de que fazemos demonstração.

Vintem. Oh ! tambem vós sois de uns marmanjos que se prezam de pontuaes no que não importa ! Tende-me geito de explicar os nomes inteiros quando praticares e disseres, assoviando meia hora em cada nome ; como se quando dizemos *confiança* á bocca

cheia, não ficasse o coração mais leve e o conceito mais desabafado em tão espaçosa palavra: porque pronunciações afeminadas, é bom falar para bonecas; uma cousa vos digo: que sobre ser obra boa fazer cada um tudo o melhor que possa ser, tenho por indicio de coração não grande affectar a perfeição das cousas pequenas: antes suspeito que a natureza humana, que em toda a perfeição logica sómente se esmera em miudezas de fraca ou de enfastiada, falta de ordinario em obras de porte.

Portug. Deixae-me tomar a vara de mordomo e governar esta procissão; adeante com os fugareos!

Vintem. Quando o meu cego se achava com gente de sua estofa, cada instante eu vinha á balha. Uma vez dizia que fôra dado de um conde e outra de um arcebispo, e talvez affirmava que de noite pelo escuro me achara ás apalpadellas, por milagre; mais alardes fazia commigo, que nem escudeiro de Famalicão com carta do primo desembargador.

Cruzado. Certo vicio em gente de animo curto, ostentar mais o que tem menos.

Vintem. Mas por aquillo disseram já que tanto brincou o demo com sua mãe, até que lhe quebrou os focinhos; digo-vo-lo, porque tanto me andou mostrando e assoalhando o pobre do meu pobre, até que outro que tinha mais claros olhos e mais subtis mãos, subtilmente me agarrou, e da bolsa em que vivia, me tres passouao seio; porém eu enfadado da trapassa, nem por ser tanto de seu seio me quiz dar bem com elle, julgando não ser para amigo homem sem amizade; sendo certo que os erros da amizade são como arismetica, aonde para que a conta seja errada, tanto vale errar em um como em um cento; quem não souber ser amigo, não é razão que o tenha.

Cruzado. Então que fizestes?

Vintem. Dei mão para me deitar pela de meu amo, até parar na lama da rua, vida em que tambem achei minhas commodidades e conveniencias.

Dobrão. Raro dizer! Na lama e no chão commodidades e conveniencias!

Vintem. Pois que cuidaes? Os humores das creaturas são diversos; levantae uma toupeira sobre os ares, eis-la fenecida; escondei uma garça debaixo da terra eis-la acabada; com o mesmo com que uma gente se deleita outra se martyriza. Eu certo tenho saudades d'aquelle lodo, onde passava muito bem: tinha boa cama, jazia descançado, ninguem entendia commigo, não andava, não lidava, não enganava, e não era enganado. Oh! como me ia bem!

Portug. Pois quem vos desinquietou?

Vintem. O maldito pantufo de uma beata, d'estas que chrismam a conveniencia já depois de grande e lhe chamam devoção; andam com os olhos baixos e lhes vale um pezo de ouro porque nada se perde que lhes escape. Eu conheci uma d'estas, que lhe importava andar com o rosto mortificado cento por cento porque do que achava pelo discurso do anno se vestia e pagava as casas; outra tal foi a que me recolheu; e creio que foi em um lenço, de caminho, em cuja ponta me atou, com duas contas de peixe mulher, uma veronica ferrugenta, (não quizera mentir) e com um dente de finado, que tudo tinha seu mysterio e serventia. Logo d'alli fui correndo a folha a comadres, discipulas, afilhadas e devotas, mostrando a todas seu achadego; ás menos trincadas affirmava que um passarinho me levava no bico (e era de vêr a devoção com que o pintava!) d'onde como de proposito viera a seu poder, por onde alli logo levantava taes enredos e tão bem fabricados, que eu proprio estava um és, não és de lhe crêr quanto de mim fingia. Já

entre aquella gente ninguem me chamava senão o vintem dos milagres, chegando a tanto o negocio, que por dez tostões (que ella dizia de esmolla) me encampou a uma filha de um mercador, mimosa e rica, a quem a minha beata deu em puridade seis remoques de ser moeda, ainda que pequena, com vezes de mendrasol e vara de condão, e carta de tocar em materia de casamento; a rapariga que era doida pela madre (como em casa lhe chamavam á beata), e por si mesma e pelo filho de uma vizinha, começou commigo a fazer coisas como uma doida.

Dobrão. Tristes de nós, o que passamos d'isso! Que mal é não ter liberdade!

Vintem. Pois isto chamaes vós ser captivo? Ser o dinheiro senhor do mundo todo! Se tendes as lagrimas tanto da vossa mão chorae antes sobre aquelles que se deixam captivar de nós outros, mas que não fará o amor! Fez que a simples da rapariga me serenasse tantas noites ao relento, depois de muito bem benzido (que maldito pudera ser melhor) com mil superstições que a velha lhe enfiava (todas entravam para que tivesse mais fortuna) segundo sua errada opinião, quando no meio da devoção o pae (que não era lerdo) deu apoz da filha, suspeitoso dos segredos da beata, e de repente em um instante assalta a baforinha, aonde o primeiro diabo com que topou, foi commigo, tão colerico, que indo-me a lançar pela janella fóra, me teve respeito, por vêr em mim essa cruz de Deus, com quem não devem de querer brigas os homens do seu tracto; todavia, por quebrar agouros me mandou logo trocar por sellada á ribeira; a moça se desfazia em lagrimas com a mãe, affirmando entretanto que o que mais sentia era perder-me em tempo que eu estava já meio feito, não lhe faltando se não setenta e duas noites de inverno para acabar

a devoção, com que eu ficaria uma pessoa de muitas prendas e de grande preço, por cujo meio toda a pessoa poderia saber quem lhe queria bem ou mal.

Portug. Estranhastes na mão da regateira aonde fostes parar?

Vintem. Não; porque é nossa gente aquella, com quem fomos creados e vivemos, sabendo-nos as manhas uns aos outros.

Dobrão. Como vos recebeu?

Vintem. Lançou-me a garnel em uma cisterna de lona, que como bolsa ou cevadeira trazem ao lado, d'onde de revolta com patacões e escamas, simples e bargantes, todos ali eramos escamados á força; pois succedeu-me uma graça, de que ainda agora me espanto e me riu juntamente; já sabeis que não muito poucas d'aquellas mulheres não tem de christãs (ainda mal) mais que o nome, e com isto assim ser, são a propria pontualidade em assalariar um cego que lhe reze pelos mortos, emquanto ellas vão acabando com os vivos. Era meu primeiro amo o cego de sua obrigação e seu fiel merceeiro, que a troco de 30 réis por mez (que não vale mais devoção tão suspeitosa) lhe rezava 30 mil desvarios por hora; não deixava testamento de Pilatos, despedida ou apartamento da alma, e imperatriz Porcina, que entoada lhes não rezasse. Na paga havia certas duvidas de uma mezada, finalmente fui eu a pomba d'aquellas pazes, e tornámos todos a ficar como d'antes; os freguezes freguezes, e eu captivo.

Cruzado. Conheceu-vos logo?

Vintem. Primeiro què eu a elle.

Dobrão. Pelo tacto, como o Polifemo ás ovelhas!

Vintem. Assim devia de ser, porque apenas me poz a mão, quando me jurou pela pelle.

Portug. E como cumpriu o juramento?

Vintem. Melhor, como lá dizem, do que se cum-

prem os alvarás de lembrança. Aferrou-me, e eu já não fazia conta de tornar mais a ser gente, mas é de saber que era cego por outra cega, que não cegara por elle, a quem chamava amiga, cousa que eu não podia soffrer, quando estava vendo que o arrastar, roubar, enganar, esfollar e lançar a perder se dizia ser amisade. Deu o cego em liberal, que é de amor a mais certa façanha; era eu sempre em suas galhofas o dianteiro, porque ha gente que tem por estrella empécer á outra gente, e chegou o negocio a ser de modo, que em um proprio dia por appetite da moça e gentileza do mancebo, eu me via na feira, na ribeira, na botica, na tenda, na taverna, no açougue, em casa do pastelleiro e na confeitaria; fui dado de esmolla, servi de resto de contas, fui trocado, escambado, em pregado, jogado, perdido, fui ganhado, achado, e tudo o que a um de nós outros, quando peregrinamos pelo mundo, nos póde acontecer em muitos annos; vim, e tornei a varias partes com um curso vellocissimo; mas quando d'estas fadigas apenas descançava, eis que aqui entra a mãe da boa ou má cega, toda esbaforida, pedindo á pressa um vintem para uma obra de misericordia; estranhamos-lhe o zêlo, porque foi sempre mais justiceira que misericordiosa; quando nos disse que lhe acabassem de dar o que pedia, porque não importava menos o caso que a vida de um fidalgo honrado, que ficava para se enforcar por um vintem que lhe faltava na conta de um moio de trigo que lhe comprára a cruzado, e que sem duvida se enforcaria se lhe tardasse, segundo o deixára resoluto; então a meu pezar cheguei a vêr aquillo que então tinha ouvido, que havia homens que se enforcavam por um vintem.

Dobrão. Grande inferno terá essa velha, além dos mais, por desfazer uma cousa bem feita.

Portug. O peior de tudo é que se não enforquem todos esses, que por um vintem se enforcam.

Cruzado. Que mais força lhe quereis, que sua propria condicção! Esses vivem em si, como em Salé, sendo de suas mesmas vidas os algozes.

Dobrão. Como a outro proposito disse discretamente o nosso poeta: ser cutello da vida, a mesma vida.

Portug. Quanto se vae por trovas, mais a proposito fallou a cantiga: isto não é vida para soffrer-se.

Vintem. Detive-me então alli em poder d'aquelle padecente pouco tempo, bem infadado por certo por não ser homem de meu gosto, mas quiz Deus que brevemente fez contas com os creados; porque esses taes sempre dão em se prezar de grandes homens de conta, pezo e medida; enganam, levam e cizam; quantas mais contas fazem, quanto mais partidas fenecem; e tanto mais lhe importa a mizeria, que vos encampam por virtude. Fez emfim contas, e coube eu em dote a uma velha dona de casa, mulher industriosa e recolhida; tomou commigo amisade, (que é muito certa entre velhos e dinheiro) porque todos os domingos e dias santos gastava a tarde em contar os ceitis que ajuntava no mealheiro dos jantares e ceias que vendia regatando o preço do que lambiscava, a ventura das rações alheias; e foi de sorte, que por seus conselhos (cousa de que estava bem longe) dei na vida santanaria, com que me achei melhor que tudo. Furou-me ella com uma agulha aqui na borda, como quem fura orelhas a caxorrinha; eis aqui tenho ainda o signal; e creio certo que era mulher de tanto governo, que ajuntou para vender as ferraduras; eu furado campei ao outro dia por vintem de S. Luiz, bom para o ar, para enxaqueca, quartãs, afflicto, mal de olhos, quebranto e mulheres de parto. Tão santas informações deu de minha habilidade, que todo o dia andava

de mão em mão, como conta benta; sempre querido e estimado, ora ao pescoço de innocentes, ora nos pulsos das donzellas, atado com corda de violla, a quem servia de trasto para fazer consonancia de saude nos braços d'aquellas que me traziam. Não me lembro que passasse melhor vida em minha vida; aonde de meu vagar observei que tal cousa é a virtude, que até fingida honra e aproveita. Agora d'aqui por diante para o fim da historia a mim me custaria tanto trabalho contarvo-la pelo meudo como a vós o ouvirdes, mas basta que saibais que sem parar hora nem ponto hoje me via collocado em bolsas abbaciaes de velludo, com mordaça de aço; (porque não ha bocca mais arriscada, que a bocca de bolsa) ámanhã me via cozido entre os remendos de um pedinte, talvez passava pelo contador do tratante como por minha casa, e tal me via encantado no nicho do taboleiro do boticario; mil vezes fui iguaria do artificio, mais de mil me vi em pratos de resgate, duas mil em bacias de almas, quatro mil em mealheiros; eu fui o ministro dos trocos, o preço dos tragos, a retribuição dos presentes, e talvez o porte dos escriptos de amores; em annos caros a uns era ração, a outros salario, fazendo sempre de mim mais iguarias que de carneiro; porque agora era jantar, agora ceia; mais profias tenho apartado em chegando, mais contas rematei em apparecendo, que de cabellos se me contam na barba. Para que é mais! Os armazens d'el-rei, sua casa dos contos, sua alfandega, sete casas e casa da India sei melhor que as minhas mãos; tudo hei andado e cursado; de tudo vi meus dois dedos, e até do bolsinho real (se apertarem commigo) me atrevo a dar razão; eu servi de encarecimento aos fallidos, porque em chegando a affirmar que não tinham um vintem, lhes era mais certo valhacouto que cessão de bens; servi de hiperbole aos mesquinhos

muitos annos, porque em elles dizendo que não davam vintem, estavam desobrigados de todo o cumprimento; outras vezes dava em servir a Deus, e me mettia de gorra com os hypocritas, succedendo que muitos sem devoção nem caridade me desperdiçam em um pobre, lançando-me n'elle como quem assoalha vestidos ao sol para saberem que é bem trajado. Os nossos pobres portuguezes creados com par á moeda como sardinhas de Setubal, vendo-se na limpeza do vintem choviam de sorte, que lançavam de antemão a perder a hypocrisia e o hypocrita.

Dobrão. Indicio parece de pouca caridade ou cabedal, pois como, não passam de vintem as grandes esmolas d'este reino?

Cruzado. Antes as ordinarias lhe chegam poucas vezes.

Portug. Na esmola não se requer amor para se dar, mas providencia para se repartir, porque para dar tudo a um e a outro nada, fiça sendo desordem.

Cruzado. com vossa licença; essa caridade ou perfeição distributiva, mais pertence á justiça que não á esmola, que é uma meia graça de quem a faz, em ordem ou remedio de quem a recebe, mediante o amor de Deus e proveito do proximo; de sorte que na minha opinião a esmola não necessita de leis, nem contas, nem respeitos; antes tenho para mim que seria mais conveniente áquelle que dá a esmola determinar-se de valer cada dia a um só proximo, ou a muitos, se a muitos podesse, com tal quantidade que lhe remisse a miseria e necessidade d'aquelle dia, e que esta tal esmola seria mais próvida, que a repartida por muitos pobres, pois a nenhum d'elles supre a falta de preciso alimento.

Vintem. Com todas as gravidades da nossa disputa não me póde esquecer uma graça que ouvi a um

pobre, indo uma vez na algibeira de meu amo pelo bairro alto; chegou a pedir-lhe esmola humildemente, e respondendo-lhe o escudeiro muito inchado perdoae que eu não levo senão tostões, lhe disse o pobre, esses me eram necessarios; desconfiou o miseravel e não lhe disse cousa alguma, merecendo sua conformidade premio, quanto mais caridade. Porém aonda estava todo o meu trabalho, era aos sabbados em casa do correio-mór, porque a mais remota carta do reino fazia eu logo em apparendo vir á balha rebollindo grande confusão por certo para os escriptores das cartas, porque a melhor escripta e peior escripta, todas se dão por um preço.

Dobrão. Prezae-vos ora lá de boa nota!

Portug. Não vos ouça isso Marco Tullio, Plinio Junior, Luc. Anco, Paulo Manucio, Paulo Felippe, o Paranda, e outro certo nosso amigo, mas que vo-lo ouça embora o simplalhão do abbade Gabriel, que tão sem causa celebraram os italianos, porque os epistolarios tem por certo que de todos os actos de entendimento nenhum é tão expresso retrato da alma, como a carta de cada um, por uma natural reverberação do espirito, que faz reflexo no papel de todos os affectos que no animo do homem estão guardados e só alli circumstantes; o que não é livro na pratica, nem no discurso, aonde o artificio serve sempre de liga ao mais fino ouro do melhor entendimento.

Vintem. Fallou bem o senhor portuguez, mas (como vos dizia) os desenganos e exemplos que tenho tomado em minha vida, são sem conto; prouvera a Deus que valeram elles para nós, como valem para outros!

Dobrão. O mal é que estes taes documentos sempre ficam com quem menos necessita d'elles.

Vintem. Eu vi pae deixar estalar filho a troco de

me não trocar, e filho que por me não pôr em risco deixou que a vida do pae se arriscasse.

Dobrão. Por Deus, que por essa familia bem se pudera dizer o que o romano pela casa de Herodes: melhor é ser alli porco que herdeiro: melhor é ser alli vintem que pae ou filho.

Vintem. Que mais? Vi desmanchar compras e vendas de grande interesse pela differença de meu valor, porque a moeda é figura e cifra á vontade de quem a tem, que segundo sua estimação lhe dá o preço. Vi matarem-se homens por meu amor: arriscarem-se e não sei se perderem-se honras e conveniencias por meu respeito; tão baixo preço põe a avareza aos homens que suas mais ricas partes vendem por bem pouco dinheiro. E conheci dois pares de testemunhas e de testemunhos, que não custaram um ceitil mais d'aquillo que eu valho; quantas honestidades se perderam por esta taxa! Quantas devassidões por ella se continuaram! Quantos negocios foram transtornados por este tal preço! Bastára que por mim se disfizesse um casamento de muitos mil cruzados, que a ambas as partes estava muito bem; e o que mais raiva me fazia, era logo a sentença com que um d'estes malditos sahia de revés, provando que estava averiguado, que quem não estima um vintem, não estima um thesouro; o que outro tal como elle corroborava ao instante com falsos contos de Dario, de Alexandre e Julio Cesar: ora dizei-me; parecei-vos que será grande delicto, não estimarmos nós os homens, que tão pouco se estimam? Se aquellas cousas em cujo troco elles se deram foram de outra móça ou raridade, bem puderamos enganar-nos; mas sendo nós proprios o valor de suas honras e vidas, e sabendo como ladrões de casa, o pouco que valemos para ser preço de cousas de tanta valia, digo e torno a dizer, que

bem mal fará o dinheiro que d'estes taes fizer algum caso.

Portug. Furioso estaes, Deus nos livre!

Vintem. O furor que ministra as armas, tambem ministra as rasões, e se é certo o que dizem, que diz o philosopho, que a oppressão dá entendimento.

Cruzado. Antes a colera é inimiga da eloquencia, quanto Marte de Saturnos, um o mesmo fogo, outro a propria neve.

Dobrão. Acabae, se vos falta.

Vintem. Sim, falta, e sim desejo acabar o que ia dizendo, lembrado d'aquella grande cortezia de Henrique IV, rei de França.

Cruzado. Qual foi?

Vintem, Fallava-lhe com larga arenga um seu monsieur: el-rei cançado o tomou pelo braço e o levou a uma galaria que lavrava no Louvre, e depois de o ter ali lhe disse: que vos parece esta praça que vou fazendo agora? Respondeu-lhe o franchinote: será cousa singular depois de acabada; tornou el-rei: pois monsieur, assim será a vossa pratica se vós lhe puzeres fim; pelo que, senhores meus, eu quero satisfazer a el-rei de França e dar cabo a meu conto.

Portug. Elle não enfada, mas se quizerdes, rematae e passaremos ao que mais nos importa.

Vintem. Lançou-se a fortuna de mim, ou eu d'ella, porque um coração é espelho de outro, e porque em uma propria mão nos vimos os jogos de parte; pedi-lhe treguas e concedeu-me pazes, lançando-me no mialheiro d'este tacanho, que a vós, a mim e a tantos tem encarcerados.

Portug. Não se nos vá hoje o tempo em porfias inuteis, que parece que já amanhece, e ficará frustrado nosso trabalho, se havendo-nos aventurado ao perigo em que estamos, não tivermos d'esta conversa-

ção alguma conveniencia, porque as que só vem a parar em gastar tempo, merecem lançadas do mundo com sambenito, como Circes encantadoras.

Dobrão. Pois que mysterios são esses que tendes prevenidos, para que requereis nosso silencio, conselho ou applauso?

Portug. Dias ha que desejo deixar o mundo.

Cruzado. Boa cautella, se temeis que elle vos deixe.

Portug. Não: d'essas sangrias em saude me rio eu muito, havendo visto, que os mais que se desenganam de antemão, lhes vem depois rogar á porta pedindo-lhe que os receba. Mas o bem do mundo é ás avessas, e ás vezes tão cortezão, que zomba d'elles altamente.

Dobrão. E ficam como nós dizemos por graça da alma de Garibay, que a não quiz Deus nem o diabo.

Portug. Ora á vista de tantas tragedias em que cada dia nos vêmos, parece que fôra acertado buscar meio para que toda a nossa geração se extinguisse do mundo.

Cruzado. Quanto é esse meio já parece que se tem achado, porque já não apparecemos.

Portug. Eis ahi o maior engano; sempre se choram os homens e sempre gastam, sempre enthesouram e sempre desprezam; quanto mais acertado fôra amanhecermos nós todos sezudos, e dar-nos quitação uns a outros que a troco de viver a gente sem dinheiro e o dinheiro sem gente, bem nos poderiam apartar os vigarios para que cada um fizesse de si o que melhor lhe estivesse.

Cruzado. Quão semsabores andarão uns e outros; o dinheiro é como fructa, só para comer-se serve. Muito enfadonha seria uma pereira do conde cheia de pomos bellos e cheirosos e doces; então maduros, e logo podres: inutilmente diverso é o meu parecer

n'essa parte: de modo que jámais para tal remedio darei favor e ajuda.

Portug. Bem parece que começas teu mundo, e que és moeda nova a quem ainda não justiçou a cobiça da gente, como a nós outros.

Cruzado. Tudo são opiniões.

Portug. Dae-me comtudo, senhor, vosso parecer, e diga cada qual o que sentir; porque este estar sentindo e soffrendo as demazias dos homens, amando-nos uns mais do que é rasão, e outros menos, com que todos indifferentemente nos perseguem, é cousa insoffrivel. Desde que tenho uso de rasão discurso sobre este ponto, e quando me persuado que lhe descubro o remedio, então me parece mais cego, ou duvidoso, sendo sem falta para mim este ponto o ponto fixo dos mathematicos e philosophos que quando mais fixo se lhe offerece, então se mostra mais errante e equivoco do que nunca. A's vezes entendi que seria a proposito fugirmos do mundo e deixal-os a elles com elle e sem nós, que não poderia haver egual vingança! Outras vezes, que pedissemos ao céo o remedio; porém, n'este enleio, nada me satisfaz de todo; pelo que, amigos e senhores, pois o damno é commum e a todos nós outros trás inficcionada a quietação sem gosto, este interesse humano, que jámais descança em nossa injuria, todos devemos trabalhar por desvial-o e vencel-o, tanto mais confiadamente, quanto de sua propria parte nos ajudam as grandes difficuldades e inconvenientes que sempre trás comsigo a cobiça dos homens. Este é meu cuidado, minha ancia e meu desejo, e se eu vira isto remediado em meus dias, certo que tornara a remoçar de novo, e luzir como quando era mancebo.

Vintem. Difficultosa é a briga que quereis apartar. Senhor meu, metter o bastão entre o homem e o ouro,

não espero lhe importe credito ou provimento a quem o executar. Diz que lá não sei onde se ajuntaram as lebres a conselho, e que por todas foi apontado que se fossem lançar em uma lagôa e se afogassem, sem ficar mais geração de tão triste gente perseguida de todo o mundo, que toma seu perigo por divertimento; ora indo já correndo todas, fizeram tão grande matinada, que as ouviram as rãs que estavam junto do charco; e como tivessem grande medo do ruido, foram-se lançando na agua, ganhando-lhe a dianteira do precipicio. Notou isto uma das lebres, que ia deante, e parou fazendo deter as outras, a quem disse: senhoras, tende mão, não nos lancemos a perder por miseraveis, pois vemos que ainda o são mais estas rãs, que tem medo de nós, e a nosso respeito se precipitam. D'onde digo, que não ha estado tão triste no mundo, que não haja outro mais triste com que aquelle possa consolar-se. Escapam os homens que padecem mil trabalhos, sem dinheiro vivem e se mantem; e o dinheiro se quer lançar no mar pelos seus duellos d'elles? Isso não farei eu emquanto tiver lume nos olhos, lancem-se elles muito em hora má, já que de cobiçosos ou perdidos se não querem emendar.

Portug. Guardae vosso parecer para quando vo-lo pedirem, e então declarareis vossa tenção, por não sobornar o consistorio.

Vintem. Esse perigo nunca lhe vem dos pequenos, que por isso disse lá o senador de Roma a Tiberio seu pedagogo: em que logar queres votar oh! Cesar! Se primeiro, quem se desviará de teu caminho ainda que errado! E se ultimo, quem será tão constante, que sustente a opinião que tu reprovares, posto que boa seja? D'onde digo meus compadres, que a opinião do humilde já mais levou a balança ao chão, nem a boia ao fundo.

Portug. Diga agora o senhor dobrão seu parecer, e acabaremos ouvindo ao nosso cruzado.

Vintem. Bem me parece.

Crnzado. Estou pela sentença.

Dobrão. Obedece-vos. Se já houve algum que sentisse que não eram os delictos menos graves a quem os commette que ao proprio offendido d'elles, eu sou da mesma opinião; porque d'este trabalho em que vejo andar o mundo a nosso respeito, levo eu egual parte, como mais atrabalhado. Por esta causa não pareça a alguem hypocrisia cançar-me pelo remedio alheio, porque não é senão pura conveniencia aliviar minha fadiga propria. Larga companhia fiz com os homens por todo o discurso de meus annos, d'onde vim a entender com quanta verdade disse lá aquelle discreto João da Veiga a seu filho: *Haveis de saber hijo mio, que las más pendencias del mundo son dineros*. E como o dinheiro é fonte perennal das pendencias das gentes, sou persuadido que só poderão remediar-se dando-lhe a essa alguma outra serventia; sangral-a e consumil-a, para que os homens não bebessem as peçonhentas aguas das discordias, de que a todos cabe seu amargoso trago. A peste grande do universo somos nós outros; quasi com o mundo começamos, sem falta com elle acabaremos. Que mortes, que roubos, que delictos, que incendios não temos occasionado? Das injustiças, que direi! Não basta que o dinheiro contrapeze a mesma virtude! Não basta que a vença! A verdade á nossa ilharga muda as côres, assim como provavam os de Tiro uma purpura junto a outra purpura para conhecer a mais sobida. Aquellas estatuas de bronze que arvorou a gentilidade, sombras foram d'esta nossa idolatria; agora cada moeda é um Deus, mais ou menos venerado, segundo o primor ou quantidade de metal de que é feito. Aquella divindade,

que demandou no ceo o anjo soberbo, outra vez parece que se vê na terra competida; o que chegou a temer o espirito ousou aqui a materia; se não vêde os bezerros no deserto de tal modo acreditados, que os proprios israelitas que no Egypto resistiram á seita dos idolos, aqui se renderam á lei d'este metal. Elle, quando mais luzente, não é outra cousa mais que uma sombra escurecedora das virtudes, ferrugem das boas partes; todas ennegrece, todas eclipsa, querendo só ser a formusura e dilicia do mundo. Eu que sei bem isto, como de casa, me estou rindo da ancia com que das gentes somos sollicitados; vêr as condições que nos levantam, é para ver! E nós tão ociozos, que se não é para um só officio não apparecemos? Nem zombando deixa de ser o outro martyrio dos viventes como grilhão ao pescoço, se é cadeia; como algema na mão, se é bracellete; como garrote na garganta, se é gargantilha; como tormento na cabeça, se é toucador ou apertador. O mimo das donzellas trazemos enganado, porque a ninguem perdoamos; umas fabricam do ouro espadas, com que estoqueiam o toucado; outras pendentes nas orelhas com que as arrepellam, e quando mais leves lhes sahimos, ou somos pensamentos ou memorias, ou lançadas para que de todas as maneiras lhe seja o ouro custoso. Certo, eu nunca me vi, nem a nenhum de nós outros, que não estivesse considerando a doudice da gente, vendo que ella propria por sua vontade se sujeita a um tão pesado jugo e tyrannia, como esterilisar-se de tudo o que Deus lhe fez proprio e creou para o uzo humano, dando sómente faculdade ao dinheiro para dispensar e repartir os mesmos bens que o ceo derramou sobre todos! Que se não podessem os homens izentar d'aquellas necessidades com que os creou a natureza, bem está; mas que por cima d'estas lançassem os ho-

mens outras maiores, introduzindo por si mesmos o valor da moeda, sem a qual nada lhes é possivel, foi cousa insana e cegueira tal, que por castigo d'ella deixou Deus que muito tempo durasse! A tanto chega por suas mãos no mundo a jurisdição de seu senhorio, que n'elle está já o dinheiro util como ceo, util como terra! Elle faz o vil nobre, o feio bello; elle desfaz o aleijão e a desformidade. Passaram a tal desvario os homens do mundo, que fizeram nova balança aonde pezassem o valor dos membros humanos; feito o interesse contraste, achou em sua consciencia quanto valia o coração, a mão, o dedo; quanto os olhos, as pernas e os pés dos miseros homens, de cuja perda offerecendo infame sacrificio á maldita merca, se dão por restauradas do perdido com valor de pouca prata e menos ouro. Passa adiante o desaforo; quer comprar os dotes do espirito; antes aqui é a maior violencia, porque de continuo precede o rico ao sabio, o poderoso ao prudente; se não que em peior modo tambem quer que sempre seja sabio o rico, sempre prudente o poderoso, o que se vê succeder poucas vezes. Estende-se a mudar vontades e transtornar condicções; por isso recebe por marido ao endinheirado a outra, que nem para ser seu dinheiro o receberia, por isso se humilha a altiveza do que se vê com o ouro obrigado, dando novas côres á sua condição, porque elle emfim como metal pesadissimo sobre nenhuns hombros se accomoda, que os não leve por terra. Ninguem logo se meta debaixo do seu inimigo ou seu jugo, se não quer ser prostrado brevemente. Chega a tão alto que por ser Quatrino a moeda mais comica de Roma, disse já um critico com atrevida agudeza, que Deus em toda a parte era Trino, mas que em Roma era Quatrino. Ora sendo nós estes, e sendo tal o nosso officio e qualidade, que dinheiro christão ha-

verá no mundo que não procure sahir d'elle? Eu pelo menos da minha parte digo, que cançado das tragedias passadas, e temeroso das que me podem estar esperando, de muito boa vontade me irei lançar no mar, sem fazer escrupulo, havendo companheiros; antes que por mim se lancem outros tantos, como estou vendo e ajudando a lançar cada dia.

Vintem. Se tu não entenderas a causa d'essas revoltas, bem me estava, que como aquelle outro philosopho selvagem deras comtigo no pégo, por não saberes averiguar as sete correntes cada dia do mar Euripo; mas ouve agora: certo juiz lá da minha terra, sendo-lhe trazido um preso por caso atroz, o condemnou em que pagasse uma pataca; instava o meirinho que era escandalosa a culpa e merecia grave condemnação, ao que muito fleumatico lhe respondia o da vintena: levae-o alcaide, que não tenho agora paixão que valha de trezentos e vinte réis. Vós senhor estaes tão irado contra nós todos, que quereis fazer essa fineza pelos homens; elles vo-la merecem, que por vós e outros como vós se lançaram já muitos a longe e tomaram a morte por suas mãos, porém, a elles não estou tão obrigado, e em vez de me ir lançar no mar, como requereis, me irei a deitar no meu sacco e guardar-me na propria gaveta em que até aqui estava, fazendo uma vida politica mas quieta.

Portug. Todos finalmente viremos a fazer o mesmo, mas ouviremos primeiro o nosso cruzado, que eu fio d'elle lhe não faltem boas razões para provar o pensamento que seguis.

Cruzado. Grave é o negocio para repente, mas já houve algum que disse: queria antes errar de pressa que acertar de vagar.

Portug. Esse é manifesto engano, porque ninguem é obrigado a obras diligentes, e todos o são a obras

boas; mas muito certo é que cada um ponha outro nome á sua vontade.

Cruzado. Verdadeiramente quem executa suas acções com promptidão, grande desculpa tem quando as não acerte; de mais, que tambem a architectura das obras boas pede presteza e conveniencia, visto que a tempo o ferro mata, e a tempo é provadissimo remedio.

Portug. Ora fui ou de pressa ou de vagar? Dizei o vosso parecer.

Cruzado. Parece-me, amigos, que a nós outros o dinheiro do mundo nos succede o mesmo que ao ferro e chumbo, bronze e aço, que verdadeiramente Deus deixou para conveniencia. O ferro duro com que se lavra a terra, o chumbo menos rebelde para as cousas que pediam mais brandura; o cobre para os instrumentos do commodo, o aço para os da fortaleza, e d'esta sorte e para este fim enriqueceu de metaes a terra, que preparava para pouzada do povo humano, a quem não queria faltasse algum genero de commodidade. Mas elle rude, soberbo, teimoso, parvo e avarento, eis que de ferro foi fazer espadas e cutellos, de chumbo balas, de cobre peças, de aço pontas de que nenhuma vida possa estar segura, a modo de boi de arame d'aquelle Phalaris e d'aquelle Peryllo, cujo artificio castigou o seu inventor proprio. Da mesma sorte na prata e ouro parece que quizeram baldar os homens a providencia Divina, porque a estas famosas materias, dedicadas a esplendor, conveniencia e adorno do mundo, de tal sorte foi por elles trocado seu uso licito, que de sua abundancia fizeram tyrannia, e de sua falta infamia; em sua commutação enxiriram falsidade, em sua grandeza risco, em seu dispendio cautella, da qual baralha procede que todos andem n'ella mettidos, como insanos; uns trabalhando por adquirir-nos para nos desperdiçar, outros havendo-

nos adquirido, enterrando-nos para que ninguem nos goze; infinitos nos roubam áquelles que nos guardam, para cahirem depois no proprio engano e castigo, sendo-lhe nós levados a elles. Pelo que haveis de saber, amigos, que d'este mau uzo em fóra, eu sinto em mim que nós somos a melhor invenção do mundo. Fallaes-me no que vale e no que descança, estar um cidadão em sua casa dormindo, regalado, seguro e quieto em noite tempestuosa de dezembro, e a troco de uma pequena migalha de prata e ouro estar o miseravel pescador luctando com a morte duas marés inteiras para lhe trazer de madrugada o goloso besugo ou o pintado salmonete, que lhe vem como pintado para jantar a sua senhora! Dizei-me que cousa ha no mundo, como ter um senhor muitos creados, que por breve porção de dinheiro o sirvam e lhe adivinhem os pensamentos, e o que é mais, que lhe soffram impertinencias e semrazões, e possa aquelle curto interesse fazer maiores e menores homens, aquelles que Deus e a natureza fez eguaes! Que o mercador assista no seu porto, mole de mimoso, podre de rico, quando por seu dinheiro andem cem homens (ás vezes melhores que elle) dobrando cabos não conhecidos, forcejando com ondas e com ares por lhe adquirir mais thesouros! E finalmente, que o principe não saiba mais que medir com vagaroso passeio a breve distancia que ha do throno ao leito, do leito á meza, da meza ao coche e do coche ao paço, quando innumeraveis gentes (as mais de quem nunca foi ouvido ou visto) pelo preço de uma pobre paga e de um soccorro inserto, se exponham ao trabalho e se arrisquem á morte, e se aventurem ao inferno! Ora passae ávante com o discurso, e fazei conta que não ha no mundo dinheiro; antes por acordar sesudo (como dizem os que o dese-

jam doido) se extingue entre os humanos esse costume. Considerae agora qual seria a confusão da gente, como se conservaria a nobreza dos nobres, a justiça dos justos, a fortaleza dos fortes, a humildade dos humildes? Como serviriam os pobres, como comeriam os famintos? Que tal em fim havia de ser o trato dos mortaes? Que roubos, que mortes, que insultos a cada passo succederiam; querendo o mais potente ser melhor, o mais furioso o mais accommodado? Como se remediaria a esterilidade das provincias? Como se aproveitariam da sua abundancia, porque sem interesse quem passaria trabalhos, e sem trabalhos como se venceriam as difficuldades de que o mundo é composto? Quem haveria, ou quem havia de ser aquelle que fizesse respeitar a magestade, venerar a grandeza, sustentar a razão e appetecer a honra? Sendo certos que premios e castigos são mais verdadeiros polos do mundo visivel, que o arctico e antarctico. Os tratos e commercios da gente, que são nervos da republica, que fim haviam de ter? Oh! que depressa afrouxariam em seu movimento! Se pois todos os bens se fazem em virtude do dinheiro, se todo o mal por seu meio se póde evitar, para que quereis prohibir aos homens o melhor instrumento que descobriu a industria humana, em cuja estimação, como necessidade convem barbaros e politicos, quasi como natural remedio e ensino d'ellas? só d'esta lei se isentaram as alimarias, ou aquellas gentes que das suas rudezas mal differem, por lhe não ser concedido o entendimento, dote de anjos e homens, como mais illustres creaturas do ceo e terra. Nós bem vêmos que os cafres uzam do seu Zimbo (pouco vae em que o nome e a materia sejam diversos) os ethiopes do seu Libongo; até os maranhões remotos, do seu algodão batem moeda; quaes indios a fazem de panno torcido;

quaes de ferro e de cobre ou da missanga, porque não consiste o valor do dinheiro em que elle seja de qualidade realmente intrinseca, que essa tambem não alcança a prata e o ouro, (pois por bem fino da estimação é avaliado) mas basta que ella lhe esteja constituida por universal beneplacito d'aquelles que o uzam, para que sobre esse genero, ainda que inhabil, se funde o trato util da commutação reciproca, fiel, e descançada, que sómente requer egualdade, sem a qual nenhum homem póde viver com outro, depois que a multidão dos viventes se descartou com o impossivel do primeiro uzo da communidade dos bens, que só poude observar-se quando entre a gente do mundo não concorriam tão diversas vontades e appetites, que são condições inseparaveis dos homens, os quaes pódem e devem moderar quando injustos ou justos ; mas nem justos nem injustos pódem extinguir em si mesmos. Porque como ao principio eram poucas almas, eram tambem poucas as vontades e affectos de que se adornam ; contra o que pareceu aos platonicos que affirmaram (com erro) o numero certo dos espiritos. Cresceu como seu numero o perigo das gentes, e sobre a diversidade se estendeu logo o appetite, que o dinheiro em vez de fomentar modéra, ou pelo menos não accrescenta mais do que diminue. Porque como elle seja paga de tudo, aquelle a quem falta é força modificar seus desejos, que d'outra sorte cresceram fomentados da abundancia de nossas paixões (de que nenhnm animo é pobre) até se satisfazer á custa de muitos inconvenientes. Porque se bem é verdade que o rico logo cresce em pensamentos, tambem é sem duvida que o pobre logo d'elles se abate ; e como no mundo é tão menos a copia dos prosperos, que a dos miseraveis, muitos mais são aquelles a quem a falta de dinheiro faz comedidos,

que não insolentes a sua copia. Serve o dinheiro na republica do que na musica o compasso: este regula os tempos, vozes e quantidade, para que soando uns mais, outros menos apressados ou vagarosos, guardem entre si todos perfeita consonancia; da mesma sorte o dinheiro taxa ou reparte o movimento ao trato humano; porque dispondo como os poderosos sôem mais e mais depressa e sejam melhor ouvidos, e sumindo as vozes ao povo pequeno, guarda o mundo aquella ordem de que resulta sua perfeita harmonia; d'onde já disseram os sabios, que na variedade consistia a formosura da natureza. Pelo que eu sou de parecer que o erro, que hoje se padece nas deformidades de que somos calumniados, não consiste na desegualdade com que a sorte nos repartiu, se não no errado uzo com que de nossa presença ou ausencia se servem aquelles que nos possuem, ou aquelles que nos desejam. Porque se os ricos gastassem e os pobres merecessem, brevemente viriam todos a conseguir sobre o commodo a egualdade; mas que quereis vós que seja, se uns não fazem se não invejar e desmerecer? Mal se tirara a agua de um poço pofundo, se os alcatruzes se não communicassem uns aos outros; porque se o cheio não lançasse a agua no vasio, e aquelle depois de cheio não despejara no outro que está vasio, ainda como elle ha pouco estava, mal podéra a agua chegar acima. Porém n'estas malditas noras, ou sogras, que hoje se costumam no mundo, cada hora se nos amuam e antipairam os alcatruzes, sem que um queira ser bom ao ontro, querendo antes desperdiçar o seu cabedal, que valer com elle aos seus vizinhos.

Aquelle que tem a agua, lá a bebe, lá a consome comsigo mesmo, e o coitado que a não tem, nem quem lh'a lance, dá quarenta mil voltas, no cabo fica

vaziu; com que a horta é a que perde, como se vê na hortaliça tão secca e tão desmedrada que hoje temos. Tudo isto vem de que não acabem de entender os homens, que o dinheiro se deve uzar como meio e não como fim.

E' o dinheiro meio universal de todas as cousas temporaes, porque por elle todas se alcançam e facilitam; mas sendo tão bom para ser meio, é muito máu para ser fim; porque quem só como fim o possue, esse sim terá dinheiro, mas nada tem por elle, e tanto lhe importará uma caixa de ouro, como uma de areia, se d'esse dinheiro não uza nem dispõe; de onde me affirmam amigos, que se entre nós ha modos para fazer que os homens nos tratem como ponte e não como estalagem, bom conselho tomamos em nos aconselhar o que faremos, buscando modos para conseguir o seu e nosso remedio; mas pois não temos n'essa faculdade poder, fique-se cada qual em seu engano ou desengano, e demos nós graças a Deus, que nos deixou a menor parte do perigo.

Dobrão. Fallou bem o Cruzado.

Vintem. Para fidalgo mancebo, não o tem hoje feito mal.

Cruzado. Ainda me sobejaram razões para vo-lo agradecer.

Vintem. Oh! por Deus, não no-las digaes, que não ha maior sandice, que levar tudo ao cabo!

Portug. Ora fiquem os cumprimentos em custodia, e até á primeira audiencia, para que no-los deis juntos todos quando vos gabarmos a relação da vossa vida e costumes, que esperamos ouvir-vos e ao senhor vosso companheiro.

Dobrão. E quando será isso?

Portug. Será a primeira noite que nos acharmos ociosos, que esta não vae mal lograda.

Vintem. Fiquem embora, e por agora ponde estanque sobre a conversação, porque se me afigura que ouço já tenir as chaves do nosso carcereiro, que vem correr o ferro, como é uzo.

Dobrão. Vir-nos-ha a contar esta madrugada, que assim o costuma sempre.

Portug. Pouco lhe importa, se do contado come o lobo; se não diga-o a chave falsa do sobrinho.

Vintem. E a gazua do creado.

Cruzado. Não contaes o embuste do amigo?

Portug. Pobres de nós, quantos contrarios temos!

Vintem. Isso é falso, porque não são menos os amantes.

Portug. Aonde nos iremos entretanto?

Vintem. A Genova, porque o turco anda em Veneza.

Dobrão. Lá nos levam por força, com que vos escusam o ir degradado.

Portug. Sou velho e ali faço conta de dar a ossada.

Vintem. E' o Valle de Jozaphat do dinheiro; todos lá havemos de ir parar.

Cruzado. Tomae meu conselho, e fiquemos mudos ao pé d'esta gaveta, até vêr o que o mundo faz de si.

Dobrão. Ou o que nós fazemos d'elle.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

XXII

OBRAS PUBLICADAS

I —	Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume....................	400
II —	Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume	400
III —	Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.......................	1$500
IV —	O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.... ..	700
V —	Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume......	400
VI —	Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes..................... .	1$200
VII —	Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes........................	2$800
VIII —	Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. I, II e III (VIII, IX e X)..	1$200
IX —	Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume..............................	400
X —	Arte da Caça de Altaneria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes................	800
XI —	Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 1.º volume.................	400

EM PUBLICAÇÃO

Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 2.º volume.

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

Apologos Dialogaes

POR

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

(com uma noticia da vida e escriptos do author por Alexandre Herculano)

VOL. II

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA

1900

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

Conselheiro *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

LISBOA
A LIBERAL — Officina Typographica
Rua de S. Paulo, 216
—
1900

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Director Litterario — Conselheiro *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

Apologos Dialogaes

POR

D. Francisco Manuel de Mello

(com uma noticia da vida e escriptos do author por Alexandre Herculano)

VOL. II

ESCRIPTORIO
147 — Rua dos Retrozeiros — 147
LISBOA

1900

VISITA DAS FONTES

APOLOGO DIALOGAL

TERCEIRO

QUE AO DOCTOR

CHRISTOVÃO SOARES D'ABREU

escreve e offerece

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

FAZEM INTERLOCUÇÃO

A fonte velha do Rocio, a fonte nova do Terreiro do Paço,
a estatua de Apollo, que está n'ella, e a sentinella que guarda a fonte

É scena o Terreiro do Paço de Lisboa

QUARE?

ANNO DE 1675



Ao doctor Christovão Soares d'Abreu

Vereador do Senado de Lisboa, residente que foi pela Corôa de Portugal a El-Rei christianissimo, deputado real em o congresso de Osnabruck a funcção da paz universal

Vi com tanto perigo (Senhor meu) o gosto estragado da molestia, que me foi necessario abrir-lhe essas Fontes, para que escapasse: d'ellas vos faço presente, se não pelo valor, pela novidade. Quem pudera apresentar uma offerta de desgraças? Eu só, porque d'ellas sou o mais rico, e ninguem costuma offerecer, salvo as cousas de que se acha sobejo.

Desterrado, perseguido, e achacozo (tende mão,) e ainda por se requintar contra mim a fortuna, desterrado do mesmo desterro, me acho agora morador de umas praias desertas, cujo caminho só sabem as ruins novas. Veja-se se em tal estado fará grande desproposito, quem cuidar muitos despropositos, a troco de lhe não virem ao pensamento os accintes do Fado, que peitando aos proprios de que pudera esperar alivio, lhe servem de mais terriveis potros de tormento.

N'este estado me acolheu esta leve illusão, que agora vos communico! Não foi sonho, pois não é de juro e herdade que hajam de sonhar todos os Dons Franciscos; sonhou o de Quevedo, porque tinha, ou fama, ou sorte sobre que podia dormir seguro; mas eu que ha tantos annos que não repouso, mais depressa de muito disvelado escreverei, antes que sonhos, delirios.

Se o são quantos aqui lerdes, ninguem melhor que vós poderá emenda-los, sobejando para o julgardes não só a jurisprudencia adquirida por tantos habitos de gloriosos estudos, mas a prudencia propria, em que tão cedo vos sinalastes! Por isso lhe custou á toga mil requebros desde os primeiros annos de vossa edade, o conseguir o fim que lhe destes de a receber por companheira. Finalmente a acceitastes nos dias, ou mais desenganados, ou mais commodos, justificando com a tardança a eleição da vida.

Assás annos ha, que Apollo vos reservava a mais alto exercicio: revogou-se a sorte por algum poder soberano, mas não perdestes vós, perderam as cousas para que ereis destinado. Contentou-se depois com lhe mostrar ao mundo, que para tudo ereis, recolhendo-vos para si mesmo, resguardado n'aquelle sabio desprezo, com que gozaes o que não sollicitastes, como se o não possuireis.

Não poucas vezes a côrte de Castella; uma e outra a de França, a de Inglaterra alguma vez; e muitas a de Allemanha baixa, se gloriaram (vendo-vos) de vêr tantas partes juntas em um só, não grande volume. Não acharam a cortezania, a politica, a discrissão, o luzimento, a arte, o juizo e o zêlo, em tanto ponto, que porventura tornaram a fazer da nossa antiga côrte portugueza aquelle primeiro conceito que já de nossos cortezãos lhe esquecia. Vós bem sabeis, que não adoeço de lisongeiro, por ser vicio tão incompa-

tivel com minha condição, com o costume contrario á minha sorte. Folgo porém de inculcar aos tempos as virtudes dos benemeritos: e se sobre o merecimento campeia a amisade, ainda me é mais caro este exercicio! Dirão alguns, que só louvo a meus amigos. Dirão bem; porque eu só sou amigo dos homens dignos de louvor: este medo vos offereço por desculpa do pouco que de vós digo, comtudo é melhor que me achem curto, que excessivo em tão justificado testemunho. Agora julgo por de mais a recommendação d'esta obra muito mimosa entre as minhas, sendo costume dos que se viram em trabalhos amar summamente a tudo o que lhes serviu n'elles. Estes desvarios me fizeram boa companhia, ajudando-me a passar saudades e solidões entre a porfia d'estes mares, e a aspereza d'estas penhas onde vivo. Estimo-as a esta causa (porventura) em mais do que merecem, e como quem se o feio ama, dizem lhe parece formoso, quasi me atrevera a dizer (encontrando este papel escripto de outra pena,) que entre as obras de nossos antigos, cuja imitação me é sobremodo agradavel, são poucas as d'este genero que lhe passem adiante.

Vale.

D. Francisco Manoel

VISITA DAS FONTES

APOLOGO DIALOGAL

TERCEIRO

INTERLOCUTORES

Fonte velha do Rocio — Fonte nova do Terreiro do Paço — Apollo — Soldado.

SOLDADO. Quem vem lá?

Font. V. Este é soldado! Escrupulo tenho de lhe responder, amigos; porque estes taes dos que chamam mal trapilhos, não são amigos das fontes; mas dizia minha avó, que para escapar de todo o trance, não ha melhor invenção que fallar verdade.

Sold. Quem vem lá, digo outra vez?

Font. V. Amigos, senhor soldado.

Sold. Que amigos?

Font. V. Bons amigos: sempre achei muita graça n'este costume: fazer distincção de bons e máos amigos, que tudo ha no mundo.

Sold. Nomeie-se por seu nome.

Font.. V. Sou a fonte do Rocio, que venho visitar a senhora fonte do Terreiro do Paço, vinda agora para aqui de mandado d'el-rei.

Sold. Que linda joia! Não te bastava ser fonte de agua chilre, se não remeloza; nunca vi olhos de fonte, que tantas fontes haja mister, como estes da nossa fonte do Rocio. D'onde se vem agora cá a velha tonta?

Font. V. Elle resmunga; parece que me não quer

dar licença para que chegue! Ora digo que o poder ainda é peior em mãos de villões, que as armas nas mãos dos doidos.

Sold. Podeis chegar se quizerdes, visto que sois a primeira visita. Dizia um amo que eu servi antes de ser soldado, que fallas de fidalgos e pontualidades de escudeiro o tinham tisico.

Font. V. Dae avizo, se é costume; que sim será em casa de Fonte, que vive parede em meio com as casas d'el-rei.

Sold. Amiga, muito pedes a um soldado pobre: dar avizo é cousa que só Deus o póde dar, e ás vezes não quer, segundo os muitos homens sem avizo que por ahi vemos, que são todos aquelles a que chamam parvos na minha terra.

Font. V. Dae logo recado, se aviso não póde ser.

Sold. Ruim modo tendes de negociar. Tomae, haveis de dizer, senhora, antes que não dae, se quereis ser servida bem.

Font. V. Tomae logo as graças da mercê que me fizerdes!

Sold. Graças são graças, e não indulgencias; pois á fé, que não é tão longe do Rocio ao Terreiro do Paço, para que não saibais lá, como cá se negoceia! Não vêdes o que diz o nome? Onde está antes que Paço o Terreiro? Parece que ignoras o costume.

Font. V. E qual é esse costume?

Sold. Terreiro de Patacão.

Font. V. Maldito seja quem taes alamodas nos trouxe á terra.

Sold. Mulher, olha lá como amaldiçoas, não toques no campanario.

Font. V. Ainda me não arrependo de trocar pragas por injurias; porque o dar agradecimentos por aggravos, mais pertence aos lisongeiros, que aos pru-

dentes. Lá disse um discreto, que a fidelidade do cão toda consistia em muito interesse e pouca vergonha; porque soffrem o páo a troco do pão, e aquelle que a poder de affrontas vos não desampara, vos deixa logo o primeiro dia que lhe não dais que roer.

Sold. Ora, ou me vindes visitar a mim, ou á fonte?

Font. V. Dizeis bem. Com ella fallo. Guarde Deus a v. m. Como está formoza e bem estreada! Ora seja por muitos annos.

Font. N. Quem direi eu que me faz esta mercê?

Font. V. Tantos creio, senhora, que com razão vos abençoam, que por isso me não conheceis. Eu sou uma velha muito vossa parenta.

Font. N. Razão é essa para desejar mais entender quem sois; porque estou muito só n'esta terra, e ninguem é mais estranho que o solitario.

Font. V. Sou a fonte do Rocio, para fazer o que me mandardes.

Font. N. Oh! senhora tia? Sentae-vos para aqui, que muitas vezes me lembra ouvir fallar em vós a meu pae, que Deus haja, o senhor dom chafaris d'El-Rei.

Font. V. Deus lhe perdoe, que tantos annos serviu a esta cidade, com tão ruim galardão, que já mais lhe acudiram com um ladrilho velho. São pagos do mundo!

Font. N. Muito vos pudera eu dizer d'isso se o dia não fôra hoje para mim de alegrias e não de saudades: mas esta não ha-de ser a derradeira vez que nos vejamos; com tudo o sangue não se quer rogado que por ventura em sua lealdade consistiu ser, (antes que outro humor ou affecto) o solar da nobreza da gente.

Font. V. Não choreis, senhora sobrinha, pelo que já não tem remedio.

Font. N. Antes devia chorar; porque já não tem remedio aquillo porque choro! Ai meu bom pae e se-

nhor, que nem para vos enterrarem vos acharam um real de agua á cabeceira, pedindo-se ha tantos annos em vosso nome!

Font. V. Filha, não vos entisiqueis mais do que estaes. Vós viveis agora ás abas do paço, e quem está ao pé da arvore, sempre come, se quer a fructa que lhe cahe de cima: eu espero que vossa boa sorte emendará a desgraça de nossos antepassados.

Font. N. Assim queira Deus, senhora tia!

Font. V. Tende-me em lugar de mãe, que amor e annos ha em mim para esse officio. Mas posto que mal pergunte, quem diremos que é este vadio que aqui tendes á ilharga, em fôro de rufião, como se foreis regateira de lenço trocado?

Font. N. E' um soldado de sentinella, que aqui me mandam pôr para que me guarde.

Font. V. E quem te ha-de a ti guardar d'elle? Este será o primeiro que te destrua.

Font. N. Não, senhora tia, porque me dizem que os soldados todos são nobres.

Font. V. Como carniceiros de gente. Sabe que todo o ouro d'essa fanfarrice, há mister para se dourar a sua má occupação, afim de haver quem a tome: que por esta causa não faltou já algum bargante, que lhes chamou magarefes humanos; pois uns e outros matam e trincham carne por dinheiro.

Font. N. Será assim; porém eu cuido que estes que aqui accodem nunca mataram ninguem, salvo de máo olho; porque de tortos e sarnentos não sou farta.

Font. V. Olhae menina; guardas ás moças são escuzadas: o que não se faz pela honra, não se faz pela força. Arrenego de virtudes esprimidas do artificio. A mulher é como a laranja, se muito a apertam, logo amarga; quer-se levada a bem, mas não pelos cabellos.

Font. N. Pois o peior é que além do soldado, te-

nho outro padrasto de noite e de dia, que não sou ouzada a deixar de correr meia hora.

Font. V. Isso e mais, padece quem faz a casa na praça: mas quem é esse que dizes?

Font. N. E' um Apollo de pedra, que aqui mora em cima, de quem me dizem que foi Deus das patranhas em outro tempo.

Font. V. Tá, tá, por isso elle está tanto de ré-mi-fa-sol.

Font. N. Mana, é o seu mundo agora; mais lhe tiram o chapéo, que á cruz de Val de Cavalinhos.

Font. V. Dias ha, que as gentes não olham para as pessoas, se não para os lugares d'onde as vêem. Já vi cruzes menos bem afortunadas umas que outras; e vi estatuas, umas que nasceram para sagrado asylo, como houve em Roma a estatua de Jupiter, e outras para jogo e escarneo, como lá mesmo as de Pasquim e Marfodio, tão celebradas por sua insolencia.

Apollo. Certo, que se não póde ser Deus de pedra, por quanto ha no mundo! Se já não é força que sejam de pedra todos os que se querem fazer Deuses; porque, como pudera eu agora soffrer, (a não ser insensivel) os injuriosos discursos d'estas duas fontes, que levam geito de me fazerem hoje meu cadafalso?

Font. N. Ah! senhor Soldado!

Sold. Que dirá?

Font. N. Ouço eu bem, ou falla o senhor Apollo lá para comsigo.

Sold. Ou para comvosco, segundo se me affigura, que vos ouvi nomear por entre os dentes.

Apollo. Ora tende lá paciencia, e não façaes se quer como fez a estatua de Jove com o medico Marco Clinio, que aborrecida de que a tocasse cada dia, quando passava se deixou cahir sobre elle e o fez em um bollo.

Font. V. Graças a Deus que somos em era em que os homens se callam como pedras, e as pedras fallam como gente!

Sold. Escuta lá!

Apollo. Melhor será escuta-las, que reprehende-las; porque como a reprehensão seja ao modo de sangria (segundo o deixou dito meu filho Esculapio) ella mata tambem fóra de tempo, sendo a seu tempo singular mezinha.

Sold. A' fé que se me affigurava que entendi o que disse; d'onde já affirmou um galante, que no cabo de um anno de companhia todo o homem fallava com o seu cavallo! Atrevo-me a lhe adivinhar os pensamentos, se cá torno.

Apollo. Não já, se tu fôras meu creado.

Font. V. Parece-me que podemos fallar largo, sendo sem falta antojo tudo o que presumimos.

Sold. Não ha presumpção que o não seja.

Font. N. O bom dia metamo-lo em casa.

Font. V. Tambem lá me haveis de ir vêr á minha, que não é pouco aprazivel.

Font. N. Vós tia, me parece que tendes por ahi mais desenfados no vosso bairro!

Font. V. Não, filha, isso quereis vós? Não digaes isso, que se não póde dizer depois que Deus nos deu rei a Portugal! E' verdade que um grande cortezão de nossos tempos provava galantemente por affirmativas universaes, que a melhor parte do mundo eram as casas de seu pae.

Font. N. E como sabia elle isso, se o mundo é tão grande?

Font. V. Dizia assim: a melhor parte do mundo é Europa; a melhor parte de Europa é Hespanha; a melhor parte de Hespanha é Portugal; a melhor parte de Portugal é Lisboa; a melhor parte de Lisboa é

o Rocio; e a melhor parte do Rocio as casas de meu pae, que estão no meio, e vêem os touros da banda da sombra.

Apollo. Ou viu pouco, ou amava muito esse portuguez!

Font. V. Porém agora, que uma côrte tão luzida, como a da nossa Lisboa, a qual não ha inveja a nenhuma da christandade, vos anda aqui á roda sempre, como gado vaccum em torno da ermida de S. Mamede, que podeis invejar, que não seja de vicio?

Font. N. Não ha duvida, que este sitio é bem assombrado.

Font. V. Devagar o dizeis; porque taes tres cousas juntas, como aqui concorrem, não sei que outras tres eguaes honrem alguma cidade do mundo; e mais eu sobre velha, sou curiosa, e sempre pergunto áquelles, que de longas vias nos trazem longas mentiras.

Font. N. Quaes são essas tres cousas?

Font. V. Rio, praça e forte.

Apollo. A' fé, que sois ladina! o mesmo posso eu jurar, que vendo inteiramente o universo tantas vezes, como ha dias no anno, não vi nunca outras tres cousas que lhe competissem, quanto mais que lhe excedessem.

Sold. Bem parece que nunca fostes á grimpa da minha terra!

Font. V. Tu és como a velha, que gabava a aldeia onde nascera, sendo de cinco casas ao pé do monte Marão, á vista de Napoles, Roma, Paris e Constantinopla; mas comtudo não ha no homem affeição mais desculpavel que a da patria (assim ella a soubesse pagar!) Se não foi porventura providencia, pois como se poderia povoar o mundo nas provincias distantes, quando a patria désse bom agazalho aos filhos, assim como elles professam sua affeição? Jámais por este

modo haveria homem que sahisse do regaço da patria; escusaram-se os heroes, e os famosos conquistadores nunca teriam gloria!

Sold. Essas são outras mil e quinhentas!

Apollo. Não sabem estes que permitte Deus a ingratidão excessiva por castigo do amor desordenado; esquecem-se os homens de amar a Deus, a quem tudo devem, e dão em amar cousas, que não merecem ser queridas; então d'ahi vem, que estas mesmas cousas os desamem. Parece acaso, e é providencia, vêr-se a emenda na ruim eleição da vontade; porque verdadeiramente não se sabe que haja cauterio mais proprio á cura da chaga de uma affeição, que saber é desprezada.

Font. N. Senhora, o dia, que é meu, não o esperdiceis com outrem: contae-me muito de vossa vida, para que tenha regra por onde a minha se governe.

Font. V. Confesso-vos, filha, que este negro moço foi hoje minha tentação.

Sold. Dias ha (que não é de hoje) attentarem os moços ás velhas.

Font. V. Mas se sois presumido, despeço-vos de meus favores, porque eu nunca esperdicei margaritas com porcos.

Sold. Mais cortezã palavra esperava eu de uma dona nascida no Rocio de Lisboa!

Apollo. Cahiu-me agora em graça o nojo e melindre d'este patife. Um dos maiores desvarios, em que deu o primor da gente vulgar, foi este da descortezia de algumas palavras; como se fosse mais honesto boi ou cavallo, que asno ou porco; e fossem menos benemeritos de andar na lembrança da gente estes dois animaes, cujo nome hoje seu uzo tem feito infame, sendo elles proveitosos e innocentissimos; nenhum asno derribou a principe, e já muitos cavallos

lhe foram traidores, como aquelle maldito murzelo que em Alfange foi homicida do principe D. Affonso, nascido para pacifico rei de Hespanha inteira ; e como esse outro desastrado ruão, que despenhou ao infilice rei D. João, o primeiro de Castella. Troya que dirá do seu Paladião e do seu Marte ? Em fim, que dirá a antiguidade dos javalis ? Ou que os modernos dos caseiros porcos, quando estes fartam e deleitam uma familia sem mal e damno ? Andam os touros nas praças fazendo tourarias ; depois, que fossem africanos ou godos, se inventou aquella solemne parvoice de fazer jogo e festa do perigo da gente ; por isso com muita rasão notou aquelle, que notou que quando se diz ladrão, mentiroso e traidor, sendo nomes facinorosos, ninguem pede perdão de nomea-los, como se estas palavras foram doces, e pertencentes aos ouvidos humanos ; e logo todas as escusas e perdões se guardaram para o pobre do asno innocente, e do porco simples, que nunca fizeram mal a ninguem, mas muito bem a muitos. Affirmo, que se por alguma cousa desejo de tornar a ser gente, é só para reformar as côrtes do Parnaso, castigando n'ellas as falsas relações de Trajano Boccalino, que tantos testemunhos me levantou em beneficio dos seus italianos ; e mais que tudo, para pôr emenda nos abuzos que estão no vulgo introduzidos, e se vão já n'elle mettendo como a unha pela carne : porque abusos e povo, são como unha com carne.

Font. V. Não vos tinha, senhor soldado, por tão escrupuloso em materias de prosa.

Sold. E' para que se saiba, se se ignora, e se se sabe, para que se creia, que a disciplina militar é a melhor escola para se aprenderem gentilezas e politicas, mais sollicitamente que nas proprias escolas das letras. Porque como a guerra é tão violenta em suas acções,

em breve tempo nos ensina muito e vae correndo e variando as materias, segundo a variedade dos acontecimentos; pelo que todos os soldados bem nascidos vereis limpos, liberaes, advertidos e grandes cortezãos, e aos mais d'estes não ignorantes, por ser esta nossa vida um largo corro, onde todo o mancebo de arte folga de fazer sua sorte a esse bravo touro do mundo. Se não vede-me a mim aqui, que por mais desencadernado de traje e desprezivel de figura que esteja, sei dançar, esgrimir, toco minha guitarra, leio e escrevo como qualquer; e para a minha trovasinha, não me acobardo, porque a todos que nascemos ao redor de Lisboa nos não faz medo nem a graça nem a travessura, como os filhos de Athenas, que se desmamavam com a philosophia.

Font. V. Folguei de vos ouvir, quanto me pezou de lêr aquelle licenciado, que no seu livro deshonra vossa profissão, com termos tanto de regateira, que o pudera encoimar o rendeiro das bravas.

Sold. Já ouvi d'esse licenciado e de seu livro; e por signal, que se nos foi elle em seco ao adro, bem sei eu porque! Mas agora não deve ser uzada aquella boa manha do açougue, que quem bem diz, melhor ouve; depois, que fallam parvos sem haver outros parvos que lhe respondam.

Apollo. Parece-vos isto? Que queiram estes por si mesmo averiguar a preferencia das letras ás armas, ou das armas ás letras, cousa com que eu nunca me entendi e de proposito deixei indecisa, como a questão entre Burgos e Toledo! Ora grande é o atrevimento dos velhacos!

Font. N. Não presumi que passasseis tão ávante no desfavor que me fazeis, cerceando-me esta nossa conversação!

Font. V. Tendes justiça; uma palavra leva a outra, e ambas á bocca o erro.

Font. N. Já que temos o dia por nosso, manhã e tarde, e pois sois minha amiga, meu sangue e companheira; sobre ser eu nova na terra e no officio, não será melhor que me advirtaes do que passa na côrte, onde venho a ser vizinha, saiba suas condições e possa ensaiar-me no modo porque me devo haver com elles?

Apollo. Grandes cousas queres saber em pouco tempo! Aqui estou eu que lido com estes homens, ou com outros similhantes desde que os ha no mundo, e ainda os conheço menos.

Font. V. Bem me parece, e tambem te digo, filha, que sou eu uma das pessoas qne melhor noticia tem dos costumes da terra, quanto mais que passando algum estranho, o soldado é bom furão, elle nos trará novas d'elle, posto que o desacoimemos.

Sold. Sim, farei; porque esta gente do meu officio não só tira vidas e as dá, mas até fazenda, honras e famas distribuem como querem.

Apollo. Ainda mal! Por isso elles em um dia enthronizavam em Roma um imperador e ao outro o traziam a rasto, como fizeram a Otho, Aureliano e Vitelio, e outros cento; e até ao mesmo Julio Cezar, pae e padrasto da patria.

Fonte N. Quem é, (tende mão) aquelle senhor que alli vem n'aquelle andor, tão rodeado de gente, de que parece faz elle tão pouco caso? Deve de ser grande pessoa!

Apollo. No descuido o parece.

Font. N. Formoza liteira leva; e apoz si notavel numero de homens de porte! Mas que cançados que vão, sem alcançal-o; oh! miseraveis!

Apollo. Taes como estes, eram aquelles sobre quem

com fingida piedade exclamava o artificioso Tiberio: oh! gente inclinada á servidão! Elle lh'a requeria, e elle lh'a aborrecia; maldito aquelle que ama tal exercicio!

Font. N. Pobres d'elles!

Font. V. Nunca d'elles vos lastimeis deitando a longe vossa lastima, gastando-a com quem vo-la não merece: porque vos virá a faltar depois para os que vo-la merecem.

Font. N. Pois é indigna a piedade que se tem com homens enganados?

Font. V. Não ha piedade, que por si só não seja santa e boa: porém eu vos direi: ando de candeias ás avessas com a gente que agora se costuma: se eu vira que o mundo queria enganar a gente, lhe armava laços e lhe dava cambapés, eu fôra a primeira compadecida dos que vira cahidos; eu a primeira que lhe acudisse com um trago de agua, com que atalhara o perigo do susto; porém vemos que deu o mundo em tão homem de bem, que não quer enganar a nenhum homem, que elles de sua propria vontade se mettem pelas puas das mentiras, das cautellas e das esperanças falsas, fazendo-se por sua mesma mão infelices, até que com justo bem, (que lastimoso espectaculo!) perdem vida, tempo e honra apoz do vento: que quereis, que me apiade de gente, que de si se não quer apiadar! Má hora que tal faça!

Font. N. Cuidava que era isto como no outro tempo, em que meu pae me contava valiam os grandes aos pequenos como o muro á era, e a escada ao homem: quando se dizia aquillo de chegar a boa arvore; e aquell'outro de junta-te com os bons.

Font. V. Amiga, isso passou como o mel coado; já não ha quem de tal seda se vista: se o grande hoje permitte que se lhe avizinhe o pequeno, não é para

lhe valer com sua grandeza se não para augmenta-la á custa de alheia injuria; porque nenhuma cousa é grande ou pequena, senão a respeito de outra cousa; se os humildes se desviarem dos soberbos, não desdirão tanto como desdizem suas fortunas, sendo certo que a formiga não convém ao lado do elefante, pois padecer desgraças ao pregão da inferioridade toca de máo conselho, d'onde já com metáfora mal soante disseram os antigos: que debaixo do meu manto a el-rei mando: grandes arvores que não fazem sombra nem dão fructo, machado n'ellas!

Font. N. Comtudo na observancia da desegualdade consiste a compostura do mundo, d'onde é força praticar aquellas seis naturaes differenças: alto, baixo, diante, detrás, direito e esquerdo, sob pena de que tudo pereça; bastará que um senhor seja humano para ser bemquisto?

Font. V. Isso é o primeiro que não bastará; porque por ventura dispensam alguns na auctoridade, por não dispensarem na avareza! bem estou com a cortezia que muito obriga aos homens honrados, mas de contado sabemos que os nossos meritos e esperanças se vem a converter em cumprimentos; qual será o sezudo, que faça emprego em taes esperanças e meritos?

Apollo. Esta fonte corre mais claro do que entrou na avença; assim que os principes não devem malbaratar suas demonstrações. Talvez convem a affabilidade com o amigo e dependente, posto que não seja egual; e talvez convem para dar valor a essa propria affabilidade mostrar-se austero ainda ao egual; misturar o ser officioso e o ser amigo e tambem reprimir com juizo as acções, para que sejam reputadas; porque se a um pobre affligido, que se vem valer da grandeza de um grande senhor se lhe pagasse com

extraordinarias mostras de cortezia, pouco menos vinha a ser que uma burla honesta; e se a um vão, que se vem honrar em ser parte participante d'essas demonstrações graciosas, se recebesse sem ellas e em seu logar com grandes affectos de beneficios, era como jarreta-lo. D'onde Aristoteles poz no modo das cousas a felicidade d'ellas.

Font. N. Ora nós dizemos! Quando nada nos pode ser tão necessario como notar os que passam! Vá-se já o senhor muito embora, que sendo d'elles senhores poucas saudades nos deixará; e dizei-me quem é aquelle que por alli vae assim com tão frouxo movimento. parece que descuidado de si mesmo? Não vêdes como já olha para o céo, já para a terra; como cerra e abre os olhos sem concerto, como falla comsigo proprio; como retorce as mãos, occupadas entre cada dedo de papeis, a modo de taboleta de S. Lazaro? Valha-te Deus por homem! Se pelas luas se tiram as marés, e as cartas pelos sobrescriptos, quanto é pela phisionomia do rosto e pronostico das acções, o dito homem me parece uma extravagante figura.

Font. V. Folgo de vos vêr notar, o que para notar é: por ser grande signal de bom engenho; e não como certos vivos defuntos, que assim chamo eu ás pessoas que passam pelas cousas sem adverti-las, como se as não houvera no mundo: esse que lá vêdes, amiga, se não é namorado, é sem falta pretendente.

Apollo. São synonimos: porque amores e pretenções, tudo são pretenções e são amores.

Font. V. Deixae-o virar para cá, e conhece-lo-hemos logo.

Font. N. Já voltou.

Font. V. Já o conheci. Aquelle fidalgo pretende um governo, mas que seja de mar em fôra, onde se vá

ensaiar para ministro, que é a profissão para que foi creado.

Sold. Não me parece de máo gosto o assumpto; mas se porque foi creado para ser ministro, é força que o seja?

Font. V. Muito vae em se porem os homens a altos fins; que já pode ser que por isso digam os italianos: se queres ser Papa, mete-o na cabeça.

Apollo. Os antigos disseram que a necessidade era mestra das cousas; eu antes creio que o appetite; agora vestido de ambição, agora de zêlo, agora de interesse; porque os mais dos affectos humanos mudam de traje cada dia. Pois se fallarmos nas habilidades do amor e sua industria, nem Cosmelot lhe chega com as tão famosas apparencias.

Font. V. Este que vêdes, porque ouviu dizer que Catão prognosticára o imperio a Julio Cezar pelo corporal desatavio, indicando d'elle a nova alteza de seus pensamentos, deu elle tambem em desmanchar sua pessoa, entornando os membros pelo corpo abaixo, e descompassando as acções fóra de todo o concerto, afim de se inculcar homem profundo: o que de contado se vê n'elle, é o desmancho, d'onde scintilla de quando em quando a vaidade; o que está para se vêr do prometido é a sufficiencia.

Sold. Bem empregado fôra n'esse tal faltar-lhe com seus bafos a sorte, de sorte que ficasse manente na classe da pretenção, como máo estudante da Nona em tempo de exames.

Font. N. Ora bem advertido foi aquelle que por estes e outros taes disse que todo o homem debaixo de outro nome fazia sua vontade: a muitos acontece prefilhar os defeitos por advertencias, engeitando-lhe os vicios á porta das virtudes, que nunca taes filhos engendraram.

Apollo. Arrenego de perfeições produzidas de arteficio, e ainda de venturas, que chegam por arte! Todas são como senhoria rogada, que nunca traz sabor perfeito.

Font. N. Logo parece, senhora tia, que deve aqui de haver homens que se põem a aprendizes dos ministerios, como sapateiros e alfaiates em seus officios; viera eu n'esse costume, se tambem n'elle como nos mais houvera carta de examinação e bandeira, em cujo gremio se não deixasse trabalhar, salvo ao mais destro.

Font. V. Demasiado de bem dizes, filha minha, pois por essa falta vemos ao mundo tão mal governado: se a cada um se desse aquillo para que é na republica, outro gallo nos cantara ao nosso reino e á nossa cidade.

Appollo. Facil é o remedio! Ainda mal! Porque este é uma gotta que tem aleijado os imperios, para a qual até hoje se não achou cura; as monarchias padecem com mais rigor este accidente; d'onde ordinario vemos que os postos e magistrados seguem os Tribus, como na Hebrea se estabeleceu, por maiores mysterios, em o de Levi, o Litteratado. Ha certas gerações, que ou hão de prover de ministros aos reinos, ou os não ha de haver n'elles; e d'aqui procedem tomarem os que acham, seja quaes forem; não os que deviam ser buscados, com damno commum, não só dos negocios, mas das virtudes, desamparadas por sua inutilidade. Esta é a porta de adulações, artes e lisonjas, pela qual de tropel estão entrando cada hora os desconcertos; alguma vantagem levam n'essa parte ás monarchias as republicas, porque os governos aristocraticos ou democraticos, como se executam pelo congresso de muitas vontades, posto que padeça como é costume cada qual suas affeições entre esta copia, é

força se misturem talvez os dignos com os indignos, cujo numero por maior não fôra pouca dita ser egualado dos benemeritos.

Font. N. Ora que preceitos constitue esta arte de pretenção do magistrado, já que se aprende por ella?

Font. V. Começa-se por um pequeno de mau ensino, sua ponta de soberbo, fallar em materias altas, posto que d'ellas se não saiba ametade do que se diz; acompanhar aos grandes ministros, visital-os e ser-lhe molesto. Fingir zêlo e sizo quer o haja quer não; guardar opportunas correspondencias; desejar das damas, praticar sobre as novas, acudir ao paço, uma migalha de mexerico, quatro dedos de fallar á vontade e gabar o que não importa uma mão travessa; achar razão, graça e justiça aos validos, importuno em lhes fazer cortezia, pontual em doenças, noivados e boas festas, e ser liberal, que é ouro sobre azul; que com isto, e outra muita proluxidade não póde aos trinta e cinco annos escapar vosso nome de andar nas consultas, quando menos em terceiro logar.

Font. N. Dizei-me: sem tudo isso não será bastante o merecimento do homem! O proceder claro! A verdade segura! O aviso certo! Para dobrar esse cabo da boa esperança?

Font. V. E' largo rodeio; de cento, que por ahi vão, não chega um ao cume da ventura: por cá se atalha muito.

Apollo. Se os dignos se contentarem de não ter sua estatua no Senado, como o Cençor, satisfeitos de que se pergunte antes porque não deram este logar a fulano? Que não: porque lhe deram este logar? Nunca fôra mais facil de conseguir boa sorte. Mas se elles sómente tiverem aquella santa dita, de que o mercenario é acredor do premio de seu trabalho, muito trabalho lhes sinto; porque n'esse livro dos galardoa-

dos só se escrevem os sollicitos: d'onde já o Petrarca chamou rica e pobre á Sapiencia, sendo ella riquissima e ornada, assim differe do que é em si mesmo a reputação em que a tem os mundanos. Sobeja porém que o varão nobre se faça pela virtude proprietario do logar sublime; que o exercicio e posse d'elle pertence á sorte, que quem lh'o nega não tanto tyraniza ao benemerito, como a republica, a quem usurpa sua util intervenção.

Font. N. Ora deixando a esse noviço da grandeza, vêde, senhora, quem seja aquelle senador tão veneravel. Oh! que aspecto! Oculos, barba, e roupão! Mostra, quando menos, que desce agora do Capitolio de Roma.

Font. V. Não vos fieis, amiga, de frontespicios: casas vereis por essa côrte todas janellas, e dentro pouco agazalho.

Apollo. Assim devia ser aquella pequena cidade de grandes portas, contra quem dizem que gritava Diogenes, amoestando os moradores corressem os ferrolhos, antes que lhes fugissem as casas.

Font. V. Com tudo a boa presença é credito aberto, ou carta de recommendação, como disseram outros.

Sold. Sim é para pessoas, que só por ella são conhecidas, d'onde se não conhecem.

Apollo. Em alguma cousa acertas: porque a natureza dorme ás vezes, como Homero, porém tem desculpa por ser velha; e está cançada do muito que tem obrado; d'onde vemos que sendo cousa conforme accomodar um gentil espirito em uma gentil presença, ás vezes se descuida e o faz pelo contrario, deixando a uns só com a perfeita composição corporal e a outros com subtilissimo engenho embainhado em despresivel pessoa, como de muitos philosophos se escreve. Quantas saudades me faz a este proposito meu amigo Epi-

tecto, que sendo manco, côxo, fraco, cego e desmanchado, era de animo tão inteiro, que cada hora desafiava ao nosso Jupiter, pedindo que chovesse sobre elle as calamidades com que os outros não podiam.

Sold. Mais depressa seria isso por aquella razão, com que outro entrando a vêr uma casa de curiosos adornos, mostrada por um torpe, que o guiava, havendo de cuspir, o jocarrão despejou a garganta nos focinhos do hospede, dizendo-lhe: vós senhor perdoae, que não achei aqui outra cousa peior em que cuspisse; a esta conta não são mal empregadas as desgraças na gente mal encarada.

Font. N. Muito me confunde o que ouço a este meu vizinho! Basta que tambem a natureza é trapasseira, como mercador tramposo, que com pouco cabedal vae contentando a muitos acredores!

Sold. Não ha que fiar d'ella, porque em materia de semblantes tomou a mão aos vinagreiros, cujas amostras sendo de bom licor, são as medidas de agua chilre.

Font. N. Certo jurára eu, que este jurisconsulto (senhora tia) era um Papiniano.

Font. V. Não sei se o conheço, mas olhae, filha, para se alguma hora tiveres filhos, vos quero dar um conselho.

Font. N. Desde logo o dou por obedecido.

Font. V. Os homens principaes por um dos dois caminhos se lançam a buscar fortuna, ou pela rua das armas, ou pela rua das letras; a rua das armas é muito comprida e tem muitas travessas; a das letras, é mais curta, porém muito mais larga e mais direita; pelas armas é verdade que se acha maior fortuna, mas tarde: pelas letras ainda que menor, mais em breve e muito mais certa; os erros das armas são como os da cirurgia, os das letras como os da Medi-

cina; aquelles logo se notam nos accidentes exteriores; os outros com a terra se cobrem e se dessimulam; por onde succede, que se um capitão errou, o castigam de contado e tem o perigo no mesmo erro; mas se errou o letrado não é á letra vista, e sobejamente mofino será aquelle que com dois annos mais de paciencia que o outro, lhe não atalhe adiante, ou saiba ou não saiba; porque seu competente saber é saber fazer isto.

Apollo. A quantos d'esses conheço eu!

Font. V. A esta causa, e como elles no alheio se examinam, basta que um homem falle confiado, tenha as barbas rocegantes, como opa de côrtes, que dos oculos se não dispa jámais: que d'onde o não entenderem falle latim; desenrole Digestos, Textos, glosas e exposições com seus numeros e paragraphos, mas que nunca tal digam; porque ao correr da conversação se não enxerga se vão ou não em seus logares, para que o que tal fizer seja tido por oraculo.

Sold. Por isso disse o nosso rifão: por fóra páo e viola, e por dentro pão bolorento.

Font. N. Grande conceito fiz eu já d'este modo de homens, mas confesso-vos os não conhecia tanto, como depois que a frequencia dos meus trabalhos m'os fez familiares.

Font. V. Pois agora como entendeis d'elles?

Font. N. Entendo que o não entendo.

Apollo. É cousa triste viver com todos e julgar os que vos andem julgar; sendo certo, como antigo, aquelle costume ou ditado, que a justiça todos a querem, em sua casa ninguem, e menos em si mesmo. Confesso os commodos d'esta profissão, mas não ignoro os incommodos, que quando outros não tivesse se não aquelle máo costume de lêr sempre por ruim letra não era penção facil; por outra parte tambem con

sidero ser esta uma vida segura, onde a vida poucas vezes naufraga.

Font. V. Se Apollo bem soubera a observação que tenho feito em prova d'este discurso, que mais se affirmára n'elle.

Font. N. Communicae-no-lo?

Font. V. Vós sabeis, que trazendo nosso novo reinado mil novidades ao mundo, salpicaram os inconvenientes d'ellas, não sem perigo, a toda a sorte de homens da republica. Pelo estado ecclesiastico arcebispos, bispos, religiosos e prelados; pela ordem da nobreza duques, marquezes, condes, ministros, fidalgos e desembargadores: pelo estado commum tratantes, mercadores, officiaes e plebeus; vimos logo, que para todos estes generos de gente se estendeu a vara do castigo, ou do ferro ou do cordel, ou da recluzão, ou do exilio, mas não vimos que sendo a tormenta tão levantada, que as ondas apagaram as estrellas, molhasse alguma d'estas ondas a esphera dos letrados, sendo que mostra a razão não podiam ser todos os suspeitozos innocentes, como o não foram todos os mais criminados de diversas profissões.

Apollo. Largo, mas verdadeiro discurso. Assim foi pontualmente.

Font. N. Bem dissestes dos jurisconsultos, sois bem informada de tudo, e d'ahi vem que tudo podeis informar-me.

Font. V. Não fia Coimbra, Salamanca, nem Pariz como os muitos annos, se os cultiva o juizo.

Font. N. Pela conta tambem conhecereis aquelle clerigo pompozo, que por acolá atravessa tão seguido ou tão perseguido?

Font. V. Não vos digo quanto pudera e tinha para vos contar, por não levar tudo ao cabo, que já n'este mundo uma pessoa de alta discrição, desgabava uma

prezumida de muito discreta, com dizer que Deus a livrasse da pratica de fulano, porque era homem prezado de ter resposta para tudo.

Font. N. Antes é indicio de grande engenho e lanço de estremado cortezão.

Font. V. Eu vos direi: assim é isto como sentis nos termos ordinarios, mas se lançarmos o contra ponto sobre este ponto, não ha-de ser a conversação dos entendidos, como aquelle adagio que dizem da panella e da pedra. Dá a panella na pedra, mal pela panella! Deus vos livre de homens rhetoricos, que sempre querem ser a pedra e fazer de vós a panella; sempre vos querem quebrar o verbo na boca, e que a sua valha; eis aqui o que chamamos discrição impertinente, e se mais apertares indiscrição.

Apollo. Fallou a proposito esta fontainha como se fôra mulher d'arte, ou homem d'enche mão; a todos vo-lo declaro, o que não fôr comedido, não póde ser entendido; talvez se realça mais a sabedoria parecendo ignorancia; se um discreto falla com um principe, com um senhor, e em fim com um maior que elle, ou seu egual, (melhor se mais pequeno) é modestia prudentissima não querer afogar logo as alheias razões com outras melhores, posto que não faltem; porém aqui não chega a mera politica sem a prudencia propria, sendo a razão porque os homens mais facilmente se apartam do que gozam, que do que concebem; com tudo não é deixar de acertar, mostrar, embora que as cousas se não acertam.

Font. N. D'esses seria aquelle grande cortezão dos portuguezes, que disse ao filho vindo do paço: filho, vamo-nos de Portugal, porque el-rei já sabe sei eu mais que elle.

Apollo. Devagar o dizeis, porque não só é ufania, mas perigo, querer sempre ter a melhor opinião.

Sold. Folgo de ouvir o colloquio, e a velha honrada não vae fóra do caminho, pelo que logo direi; eu tinha no meu tempo, quando era espadachim, uma rodella de cortiça muito molle, e um borquel de aço muito duro, e como a cortiça fosse muito branda e se deixasse penetrar das contrarias espadas, me defendia melhor, ficando sempre salvo; o que não fazia o demonio do borquel, que a cada briga me estalava, deixando-me convidado do resto da mão dobre.

Font. N. Estranhissima volta foi esta: dos breviarios e folhinhas de um clerigo viemos ás espadas e borqueis d'esse rufião. Bem disse aquelle que chamou arvores ás conversações, pela copia e variedade de ramos e de esgalhos que lançam a cada palavra.

Font. V. Emendae os desconcertos, fazendo conta que ainda agora me perguntaste por aquelle escolar.

Font. N. Sobre emendar depressa desmanchos vagarozos, havia assás que dizer, mas é ir dar em outros.

Font. V. Aquelle clerigo que passou, por quem perguntastes, é homem de melhor sangue que juizo; e como se o despozorio da mitra foram bodas temporaes, pretende pelo seu sangue a melhor esposa das egrejas do reino; alcatrusou o pobre, (ante tempo) como se na capacidade dos hombros estivesse a capacidade! Barbou no berço, como se ao modo das forças de Samsão consistisse no cabello a virtude; ha por isso quem affirme tem tantos unguentos para caiar as barbas, como algum velho verde para envernisar as caiaduras do tempo. Reza desentoado, para ser ouvido; esquecem-lhe os cilicios e disciplinas por cima dos bufetes na casa das visitas, e se el-rei vae a alguma egreja, esquece-se elle no altar duas horas; finalmente tendo a ambição, vaidade e cobiça de portas a dentro do animo, não ha diligencia occulta que

por illicita engeite, a troco de se vêr collocado entre os antistetes da nossa terra.

Font. N. Olhae cá, ainda podera ser peior; eu creio que o mundo não está de todo depravado, emquanto vejo durar a hypocrisia; esse fingimento de virtude, ainda nos dá algum signal de que ella póde valer alguma cousa. Guarde-nos Deus de homens (e mais d'este estado!) soltos e despejados dos devidos respeitos!

Font. V. Confesso que ha vicios maiores uns que outros; mas tambem affirmo que nem porque um peccado seja mais pequeno que outro maior peccado, deixa de ser digno de castigo esse peccado pequeno: assim como não perde o ser de homem o anão junto do gigante, de feição que não podemos julgar por idoneo em o concurso de outros mais dignos, aquelle sugeito que para o logar é menos mau que outro peior ainda que elle.

Apollo. Quanto é essa regra de sommar eu a aprovò sem noves fóra; porque nem a obrigação do principe nem do conselheiro se satisfaz para Deus e para o mundo, occupando ao menos defeituoso, senão ao mais benemerito, a quem Deus, e a justiça sua filha, o fez acredor d'aquelle premio que outro lhe arrebata.

Sold. Em todas as eleições dos principes devera haver profundo e religioso exame: porém onde convinha que este fosse avantajado, bem se vê que seria na eleição dos bispos; antigamente pertencia ao povo: era santo costume! Passou depois ao clero: incorporou-se na potestade Pontificia andando os tempos, e d'ella se deduziu por privilegio á nomeação de princepes seculares, em premio dos serviços que fizeram á egreja; agora nem a censura nem a desconsolação cahe sobre o modo das eleições ou direitos d'ellas, em que não fallo; cahe sómente sobre a insuficiencia dos elegidos, e sobre a iniquidade dos eleitores.

Font. N. Basta que lhe não basta a um veneravel e doutissimo sacerdote vêr-se cheio de annos, de letras, de merecimentos e procedimentos, para que pelo valor do bem viver, saber e obrar se lhe dê em troco a esperança ou posse das chaves de uma ermida!

Apollo. Não! Não! Não! Ignoram estes que mandando Deus na lei que o ouro fosse reservado para os vazos do seu templo material, nos poz em obrigação de lhe dedicar outro ouro de mais quilates, qual é o das virtudes, para a fabrica, culto e serviço do templo espiritual; os quaes são os prelados da egreja: d'onde grande falta e dôr seria, que abundando a terra e tempo de ouro, estes vazos se dedicassem a Deus de vil chumbo e baixo estanho!

Sold. Mui bizonha vem esta nossa fonte nova! Parece que ainda não sabe que o mundo é uma feira dilatada, aonde só vendem suas mercancias os chatins e charlatões, que a gritos, geitos e vizagens a inculcam; ou já aquelles que tem algum d'estes que lhe convidam artificiosamente o appetite dos compradores; que mais póde ser? Nós não vemos que os mesmos santos do altar se não encontram com bom demandador, que com elles e para elles peça com tom alegre e com clausulas elegantes; bem se podem elles deixar estar em seus altares, que nem a lampada nem bassoura conhecerá sua capella: se fordes santo e vos faltar o pregoeiro, poucos hão-de saber quando é o vosso dia, que porventura a esse fim nunca o rollo de S. Lourenço de Carnide atravessa sem trombetas as ruas de Lisboa.

Apollo. Sem embargo, quanto a fama costuma ser util ao nome dos famosos, não poucas vezes lhes é nociva, por ser sem duvida que a inveja segue ao digno pelo applauso, como o caçador ao falcão pelo guizo. A muitos emulados lhes importou a vida o es-

quecimento: a fortuna é touro bravo, que em quanto vê bolir o toureiro, não se aparta do furor até que o acaba, tornando-lhe a sorte desaventura.

Font. V. Sahiste, sobrinha, tão curiosa, que sei me haveis de perguntar pelo auctor d'aquelle tão solemne acompanhamento que vae subindo para as sallas do paço!

Font. N. Pois sabeis que vol-o-hei de perguntar, dizei-m'o antes; que já ouvi era esse modo de pedir esmola de um philosopho isento; dá-me antes que te peça, porque me darás o valor do que me deres, e o da vergonha que me escusares, não te pedindo.

Font. V. Quero-vos por isso escusar esse trabalho, de boa vontade!

Font. N. Não se póde ter por trabalho a doutrina!

Sold. Parece que não ouvistes, que a letra com sangue entra?

Font. V. Tambem a doutrina, disseram muitos, que era trabalhoso exercicio, não considerando que vem a sahir summamente barata a regeneração que o mestre faz ao discipulo, comparada com sua grão divindade.

Sold. D'esse modo ou dependencia, procede que muitos se vão á cova ignorantes.

Apollo. E' summa ignorancia!

Font. V. Dizem ser manha ou desgraça de principes e ministros, que por se não submetterem ao jugo do alheio documento, acham mais barato errar como nescios, ou ignorar como brutos; vós não sois d'estes: perguntaes e folgaes de ouvir, sendo já muito sabida.

Font. N. Certo, que assim me alegro quando alcanço alguma cousa que não sabia, que me parece torno a nascer n'aquella hora.

Apollo. A muitos lhes parece que obrigal-os a sa-

ber o que não sabem, é tornal-os ao dia em que nasceram. A primeira jornada da sapiencia humana é desejal-a, por onde com grande comedimento os philosophos gregos, só amantes da sapiencia se chamaram; que isso quer dizer *Filos*, amadores, e *Sofos*, que é sciencia em seu illustre *Actico*.

Font. V. Ora não se nos vá o baptisado ensonço.

Sold. Não irá, que sem sal não ha baptisado. Bem podeis já ir salgando e dizendo, e fareis melhor arrazoado, por ser já opinião dos oradores latinos, que toda a eloquencia engraçada era mais aprazivel e suasoria, a que elles chamaram grão de sal, a differença da venustidade, que sómente representava a eloquencia formosa, mas infructifera.

Font. V. Quem poderá ajuntar tanto?

Font. N. Dizei, tia, que em outrem vi eu já menos de tudo isso, mas quem é finalmente?

Font. V. E' o Milite glorioso, de que cuido que lá falla Seneca tragico, se não foi Plauto ou Terencio.

Appollo. Ah! pobres poetas! Por onde andaes! Por onde andam aquelles segredos, tanto em segredo communicados do meu espirito a essas famosas fontes, Cabalina, Elicona, e Hypocrene, que a estes querem relaxar, e discutir duas fontesinhas remelosas, nascidas de hontem, d'onde por ventura pelas quebras e delictos de suas aguas, parece que as pozeram n'estas praças á vergonha, antes por escarmento, que applauso! Em Seneca, em Plauto, ou Terencio vos atreveis a pôr a boca peccadora? Juro a mim, que se podera, como já pude, houvera de hoje por diante desterrar as minhas muzas de todos os rios e fontes, e fazel-as de sequeiro, que quiçá, como fructa ou hortaliça ficariam de melhor gosto: mas dou que o não ficassem, já se ganhava o não ouvir fontes tão bacharelas.

Font. N. Vejo a tudo isto que o Milite, ou como é a sua graça, nos vae escapando.

Font. V. Nos melhores soldados tambem se admitem as retiradas por victorias.

Apollo. Se são feitas com juizo, aconselhadas da pericia, executadas pelo valor.

Sold. Assim será, mas eu vejo que sendo ellas tantas no mundo, só uma se chamou bella retirada.

Font. V. Tambem ha medos com ventura, valores mofinos; senão lêde o successo da batalha de Toro entre o nosso rei D. Affonso V, e o V D. Fernando de Castella, o qual havendo-se ido muito embora, que em bom portuguez se chama fugir, foi senhor da mesma victoria de que a unhas de cavallo se apartava; de que sorte foi este medo, se não felicissimo?

Apollo. Oh! se tu bem souberas como a guerra é meza da fortuna, d'onde ella joga e se recreia, não te espantaras de vêr esse jogo!

Font. N. Já sei.

Font. V. Por isso o dou por provado, e digo que na opinião dos homens é d'onde mais expressa se vê a dita ou desgraça das armas. Succede que esta opinião a muitos estima e desestima, sem dar razão de seu dito, que faz o testemunho suspeitoso.

Font. N. Parece que ides talvez desviada do caminho.

Font. V. Eu fecharei logo a aboboda de meu arrazoado.

Sold. Desarrazoado lhe chamo eu, que em cousa tão longa não póde haver razão, como se diz, que á mingua de alma são desleixados os corpos muito grandes.

Font. V. Aquelle soldado que alli passou, é um extravagante sugeito!

Font. N. Quanto é por ahi, não será unico, posto que seja excellente; porque o tempo vae farto de espiritos extravagantes.

Font. V. Aqui nos apparece e desapparece cada hora: não haja Grã em Inglaterra, nem Berri em França, que nos não assoalhe em bragas ou pavelhões, que não são menos as calças e ferragoilos d'este tempo: anda jurando em altas vozes pelas ruas, como o moço que vende caça e canequim: não ha becco em que não queira acampar um exercito, adro onde não pretenda dar uma batalha; qualquer outeiro deseja para castello; qualquer pomar para bosque onde recolha a infanteria; sem algum proposito vomita fortificações e andam por alto vozes peregrinas, não cessando os combois, bréchas, aproxes, viveres, avançadas e castrametações; pois se o escutam, Deus seja comnosco! O que lhe acodem de cornas, ornaveques, crubeques, gollas, francos, lizeres, barbacans e falsas bragas! Que de esquadrões, serras grandes, fundos grandes, frontes, quadrados de gente e de terreno, dobrétes, cruzes, cubos e prolongados! Outras vezes se dá pelos officios militares, ahi vos digo eu que o diabo o espere com arrecures, maridaes da estalla, caporal, corneta, dragão, furriés, quarteis-mestres, grão prevoste! Emfim com milhares de vozes estrangeiras, que nossos peccados (álem dos costumes estrangeiros, nos trouxeram á terra, para sua maior corrupção que defença. Finalmente contando umas mesmas historias a todo o proposito; já tem desbaratado os ministros, mortos os cortezãos, afugentadas as damas; as portas dos conselhos em o vendo se não sabem dar a conselho, e no cabo, por mais que as palavras tremulem e rechinem os votos a Christo, não se acaba o povo de persuadir que elle seja Heytor Troyano.

Apollo. Por isso dizem que palavras e plumas o vento as leva.

Sold. A elle folgaramos nós que o levara o vento, e a outros taes, que não servem se não para descredito das armas, quando não por fracos, por farfantes.

Apollo. Não condemno a galhardia dos soldados, nem os quizera encolhidos; mas os homens de arte sabem misturar o despejo com a compostura, dando o seu a seu dono.

Sold. A isso chamamos bizarria.

Apollo. Por signal, que é palavra que sempre me enfadou muito.

Font. N. Pórém de homens atroados e falladores não fiarei a bandeira dos alfaiates na procissão da saude.

Sold. Esta fonte se engana na ametade do justo preço. Senhora, ouvi-me, que estou pratico n'esta arte: o valor se não é como o amor, é como o vinho, ou como ambos; a uns lhe dá em rir a outros em chorar: a uns em melancolia, a outros em enfadamentos; a uns em dizerem que um gato lhes faz medo, a outros que o não tem de um leão. Alguns cifram a valentia no desprezo de si; alguns nos dos outros: mas de todos estes geitos vimos homens valorosos!

Font. V. Lembra-me agora por isso o que vi succeder ha poucos tempos alli junto a minha casa.

Font. N. Que foi?

Font. V. Passava um coche de quatro cavallos, de formosos cabos e crinas; muito enfeite de fitas, vistosas guarnições, grandes fivellas douradas; vinha atraz outro coche de quatro mullas magras e despresiveis. Eram tantos os açoutes e estallos do cocheiro d'aquella primeira carroça, que todo o nosso

Rocio se confundia; o segundo caminhava como em segredo. Estranhando eu então, e desentendendo aquelle mysterio, chamei ao moço do coche, e perguntando-lhe a rasão d'aquella differença, respondeu-me: amiga, aquelles cavallos, supposto que tão folheiros, são muito fracos, e para que tirem e arrastem o pezo que levam é necessaria toda esta barafunda, e muitas vezes lhes não basta: as mullas, ainda que mal tratadas, são valentes, e sem algum ruido levaram outra tanta carga; pelo que me persuado, que d'esta gente estrondosa não ha que fiar em sua valentia.

Apollo. Se aqui vieramos para juizes das alheias vidas, puderamos dar um corte n'estes vicios extremosos; o homem bem é que se estime, para que dos mais seja estimado; mas da estimação propria, ao proprio desconhecimento (supposto que é o caminho direito) ha largas jornadas.

Font. N. Vêdes isso, nunca tive aos valorosos por muito arrazoados. Aquella flama que lhe accende fogo no coração, parece que lhes communica primeiro fumo ao juizo; d'onde, se notardes, será raro o valente que vejaes comedido: não digo eu que não fôra melhor que o fôra; mas digo que succede poucas vezes que o seja.

Apollo. Além vae a disputa, ainda que incompetente! Esta diz bem: porque a vehemencia d'aquelle furor que excita o mortal ao desprezo da morte, em que consiste a ouzadia, não é idoneo á ponderação do que é justo ou injusto; antes aquelle será maior valor, que mais perigos desprezasse e accommettesse: d'onde se segue que nos actos de exercicio do valor, a discrição não obra, mas padece.

Font. N. Valha-nos já a egreja contra tantas armas, como aqui temos esgrimido! Dê-nos treguas este ca-

pitão para que tenhaes tempo de me dizer quem é aquelle religioso que sobe tão sem tento pelas escadas d'el-rei? Grandes negocios deve de tratar, pois deixa a sua cella e seu descanço, e o troca manhãs e tardes a uma penosa lida em que sempre o vejo.

Font. V. Com vossa mesma informação vos dae, menina, por satisfeita.

Font. N. Pois como! Se eu d'elle não sei outra cousa?

Font. V. Que mais quereis saber d'elle, ou que vos posso eu dizer de um varão que depois de amortalhado em seu habito, depois de como morto lhe rezarem um responso em sua profissão, por santissima ceremonia de verdadeiro desengano, por tal modo resuscita dos mortos aos vivos, que os vivos se quizeram vêr mortos, antes que vêl-o a elle resuscitado; e pelo não vêr não quizeram resuscitar os mortos. Assim se penetrou das paixões profanas, assim se corrompeu do tosico do segredo, que ha muitos dias que anda ao segredo, como lá dizem.

Font. N. Vêdes isso? Será em prol da sua ordem em materias importantes, porque todas as religiões são herdades d'aquelle riquissimo Pae de familias, Deus poderoso; d'onde cada um de seus servos está obrigado a trabalhar no lavor, para que n'ellas foi destinado.

Font. V. Rasão fôra, se estes taes que assim reprehendemos trabalharam na vinha, mas elles trabalham no charaviscal: e da sorte que serão condemnavel o ganhão ou mancebo do lavrador, que deixando de lavrar nas terras de seu amo, fosse a dar geiras nos casaes alheios, e mais, e se em os do maior seu inimigo; do mesmo modo julgo eu o frade desencaminhado, que deixando os santos exercicios para que se abstrahiu ao seculo, no côro, altar, pulpito e con-

fessionario, que são as proprias folhas da sua lavoura, se emprega todo na negociação de interesses do mundo, entregando-se a um mundo de interesses; agora dos parentes, agora dos amigos, e talvez aconselhados da cubiça ou ambição.

Font. N. Pois que farão os pobres se lhes fazem sem razões, e se no proprio porto foram achar a tempestade, no palanque o corro?

Font. V. Soffre-las, e persuadir-se que é mais conveniente a um religioso a chaga que lhe abre a violencia do prelado, que a mezinha que lhes applica a malicia, ou seja lastima do mundano.

Apollo. Aos mais d'estes affligidos falta o remedio, porque o não buscam no céo, se não na terra. E' engano grande persuadir-se e fiar-se o doente que nos thesouros da natureza se encerram preciosos antidotos contra todas as enfermidades do corpo, e não acabarem de vêr os necessitados que são mais opulentos os erarios do Autor da natureza para escapar d'elles e d'ella, que em o maior aperto lhe sobejarão as medicinas!

Sold Pela diciplina militar se infere a religiosa: grande sacrificio é o que os homens fazem de sua vontade!

Apollo. Grande; porém maior o premio, se cuidarmos bem o que se vem a alcançar pelo que se expõem a padecer: que mechanica ha tão saneada no mundo como o soffrimento?

Font. V. Este é o primeiro Apollo beato, que vi em todos os dias de minha vida.

Font. N. Todos somos obras de Deus, todos devemos concorrer a seus louvores.

Apollo. Ora se deixarmos a estrada mystica e só pela politica caminharmos, sem duvida que esta nos levará ao mesmo porto, se não digam-me os religio-

sos mal soffridos: por ventura o cidadão, ou fidalgo, ou senhor, ou principe tem sempre propicio a seu gosto, ou seu interesse, ao rei ou ministro de sua republica? Não por certo: ou por ventura, porque o não tenha propicio, procura desenthronisal-o, ou levar-lhe das mãos o bastão, vara, ou insignia? não por certo: pois porque se não acommodará o frade a viver tres annos mortificado, ou com menos contentamento, a troco de tolerar o que um mundano républico está soffrendo toda a vida, sendo tão diversos os empenhos e as promessas de um e de outro?

Font. N. Rigoroso está Apollo n'este caso!

Font. V. Nada mais que a razão pede; e tambem vos digo que não posso levar, que se algum d'estes sugeitos, que considero divertidos (se ha algum que o esteja) fizesse alguma escriptura de contracto a seu vizinho, lh'a havia de guardar pontualmeute, porque se intentasse quebrantal-a lh'a fazia cumprir a justiça da terra, e que estes mesmos havendo celebrado um contracto solemne com o Altissimo, com que a troco do paraiso, que lhes não ha-de faltar, lhe prometteram o rendimento de suas vontades, elles por isso mesmo o façam tanto pelo contrario, que por uma vontade que sacrificaram querem depois satisfazer cem mil vontades: é para mim cousa insoffrida, sem que haja n'este mundo um só procurador da justiça de Deus; isso é o que me faz perder a paciencia; e que quando queira ser o prelado zeloso este executor seja por essa causa malquisto, abominado, e desobedecido? Ainda est'outro é para mim lanço de muito maior impaciencia.

Font. N. Jesus! Melhor tal religioso vos não mostrara! Os mais são bons: n'isto me affirmam, porque a maldade de Judas antes foi matriz, que fez cam-

biantes á virtude dos Apostolos, que não sombra da sua claridade.

Font. V. Deixae-me esbravejar, que sou christã e vivo entre a inquisição e S. Domingos, (signal de christã velha) porque me escandalizo do que vejo e oiço com enfados dos máos e escandalo dos bons; que seja possivel, que não dê el-rei audiencia onde grande parte dos negociantes não sejam frades pruluxos, e alguns menos observantes!

Sold. Já ouvi dizer que fallando a el-rei D. Felippe o segundo, um frade d'esses modestos e empeçados, notava o companheiro, moço e esperto, que el-rei se molestava de ouvi-lo; duvidou D. Felippe ultimamente; ao que acudindo o frade moço, disse a el-rei: vossa magestade não duvide ao que diz o padre meu companheiro, senão tornará elle a referir a vossa magestade tudo quanto tem dito outra vez. Cahiu-lhe aquelle sabio principe tanto em graça o despejo d'aquella advertencia, que outhorgou tudo o que se lhe pedia.

Font. V. Ainda dissera mais.

Sold. Mal vae ao mundo quando o diabo é prégador, e agora o deve ser sem falta, que esta não falla por bocca de ganso se não pelo gasnate do demonio, segundo as cousas que diz.

Font. V. Já quero mudar o vinte, e dar por trocadas as bollas, se mandaes.

Font. N. Peço-vo-lo de mercê; porque esta pratica, ainda que justificada, não sei se será bem acceita.

Font. V. Já aqui não está quem fallou, mas ainda está quem sentiu, para tornar a sentir os desmanchos de tudo quanto souber.

Apollo. Aquillo de não morrer pelo povo, é adagio e conselho que não necessita de recommendação, supposto de que n'estes tempos mais padecem os ho-

mens na contradicção de seus juizos, que não de suas obras.

Font. N. Olhae ora se conheceis esse cidadão grave, que tal parece por certo sua authoridade e veneranda presença?

Font. V. D'onde vem?

Font. N. Ei-lo alli vem fallando com aquelle ministro, que eu já conheço.

Sold. Pelo muito depressa que o conheces bem te mostras bizonha: não são (má hora) estes os homens que se conhecem, nem são conhecidos tão brevemente.

Font. V. Tá, tá, tá, bem caio em quem dizeis! Esse é um procurador de côrtes de uma das melhores cidades d'este reino.

Font. N. E será elle tão bom procurador como a cidade?

Font. V. Mudemos se vos praz o propozito, porque a mesma artilharia de bronze, com ser feita do mais paciente dos metaes, tambem se esquenta com perigo, e ás vezes estalla com damno, se a apertam com tiros demaziados.

Font. N. Máo remedio puzestes contra o meu appetite: agora sou eu a que estallo por saber que homem é este.

Sold. Não fôras tu femea, se não fôras goloza do vedado!

Font. V. Ora não arrebenteis, que tendes canos novos e dourados! Será lastima que tão cedo se mallogrem!

Apollo. Bem fizeste, por escuzar n'este tempo entre as mais a monstruosidade de vêr uma fonte com sede.

Sold. Outras maiores ha no mundo: salvo se ella fôr agua de prata, que quiçá por isso os castelhanos ao prato grande de prata chamaram fonte.

Font. V. Em Evora ha uma minha irmã, que dizem fonte de prata, que tem o melhor appellido de agua do mundo.

Sold. D'esta casta deve ser o poço de ouro, tantas vezes nomeado e poucas visto.

Font. V. Foi boa a advertencia de notar o ouro antes pelo poço, que pela fonte; significando o grande trabalho que custa, pois sem duvida é penosa a agua que se tira do poço.

Fônt. N. D'essas taes fontes, rios e poços não duvido eu a secura, que para nós não só é cumprimento, se não doença.

Font. V. D'essas não duvido eu vivam os homens sequiozos, porque de tal sorte as bebem e chupam, que a nenhuma d'ellas lhe sobeja humidade de que se alimentem.

Font. N. Parece que havendo-se por esta causa esgotado em Europa as fontes da agua da prata, foram a buscar os ambiciosos em a America o rio d'ella.

Font. V. Pois acrescentae que nunca tanta sede padeceram como depois de achado este rio aleivozo, que mais corre de sangue, que de prata, pelo immenso trabalho que lhe custa.

Font. N. Emquanto ides prégando, vejo que o vosso homem se vae indo.

Font. V. Que importa se cá nos fica na memoria sua imagem!

Font. N. Com tudo isso, eu folgo de conferir os livros com seus originaes, a vêr se estão bem e fielmente impressos; sem ser Murico de la Llana, que tem enfadado o mundo com suas conferencias.

Font. V. Já entendo, que quereis que desabafe; pois agora vereis certo aquelle nosso costume, que já deu grave materia aos emblematicos; porque nunca

houve mão que nos entupice a corrente, que lhe não acrescentasse novas forças, querendo diminui-las; ou porque a difficuldade faz aos seus successos, o que a neve ao trigo, detem-lhe a vara que não saia, mas engrossa-lhe a raiz, com que depois vareja mais possante.

Font. N. Este procurador que se foi, este homem é de por ahi além; e engastou-se depois não sei como na cidade de tal parte, d'onde com suas boas manhas se amanhou de sorte, que elle é o perpetuo procurador d'aquella triste republica: elle a vende, elle a compra, elle a parte, elle a reparte como lhe parece em feição, que a duas côrtes mais que cá venha, despejará a côrte de mercês e povoará de selvagens o seu povo.

Sold. Assim succedeu ao juiz dos orphãos da minha terra, que vindo segunda vez a Lisboa provido no officio, que por corsario lhe haviam tirado a primeira vez, o foi visitar o nosso cura, e dando-lhe o bargante conta da mercê que trouxera, o clerigo muito sengo lhe respondia: agora sim, digo eu que elles serão orphãos verdadeiros, ficando nas mãos de v. m.

Font. V. Nenhum d'esses serve a el-rei nem á republica como ha de ser; antes a el-rei desserve e damna ao reino; sempre com os olhos como avestruz ou ema de choco nas sevandijas de que pretende alimentar-se, e crescer em honra e proveito.

Apollo. O mais perigoso costume d'estes républicos é que, respeitando sua melhora, inculcam ao povo o rei por tyranno e ambiciosissimo, e a el-rei calumniam o povo por duro e avarento, com pretexto que promettendo muito a el-rei, o povo os desculpe e el-rei lh'o agradeça, e se pouco, os desculpe el-rei e agradeça o povo. De verdade a estes officios se haviam de condemnar os varões innocentes, reputando-

se antes por castigo que despacho, como agora se uza, segundo para conseguir-se se soborna e pretende.

Font. N. Honrado cidadão me pintaes por certo! Não deve esse descender do villão do Danubio, tão celebre na historia romana pela liberdade com que fallou ao senado na oppressão da sua patria.

Font. V. Menos será parente de um D. Pedro Soliz (que por curiosidade lhe assentei o nome) o qual sendo procurador de côrtes nos reinos de Castella, não ha muitos annos, pela antiga cidade de Segovia, jámais por preço de algum despacho quiz consentir em certo serviço demaziado, que por parte de seu rei era pedido, havendo-se empregado outro similhante, que offereceram as côrtes passadas, na impertinente fabrica do Bom Retiro, suppondo que de melhor pretexto disfarçado; e como Segovia seja cidade principal, a quem segue grande parte de Castella, se detiveram as côrtes longos dias a vêr se com promessas, ameaças ou industrias, o Soliz se rendia. A nada se rendeu, detendo-se a seu respeito todo o curso dos negocios, com desabrimento d'el-rei e valido, que nem pessoalmente rogando-lhe o seu voto deixou tambem o Soliz de lh'o negar pessoalmente. Succedeu n'este tempo adoecer com grande risco de vida, e confessando-se, para acaba-la lhe persuadiu o confessor (que devia ir bem persuadido) consentisse na vontade d'el-rei; porém elle se escusou, cada vez mais constante, com que não era justo o que se lhe pedia. Chegou o parocho a communga-lo por Viatico, e antes da communhão o admoestou ao mesmo, mas então com novas forças orou perante todos de tal feição, que se julgava por maior espirito que d'um homem, o que estava fallando n'elle. Comtudo, como bom catholico, antes de commungar renunciou publicamente o officio, porque não désse causa a padecer

a republica maior damno d'aquelle que lhe queria obviar. Sarou finalmente, e voltou honradissimo á sua cidade, d'onde é razão que seu nome não fique recolhido no esquecimento.

Font. N. Grão caso me contaes! Mas nunca o ouvi a outra pessoa.

Font. V. Um dia havia de ser o primeiro que o ouvisseis, e foi hoje; pois podeis crêr-me que não é menos verdadeiro que grande.

Font. N. Mas depois que succedeu?

Font. V. Que havia de succeder? Succedeu que logo o que lhe succedeu no posto concedeu em quanto lhe pediam e um pouco mais, e se conformou com a sem razão; outhourgou com a injuria, e os milhões se assentaram tão preguiçosos, que nunca mais se ergueram d'aquelle assento.

Sold. Por essa causa ouvi eu já contar que os reis não queriam côrtes muitas vezes em seus reinos.

Apollo. Tem muita razão, porque as côrtes nas republicas são como as purgas nos corpos, revolvem humores velhos e ás vezes ficam mais achacozos do que estão antes de tal mezinha.

Font. N. E' assim em as mais partes do mundo?

Font. V. Muito mais arriscadas são as côrtes fóra de Portugal que n'este nosso reino. Os catalães contam que fazendo-lhes côrtes el-rei D. João o II de Aragão, se despertou tanto de algumas propostas dos vassallos, que levantando-se colerico, lançára a cadeira em que estava pelo theatro descomposta; nenhum a levantou, e d'aquelle modo esteve larguissimos annos, entre os quaes todas as vezes que el-rei pedia algum serviço, lhe respondiam que viesse alçar a sua cadeira e seriam ouvidos e elle servido.

Sold. Tudo o que pertence aos fóros de Aragão, é cousa terrivel; e bastava aquelle fôro do sentimento

para que nenhum rei quizesse fazer côrtes nem juntas publicas a tal genero de vassallos.

Font. N. Que lei é essa?

Sold. Chamam-lhe do sentido.

Font. V. Já ouvi d'ella.

Sold. De maneira que havendo el-rei proposto aos reinos a razão do seu chamamento, vem acudindo os sentidos, que quasi são os nossos aggravos de Portugal; porém com tal porfia e impertinente observancia, que seria bastante para fazer parar toda a negociação das côrtes acudir um aprendiz ou obreiro de um official mechanico, dizendo que seu mestre lhe não pagava a soldada d'um dia.

Apollo. Verdadeiramente os reis, juizes são, que não debalde os governadores do povo de Deus tiveram successivamente titulos de capitães, juizes e reis, que tanto valem como synonimos uns dos outros. Porém porque a administração é diffusa e intrincada, foi conveniente que os principes cedessem em outros hombros aquelle grande trabalho, supposto que nunca se abdicassem de seu exercicio; por onde vemos cada hora que os reis fazem officio de juizes: advirtam por isso os que os administrarem, o modo e temperança com que os exercem. Porque talvez aconselhados da ira e do poder, com pretexto de zêlo inclinam facilmente á crueldade, feia nota dos animos reaes, que devem ser tanto mais piedosos, quanto são mais poderosos. Sendo certo que a ira e maledicencia de mil cidadãos não trazem á republica os inconvenientes que causa a rigoridade de um só principe; d'onde chegaram muitos a ser chamados péstes coroadas, como o foi D. Pedro o Cruel de Castella, que elle por si sómente fez mais delictos em sua vida, que todos seus reinos juntos em as vidas de muitos reis: d'estes

foi aquelle barro amassado com sangue, como disseram de Nero.

Font. N. Quem cuidaria era tão grave como vae parecendo, esta materia das côrtes e seus ministros!

Font. V. Sobre as alcavallas que o imperador Carlos V quiz prorogar, quando fez côrtes na Corunha, indo de passagem a Allemanha, se houveram de perder aquelles seus reinos nossos visinhos.

Font. N. Como?

Font. V. Impugnava a imposição o condestavel de Castella, de quem o imperador escandalisado lhe disse uma hora, que se mais replicava ao que tinha determinado, o lançaria por uma janella fóra, junto á qual estavam fallando. Ouviu então aquella gentil e valorosa resposta do condestavel: mirallo ha mejor vuestra magestad, que a un que foy chiquito, havrè de dar tan grande golpe, que lo oyga todo el mundo.

Font. N. Conforme o que me contaes, não acho graça nas côrtes.

Font. V. N'ellas achou a ultima desgraça o pobre rei Carlos Estuardo, primeiro de Inglaterra, cujo damno e tragedia por umas côrtes começou, e acabou como ouvirieis.

Font. N. Como em côrtes, se foi em parlamento geral?

Font. V. Isso montam as dietas de Germania, e assembléas de França.

Font. N. Que remedio pois haverá para evitar, ou pelo menos moderar a ambição e cubiça d'esses procuradores, concertando o serviço d'el-rei á necessidade do povo?

Apollo. Essa receita se a ha no mundo, eu sou o que devo da-la; para o que deveis de saber que n'estes casos entre o rei e o reino ha aquella proporção que entre o medico e o enfermo; o reino é o enfermo, e

convém que se deixe curar quando el-rei é medico: que se abstenha do que lhe faz mal e receba o que lhe póde dar saude, ainda que por meios de amargosas bebidas; do mesmo modo o rei, sendo o medico não deve violentar o enfermo com remedios ás suas forças desproporcionados, porque se ao homem fraco o sangrarem, e ao robusto o não sangrarem, ambos fallecerão por erro de cura.

Font. N. Está bem quanto ao entre o rei e o reino, mas quanto a uma republica e seu procurador e curador, como se acommodaria?

Apollo. Vendo primeiro a republica quem escolhe para procurar por ella, e curar d'ella, escusando-se de vandos e sobornos que em tal caso acontecem.

Font. V. Como se escusarão, ou poderão escusar? Muito me espanto de que Apollo tal diga!

Apollo. Devem ser nomeados os melhores, mais ricos e independentes homens, e sobre tudo os de melhor consciencia; sendo lei indespensavel, confirmada pela auctoridade real, que nenhum procurador de côrtes possa receber mercê alguma d'el-rei, se não dez annos depois de sua procuração.

Sold. Muito é dez annos: mais cedo costumam esquecer na côrte serviços, merecimentos e promessas.

Apollo. Então sendo já purgada aquella suspeita, ficaria a mercê justificada e o interesse enfraquecido, de modo que este officio fosse tão pouco agradavel, como a vara de quadrilheiro.

Font. N. Com a bondade e riqueza dos taes ministros me conformo, por ser cousa em que não póde haver perda.

Font. V. E' tanto assim, que aquella bem governada republica de Genova, não elege para seu principe (durando-lhe só dois annos,) se não aos mais honrados e opulentos patricios; porque leva o principa-

do um excellente gravamem para a republica, que todos os gastos e dispendios que o principe faz (durante seu governo) são de sua propria fazenda, d'onde se conseguem dois bens notaveis. O primeiro, não se fazer o logar tão appetecivel, e por consequencia mais sereno e justificado em suas eleições pelo encargo que o cerca: o segundo não se desordenar commum patrimonio.

Font. N. Oh! quem tal costume nos pegara! e como tomamos aos estrangeiros os chapeos, valonas e sapatos, lhe tomaramos esses bons uzos!

Sold. Por isso eu ouvi louvar tanto em Napoles o instituto dos padres da Agonia, que assistindo com os enfermos de morte até espirarem, e ajudando-os a tudo o competente áquelle estado, só o testamento lhe não pódem fazer, por evitar a occasião, que a alguns outros trouxe inconvenientes, de que se cuidasse de que pelo interesse das heranças eram companheiros das tribulações!

Font. N. Nunca tal religião vi!

Sold. Não é muito, senão sahistes das abas de Portugal: é santa e approvada pelos Summos Pontifices: vestem como clerigos reformados seus religiosos, e trazem cruz vermelha sobre o peito direito, ao contrario dos mais cruzados; teve por seu instituidor o beato Camilo de Lelis.

Font. V. Grande cousa é vêr mundos, cujos successos fazem melhor bibliotheca que os dois famosos reis do Egypto.

Apollo. O mais alto e util elemento para o homem é a sabedoria, e mais facil aquella que se adquire pela conversação; quem cuidaria agora, que entre duas pedras duras, rudes, por melhor lavradas que elles sejam, se achasse discurso tão proveitoso? Aqui vereis confirmada essa antiga regra, de que mais sabe o

sandeu em suas cousas proprias, que o sesudo nas alheias; e com tudo não ha parvoice mais arreigada nos sabios, nem mais agradavel aos innocentes e ignorantes, que governar cada um o que lhe não pertence, deixando o que mais lhe toca ao desamparo ou censura de outrem, que é causa por d'onde todos andam no mundo mal governados.

Font. V. Filha, quereis saber mais d'aquelle procurador?

Font. N. Não, senhora, que d'elle e suas obrigações fico bem informada, e obrigadissimo vos digo; porque não só vos devo os documentos de cortezã, mas de prudente.

Font. V. Os nomenativos da sciencia são os desejos de alcança-la; poucos desejaram saber, que não soubessem.

Font. N. Mas que me dizeis agora, senhora tia, áquelle coche que alli anda tão perguiçoso, que parece se levantou ainda agora de dormir a sesta, ou que ainda dorme, como piam em terra de pó; se nos havemos de lembrar das mocidades, grande pejo é vir á praça em calças e jubão, que pouco menos vae essa carroça desatacada com tanta ataca pendente, e soltas ao ar as ruivas melenas das cortinas de demasco carmezim, de que faz seu dilicioso adorno: não me direis cujo é aquelle escandaloso tabernaculo, e quaes são as figuras que n'elle representam sua figura?

Font. V. Já ouvi dizer que Catão fizera queixume ao senado, porque aos mancebos romanos se lhes iam (má hora) pegando os costumes dos athenienses, que os de Roma ou por estranhos, ou por molles, julgavam indecentes.

Font. N. Armae-vos, como vos quer parecer mal este costume.

Font. V. Se vós me não foreis ao dado tão de-

pressa, não sei se lançaria azar ou encontro: agora é força sobre obrigação, reparar melhor no que direi.

Font. N. Lançae a sorte que quizeres, que sempre haveis de ganhar o resto do applauso.

Font. V. Fallando christãmente, não folgo de vêr mancebos em coches.

Apollo. Como que dizes bem! Que se coches não foram e moços lhes não fossem affeiçoados, ainda hoje fôra vivo meu filho Faetonte, mancebo tão mal logrado! Deus lhe perdõe!

Font. N. D'onde nos veiu este costume? Por que creio que me disseram que a Sagrada Escriptura fazia já d'elle menção em Salomão e Pharaó.

Font. V. De Castella nos veiu e estou mal com os nossos antigos, porque assim como deixaram dito que de Castella nem vento, nem casamento, tambem poderam dizer nem costumes, nem ciumes; como modernamente lhe cerzia um cortezão por caimba a este adagio: só vos direi, a invenção é antiga, ou fosse do vicio, do commodo, ou da necessidade, que tambem são tres fidalgos muito antigos no mundo.

Font. N. Bem puzestes o vicio em primeiro lugar d'essa consulta, porque dizem que os occasiona.

Font. V. Não vou tanto ao cabo com as malicias, antes quero que saibaes é este uzo dos coches em Portugal mais moderado, que em outra alguma provincia de Europa. Tempo foi com tudo em que os nossos velhos choravam a relaxação d'este costume, vendo trocar n'elle o seu bom uzo da cavallaria; quando nenhum cavalgava se não de sizo, com lança e adarga, esporas e borzeguins! Choravam vendo os netos em andar, que julgavam afeminado. Veiu depois o mesmo tempo, que é homem de conta, a descobrir que os coches não haviam entorpecido os animos, ainda que descançavam os corpos e decoravam as

pessoas illustres; porque ainda bem esses moços não foram necessarios no mundo, quando já dos coches sahiram para leões! Como tambem os leões sahem dos ninhos.

Font. N. Folgo de vos ouvir.

Font. V. Pois tudo é purissima verdade; se não dizei-lhe aos criticos e mal contentes, que se dispam e venham luctar commigo n'este posto, a vêr quem fica debaixo, por mais alça pés de calumnias que armem ao nosso discurso.

Font. N. Eu lhe não ponho duvida alguma. Prosegui.

Font. V. Desde a perda d'el-rei D. Sebastião até a da cidade da Bahia, cabeça do Brazil, não fizeram os fidalgos portuguezes se não passear nos coches; porque em todo este tempo não teve Portugal occasião grande d'onde lhe fosse necessario tornar por sua honra e credito de sua nação: trouxe a desgraça o descuido.

Font. N. E quem te disse a ti que nas materias publicas havia desgraça maior que o descuido dos que as tem a seu cargo?

Font. V. Trouxe, como digo, n'aquella occasião a sorte da perda da nossa cidade, e ainda bem a nova não foi certa, quando já a maior e melhor nobreza se lançava como a nado em cata da vingança de seu inimigo. Pergunta agora, se tantos mares, tantos climas em meio, tantos perigos interpostos foram parte para que os fidalgos e nobres portuguezes deixassem de os atropellar, ou se lhe fizeram algum embargo esses deliciosos exercicios para que não executassem a sentença que contra seu regallo haviam dado o brio e esforço dos nossos mancebos? Foram, viram e venceram: não fez mais Cezar, nem tão longe chegou depois a liberdade promettida á patria! Uns, que a

inventaram outros que a proseguiram, todos lhe tem contribuido gloriosameote. Perguntae se anda por ahi algum n'esses coches, que não haja offerecido a vida e perdido o regallo por sua defensa? Se o perguntareis, ouvireis que nos coches se aconselharam e nos coches vieram a executar uma das mais celebres e felices acções que o mundo tem ouvido e visto!

Font. N. Pois se assim é, andem, passem e folguem, que certos os temos ahi, e descansados para quando d'elles tiver Portugal necessidade.

Sold. Eu posso muito bem jurar isso.

Font. V. Sim fareis, e sem escrupulo, que nos soldados o juramento é habito, e por signal que não é esse o que os faz mais gentis homens; mais depressa os fará homens gentis, ou como gentios; pois como se não foram christãos, uzam do nome de Christo e Deus, da Virgem Santa e de seus santos.

Font. N. E' mau costume e de maus.

Font. V. E que aos bons abrange.

Sold. Pois á fé que na Escola de Flandres, que foi a Athenas da milicia de Europa, onde eu assisti algum tempo, era vicio então abominavel e egual áquelles por onde os soldados se inhabilitavam para ser gente.

Font. N. Não sem causa foi tão louvada a disciplina militar d'esses estados.

Font. V. D'esta ou de melhor maneira podeis, senhor soldado, jurar o que vistes lá nas fronteiras de Castella, declarando o que obram e padecem os nossos fidalgos mancebos n'essas emprezas onde se acham.

Font. N. Escuzae antes a jura, sereis crido mais depressa.

Sold. Bem me podeis crêr, que a todos deve o reino muito, e que sem elles a guerra se não póde sustentar; porque dizia um grande capitão, que já o foi meu,

que a multidão da gente era a polpa do corpo de um exercito, o dinheiro eram os nervos e a nobreza as veias onde se recolhia não só o sangue, mas os espiritos vitaes, em que sua vida e saude consistia. D'onde se vè que um golpe na carne não damna, não mata, nem aleja; mas um nervo tocado, uma arteria ferida, é certo fallecimento ou aleijão de seu dono.

Font. V. Comparou como sabio.

Sold. Bem entendia d'essas anatomias um patife, que indo-se-lhe dar de noite no bairro alto, um fato de cutilladas, reparou com o braço a primeira; mas como ouvisse dizer a um galante dos que o convidavam, tá, amigos, não lhe deis no lagarto, que o aleijareis, dá-lhe por outra parte, bradava o pobre trinchado, dizendo tambem: tá, senhores, que todo sou lagarto.

Font. N. Vejo-vos passar com gracetas o juramento!

Sold. Será por não fazer como a outra, que parindo com grande difficuldade, jurava e trejurava de não tornar a vêr-se em perigo similhante; e como pelo em que estava lhe accendessem uma vella benta que tinha para aquella hora com grandes indulgencias, e visse que pela revolta da casa, depois de parida, deixaram a vella accesa; ella com mais tino que escrupulo, dizia á creada: vem cá demonio, porque não apagas aquella vella? Queres que se gaste de todo, para que d'aqui a quatro dias não tenha com que parir?

Font. V. Bem está; logo seus juramentos hão-de ser assim tambem cumpridos, não fazeis mal escuzando-los.

Sold. Dias ha que eu digo que juras, palavras, e promessas são mais largas que compridas.

Font. N. Ora o coche já estará cansado de tantas

voltas e vós não cansaes de no-las fazer dar ao discurso ácerca da relação d'elles: bom seria mudarmos o proposito, aproveitando-o em outras materias.

Apollo. Uma das que no mundo tem dado maior fadiga a philosophos e estadistas é a conclusão, estremando o util do superfluo: esta foi já aquella grande questão entre as escollas dos platonicos e cinicos, tendo os primeiros para si, que o honesto uzo das cousas boas era virtuozo, e que ao philosopho competiam os commodos que ao homem resultaram das cousas creadas. Os seguidores da contraria opinião, como Diogenes, mestre d'ella, provavam que o animo do homem se havia despojar de objectos baixos, para se empregar sempre em a consideração e amor dos altissimos, a cujas azas fazia estôrvo o uzo dos commodos temporaes civis e politicos. Eu sempre tive para mim que das creaturas consiste na desordem a malicia, porque sobre que o sol e sua claridade (eu sei isto como de casa) é excellente dote do mundo, se sempre fôra dia e se com a luz se não alternaram as trevas, sem falta que a geração e conservação dos viventes pereceria: ao mesmo modo entre a vaidade e o despreso, entre a pompa e a miseria está a decencia, que faz licito ao nobre, ao senhor e ao principe o trato limpo, concertado e lustroso.

Sold. Este nosso vizinho em tomando a mão para fallar, não calla a garganta; bem parece Deus solfista, que canta e descanta pela mão.

Font. N. Visto que o coche já se não vê, dizei-me, tia, quem é aquelle roupa longa, tão melancholico e mysterioso, que por aqui me ronda a porta tantas vezes; agora em mula, como presbytero, agora em liteira, como abbade; sempre com gesto mal satisfeito, como pessoa que traz o mundo ás costas?

Font. V. Maliciosa sois, para novata na côrte! Sem

falta que o ar que corre, ou o lastro da terra vos tem já o figado infeccionado.

Font. N. Nunca me prezei de mim, mas já sabeis que o direito entre o esquerdo, homem parece ao revez.

Font. V. Aquelle por quem perguntaes, é um sujeito de grandes partes, entre os que agora temos.

Font. N. Que profissão?

Font. V. Auctor de livros.

Sold. Não tem peco officio; porque tambem é da gente que falla sem a desmentirem, como dizia o outro pelos prégadores.

Font. N. Não, isso não consentirei eu dos que compõem: porque assim como não ha gente mais mentirosa, não ha gente mais desmentida; qualquer que compra um livro, o trata como seu escravo, emfim como comprado pelo seu dinheiro, fazendo n'elle crueis justiças, por mais justiça que o livro tenha.

Font. V. E então se está o auctor matando de sizo, quando o leitor, a unhas e a dentes, gasta o tempo mais em o atanazar que em o lêr.

Font. N. Vamo-nos a este: tem porventura escripto muito?

Sold. Então não fôra ventura, se não desgraça.

Font. V. Não tem escripto muito, se não muito pouco e lido ainda menos que escripto.

Apollo. Cuidam estas que a felicidade do estudar e do compor está posta no muito que se escreve ou lê; não está no muito, se não no muito bem que se lê ou escreve; e este é só o muito que a estes homens muito lhe convem. Por isto o nosso Seneca condemnando as diffusas bibliothecas, disse que pois não podiam lêr os curiosos quantos livros havia, tivessem sómente os que podiam estudar e entender. Quem tal dizia do lêr, melhor do escrever o dissera.

Font. V. Está bem, mas não se me negará que é pequice andar um auctor toda a sua vida trabalhando e inculcando a todos o seu trabalho, e no cabo desfechar com o ridiculo parto de um livrinho, muito esmagado, muito pequenino, que não venham cá os montes quando pariram!

Apollo. Prezam-se os de agora estyllar a sabedoria e não curar se não com quintas essencias, como cirurgião flamengo com emplastos duarbeticos, ou flôres de enxofre. Dizem que são mais proporcionados ao fastio do entendimento; tudo conforme á botica que trouxe de Italia o marquez Virgilio Malvesi, que por cá achou grande gasto.

Font. V. Não faltaram pela terra outros inventores d'esses lambiques bem escusados.

Apollo. Ora já parece muito, que mettendo-vos por minha casa, eu não mostre que sou vivo! Ah! senhoras, onde eu estou ninguem falla em livros e em auctores se não eu, que sou o livro dos auctores e o auctor dos livros!

Font. V. A perguiça de uns faz a outros diligentes.

Font. N. Fallae e dizei só sobre este caso, que aqui estamos para testemunhas.

Apollo. Temerariamente daes nomes de auctores a muitos que o não são, e d'esses é um aquelle sereno licenciado, cujo officio antes se pudera chamar engazador ou cerzidor, que não auctor; que nenhuma cousa sabe fazer se não cadeias em que prende, e de ordinario muito contra sua vontade, os solemnes ditos e applaudidas sentenças dos passados. Coze os ricos pannos, que os antigos teceram, errando-lhe porém a cada passo os fios, côr e o direito, d'onde sahem mil remendos pelo estyllo, que quaesquer olhos conhecem e estranham, por ser costume de homens de curto engenho buscar quem diga por elles o

que por si não sabem dizer. A prezada erudição tem seus termos, e mais se deve uzar para que dê occasião de descorrer e inventar novas cousas, que para acommodar ao nosso proposito as que já estão ditas.

Font. V. Severo, se não apaixonado parece que estaes no juizo d'este sogeito.

Apollo. Elle m'o merecerá, mas se bem o conhecerdes, antes accusareis a minha clemencia que a minha severidade.

Sold. Comtudo, eu desde que me conheço, sempre ouvi estima-lo.

Apollo. Não veiu por aqui juizo de menos porte! Tem entendimento de ouropel, lustroso ao longe, que não dirão se não que é ouro; mas de perto é latão falso, ringidor e desaproveitado.

Font. N. Folgo de o conhecer tão cedo, porque me não engano com essas tropelias, ou tregeitos.

Apollo. Eu o conheço, e já muitos o conhecem : só a quem com moedas de ouro fino elle comprou o ouro falso, o não conheço.

Font. V. Como é isso? Tambem entre nós se vende a habilidade, que é alta simonia?

Sold. Se eu soubera a tenda, nada comprara com mais gosto.

Apollo. Tens razão, que só o entendimento se podera comprar; mas sabes porque se não comprara? Porque cada um cuida que é melhor o que possue que não o de seu vizinho.

Font. V. De Paulo Jovio ouvi eu já, que escrevera propicio, mais do que devia um bispo sagrado, á reputação do grão Turco Solimão segundo, porque o tal Solimão lhe mandara aparar a pena com canivete de aço de sequins e ferro de venezianos, e que não o querendo imitar o nosso bom rei D. João o III despresando verdades pela almotaceria (não tendo preço

a verdade) fôra de tal auctor em sua historia pouco favorecido.

Apollo. Ouvistes bem: que o Jovio foi venal, e por isso Aretino lhe atinou aquelle tão celebre epitaphio, ou cenotapho: aqui jaz o senhor Paulo Jovio, bispo othomano. Porém este se vendia o seu talento, era Jovio, e não enganava com o que vendia; mas que os ninguens d'agora queiram tambem que lhes pezem na balança de seu interesse os desvarios compostos ou descompostos que publicam, é a cousa mais desvariada que ha no mundo; nem eu o soffrerei emquanto tiver nome de genio de sabedoria.

Font. V. escreveu muito, e vendeu bem; lá lhe deve achar sua conta.

Apollo. Melhor vende, que escreve; e ainda assim escreve pouco, por que tem maior mina de ambição que de engenho.

Font, V. Os Albertos Dureitos foram sempre melhores para pintar, que para escrever.

Font. N. Grande dom é a facilidade, quando seja contrapezada da cultura; comparo-a em que será como um navio á vella, que navega só em lastro proporcionado e nenhum o alcança, e logo é nâo ronceira aquella que se carrega de impertinentes erudições, com que já mais chega ao porto desejado.

Font. V. Fallaes bem, para menina: eu conheci Bernardo Rois, que chamaram o mocho, e foi secretario do famoso secretario Miguel de Moura, o maior ministro de Portugal em seus tempos, e governador d'este reino.

Font. N. Fallaes do amo ou do creado?

Font. V. De Bernardo Rois fallo, e com licença do senhor Apollo, que nos ouve, era elle o Apollo d'este reino, que tanta opinião se tinha de suas letras e juizo!

Apollo. E como desempenhou essa opinião?

Font. V. Mau signal é que vós o não saibaes; mas ou saibaes ou não, seu desempenho foi compôr em cincoenta annos cincoenta oitavas a S. Thomé, e no cabo errou-lhe a uma os consoantes.

Apollo. Quanta graça que isto tem!

Font. N. Como se desculpava?

Font. V. Com peior rasão que a mesma com que havia errado. Dizia o velho, vendo-se opprimido dos moços que o apertavam; senhores, eu o fiz com energia, porque o Santo vendo-se admirado com os mysterios que o Senhor lhe deu a crêr, ficou de modo, que não soube o que disse.

Apollo. E menos o peccador.

Font. N. Galante escusa, como se S. Thomé fosse no seu tempo poeta de oitava rima!

Apollo. D'onde vistes esse poema?

Font. V. Na famosa academia de Lisboa, que se chamou dos singulares, por ser a primeira que se celebrou n'esta cidade á imitação dos illuminados, insensatos e liricos de Italia, em Urbino, Padua e Roma.

Apollo. Ora, esses são elles! Basta que não soube observar esse velhustro, que em qualquer poema ha duas vozes pelo menos; uma o poeta, que falla, outra a pessoa que introduz, ou as pessoas, que então farão mais vozes: a esta pessoa ou pessoas pertencem uns affectos, e ao poeta outros, d'onde vem que o adorno da poesia sempre toca ao poeta, e os conceitos d'ella pertencem ao ser da acção que representa; pelo que claro fica, que errando os consoantes, que é adorno, será erro do poeta, a que nunca se podem adjudicar os affectos da figura introduzida; porque a lingua do heroe não é o metro, que só é lingua, e vós de quem a causa.

Sold. Por Deus! Este démo do Apollo parece que sabe d'isto, segundo que vae buscando as juntas ás cousas para as trinchar a seu proveito, cortando-lhe os herpes da resposta.

Font. V. Toda a sabedoria se aloja dentro dos almazens da boa razão.

Font. N. Sabeis em que reparo? que nem aqui nem em outra parte ouvi nomear esse vosso tão gabado entendimento do velho, que nos pintastes.

Apollo. Como esses são os que me tenham por pae, sem que eu os conheça por filhos, tal homem não ouvi em meus dias; folgara de achar quem me dera razão d'elle.

Font. V. Algumas obras suas encontrareis em um pequeno livro que imprimiu em Florença Estevão Roiz de Castro, pessoa de melhor musa que fé.

Apollo. Adverti que na abundancia do Parnaso não se faz conta dos mirões, como em as casas de jogo, das sevandijas, que olham em pé por detraz das cadeiras dos jogadores.

Font. V. Dos engenhos copiosos, todavia, não poucos ha arriscados, deslisando-se facilmente da facilidade á vulgaridade, como sabeis melhor que eu; e quão grande peccado seja n'esta vossa religião, d'onde havendo-se gabado a um satyrico de Italia a notavel fecundia de Lope da Vega, pela qual chegara a fazer (a rogo de um seu amigo) uma comedia em uma noite, respondeu o agudo italiano: louvae-m'o, senhor, de bom amigo, mas não de bom poeta.

Apollo. Não ha duvida que a fecundidade é contraria á admiração; porque nunca do que sobeja fomos maravilhados, mais depressa aborrecidos; mas quando a copia é digna, troca-se então, ou se converte uma admiração em outra: aquella que tinha por fim o predicamento de calidade, recebe o da quanti-

dade tambem por objecto; com que vem a ter por este modo dobrado espanto e admiração, como hoje gosam as obras de Aristoteles, Teofrastro, Origenes, Santo Agostinho e Abulense, cujo preço e numero não diminue; comtudo, para que no tempo presente possamos constituir um varão sabio, um talento util, não o quizera tão dilatado como a sede de Hypocrates, nem tão cingido como o fastio de Zeno, que em só duas palavras depositou a philosophia.

Font. N. Boa doutrina nos importou este auctor, ou este reu, que não deve ser menos, segundo o bom despacho que leva; mas attentae que a gente vem crescendo e entrando na Praça; não dá lugar a que com uma só demanda nos detenhamos tanto. Vós, senhor, dareis licença para que minha tia vá continuando com a devassa e me diga quem é aquelle homem que tão depressa tantas vezes ao dia, mais que as crescentes do mar Euripido, cruza este terreiro; sempre n'aquelle macho andador, por quem parece que se disse por seu amo, aquillo de corrente e moente; olhos e movimento leva de pessoa desatinada!

Apollo. Conformo-me, como d'antes, em ser ouvinte, promettendo ajudar-vos quando necessitardes de meu soccorro para vossa intelligencia verdadeira.

Sold. Mettereis o bastão, como mestre de esgrima; que depois que as punhadas se reduziram a angulos rectos, bem póde Apollo ser Narvais, Barbosa, ou Rua.

Font. V. Com tal padrinho, como vós, quem receiará vir a gadelhas com todos no mundo?

Font. N. Ora dizei, senhora, quem é o sobredito?

Font. V. Nem que para elle olháreis, quizera eu: porque estes taes são como os cafres de Arabia, que com os olhos comem o coração d'aquelle que olham.

Font. N. Bem creio que será máo, e m'o parece; mas quem é finalmente?

Font. V. É, não sei se vo-lo diga!

Apollo. Dizei, que já não póde ser tão malvado como o daes a suspeitar com vossos mysteriosos melindres, pelos quaes sabemos que não é menos elegante que os palreiros, o diabo mudo do inferno!

Font. V. Quem quereis que seja aquelle maldito? É um alvitrista, de quem nos Deus livre e guarde!

Font. N. Antes esse quizera eu que não fôra, sendo a casta de gente que mais no mundo me enfada.

Font. V. Tendes razão, porque ella é um genero de praga que vem contra nós como gafanhotos, ratos e moscas do Egypto; mas agora (graças a Deus!) n'este governo que gozàmos, parece que nos vemos mais alliviados d'este malvado vicio da republica.

Apollo. Dir-vos-hei: a passada monarchia castelhana padecia por sua grandeza os trabalhos de qualquer corpo monstrozo, que nem se póde gozar, nem se póde manter; e como as faltas que experimentava procediam de sua mesma desproporção, não tinha já outra cura que a ruina; por este respeito os validos e ministros d'aquelles reis a tudo olhavam, parecendo-lhes que toda a mézinha lhes podia dar saude, como acontece ao desconfiado dos medicos entregar-se aos remedios das velhas e dos feiticeiros; foram assim admitindo perigozas novidades, com que os reinos enfraqueceram antes de convalescerem da fraqueza em que se viam: porque haveis de saber que os alvitristas são como as sanguexugas, que o primeiro passo por onde começam a curar-vos é chupando-vos o sangue que tendes no corpo; ou já peiores, porque esses bichinhos levam o sangue ruim, e est'outros bichos levam o sangue melhor; a saude emfim, ou virá ou não, que isso fica para os futuros contingentes;

mas o sangue de contado, e de ante-mão vo-lo levam no bucho.

Font. V. Fallaes como quem é author da claridade. Eu tive um amigo particular, grande cortezão, que me contava notaveis cousas dos alvitristas e alvitres de Castella.

Apollo. Pelos que foram admitidos, podemos tirar quaes seriam os engeitados.

Font. V. Diz que houve homem, que sobre os oito e nove das cartas de jogar fundava o remedio de Hespanha.

Font. N. Bom desvario. E como guizava elle esse gigote?

Font. V. Dizendo que em cada baralha se lançavam a perder oito cartas, porque sem ellas se jogava.

Font. N. Está bem, porque assim é.

Font. V. Pois tirando de cada cinco baralhas oito cartas, vinha a fazer quarenta, que é uma baralha inteira.

Font. N. Bem está.

Font. V. Logo acrescentava; pois de cada cinco baralhas se faça uma boa a el-rei, por tal maneira, que os guariteiros de todas as casas de jogo da monarchia contribuam com a quinta parte de seus interesses: em as quaes addições se vinha a considerar tão grande somma, que ella por si só bastasse para suprir as demazias da guerra e outros dispendios.

Sold. Se isso assim fosse, só eu e meu camarada bastavamos para fazer a el-rei muito rico: mas se com as cartas entrassem os dados, que seria?

Apollo. Ainda mais veremos! Nunca tal veiu ao demonio ao pensamento. Não venha cá outro que fregindo os ovos em papel á candeia, disse que o diabo o attentara; mas o diabo tornando por sua honra allegara que nunca tal modo de fregir ovos

soubera em sua vida. Quem dera se não um arbitrista em tão grande expediente.

Font. V. Não tomou outro que tal menos exquisitos caminhos com outros similhantes arbitrios.

Font N. Qual?

Font. V. Deu em uma galante cousa, considerando o modo de vestidos hespanhoes.

Apollo. E qual é esse, se se póde conhecer entre tantos?

Font. V. Depois fallaremos n'isto.

Font. N. Venha o segundo arbitrio.

Font. V. É costume esperdiçar nas roupetas, ou perder d'ellas aquillo a que chamam mangas perdidas, as quaes pelo calculo d'este tacanho, diz que custam a decima parte, quando menos, do que custa o vestido inteiro; isto assentado entrou o arbitrio, dizendo que pois a gente por sua vontade lançava a perder a decima parte do custo de seus vestidos avaliados, e não havendo mangas perdidas, acudisse cada um com a decima parte do valor dos vestidos que fazia para os gastos publicos; e porque ao menos se cada um fizesse um vestido cada anno, ficasse el-rei por este modo tendo em cada um d'elles de cada dez vassallos o valor de um vestido; que estimando uns por outros em 30 cruzados ao menos, se a monarchia se achasse com dez milhões de homens, e d'estes um milhão desse a el-rei tres milhões de cruzados por anno, eram trinta milhões de cruzados de renda fixa, que nenhum monarcha gozára até á nossa edade.

Font. N. Estranhamente me alegro de vos ouvir; basta que d'esta maneira se governa o mundo, ou ha quem queira governal-o?

Font. V. Mas se cuidareis que são fabulas, sendo vivos entre nós os direitos do bagaço, que foi ainda peior que isto, mettendo um não sei quem em cabeça

a certos ministros de Portugal que tomassem para a fazenda d'el-rei o bagaço da azeitona para que remoído por conta da fazenda real tornasse a dar azeite, que ficaria livre a el-rei com grande utilidade.

Sold. Por Deus, que por homens que tal arbitrio acceitaram, bem se podia dizer que entendiam pouco de lagar de azeite!

Font. V. Mas tudo fica atraz do papel sellado, cujo sêllo foi o sêllo que se poz na sentença da perdição d'aquella monarchia, porque não valesse sem sêllo para maior solemnidade.

Apollo. Confesso-vos que me deu riso, sobre indignação, quando li n'esse tempo a cedula real, d'onde se manifestavam as razões de sua conveniencia; tomando-se entre os mais por principal motivo, que porquanto sua magestade desejava atalhar os vicios e fraudes que nas escripturas se faziam, mandava enterpor aquelle papel publico, afim de evitar conluios e desconcertos. De maneira que n'este caso, como o trapaceiro comprasse mais caro o papel, bem podia escrever n'elle seus embustes e estelionatos sem escrupulo, que foi uma galante força!

Font. V. E ao dosavo d'esse tempo, que cerceou a vara de medir, não me dizeis nada?

Apollo. Que hei de dizer-vos? Dirvos-hei o que já disse, que os arbitrios para a republica são como os remedios das velhas (em que fallámos ha pouco) para os doentes de grave enfermidade, que se os admittem todos param em riso e damno dos doentes. Quereis a regra geral para conhecer os arbitrios ainda que a nenhum de nós toque a sua averiguação e a não queiram fazer nunca os a quem toca? Pois olhae: como vós ouvirdes que os arbitrios são de grande importancia, de muita facilidade e que sem perda da republica se podem reduzir a effeito, não lhe espereis mais

para os dardes logo por falsos e fabulosos: a razão é clara, porque a ilha que os pilotos não descobriram, a vereda que os arrieiros não sabem, mal a pode achar e descobrir aquelle que jámais cruzou os mares ou pisou as estradas: como os ministros dos reis e republicas, que manejam a sustancia e redditos das provincias, ignoram d'onde estão esses thesouros, certo é que os não ha no mundo, nem podem rastejal-os esses bargantes embaiadores, charlatões, mentirosos e vagabundos, entremetidos que se introduzem a fallar e discorrer sobre o que não viram, nem sabem, nem entendem. Um de tres vicios tem todos os arbitrios, e muitos tem todos tres, fóra alguns mais.

Font. V. Não deveis de contar ahi os vicios dos arbitristas, segundo tomastes pouco campo ao numero!

Apollo. Dos arbitrios fallo sómente: estes ou são incertos, ou impraticaveis, ou deseguaes, suppondo que sejam justos; porque nem tudo o que é justo por força é conveniente. D'esta primeira calidade de incertos participam quasi todos, e se d'ella escapam, perecem nas mãos dos segundos. O arbitrio para conveniente deve ser firme, amplo e facil; porque os mesteres de um reino não se satisfazem com limitado soccorro, á imitação da mina pobre, que supposto seja de ouro ou de prata de grão fineza, excedem os gastos aos interesses e se ficam pondo de casa trabalhos e esperanças. Um grão de arroz será morgado para uma formiga, e zombaria para um elephante. Logo os mais fundam sobre chimeras e cousas violentas e phantasticas, indignas de ser obradas de principes christãos; porque os que cuidam vêl-as não são principes e christãos poucas vezes; e comtudo no fim tão curtas e duvidosas, que quando mais se abrem os braços para colher um gigante, é um armeo de estopa

o que lhe fica nas mãos áquelles enganados, que contra o ar d'esta vaidade querem estendel-as.

Sold. Já eu ouvi dizer por isso a um grande cortezão que o arbitrio para bom, havia de ser como o remoque; não tão claro, que logo todos o entendessem, nem tão escuro, que o não entendesse ninguem.

Font. V. Conforme vossa doutrina não me arrependo logo de abominar tal homem por seu officio.

Apollo. Affirmo-vos, que merecem melhor desterrados do mundo os arbitristas, do que já o foram de Roma os medicos e astrologos.

Sold. Em todo este processo não dei ainda meu testemunho; ora deixae-me agora dizer o que succedeu na minha terra. Certos mordomos lançaram pregão com promessa de quatro mil réis a quem désse melhor traça para que a imagem do Senhor S. Pedro fosse em um barco por terra na procissão do Corpo de Deus: accudiu um simples e obrigou se; chegou o dia, e citado para a invenção, que todos esperavam subtilissima, veiu elle com um barco atado sobre uma carreta de bois, para que assim fizessem os mordomos e o Santo sua viagem; desbaptisavam-se os confrades, vendo que haviam de passear bois e carro na procissão, ou ficar-lhes o Santo em casa, de cuja falta muito reprehendiam o mau architecto, que mui desabafado lhes respondia: senhores, barco por costa acima, mas que vá com S. Pedro, ha mister quem puxe por elle. Agora se daes licença, taes me parecem os arbitrios que se costumam: olhae, que engenho! Vêdes que subtileza! Senhor tirae! Senhor tomae! Senhor não deis! Senhor não pagueis! Pois que é isso, é pôr a barca sobre o carro, ou é fazer que outros ponham a barca no monte, porque a pancadinha do ovo de Juanello a poucos foi concedida.

Apollo. Fallaes, senhor soldado, como queixoso

podendo antes louvar a Deus, porque até agora não ha de que vos queixar; mas levae para casa d'este sermão do arbitrista, que de homem a homem não vae a grossura de um pataco, por mais que algum presumido philosopho ousou a dizer erradamente se differençavam alguns homens uns dos outros, mais que o commum dos homens do commum das alimarias; por onde tende por certo que aquelle negocio que a todos é difficil, a nenhum póde ser facil.

Font. N. Detraz nos deixaes hoje a todas n'esta materia; e pois perdemos dos olhos esse pedinte, á vista da luzida libré que se espalha pelos gentis homens e familia d'essa personagem que vae subindo para o paço, melhor é que me deis razão d'ella; quem será este?

Font. V. D'onde vae?

Font. N. Não o vêdes? Pois não leva elle diante tão pequeno ruido! Já lá vae entrando pela sala dos Tudescos.

Font. V. Já sei quem dizeis, que pelos creados o conheço.

Sold. Por isso não tenho creado, porque depois que o fui, venho a entender não ha maior perigo para os amos, que haverem de ser conhecidos pelos seus creados .

Font. V. Esse que vêdes é quando menos um embaixador nosso, que chegou ha pouco de reinos estranhos.

Font. N. Por ventura que não será este que cuidaes, porque elle passou por perto de mim, e vae vestido á portugueza, que se fôra d'estes que dizeis, ao menos trajára a la moda.

Font. V. Sua graça e nossa desgraça leva esta resposta; de sorte que tendes vós por contrario o nosso

trajo da sua dignidade? Perdôe Deus a quem d'elle faz momo!

Font. N. Tinha eu, por certo, que todos os que andam por longas terras vinham á nossa enfarinhados nos costumes alheios.

Apollo. Se dissereis sujo, dissereis ainda melhor.

Font. V. Haveis de saber que não ha cousa em que tanto se mostre o sizo do homem, como no uzo de seus vestidos e na amizade que guarda a seus costumes; tudo supponho honesto, mas não tenho paciencia para soffrer uns que vivendo toda a sua vida entre nós, creados com as nossas sopas de vacca, rompendo nossa baeta e seus borzeguins, por poucos mezes de ausencia, já quando voltam ao reino tudo d'elle lhes enfada; uns affirmam que não ha cousa como os perpões francezes; outros que as botas de Inglaterra são a melhor cousa do mundo; quaes suspiram pelas casacas hollandezas; taes pelas calças borgonhezas; estes morrem de saudades pela moda de Bruxellas; estes pela espingarda de Londres; aquelles pelo lavor de Paris; e em conclusão o negocio é posto por elles em taes termos, que nem andar, nem vestir, nem comer se póde já á portugueza.

Font. N. Agora venho a crêr o que tinha ouvido, que sahindo-se de casa de seu amo certo bargante, filho de um meu vizinho, perguntando-lhe seu pae porque deixara tão bom amo, respondeu: senhor, porque me mandava dormir á franceza.

Font. V. A gente composta, pelo mesmo que lhe não está bem disputar com estrangeiros sobre a vantagem de seus costumes, tão pouco lhe pertence affronta-los; comtudo attentamos que é ingratidão atravessada de aleivozia desamparar o homem aquella doutrina que recebeu de seus maiores, aquella em que viveu e a razão o cultivou; não nego por isto a liber-

dade a cada um para poder olhar bem para os bons modos das outras nações na guerra ou na paz, e trazer ou á sua, ou a si mesmo algum costume notavelmente avantajado: porém que assim á carga serrada e a olhos fechados, logo seja o alheio uzo recebido, só porque é alheio, e logo o proprio despedido, só porque é proprio, digo-vos que é um vicio digno de grão vituperio em quem o affecta.

Font. N. Porventura que a nossa antiga rudeza, como gentes a que poucas gentes trataram, nos podesse pegar algumas fezes da incultura primeira, e que venha d'ahi a constancia com que nossos naturaes vivem em seus costumes, como quem os recebe e exercita até vêr outros melhores, o que bem olhado mais cheira a virtude que a delicto!

Font. V. Essa fôra boa razão, se nós pela novidade e estravagancia nos viramos ennobrecidos; antes é pelo contrario, e podemos dizer por nossos costumes no trato d'estes, o que já em seus tratos disseram alguns bons républicos pelos estrangeiros, que elles nos levam o ouro e a prata, e nos deixam em seu logar bonifrates e cascaveis.

Font. N. Em que maneira?

Font. V. Ainda mal, porque tanto! Não vindo a ser dessimilhante levarem-nos a honestidade, a verdade, a compostura, a honra, a desambição que professaram nossos antigos, e deixarem-nos a cautella, a soltura, a ociozidade, brindes, banquetes e desordens, com que se ficámos mais cortezãos, ficámos menos homens honrados.

Sold. Ora d'esses descontentes sem falta era um meu camarada, que dizendo-lhe eu porque se não confessava antes que lhe esquecesse, por haver annos que o não tinha uzado, me respondeu que depois que viera de Flandres, nunca mais tivera gosto de se confessar

d'esta banda, porque cá não confessavam como nos Paizes Baixos.

Font. N. Segundo o que dizeis, grande cousa seria a nossa antiga côrte portugueza!

Font. V. Teve, como seus reis, varias edades; cresceu e minguou o esplendor segundo o principe de que era occupada, e tambem conforme o descanço ou a fadiga da republica, mas sempre lhe confessaram lustre e auctoridade os vizinhos: tanto e tal, que os reis de Castella sendo filhos mais velhos do sceptro, nos tomaram não poucos costumes para seus povos, como por seu proprio nome testemunham os meninos de que as rainhas e principes de Castella se servem; porque chamando elles em sua linguagem niños aos rapazes pequenos, a que nós chamamos meninos, quasi meu neto, neno, nepos ou nepote, deduzido da lingua latina, que á nossa deu principio; áquelles niños, que sómente se dedicam ao serviço real chamam meninos, honrando nosso costume sua eleição com a notoriedade do mesmo nosso nome, porque lá são chamados: nós tambem agora lhe furtámos os sumilheres, que elles tomaram de Borgonha; e foi palavra e officio que cá nos introduziu em sua regencia a rainha D. Catharina, desejando criar o neto, que foi el-rei D. Sebastião, pela receita da casa de seu pae d'ella rainha, el-rei Felippe II, conde de Flandres, que disseram o formoso.

Sold. Por essas e outras taes receitas ficou o pobre do rei tão bem creado!

Font. N. Ainda hoje me dizem se conserva esse titulo de sumilheres em alguns creados d'el-rei.

Font. V. E' o mesmo nome, mas com outro exercicio; porque os primeiros sumilheres d'el-rei D. Sebastião eram enxertos em camareiros, ou gentis homens da camara, e os d'el-rei D. João são mixtos em

capellães fidalgos, para o uzo da egreja, como tambam em Castella se costuma.

Font. N. Bom é luzir e cultivar a grandeza, como seja prudentemente executado; porque por outro modo arrancar as plantas naturaes e plantar as forasteiras, é pôr a risco de ficar sem umas nem outras.

Apollo. Até agora vos fui esperando que tornasseis a fallar dos embaixadores, por ser materia famosa; mas já vejo que as pessoas indoutas fogem de levar ao cabo questões sublimes pela falta que tem de sciencia para averigua-las: salvo se já vos esquecia qual era o assumpto da conversação!

Font. V. Tão grande é elle, que fôra agora aqui melhor empregado o artificioso silencio, que o descuido casual.

Font. N. Já me sabeis a condição, que como vindo de novo á terra, folgo de saber tudo.

Apollo. Fazeis bem, que tambem é dita de quem responde, ser interrogado com descrição e ouvido com curiosidade.

Font. N. A primeira temo eu que me falte, mas não a segunda.

Apollo. Tudo lhe sobeja, ou pelo menos não lhe falta nada a quem deseja saber e o procura.

Font. N. O que n'este ponto primeiro se me offerece, é perguntar se seria sempre necessario que os embaixadores fossem pessoas de alto estado.

Appollo. Sempre, não: vós deveis de entender, que este officio se divide em duas partes, ordinarios e extraordinarios: d'esta mesma sorte se devem distinguir os embaixadores, como as embaixadas, respeitando o porte da pessoa, a calidade da acção em que é empregada; porque o dar obediencia a um novo Pontifice, os emboras a um imperador, o compadrego de um monarcha, os desposorios da herdeira de um reino, os

pezames tambem de algum rei notavel, a nova creação d'uma republica, não ha duvida que pedem a auctoridade d'um senhor grande, cuja negociação se faz maior alli com a auctoridade, pompa e desperdicios, que com a industria do legado. Os mais negocios que se offerecem entre as corôas, não requerem tamanho cabedal de grandeza, mas muito maior de sufficiencia.

Font. N. Sem embargo ouvi dizer que n'estes tempos foi tão abalisada uma embaixada nossa, que passou a França a dar os pezames da morte de seu rei Luiz, o justo, que deixou escurecidas as maiores que em aquelle tempo n'aquelle reino se tinham visto.

Apollo. Teve razão o embaixador que tal fez; por que elle não foi o que se fez a si embaixador, esta observação corria por conta dos ministros que o elegeram, a cujo cargo está a consideração do tamanho e preço que se ha-de pôr ás embaixadas, porém já que tão grande pessoa se achava em aquella introduzida, cousa formosa foi, e digna certo de grande louvor e premio, que trasbordasse a pompa por cima da obrigação, para que assim ficasse illustre a embaixada e embaixador, e illustrados o rei e reino que o expediram.

Font. V. Vós senhor acudis a muito bom tempo com o louvor d'essa obra, porque lhe fique por premio, pois até agora lhe não vimos outro.

Apollo. Tivera por regra commum se aconselhara aos principes (sendo elles tão ditosos) que sempre se servissem nas embaixadas de taes pessoas que por algum outro requisito fossem já d'antes conhecidas, como o sabio, o magnifico, o esforçado, o eloquente, o antigo e o riquissimo vassallo.

Font. N. Cousas são essas que se podem observar sem impossibilidade; mas do mais que seria?

Apollo. Medir o sugeito com o objecto: se a embaixada fôr pertencente a guerra, mandar um general; se ha paz, um conselheiro, se a direitos, um letrado, se a tudo todos.

Font. N. E bastará que em qualquer d'estes haja essa tal calidade, para o fazer bom embaixador?

Apollo. Não, por vida minha; porque primeiro que tudo necessita este officio de uma agradavel presenço e saude corporal, boa graça, e arte na conversação, noticias vivissimas dos successos do mundo, desinteresse invencivel, animo temperado, razões modestas, coração forte e prudente, liberalidade e diligencia activa, arte, despejo e promptidão nos acasos e repentes, com aquella sagacidade que baste a não ser enganado.

Font. N. Pois como! entre principes póde haver engano, ou entre ministros tão superiores?

Apollo. Fonte nova, bem parece que sois nova! Nunca ouvistes o que disse Tiberio, que quem não quizesse fingir, não quizesse reinar? E o que affirmava Solimão segundo, que a verdade se fizera para os mercadores, e a mentira para os principes?

Font. N. Por certo que esse dito era de solimão e de resalgar, não de homem, e menos de homem de bem.

Sold. Eu cuido que essa foi a maior verdade que disse em sua vida esse canzarrão, porque acaso então lhe esqueceu que era principe, pois fallou verdade.

Font. V. Não, que a verdade do mentiroso soe ser como o dado do escaço; uma vez que se servem d'ella, atropelam por cima dos decoros, e tudo deixam pizado como moço peão um dia que sóbe a cavallo, que dos adros faz carreiras.

Font. N. Valha-me Deus! Se o officio demanda tantos requisitos, quem poderá satisfaze-los?

Apollo. Tu te afadigas com uma cousa bem escusada; porque has-de crêr amiga, que toda a festa de bodo nunca fica sem mordomo; vêdes a esterilidade de homens que hoje ha no mundo? Vêdes a falta de talentos grandes que hoje se padece, (se medirmos occorrencias e o cabedal), pois segurae-vos, que n'essa mesma carestia de sujeitos nenhum conselheiro vae votar que havendo-se mister um só juiz, não leve elle seis ou sete.

Font. N. Já não quero saber mais do officio de embaixador, nem o consente a extravagancia com que acolá vem passeando a cavallo aquelle gentil Garção. Vós notaes como elle traz a capa revolta sobre o braço, a modo de toureador que quer dar cutillada provando forças no toutiço do boi, que ignorante do livro del Duello lhe deu um piparote no lacaio? Oh! Santa Maria! O chapeu se lhe vae por esses ares, a espada se lhe mergulha, o cavallo todos piza e tudo piza! Envejo-lhe a confiança, antes que a presença; sobre que parece homem de condição e leva sua loa de meia duzia de villões que podem destruir o celeiro de Mugem: olhae-o, por minha vida, que vem muito solemne!

Sold. Acabae, acabae já de no-lo construirdes, que estou esgorjando por entender que homem é.

Font. V. E' um fidalgo de fóra, herdado de ha mez e meio! Deixou-lhe o pae muito contra sua vontade a casa e enxoval, sua meia duzia de vassallos, voto em côrtes, apresentação de egreja lá em cima, e tantas mil medidas de milho painço, que fazem menos moios que dias tem o anno; aquillo de galgos, sabujos e podengos, já se entende, e aquelle outro de esmerelhão terçol, em falta de açor primaz, é escusado dizer-se! Seus dois pares de alabardas em cabide destroncado; tres adargas sem cunhos nem cruzes, espingarda de

João Gentil, tres rocins dos da raça de Dom Quixote. Com este cabedal, um clerigo com quatro labregos, furtando á mãe e tomando aos vizinhos, se acolheu caminho da côrte, onde em chegando jurou de casar no paço, ou nunca nascera.

Sold. Oh! por quanto deixará este de ser porfioso, ter gomil e prato de bastiões, e um cartapacio velho das linhagens!

Font. N. Mas como lhe vae de pretenção a tudo isso?

Font. V. Vós o sabereis á vossa custa: ainda não ha mais de 8 dias que chegou, segundo ouvi a seus creados que pelo amor que tomaram á estalagem nova do Rocio, na minha vizinhança, vão lá fazer seus pagodes.

Font. N. Arriscada cousa é a côrte a um novato.

Sold. E a um cadimo.

Font. V. E os riscos que n'ella padecem os mais versados, mostram bem que taes serão os dos bizonhos!

Apollo. Crêde-me, que uma das pensões que tem a nobreza, é ser necessario trazer os nobres á côrte.

Font. N. Logo eu tinha para mim, que o mais desoprimido estado era o illustre.

Apollo. Bem melhor o entendeu um mordomo mór de vossos reis, que falleceu não ha muitos annos; desejava elle conferir certo alvará de nobreza a um pretendente que parece não tinha sangue egual á sua pretenção; mandou-o com tudo isso despachar tão liberalmente, que o estranhou e advertiu seu secretario; mas o velho discretissimo, lhe respondeu: bem vejo o que dizeis e o que dirão; porém pergunto, que quer este homem? Quer ser honrado? Ora deixae-o ser, que boa carga leva.

Sold. De vagar o disse esse senhor, porque certo

entre todos os martyrios que ha na vida, de que eu posso dar boa razão, é a honra o mais sensivel de todos; senão diga-o a miseria d'esta nossa profissão militar, onde a troco de se conservar a negra honra, tantas vezes o mundo nos tem vendido gatos por lebres; parece-vos graça? Diz que hei-de vêr pelos meus olhos vir andando o pelouro para mim, e que me não hei de abaixar, porque é honra que me passe de parte a parte! Diz que hão-de saltar commigo tres ou quatro, e que não hei de correr, porque é honra sahir trinchado das mãos de meus inimigos! Diz que hei-de pôr a vida e gastar a saude por quem jámais vi ou me viu, e finalmente por quem m'o não agradece, que é maior sandice que as passadas! Diz que em tudo hei-de preferir a vontade alheia a meu gosto, porque é honra cortar .por mim como se não bastasse o que por mim cortam os outros! Finalmente taes cousas nos tem mettido na phantasia esta phantasia, taes doidices nos faz crêr esta doidice que quanto quizerdes ter de honrado, tanto é necessario que tenhaes de martyrisado! Ora eis aqui a mais gabada cousa que ha no mundo, que taes serão as outras?

Font. V. Por ahi vereis quejando elle é!

Sold. E ainda ha parvos que lhes contente, como se diz do nosso Pollio portuguez, que com mais graça que piedade (ainda que fosse por graça) dizia que se Deus o deixasse n'este mundo sem o chamar ao seu reino, elle se dava por satisfeito com galinha cozida, marmelada e vinho branco, comedia á tarde, e pintas á noite, rodeado de bons livros e bons amigos.

Apollo. Lastima é que tal desejasse um homem christão! Quando Marcial, gentio, poz ainda em cousas mais altas e honestas a felicidade da vida, como se vê de seu celebre epigramma, onde particularmente

lh'o inspirei, segundo foi celebrado de antigos e modernos.

Font. N. Os mundanos levam o mundo com seus descontos, como os homens soffrem os amigos com suas taxas.

Font. V. Ora pezemos este fidalgo, antes que no-lo leve o vento que elle leva.

Apollo. Vós dissestes bem, pezar, porque a pessoa é de pezo.

Font. V. Perdoae se não sou sublimada de phrases dignas de vossa pessoa, porque folgo de fallar pela tempera velha.

Apollo. Digovo-lo, porque as gentes d'esta libré são, a meu geito, as mais pezadas de todas quantas se encontram pelas conversações; uns dos taes senhores dão em mal ensinados, outros em proluxos, outros em presumidos! Fazem fidalguia, ou de saber, ou de a tudo instar, e a troco de não confessarem que ha cousa da côrte em que deixem de estar vistos, antes querem ser enfiados á sua custa dos casos, que dos homens graciosamente.

Font. V. Não era assim um meu conhecido, tão discretamente confiado, que sempre apostava a quem menos sabia, prezando-se de que ninguem melhor que elle ignorava o que ignorava.

Sold. Boa manha de homem para casado!

Apollo. Calla-te já com as tuas interlocutorias, que nos pões mais cottas que advogado burlão em causa de mercador rico.

Sold. Muito é que sendo vós figura do Deus da Sabedoria, ainda agora saibaes que quem mais duvída mais aprende; não quem mais vive, mais sabe, como diziam até agora as vossas velhas sabechãs, e que não só aprende mais, porém mais barato.

Font. N. Como póde ser?

Sold. Porque duvidando da cousa, obrigo a quem m'a disser que a sustente e a declare em meu beneficio; d'onde procede que mal que lhe peze, eu venho a ficar ensinado de meu proprio contendor, sem que lhe fique n'essa obrigação, nem elle com tal vaidade.

Apollo. Treta e conselho foi esse já d'alguns philosophos.

Font. N. Arrenego d'este soldado, que tudo nos embaraça!

Sold. Faço, senhora, meu officio, porque nós professamos ser impéssiveis á gente; mas vá adiante o exame do fidalgarrão, emquanto elle vae jurando pela commenda, (que ainda lhe não deram) de se não ter por menos.

Apollo. A mais commum tentação d'estes taes, é quererem logo fazer junto, tudo quanto de seu vagar veem fazer a outra gente; se se chegam a um trovador, ei-los trovadores, se a um astrologo, ei-los astrologos, se a um musico, ei-los musicos, se a um toureiro, ei-los toureiros, e se a um taful, ei-los tafues; então d'ahi vem assoalharem a cada canto as parvoices que querem encobrir, com a mesma arte com que as assoalham; pois que direi eu de uns que dão em ricos, cujos gastos se se sommam pelas partidas das suas historias, Cresso e Midas foram pedintes em sua comparação! Junto a estes moram os ostentativos, que se servem com pratos cubertos e vazios á mesa, e que, se lhes vae a casa uma visita de conta, afim de lhes vêr os aposentos, a fazem andar á roda por todas as peças, como mula de nóra, até voltar ourada á cadeira d'onde se levantou, dando ao diabo as casas e a seu dono, pela bocca pequena.

Font. V. Á fé que mais que me reprehendaes vos hei de contar a esse proposito uma historia, cuja lembrança me faz sorrir cada vez que se põem diante.

Apollo. Vá por entremez.

Font. V. Veiu á côrte um d'estes de quem fallamos, e de tal sorte parece que instruia de noite (como a papagaios) seus serventes, do que de dia haviam de alardear por honra da casa, que se porventura passando pagem ou lacaio de libré por algum cortezão, era elle tão mofino que lhe perguntava cujo fosse, lhe respondia o tal creado, segundo seu aranzel: eu e mais tres pagens, quatro lacaios, dois cocheiros, cinco accrescentados, um capellão, um mordomo, um secretario, duas donas, cinco aias, quatro negras, seis mulas, tres ginetes e uma azemola, somos do senhor D. Fulano, que é chegado a esta côrte para servir a v. m.

Apollo. Em verdade, que escrupulo podieis vós fazer de nos deixardes sem esse conto!

Sold. Ou conto de contos.

Font. N. E que me dizeis dos que me dão em cupidissimos?

Font V. Dois cincos em fóra, é nos mancebos taes este affecto menos reprehensivel, ainda que não é o menos perigoso d'essa edade.

Apollo. Isto de galantear damas em terra alheia, ha de mister não só arte, mas fortuna; porque o que parece bem, ou ha parecido bem a uns olhos, não parece bem a outros, e como não haja polhas que os jogadores mais sintam perder, que as levadas de codilho, convém serem destros os que se não desejam vêr n'este lanço.

Font. V. Pois outros que se entregam á vida, que com razão se chama estragada, quanto que padecem os tristes desenganos de moças e de chiméras de velhas, onde além da consciencia periga a saude, a fazenda e a reputação! Anda annexa a esta vida desordenada a crueldade ou crueza, como elles dizem. Logo a todos que se encommendam em suas mãos, vereis

comidos de patifes, que os arriscam e desamparam, fazendo-os tropeçar e cahir em desastres indignos. Não é pequeno inconveniente esse outro das amizades, com o qual jogam tambem os exercicios e divertimentos, quaes perdem a opinião, elegendo amigos que os despresam quaes outros por quem são despresados; estes ficam atraz por curtos, aquelles por sobejos se adiantam.

Font. N. Ainda me não fallastes nos que juram por vida de suas mães, e contam historias da sua terra a todo o proposito.

Sold. Não são peiores os que juram por vida d'elrei?

Font. V. Para que é fallar n'esses? N'esses e outros similhantes fallam todos, por isso não fallo eu.

Font. N. Agora direi minha razão, ou se me acceite ou se me perdôe, ou se me assente á parte dos novatos. Que modo lhes ficaes dando para viverem na côrte e fazerem o que é razão, se tantos e taes são os perigos d'este modo de vida?

Apollo. Não fazerem nada do que fazem, e logo farão o que devem fazer.

Sold. Tal foi o moço do medico de lá não sei d'onde, que tomando bem de cabeça as mézinhas do amo, introduzido depois a curar em outra terra, tudo mandava ao revés do que seu amo fazia e saravam-lhe os enfermos.

Apollo. Olhae-me; as virtudes e vicios dos mancebos hão-de ficar em casa; as télas de ouro ricas e os bordados de tres altos, nunca os vereis apregoar pelas ruas, onde é mais proprio o pregão do calçado velho. Se as partes de cortezão forem boas e recatadas, apparecerão mais ainda, e se ruins, claro está que não devem assoalhar-se, porque o mais dissoluto penitenciado procura de cobrir seu sambenito. Deus nos deffenda de pessoa que todo o fato bom e máo tem na

primeira casa! Confesso que aos moços lhes falta aquella balança das acções que só dos annos se pendura; mas quando o ruim pezo d'ella decline á parte de alguma gentil leviandade, não ha que cançar muito em conchavar esses pezos ao marco, para que lh'os afilem; outros vicios de ruim semblante são aquelles, que logo requerem punição, emenda e medo, porque affagado o mal pelo consentimento, cresce de sorte, que depois se não humilha ás chuvas dos maiores castigos; a razoura d'esta temperança devem fazer os paes que de ordinario medem a seus filhos como de seus paes foram medidos.

Font. N. Tende mão senhor, que est'outro é outro cantar, e eis alli vem uma confraria com seu pendão; já ha pouco que passou a mizericordia lá para cima; alguma pessoa abalisada deixou o mundo!

Font. V. Certo que vae para vêr sua ordem e concerto!

Sold. Duvido, se são portuguezes segundo os vejo ir conformes!

Font. N. Quem é aquelle que com uma vara na mão anda tão sollicito, concertando as parelhas?

Font. V. Pessoa é de calidade, mas de pouca importancia.

Font. N. Não o mostra assim o zêlo e magisterio com que elle exercita seu cargo.

Font. V. Ahi mesmo vereis o que vos affirmo; qual póde ser agora o espirito grande, que ponha sua felicidade em tão pequeno exercicio?

Apollo. Assim é, que já de um dos Dionizios sabemos, que despojado do reino se fez mestre de meninos para ter a quem mandar e quem lhe obedecesse.

Sold. E depois houve alguns reis que não foram Dionizios, mas de outros nomes e feitos melhores, que se esse se fez mestre de meninos elles se fizeram me-

ninos do mestre, para ter quem os mandasse e a quem obedecessem no que mandasse por elles, que é pouco menos.

Apollo. Indigna liberalidade!

Font. N. Com tudo isso, ainda me não definistes que casta de officio é o d'este homem?

Font. V. Este homem é um homem de confrarias, o qual fóra de juiz, de mordomo, de procurador e de irmão da meza não vive, nem falla, nem entende, nem presta para cousa alguma. Dizei-me agora, se é o mesmo conhece-lo, que não conhece-lo, ou se póde ser bom para vos merecer de alguma maneira essa vossa curiosidade?

Font. N. Escusae, senhora tia, fallar de modo que me arrependa da opinião em que vos tinha de piedoza. Basta que taxaes vós as acções que cheiram a devoção! Não vêdes que é servir a Deus?

Font. V. tudo vejo: mas ninguem me negará que como Deus é centro de tudo, assim como todas as linhas tiradas da circumferencia vão dar ao centro, assim não é um só, mas infinitos os caminhos de ir buscar a Deus, os quaes deixou em tal maneira dispostos e debuxados n'esta grande taboa do mundo, que cada qual desde o logar em que esta acha uma linha muito junto de si, que é o caminho por onde póde ir a Deus sem que lhe seja necessario nem conveniente andar tomando, e quiçá enxovalhando as linhas e caminhos dos outros. D'onde sempre fui de parecer que cada um deixe as profissões incompetentes e alheias de seu estado, quando em as proprias ha estrada mais direita e mais suave para Deus.

Sold. Não diz mal, e por isso dizia alguem, que depois que elle vira a S. Matheus mercador, e aos Santos Cosme e Damião, phisicos, serem Santos canonisa-

dos, nem de si mesmo nem do algoz desconfiava que viessem ainda a fazer milagres.

Font. Nov. Vamo-nos assim, e dizei-me, este tal homem deixa acaso de fazer cousa bem feita, dando-se ao culto divino e serviço dos Santos? Como diremos logo que é vão o seu emprego!

Font. V. Nunca Deus queira que eu diga taes desvarios, e mais d'esta casta! então não me valeria o ser christã velha, vizinha da Santa Inquisição e S. Domingos, que são dois Santos bons padrinhos da fé catholica.

Font. N. Não duvido d'isso; censuro porém vossa censura, que parece n'essa parte excessivamente severa.

Font. V. Por força me fazeis desenrolar mais do que quizera n'este artigo. Vá em minha necessaria defensão. Todos sabem que d'esse manto da santimonia se tem coberto e cobre no mundo gente muito indigna d'elle (ainda mal porque são tantos e tão escandalosos os exemplos!) pois quanto elle é mais digno de veneração, tanto mais se acolhem á sua sombra aquelles que por suas obras em logar de respeito mereciam vituperio. Lisboa é muito grande, é matta espessa onde se criam monstros de disforme malicia; que será se muitos d'estes confrades tivessem (como tem muitos) assentado n'esse modo de vida ociosa e poltrona o modo de sua vida, por aquella antiga e vulgar regra, de que nunca se deita sem ceia quem pede para a candeia; que será se infinitos d'estes mordomos não esperassem que Deus e seus bemditos Santos lhes hajam de pagar esses serviços que lhe fazem em suas confrarias, senão que elles por si mesmos e de ante mão se vão logo pagando? Taes sumindo as esmollas, taes cerceando os rendimentos, taes emprestando com thezourarias, taes recebendo em si as man-

das dos outros, de tal sorte que quando o povo piedoso cuida que tem enriquecido a irmandade e illustrado a casa de Dens, o melhor de tudo lhes fica em casa a estes thezoureiros, a estes procuradores e capatazes, que com obstinada devoção (podemos dizer) tem feito voto de não sahirem jámais do serviço d'aquella egreja. Pois como lhe chamaremos a estes outros devotos, que enxertando a ambição na hypocrizia, accodem em vez de virtude com um amoroso fructo de ruindade? Dizei-me agora se sou impia.

Font. N. Que me dizeis?

Font. V. Muito menos do que n'este negocio se passa.

Font. N. Quem tal cuidára!

Font. V. Primeiro se vê, que se suspeite; porém quando assim não fosse, talvez que conhecesse eu a mais de um par que casaram filhas, fizeram bodas e bodos á custa do nome de Jesus! Que me dizeis ao excesso com que muitos homens de sangue, e pessoas dignas de servir a Deus, a el-rei e á republica por outro mòdo mais conveniente, se entregam a este molle exercicio das confrarias, sem quererem prestar para outra cousa, prestando para esta tão mal como vos significo?

Font. N. Já vou vendo, a meu pezar, que tendes razão.

Font. V. Não é de muitos sabida a ridiculosa republica d'esta gente, que comprehende grande variedade de homens, cuja occupação não sei se me dá maior contentamento, que escandalo.

Sold. Tendes-me geito de vos andar apoz de confrades, como rapaz com franchinote; se por ahi fôres peiorando, que esses mesmos, que graça que fôra!

Font. V. Uns d'esses se lançam a festivaes, e ainda bem não são os tamboriz da Arruda, quando elles se

acham na festa dando ordens á armação, breviando (como elles dizem) os altares, repartindo os ramalhetes, accendendo as vélas, e offerecendo finalmente os parabens ao mordomo, porque em retorno os chame para hospedes.

Apollo. Que ouço?

Font. V. Outros tem liga com os sachristães, e guerras apregoadas com os armadores; vivem em parcialidade com os donatos dos conventos, e se a ventura os ajuda, se publicam por unha e carne dos padres mestres, dos quaes affirmam não fazem sermão que lhe não mostrem oito dias antes. Costumam repartir com grande consciencia reverencias e paternidades, e no dia dos patriarchas das religiões, de quem se mostram apaixonados, não falham do côro e capella-mór, e muito mais certos do refeitorio; põem luminarias quando sahem prelados, e em tempo de capitulos seguem tal parcialidade e de tal modo, que sempre venham a ficar amigos dos eleitos, a modo de estudante pobre da beira, por oppositor que tem lacões.

Font. N. Ha ainda mais?

Font. V. Mais: a outros lhes dá em prégadores, vivendo muito prezados que fulano e fulano subiram por sua industria ao applauso que gosam: fingem-se memoriosos e de grande sequito, cabeceiam ao sermão e dão á orelha fóra de tempo, para que sejam vistos; ouvem com oculos, por maior credito de suas habilidades, e de quando em quando suspiram, e talvez abençoando ao prégador, dizem bem haja a mãe que te pariu; ora põem a mão sobre os olhos, ora applicam com ella por força o ouvido; esperam que desça do pulpito, e alli por entre dentes lhe dizem uma parvoice em traje de lisonja, que se puder ser, seja tirada da mesma doutrina do sermão, para que se note a

efficacia com que o ouviram. Aos que começam a prégar convidam com grandes papeis, que tem guardados dos famosos antigos, e tal ha d'estes tão confiado, que tambem á conta dos seus serviços se desmanda a pedir dez mil réis emprestados ao prégador noviço.

Font. N. Ha ainda mais?

Font. V. Mais: outros se lançam pela harmonia, e fazem com os musicos as mesmas monarias que os outros com os prégadores. Estes taes, dando pouca razão do saltarello na guitarra, se mettem de gorra com os mestres da capella, dos quaes ao menos em festa solemne, quando não tirem banquete, mula, ou barco para voltarem a casa, lhes importa a introducção melhor assento na egreja, onde muitos ficam em pé; remendam os mais d'estes cançonetas, e sem temor lançam a perder o melhor romance do mundo, virando-o do carnás para fóra, dizem que de humano o fazem divino, quando ao mais divino o fazem não só humano mas deshumano.

Font. N. Ha ainda mais?

Font. V. Muito mais havia, mas visto que não ha de ter remedio, eu com o dito me satisfaço, porém crêde-me que esta canalha de gente escusada é como o panno azul, que nem serve para bodas nem para doridos.

Font. N. Toda essa gente se comprehende em o nome de confrade?

Font. V. Toda, e sendo certo que começou (e em alguns continúa) este exercicio louvavelmente, tanto o foi estragando a malicia como haveis ouvido.

Sold. Por essa razão disse alguem, que o vicio era como mosca que em tudo se punha.

Font. N. Comtudo, eu vos digo que não quizera

cahir em vossa desgraça, porque ponderaes grandemente o que quereis.

Sold. Dizem que ha gente que dos argueiros faz cavalleiros, mas eu nunca topei com essa; mais despressa vi eu já dos cavalleiros fazer argueiros.

Apollo. A fonte em parte tem razão, porque sem duvida, a homens de grande ser não lhe pertencem nenhum d'aquelles exercicios, assentando como assentamos (e por nós os primeiros sabios) que do licito ao conveniente ha distancia muito comprida; aos nobres varões e aos espiritos generosos toda a acção de piedade parece digna, quando ella se exercite nos termos habeis, porque como não ha principe nem monarcha na terra que não tenha seu reino e imperio demarcado dentro dos termos precisos, assim tambem não ha virtude que não tenha sua esphera prescripta em tão determinado modo, que excedendo de seus limites, logo declina a vicio; d'onde vem que os homens sabios é justo que se contenham em meio das balisas da razão, que não deixa tomar a uns o que a outros pertence; porque da mesma sorte que a um religioso lhe seria notado intrometter-se a governar a casa de um senhor, seria notado a um secular introduzir-se a ser prelado de um convento; quando os homens por particular graça do ceu fogem do mundo, então todas as obras do despreso d'elle e de si mesmo lhe são convenientes; e por quantos mais opprobrios passarem d'esse mesmo mundo, mais illustres e honrados parecerão aos olhos dos bons; porque quem duvida que assim como a prudencia humana é ignorancia comparada com a divina, assim aquella ignorancia que os homens julgam por essa é n'estes casos altissima sabedoria para com Deus; porém emquanto os homens vivem debaixo das leis do seculo, que de todo não obrigam a deixa-lo (supposto que mais per-

feição seria) é força accommodar a seus costumes n'aquella parte honesta em que Deus tambem poz conformidade, atando a lei temporal á eterna, como author de ambas, para que os homens podessem viver politica e civilmente, e o universo em seu louvor se conservasse; pelo que, senhores, a nossa fonte não deixou de notar como devia, nem censurou como não devia o que lhe ouvimos, salvo de compaixão particular, que não devera, fez libello do conselho, e da reprehensão fez invectiva; sendo certo que logo se torna suspeitosa a inimizade do vicio, quando sómente se olha a pessoa que o padece e não a elle mesmo. O maior delinquente considerado humano, sempre é digno de piedade, a culpa não em si mesma, que no delinquente se castiga, mas a malicia é mais artificiosa que Fidias na estatua de Minerva, com tão agudo artificio derrama a culpa pela pessoa, que sem se despedaçar o homem se não póde arrancar o delicto!

Font. V. Acceito a reprehensão como de mestre e amigo, que são as duas calidades que a justificam; com tudo prometo de me não adiantar outro dia.

Font. N. Agora tenho eu embargos de terceiro, para não ser esbulhada da posse em que estou mansa e pacifica de me informardes do que se passa; e para vêr se me valem, emquanto a confraria vae passando, dizei-me quem é aquelle fidalgo que está encostado n'aquella janella do paço? Ainda aqui o não vi passear: será de novo vindo á terra?

Font. V. Bem dizeis: porque veiu de mar em fóra ha poucos dias.

Apollo. Qual é?

Sold. Bem sei a quem apontaes.

Apollo. Não te mettas aonde te não chamam.

Sold. Melhor é mandar-me tomar outro officio,

pois de soldado e cortezão encolhidos, nunca comereis bom bocado.

Font. N. Mal o cuidaria eu agora; muita mudança fazem quatro annos!

Sold. Se o dizeis pelo rosto, ou pela condição? Que tambem diz que se mudam com as compleições de dez em dez!

Apollo. Dos homens desprezados será o passo da mudança tão vagaroso, não já o dos favorecidos!

Font. N. Segundo esta queixa, parece que de uma só pessoa faz a sorte muitos guizados.

Apollo. Tantos, como são as sortes que n'ella faz a fortuna: ao semblante da gente d'este tempo acontece o que dizem das perolas os naturaes: sempre tomam a côr do dia em que o sol as engendra: se pardo, pardas, se limpo, limpas, se clarissimo, clarissimas; assim vereis nos cortezãos e nos ministros, pelo gesto e pela condição podeis julgar o estado de seu valimento; quando bem vistos, ou quando mal vistos, quando bem vistos, oh! que pouco são para vêr! Quando mal vistos, que cortezãos, que humanos, que amigos, que pessoas tão de bem!

Font. N. Saibamos pois de qual humor pecca o sobredito, e acabae-me de dizer quem é e d'onde vem.

Font. V. Sim farei, menos criminalmente de que vos informei do passado, porque sou muito sua amiga, sobre que o sou mais da verdade, que de Cezar.

Sold. Esse foi sempre o valhacouto dos falsarios.

Font. V. Este que vêdes, senhor, é um governador de Ultramar, que chegou de seu governo a semana passada.

Font. N. Rico, ou pobre?

Font. V. Dir-no-lo-ha melhor um républico da mesma terra que governou, vindo á nossa diante d'elle obra de um anno a lançar a loa de sua entrada, com

mais capitulos que tem o decreto de Graciano, d'onde se contém a vida e milagres de seu regente.

Font. N. Valha-me Deus, que se não possa atalhar uma d'essas insolencias, ou de governadores ruins, ou de subditos revoltosos!

Font. V. Seria facil, tornando a massa do mundo outra vez ao alguidar, e tornando-a a tender de outra maneira; mas d'isto em fóra não será facil!

Sold. Achando-me eu na India (por meus peccados) ouvi dizer que perguntara lá certo rei vizinho a um embaixador nosso, quantos vice-reis tinha degollado el-rei de Portugal seu irmão, e como lhe dissessse que nenhum, respondeu: oh! Mafoma! pois por isso elle tem a India tão bem governada.

Font. N. Esse fallava segundo pagão e barbaro, entre os quaes como não fortifica a nobre semente do respeito, só lhes resta o medo por fiador das obrigações e obediencia dos vassallos; mas entre a gente christã e politica, d'onde o amor nasce e se recolhe a razão, por conta d'estes illustres affectos correm os mais principaes acertos de um governo justo e moderado.

Apollo. Olhae cá, já no imperio romano foi assim, e é assim em todos os grandes imperios, d'onde vão homens de differente nação, humores, uzos e costumes a governar a outros, em tudo isto diversos.

Font. N. Pois qual é a causa de que jámais se virão conformes os corações dos que governam e dos que são governados?

Apollo. Dir-vo-lo-hei, e será necessario tornar atraz um passo para pedir de soccorro um exemplo á natureza, afim de que nos facilite esta resposta, o que eu faço de boa vontade em graça da importancia da pergunta, e póde ser tambem que pela novidade d'esta doutrina.

Font. V. Em tudo vos deveremos muito.

Font. N. Muito folgaremos de vos ouvir.

Font. V. E eu muito mais, porque sou já d'esta edade e amiga de saber, e nunca topei quem d'esta duvida me tirasse; é verdade que nunca me encontrei com Apollo, senão d'esta vez.

Sold. Diga v. m. para todos, que tambem cá somos gente, e d'aquella a cujo cargo está dar honras e tirar famas a seus superiores.

Apollo. Assim ha de ser a boa doutrina, que a todos se estenda, como a claridade que a todos alumia.

Font. V. Vamos já ao ponto, que não sei em que nos detemos.

Apollo. Foi antigamente pergunta, e ainda queixa de alguns philosophos, porque razão todas as mézinhas proveitosas á saude dos homens, eram sempre molestas e desabridas a seu gosto e sabor? Por esta causa não faltaram criticos que tachassem a natureza de improvida, pois sendo-lhe facil ordenar que as mézinhas fossem suaves, como os mais delicados manjares do mundo, escolheu antes os sabores violentos para depositar n'elles sua virtude. Escusaram-na depois os verdadeiros sabios d'esta culpa, imposta pelos que o não eram. Estes ignorando seus mysterios, e aquelles penetrando-os até o perfeito conhecimento d'elles. E' a razão porque como da desordem dos homens procede a enfermidade que o homem padece, logo foi necessario que todas aquellas cousas com que essa desordem fosse moderada ou extincta, comprehendessem tambem em si virtude e força desordenada; como se dissessemos em alto, ou summo grão, quente, secco, humido, frio, doce ou amargoso, duro ou brando, liquido ou espesso, e como pela propria razão d'esse excesso a estas taes cousas não cabe alguma harmonia, pela mesma razão não póde haver

gosto nem sabor n'ellas, aliás fôra impossivel terem efficacia e bondade para evitar a desordem de que o morbo procede; assentada pois esta facil (posto que não vulgar) doutrina, conhecereis logo que entre os que mandam, os quaes representam as medicinas, e os que obedecem, os quaes representam os enfermos, não póde haver conformidade, sendo as calidades de ambos estes suppostos, ainda de maior contradicção do que a dôr e remedio. Senão dizei-me: como ha de curar um governador a excessiva insolancia de um subdito poderoso, senão com uma excessiva severidade? Como ha de curar a excessiva soltura de um inquieto, senão com um excessivo rigor? Como ha de curar as maranhas de um excessivo trapaceiro, senão com uma excessiva resolução? Ora sendo estes sabores entre si tão encontrados, vêde quem poderá reduzi-los a uma certa concordia, em tal maneira que tudo se conforme em applauso, amor e reverencia? Quanto é por essa parte dos queixosos, tão alheio estou de condemnar aos que governam, que tivera antes ruim suspeita do governador sem queixosos.

Font. V. Muito bem definido está tudo o que dizeis, mas a duvida é que sendo isso assim, seguir-se-hia que aquelle que mais malquisto viesse de seu governo, mais emendas haveria dado á republica, o que não vemos certo, mas pelo contrario; aquelles que mais quizeram melhora-la a deixaram peior que d'antes; ao que alludia um grande governador d'este reino, que quando despachava outro ao regimento d'alguma cidade, praça ou provincia, dizem que sua ultima pratica era: Ide, senhor, e lembrae-vos que não quer sua magestade que lhe ponhaes a sua provincia, praça ou cidade melhor d'aquillo em que a achardes; é tentação de homens bizonhos e imprudentes lançar-se de repente ao melhoramento da re-

publica, e achar-se depois como os que fazem obras sobre paredes velhas, que ás primeiras camartelladas dão com tudo de avesso.

Sold. O Apollo não é tão parvo como se fazia; eu notei já, vendo-me em galhofas com amigos, que nenhum toma a violla na mão que não a tempere a seu gosto, bem possa elle ser um chambão e que ella esteja afinada por Lucas de Aguiar, lá lhe andam e desandam com as escaravelhas, e até a não destemperarem com o seu tempero, não descançam.

Font. V. Que grande moralidade se encobre debaixo d'essa parvoice!

Font. N. Mas se com tudo haveria algum remedio para que esses governadores não viessem assim culpados, ou capitulado, pelo menos?

Apollo. Haveria.

Font. N. Qual?

Apollo. Dois, um por outro; o primeiro que as pessoas se buscassem para os cargos, e não elles para ellas.

Sold. Lastima é que para escolher um melão se façam mais provas e diligencias de sua bondade, que para um conselheiro e para um ministro.

Apollo. Que quer dizer, que lhe não valha ao homem de bem ser homem de bem, christão, sezudo, bem creado, verdadeiro, limpo, fiel, livre, cortezão e discreto, para que entre tantas partes ache um só padrinho; porque se não tiver padrinho, nenhuma d'essas partes lhes aproveitem? E que quer dizer, que aquelle que não tem nada d'isto, seja sempre o eleito e o escolhido, e o lembrado para tudo? D'estes errados principios procedem, como soem, os erros, e que a elles forçosamente se lhe seguem.

Font. N. Eis ahi um meio: porém esse é muito antigo e impraticavel no mundo; qual é o outro?

Apollo. Que os principes não admittam fóra de tempo, nem por meios torcidos informações, queixas, e capitulos de seus ministros, e que tendo tempo as ouçam, inquiram, averiguem e pugnem com toda a prudencia, e execução: pois do contrario se segue que nem a justiça se faz, nem a verdade se justifica, nem a mentira se paga. Vemos hoje, com reprehensivel desordem ouvir as queixas, averigua-las com remissão, e com maior demasia esquece-las. O rei que ouve para não apurar o que ouve, parece que se deleita do mexerico ou da malicia, e se aborrece da emenda; porque em qualquer calumnia um de dois devem ser os emendados: aquelle contra quem se faz a queixa, se ella é verdadeira, ou aquelle que a faz, se ella é falsa, porém vêr queixumes, imposturas e accusações, sem vêr cutellos, desterros e cordeis, é uma cousa que admira e desconsola juntamente! Já sabeis o exemplo do vosso rei D. João segundo, que mandou arrepelar o judeu que lhe capitulou um ministro, ao mesmo tempo que por esses cargos lhe tirou o que elle tinha, ou lh'o trocou a outro menos occasionado; ainda bem, porque o nosso Portugal é tamanho, que me atrevo a jurar (e mais sou uma pedra fria) que sabe el-rei o que tem em cada qual de seus servidores, como elles mesmos sabem o que tem em si, sem necessitar, má hora, de provas phantasticas, ou de ociosas pesquizas.

Font. V. Parece que vos não parece que el-rei n'estes casos haja de ouvir a quem se queixa, fundado nos repelões d'este caminheiro de Evora, que conta o Rezende?

Apollo. Assim o dissera eu, se houvesse tempo para vos dar todas as distincções d'esta regra: mas de passo vos digo, que o ouvir dos reis só deve ser de proposito áquellas pessoas a quem compete avisal-os, e

muito acaso ás outras a quem de ordinario não o zêlo, mas o odio guia: ouça embora el-rei a todos, com condição que a todos conheça, e senão ha-de conhecer a todos, não ouça se não aos bons e aos que tem nomeados para serem d'elle ouvidos. Platão ia passando por um prado de Athenas, e as moças de cantaro vinham da fonte fallando n'elle; mensurou o passeio e as foi ouvindo; encontrou com seus louvores, e foi mais devagar, ouviu defeitos alheios, e apressou-se; menos inconveniente é diante de um principe o elogio sem causa, que a detracção sem justiça. Accusava comtudo um dos platonicos os passos ao mestre; respondeu-lhe: não ouvi o que podia ensoberbecer-me, mas o de que devia emendar-me; e não deixei de ouvir o que podia remediar, mas o que podia alterar-me para que o não remediasse. Ouça el-rei com pezar as culpas alheias, e só dê de achado de sua noticia a sua melhora; porque quem ouve com festa e agrado a falta alheia, lá mostra sua especie de impiedade; ou supponho que se satisfaz de que haja culpas que punir ou que evitar, ou d'onde esconder as proprias. Dir-vos-hei, que sendo o maldizer perigoso e punivel, ainda não faltam maldizentes, que fará se fôr acceito e premiado dos principes; Deus nos livre, pois appellaremos á prova; ahi está o maior inconveniente porque ninguem levantou cousa que a não provasse, se quizesse, que essa foi a galante queixa ou desculpa do nosso Lopo Soares de S. Payo pelo grande Affonso de Albuquerque.

Font. V. Em tudo fallaes como nobre: mas se achariamos cousa d'onde cahisse a menor custo a emenda?

Apollo. Sim, acharemos: a primeira é que o governador não cuide, nem dê a crêr a seus subditos, que vae lá a ser seu amigo ou seu inimigo, senão seu

governador; nem em tal modo que fóra funcções de seu officio, não pareça que tal homem está em tal terra de não ter amigos, se segue não ter inimigos; sabeis quanto isto importa? Que será, a meu juizo, menor mal ser inimigo d'alguns que ter por amigos a muitos: porque ser inimigo d'alguns, quando muito o fará fazer mal a esses alguns, de que fôr inimigo: e o ser amigo de muitos o obrigará a fazer muitos males por esses seus muitos amigos. O mais nocivo uzo dos que lá governam, e governam em todo o mundo, é a parcialidade. Claro está: pois se ainda entre eguaes cujo poder se contrapeza reciprocamente, é damnosa qualquer bandeira, que fará se em uma d'essas balanças se lançar todo o pezo da potestade publica!

Font. V. Conforme vossa disciplina, antes se póde degradar, que despachar para um governo; porque sobre quererdes a estes homens malquistos, os quereis intactaveis; aposto que tambem os desejaes pobres como Job? Cousa que os politicos não admittem por util a seus magistrados.

Appolo. Não quero tal que senão aproveitem, e quero que se lhes paguem o perigo dos mares e desconto da viagem, o incommodo do clima, a ausencia da patria, e se fôr necessario, até a saudade da mulher e dos filhos, por ser justo que a terra sustente e accomode a quem a rege e deffende.

Font. N. E como se fará essa maravilha?

Apollo. Sem maravilha: se se fizer como não ha muitos annos fez um capitão portuguez em Ormuz, ou por modo similhante.

Font. V. Como foi esse negocio, que já ouvi fallar n'elle, e conta-lo a alguns estadistas.

Apollo. Por bem cortezão artificio se enriqueceu, e foi assim: informou-se em chegando á cidade de quan-

tos mercadores n'ella havia; achou quinze mil homens de trato.

Font. V. Olhae, que parece muito!

Apollo. Antes parecerá pouco, a quem souber que quando nos ganhou o Xá Abbas, rei da Persia, aquella praça, valia o negocio d'ella noventa e seis milhões, como escrevem todos os que escrevem sua perdição o anno de mil seiscentos e vinte e um.

Font. N. Que fez então o governador depois de contār os tratantes?

Apollo. Chamou os cabeças da mercancia e lhe pediu cortezmente que fizessem com os seus que lhe emprestasse cada chatim duas patacas em prata; ao outro dia tinha ante si as trinta mil, que sommava o emprestimo, o qual a respeito do valor da terra eram formosos sessenta mil cruzados de cabedal; com este negociando felizmente, acabou os seus tres annos sem contenda nem murmuração: pagou, e voltou rico de nome e thesouros.

Font. V. Tambem ouvi que el-rei D. João o segundo, com quem já allegastes, mandando ao governo da Mina a certo fidalgo pobre, lhe disse: mando-vos, fulano, governar a terra do ouro; encommendo-vos que não volteis de lá sandeu.

Font. N. Não pode haver maior prova de que o proveito seja licito, sendo approvado por tão grande rei que tinha notavel juizo.

Apollo. Alguns cegamente põem toda a sua inteireza em não tomarem; boa fôra esta isenção, se fosse perfeita: mas que importa se pelo amo, que não toma, toma o creado, toma o amigo, toma o intromettido, de modo que andando muitos a tomar, não ha cousa que escape; por aquella regra, que da agua encanada não se esperdiça gotta, e da espalhada nenhuma se aproveita; e o peior é que estas taes tomadas miudas

são as que mais se sentem e menos valem; como a chuva, que chamam molha parvos, faz maior damno que as aguas grossas n'aquelles sobre quem descarga.

Sold. Isso posso eu bem certificar, que na guerra menos gente morre e menos damno se recebe da artilheria, que da mosquetaria.

Apollo. Similhantemente, menos molesto é á republica um regalo, um presente, um serviço, (e seja embora se fôr uma peita,) que se faça a um governador d'ella, que não o continuo estalicidio, que está correndo e diffundindo-se para varios, e muitos introduzidos na valia.

Font. N. Tudo está muito bem, mas sem que passemos adiante uma palavra, haja pelo amor de Deus quem me construa aquelle estudantão que por ali vae, a quem trago em olho já ha muitos dias, porque a immundicie de seus trajos, a extravagancia de seu gosto, e a côrte de ociosos esfarrapados que sempre lhe assiste, me tem feito crescer tanta agua na bocca por conhecel-o, que se ella crescesse tanta em minhas bicas ou arcas de agua, não se déra a cidade por mal servida, nem eu necessitara de grão familia de alcatruzes que me empobrecem.

Font. V. Por onde vae?

Font. N. Não o vêdes?

Sold. Já fez roda: que não venha cá cego sobre tripeça em dia que estreia milagre novo.

Font. V. Ah! sim, muito bem, muito bem; não, quanto é d'aquelle, eu vos direi mais do que porventura queiraes ouvir-me, e mais não direi tudo o que ha n'elle digno de ser notado!

Font. N. Que profissão?

Font. V. Grammatico, com fumos de poeta, fallando com perdão dos que me ouvem.

Apollo. Bofé, eu sou o primeiro que o ouço e que o perdôo.

Font. V. Pois cuidava eu que a vós tocava directamente esta indulgencia.

Apollo. Assim fôra se fosse poeta o offendido, matriculado nos livros da cozinha de minha casa, mas de capigorrões vadios e mentecaptos (como ora este) não fazemos lá caso na côrte de Helicona.

Sold. O senhor Apollinho fallar bem: porque não ha ordem para vos soffrermos desvarios; comedi vossas palavras, ou chamarei pela ronda!

Apollo. Vêdes isto? Mas quanto vae, que se pica tambem este picaro de trovador? Ora o mundo ha mister uma calda!

Font. N. Valha-me Deus! E' possivel que entre nós ha de haver desgosto por um ninguem de um grammatico poetinha que não vae nem vem!

Font. V. Cumpre-me metter o bastão: oh! senhores, vossas mercês se aquietem por meu amor, visto que não é com elle o arruido, senão entre mim e a senhora minha sobrinha, nós fallamos cá para comnosco: não passe adiante a desconfiança, e seja poeta e grammatico quem o fôr por seus peccados:

Apollo. Ouve, vê e calla, viverás vida folgada.

Sold. E falla, dizia um fallador do meu tempo·

Apollo. Parvoíce é esta para fazer um discreto!

Font. N. Despenae-me, senhora tia, e acabae já de me dizer se aquelle pobre é grammatico e poeta juntamente, que são dois infernos n'este mundo, fóra o outro que o espera por suas pessimas occupações.

Font. V. Sim filha; tudo isto padece o triste, que são dois males que andam juntos, como a gota e a pedra; ou para melhor açoutes e galés, que ainda mal, porque não vem um sem o outro a estes peccadores!

Font. N. Poeta e grammatico! Salvo tal logar, ar-

redo vá por mim e por todos a quem eu bem quero! mas que vem a sommar toda essa ladainha de trabalhos, se se póde dizer?

Apollo. O que era bem que isso fosse, eu vo-lo dissera; mas em dizer o que é, assim sou eu parvo!

Font. V. Tendes razão, porque não são essas palavras as que cabem na bocca de um homem honrado; grammaticos como aquelles (menina) é uma praga de gente bem escusada no mundo, são como os cães das boas letras; não servem senão de roer os ossos e espinhas, até que as põem na espinha.

Apollo. Nunca vi fonte correr mais claro.

Font. V. Sobre se um tu, ou um eu (que são palavras bem pequeninas, anniquiladas e creadas entre nós) vem de Grecia ou de Palestina sem que n'isso vá ou venha cousa alguma, e se tem raiz hebrea ou grega, se vem o mundo abaixo como se as taes palavras importassem muito serem gentias ou christãs novas! Pessoas ha d'estas tão malditas e porfiosas, que por averiguar o tamanho de uma letra e levar a sua ávante, sobre se é longa ou breve, gastam quanto dinheiro tem em papel, e quanto tempo lhe não sobeja em lêr Calepinos e Varrões, e no cabo ficam mal informados, como d'antes; sendo a peior parte d'este brinco que ninguem lhe paga ou agradece esse trabalho, repartido e repetido em tantas arengas enganosas, impertinentes e desaproveitadas, porque se nós vemos que ainda pelos criticos não está averiguado se se ha antes de dizer xapeo ou chapeo, se tostães ou tostões, se al que, ou se antes que; sendo palavras caseiras com que nos creamos, como estará cá entre nós se o Omega dos gregos, vindo de lá tão longe, se ha de dizer depressa ou devagar, Omega ou Oméga, que é uma das modernas contendas d'esses miseros.

Font. N. Ahi senhora tia! Grande pensão é essa! Sempre fui inimiga de tal gente; quem conta as lettras, melhor contará os boccados: não ha cousa como um fallar desabotoado, de modo que as pessoas digam tudo quanto lhe faz mister, sem pedir outras regras que as que lhe dá a natureza de mão commum com a necessidade, occasião e compostura, que a todos em seu modo pertence; mas andar fallando, como quem bebe por pucaro pedrado, ou como a historia do Salsinha, que não haveis de dizer sim nem não, é um maldito costume!

Apollo. Adiante vá quem assim te creou, minha agua pura!

Sold. A' fé, que a fontainha para lançar pouca agua, já mija fóra do testo.

Font. N. Mas dizei-me, senhora, essa outra gente a que chamam poeta, é tão proluxa e escusada como a grammatica?

Font. V. Maus são os poetas, porém dão talvez algum contentamento; porque como já disse algum d'elles, não falta Deus tão ocioso que lhes assista, se Apollo, que está presente os não deixa mentir, porém os grammaticos nunca dão gosto, porque além de ser turba por si mesmo sem sabor, a profissão é inutil uzada fóra de tempo. Sabeis como são? São propriamente como uns melindrosos, que sempre se curam e sempre estão doentes; pelo mesmo caso que os grammaticos de continuo desentranham os idiomas e fazem barrella, e muitas barrellas á linguagem, são de continuo os que peior fallam, escrevem e conversam; senão vejam se fulano e fulano que grammaticando perpetuamente, lhe não falta no cabo para barbatos a grossura de um patacão.

Font. N. Que nome é este grammatica, ou que significa e d'onde vem?

Font. V. Não me toca essa averiguação, estando quem está presente.

Apollo. Como Grecia fosse provincia dilatada, succedeu á sua lingua o que succede ás mais do mundo, que são estendidas por varias gentes, d'onde umas sendo mais subtis que outras em juizo e pronunciação, pronunciam com maior suavidade as palavras e as escolhem com maior prudencia; os mais grosseiros tudo isto fazem rudamente. D'aqui procedeu que os gregos dividiram seu idioma em quatro classes, das quaes era a mais sublime, regular, e concertada a lingua dos atticos, por caber em seu districto a universidade de Athenas, que lhe deu nome e ao mundo todo, como se cá entre nós dissessemos se fallava mais elegante em Coimbra que em outra parte, não mentiriamos, sendo alli o coração e alma das sciencias que se ensinam e aprendem. Logo, porque os gregos chamam gramma, ao que nós letras, juntando-se estes dois nomes gramma e attica, fizeram aquelle nome composto que dizem grammatica, que vale o mesmo, que letras dos atticos. O qual nome alargando-se com o tempo veiu a significar o regulado estylo de fallar qualquer lingua do universo, porque em todos ha sua perfeição a contextura, a qual por similhança dos atticos se chama grammatica.

D'esta tal observancia se deduziram as regras e leis do bem fallar e escrever, que vem em somma ao officio dos grammaticos, porém fizeram elles d'elle tão impertinentes guizados, que na maior fome do mundo os não comera o diabo, porque com desordenado zêlo de sua profissão, não ha cousa que não arrastem para ella, sendo assim que por fim de contas não se estende mais a senhora grammatica, que ao que vos tenho dito.

Font. V. Folgo de saber isto, porque quando via

estes homens tão entonados, cuidava d'elles que eram os paes da sabedoria.

Font. N. Muito contente estou de vos ouvir; mas agora desejo de entender se aquelle grammatico é excellente em sua arte?

Apollo. Qual excellente! E' um pobrete, que supposto que ensina, sabe elle muito menos do que eu lhe ensinei; porém não se desconsole a vossa nação, porque entre os portuguezes podeis com razão celebrar o vosso padre Manuel Alvares, mestre e auctor da grammatica latina e portugueza, em que foi tão subido, que pela sua arte nova, que se fez e compoz, reformando as antigas de Despauterio e outros caducos, se ensina hoje em Italia a grammatica! E foi para esse effeito traduzida pelo famoso Horacio Torcelino, um dos mais eminentes latinos, orador, escriptor e grammatico de seus tempos, como se vê em suas obras, e principalmente no epitome das historias do mundo.

Font. V. Não tivemos outros famosos grammaticos na nossa nação?

Apollo. Sim, tivestes; como o insigne historiador João de Barros, que compoz d'ella uma Arte de Grammatica Portugueza, de poucos conhecida e anda junta ao seu livro de Viciosa Vergonha, tambem de poucos visto. O mesmo o vosso bispo Ozorio Cardoso, Barbosa, Amaro de Reboredo, João Nunes Freire e outros vocabulistas, aos quaes avantaja o presente auctor das Prosodias, com justa razão celebrado.

Sold. Por Deus, succeda o que succeder eu lhe hei-de perguntar por alguns vivos, que conheço grandes officiaes d'este officio; pois fallaes n'esses, senhor Apollo, não me dareis razão de alguns auctores?

Apollo. Nomeaemos?

Sold. Macedo, Gallegos, Pires, etc.

Apollo. Tende mão: esse Pires nunca havia de ser prato, e pratão menos: os Gallegos sempre foram melhores para a chuça, que para a pena. O Macedo, me dizem se foi para Macedonia, e não é bem julgar á reveria, mas sabei que de auctores que comem e bebem não costumamos fazer juizo; se os mortos vos não dão medo, tratae d'elles.

Font N. Antes será melhor que nos ponhamos em salvo da grande briga que lá vem. Justo Juiz! Que revolta tão grande será aquella?

Font. V. Mais de mil varas de justiça vejo vir seguindo e perseguindo a um pobre homem; coitado, que não sabe onde se meta, nem elle póde fugir, que seis mil prizões traz arrojo! Nem ha quem contra ellas o soccorra!

Font. N. Se conheceis este miseravel?

Font. V. Quem quereis vós que conheça a um perseguido! Se diz o nosso texto, preso e captivo não tem amigo.

Sold. Oh! lá vae o rio de monte a monte! Mau negocio tendes compadre, se vos faltam os compadres!

Font. N. Logo ha aqui justiça de compadres! Boas novas tenhaes.

Apollo. Comtudo, o mundo não se perde por respeitos, senão por máus respeitos.

Font. N. Descobri já quem seja esse prezo!

Sold. Com a muita gente que o cerca, o não podia vêr, mas já o lubriguei, e pelo que tenho ouvido, suspeito quem é.

Font. N. Grandes delictos deve ter commettido, homem que assim sem piedade é accusado.

Apollo. Não é forçosa consequencia, posto que é violenta presumpção.

Sold. Dizia por outros taes um bargante da minha

terra, não fez trezentas, nem quatrocentas, como o parvo de João de Mena, mas fez uma e boa.

Font. N. Se o conheceis, é o que pergunto.

Sold. Jurára eu que já vira este homem triste, mais alegre em outra parte, e melhor tratado!

Font. N. Elle faria cá por d'onde o maltratassem, que tarde ou cêdo a verdade anda por cima da agua, e a justiça dá o seu a seu dono.

Sold. Assim é: mas emquanto a agua anda por cima da verdade, e a justiça não conhece quem é o dono do seu, perece o dono e a verdade.

Font. N. Pois suas culpas não hão de ser vistas e mostradas?

Apollo. Sim hão de ser, que por isso nas sentenças se uza tanto do verbo mostrar, por que a justiça não se ha de fazer de ouvidas, senão de vistas e mostradas.

Sold. Olhae, cada um mostra as cousas como lhe convém, armando laços aos olhos! Fazei conta pelos muitos que tambem nos armam, ao que attentou aquelle galante namorado, que tendo uma dama, cujo nome era Maria Ayres, elle lhe poz este sobrescripto, escrevendo-lhe de amores: á senhora Ayres Maria, dizendo, embrulho-lh'o assim, porque se do senhor pae fôr visto, não seja entendido.

Font. V. Por certo tu me fizestes agora rir com essa embrulhada!

Sold. Não é desproposito, se não proposito e rixa velha em que anda a verdade e a mentira, a demonstração e engano.

Font. V. Como que dizeis bem! Porque não ha pintor de maiores phantazias, que o affecto proprio.

Sold. Bem se prova por outra historia que estava para vos contar.

Font. N. Sua historia vá adiante.

Sold. Mostrava um christão em Ceuta certo painel de Santiago a um mouro, e tinha o Santo muitos mouros desbaratados e rendidos a seus pés: construia-lh'o, dizendo: olha perro, quantos mouros que venceu o Senhor Santiago! Perguntou-lhe então o mouro muito socorrão em sua má algaravia: quem pintar senhor christão? Pintar christão ou mouro? Como pintar mouro! (dizia o christão) Pintou-o um christão muito honrado, e christão velho. Pois (respondeu o mouro) bem parecer; porque se pintar mouro, pôr mouro a cavallo, e mais de trinta Santiagos ao pé, tanto tomam as pinturas da mão de quem faz os paineis!

Font. N. Dera eu quanto tenho por saber mais d'esse peccador!

Font. V. Pelo que d'elle já ouvi, eu vos direi o que souber. Conheci-o ha annos, posto que elle assistiu poucos d'esta parte, mas por esses que já ouvimos, entendemos que já desmerecia de mãe e patria; por isso me disseram sempre que os estranhos, ou pelo conhecerem mais, ou pelo conhecerem menos, lhe fizeram boa passagem, e que por elle entre elles estar, não perderam sua honra seus patricios.

Font. N. De sorte que para uma pessoa ser estimada, é força que vá buscar terras alheias?

Apollo. Parece que não sabes todavia, que o que nos pecegos foi mentira, sahiu verdade nos homens!

Font. V. Mal vos entendemos, ainda que fallaes bom portuguez: que tem que vêr as fructas com as pessoas?

Apollo. Entre as celebradas patranhas de Plinio e outros taes como elle, se conta que os pecegos na Persia são peçonha, e fóra d'ella pomos suaves e sadios: isto é mui grande falsidade, porque os mira olhos de Aspão, e os meracotões de Xiras são tão

gentis e bem acondicionados, como os do valle de Chellas; mas foi symbolo elegante para os homens, os quaes na patria por vicio d'elles, ou vicio d'ella, de ordinario vemos desaproveitados, com tudo se esses mesmos se transplantam a outra terra, não ha cousa mais deliciosa e singular.

Font. N. Sendo este homem d'esses que dizeis, grande cauza haverá para que seja assim mal tratado!

Font. V. Haverá alguma não conhecida, porque as da praça mal obrigariam a similhante fortuna: o mais alforje me dá á porta do mar.

Apollo. Não sejaes tola, já que sois fonte simples mas honrada, porque a parvoice nos anciãos parece tão impropria como os amores: ninguem paga no mundo de agora a sua culpa, senão a sua desgraça: se fosseis tal que ao cabo de vossa velhice o não soubesseis, tendo-o tantas vezes visto no mundo de hoje, (e ainda mal, porque no de hontem e no de amanhã) que maior culpa de um peccado que ser desgraçado: pelo que não faltou algum juizo de bom juiz, que dissesse (como testemunha de casa) se havia de dizer no pregão: justiça que se manda fazer n'este homem por mofino. Ora se esse de quem dizeis é mofino, que mais culpa quereis que tenha, ou delicto que pague!

Font. V. Dizia eu isto, porque vi e ouvi já muitas coisas, vistas e sabidas de todos, que só a justiça parece que as não quiz saber para as castigar, sabendo-as a verdade e o escandalo para acusa-los, e no cabo todos ficaram sem castigo.

Appolo. Juro-vos pelo juramento de meus graos, que nunca o mundo é mais injusto, que quando ha justiça para uns e outros não.

Font. N. Não será peior ainda, quando para nenhuns houver justiça?

Apollo. Não.

Font. V. Porque?

Apollo. Dirvo-lo-hei, porque quando a ninguem se faz justiça, está já a malicia em tal ponto que não póde durar muito. Abstrahindo o mundo de justiça e razão, é inferno, e Deus não creou o mundo para inferno, senão para mundo d'onde apascente e entretenha os homens que creou para o Ceu; de sorte que se a justiça de todo faltar, será para algum temporal castigo; mas quando o mundo vae de justiça para uns e para outros não, com aquella pouca justiça que se faz a alguns pagam os injustos a obrigação que tem de fazer justiça a todos, e á conta d'essa breve justiça que fazem, obram outras tantas semjustiças, que uma só d'ellas damna mais, de que aproveitam cem justiças d'ess'outras. Se não dizei-me, qual será peior anno, aquelle em que faltar um dos fructos da terra, ou aquelle que não faltando, esse tal seja corrupto e pestilente? Vereis o que são essas justiças que se fazem a tempo, (que só a alguns se fazem) já mais se exercita n'ellas a pureza e constancia que a justiça requere; pela qual razão a pintaram virgem immaculada os antigos, denotando a limpeza e incorrupção que lhe convém; mas em lugar d'estes affectos generosos e santos, a vereis agora cercada de odios, paixões, parcialidades e interesses, que a tem dessimilhada de tal maneira, que muitas vezes lhe é necessario o seu mesmo pregão, que diz esta é a justiça, como aquelle outro mau pintor, que pintando mal o gallo, era preciso pôr-lhe por cima o sobrescripto, que dissesse: este é o gallo, aliás não seria conhecido por esse; assim ouvimos agora: esta é a justiça, porque muitos que a vissem em taes trajos a não haviam de conhecer. Sabemos que de ordinario as bastardas paixões dos homens se acolhem ao sagrado d'aquelle alto nome de justiça, para que coberta d'elle, e debai-

xo de sua marca atravessem a praça do mundo mais honestas. O maior desconcerto de um relogio consiste em dar algumas horas a seu tempo e outras não; porque d'aquelle relogio que de todo anda errado ninguem se confia, e de que talvez acerte se confiam muitos parvos, que depois vão dar comsigo e sua conta por ahi além; assim são os desmanchos do mundo, nunca parecem tão grandes nem tão prejudiciaes como quando só para mim (conforme já disse o nosso Camões, e antes d'elle algum latino) anda o mundo concertado.

Font. V. Sois a mesma imagem da verdade, e n'esse caso a dizeis ainda adiante do que cuidaes; porque segundo se affirma, dizem que se costuma n'esta era castigar sevaramente imaginações e obras de zombaria: andam as palavras e as obras delinquentes, soltas e livres, a rir e folgar sem haver quem lhe diga: obra, mal fizestes! palavra, mal dissestes! E todo o aqui de el-rei vae sobre os pobres pensamentos, por ser gente mais retirada e menos conhecida.

Font. N. Não teria este preso (como a muitos succede) quem o ajudasse em seus trabalhos, porque os homens em seus negocios são como a era e o muro: se a era não tem muro por d'onde trepe, toda a vida é pizada dos passageiros: se acha edificio ou arvore alta, que lhe dê a mão, sóbe até d'onde quer; logo serve de corôa e mesinha.

Font. V. Agora não teve valedores! Muitos e bons.

Apollo. Olhae, minhas fontes, isso que chamam valias, são como mercadorias, que segundo a parte d'onde se encaminham valem, ou não valem, como vereis que na Ethiopia vale o zimbo, que é buzio, e as barafulas, que são palha, mais que a prata e ouro: que lhe importa o achado da perola ao gallo de Esopo! mais vale a perola, que a migalha ao homem:

porém ao gallo mais vale a migalha que a perola; e ha alguns que em suas pretenções cuidam que tem achado tudo, por lhe assistir o valor de grandes valedores, e no cabo se perdem, porque não são elles os que valem.

Font. V. Tal póde dizer ess'outro, que não lhe faltando perolas, lhe faltaram migalhas.

Font. V. Emfim, d'onde o levam agora?

Sold. A deita-lo no mar, como cisco, ao suspeito!

Font. N. Talvez entre o cisco se lança o ouro fóra de casa por mãos de gente desatinada e rustica, o que depois custa dôr, perda e saudade; e buscar muitas vezes á candeia e não achar-se o que se esperdiçou na metade da hora do dia.

Sold. Pois cuidareis agora que o digo por remoque? Sempre tive raiva de umas certas vassourinhas de mata pulgas, que não sendo mais que umas pobres maravalhas da charneca (emquanto ha, que o digo) eil-as já em casa presadas de vassouras de palma, e á conta de alimparem o aposento, nada lhe pára diante; ora varrem o garfo ora a colher, o dedal e a thesoura; nada lhe escapa que não lancem a perder, e d'isto em fóra, todo o mais tem de ociosas, como ripanços, encostadas detraz da porta, como se nos bons feitos que tem feito, houveram feito á casa e ao dono d'ella um grande serviço; sendo estes taes aquelles que diz o nosso rifão: serviço te farei, com que arrenegues.

Font. V. Esperae, que ainda ha outras vassourinhas peiores d'estas, que como os judeus varrem para dentro (por não lançarem, segundo d'elles dizem, os bens para fóra) varrem ellas tambem para si tudo o que acham em casa, até a deixarem varrida.

Font. N. Deixae isso, e dizei-me porque razão quem

póde, não tem acudido com o remedio a esta sem razão?

Apollo. Olhae, todos os oculos de vêr ao longe tem dois vidros differentes, um d'elles faz as cousas maiores do que ellas são, outro mais pequenas. Os principes sempre veem de longe as acções de seus vassallos, porque entre a magestade e a plebe ha grande distancia. Os que andam juntos dos reis ou são estes mesmos oculos, ou são os que lh'os ministram! uma vez lh'os offerecem com o vidro grande para os olhos, então tudo quanto veem é muito miudo, e muito pequeno: isto succede quando lhe dão a vêr as culpas e defeitos de seus amigos, porém quando os merecimentos e virtudes, voltam-lhes destramente o oculo e lh'o apresentam com o vidro pequeno para cima, e o grande para baixo, por onde de logo os ouções lhe parecem elephantes; tudo isto se faz ao revez, quando lhe mostram as obras de seus inimigos.

Sold. Pois por isso ouvi sempre dizer que perdia a vista, quem se sujeitava a vêr com oculos!

Font. N. Não duvido eu que todos os principes sejam bem inclinados, e que desejem o commodo e descanço de seus subditos; porque segundo já me contaram, as leis penaes mais se fizeram para escarmento, que para castigo; porque o delicto executado realmente não se desfaz pela pena que se lhe assigna: admoesta ella aos outros e os intimida para que não façam outro tal delicto; porém devemos de crêr que a justiça é tão poderosa, que ata as mãos aos reis algumas vezes.

Apollo. Fallaes bem, e como pessoa aqui das abas do paço; mas adverti que a justiça do principe é no modo diversissima da justiça do juiz; a este lhe não toca mais que executar a lei, e ao principe manda-la

executar no modo mais conveniente, que vem a ser tal vez modera-la, declara-la e interpetra-la, suspende la, e tal vez revoga-la: porque o principe é senhor da lei, e lei viva sua alma e seu espirito, e fallando menos philosophicamente, ao juiz compete fazer justiça com constancia, e ao principe com providencia: porque talvez succede que um delicto será mais damnoso notificado pela punição, que obrado pela malicia ou fraqueza, a qual se modera pela tolerancia: ao que acudiu o grão Pontifice Urbano VIII, que sendo buscado de um ministro para que castigasse certa culpa secreta, lhe respondeu: maior que essa fôra a minha culpa se eu a manifestasse pelo castigo, estando occulta. Confesso que este modo de emendar erros é só do principe, a quem depois não faltam outros meios de compor ou punir todas as acções que o merecem, como divinas e humanas lettras approvam com illustres exemplos. Além de que se não póde negar que a clemencia seja uma virtude certa, e que sendo virtude, é justo exercita-la e não se póde melhor empregar que com os benemeritos. Finalmente assentae que Deus nos livre d'onde.

Sold. Escusae de o dizer, que por vós o diz a cantiga.

Font. V. D'onde diz?

Sold. De Guimarães, onde prendem a gente, e soltam os cães.

Font. N. Satisfeita fico do que nos praticastes, e ainda que o não estivesse, era força deixar esta materia, ou por diffuza ou pouco agradavel; ou pelo menos trocarmo-la em conta de melhor semblante, que nos desanoje do agouro que cá nos trouxe comsigo esse preso.

Sold. Melhor será, e bem melhor, que vos appliqueis a vêr aquella procissão de coches que lá vem;

e é, segundo me parece, (ainda que parecem longe) o acompanhamento da rainha que sahiu fóra : elle é, não me engano.

Font. N. Dera-vos alviçaras, se m'as pedireis, porque estando já aqui ha dias, não tive até hoje o bom dia de vêr a sua magestade.

Font. V. Será assim porque é uma das mais recolhidas e caseiras princezas do mundo! Raras vezes deixa o seu paço; sahe só a visitar os templos e quem os habita!

Font. N. Pois eu me lembro, que me contava meu pae o senhor calhafariz, que Deus perdôe, que a rainha D. Catharina, a ultima d'este reino, sahia muitas vezes de tarde a passear pela Ribeira, em umas andas de duas urcas, e se presava tanto de mãe, como de senhora dos seus, servindo-se de acceitar das mulheres que vendiam por essas cabanas, as padinhas de pão que já lhe tinham guardado para lhe offerecerem quando passasse, e que ella lhe sabia os nomes e lhe fallava muito a proposito, e com boa graça.

Font. V. Tudo isso então parecia muito bem, mas se se fizesse agora, seria estranhado da politica d'este tempo, que supposto que em nossos principes não mudasse a humanidade, foi conveniente mudar o costume.

Font. N. Sentidissima fico eu de não poder vêr o coche real, que as guardas e a gente nos encobre; mas alivio, vendo os das damas, que se lhe seguem.

Font. V. Sim, aquellas quatro ou cinco carroças são de damas e senhoras, que antigamente chamavam donas.

Font. N. Valha-me Deus! que formosura, que gentileza, que galhardia, que gallas, que aceios, que bordados, que plumagens! baixo parece o ceu para tão altos vôos! Se Venus em seus jardins tem gaiolas de ave Fenix, estes coches devem de ser suas gaiolas!

Mas que senhores são aquelles que eu vejo junto aos estribos? Bem fazem de os não perderem em occasião tão venturosa!

Font. V. Aquelles, sobrinha, são irmãos, cunhados, tios e primos de algumas das damas; e alguns não lhe são nada, mas andam para o ser, porque são os galantes, que as servem com animo de as pedirem, e alcançarem por esposas.

Font. N. Não cuidava tal! E como novata cortezã não sei se é bom costume.

Font. V. Desculpo a estranheza com que o ouvis, porém os reis de Europa sempre o admitiram, porque o decoro e o respeito são dois personagens muito grandes e muito confiados de todos os paços dos principes; que sabemos, o mais composto e reformado foi sempre o dos reis portuguezes; e porque a detracção não fosse tão ousada, que se atravesse a algum ruim pensamento, é lei dos paços, que até os casados galanteem, para que se veja que n'este exercicio não tem alguma parte a esperança ou pretenção, e tudo pára em méra cortezia ou cortezania. Em França, Inglaterra e Hespanha ha mais largueza, mas não descompostura, se se mede sua singeleza com o natural hespanhol, um pouco mais travesso que os das outras nações.

Apollo. Por essa singeleza tornou tanto aquelle rei inglez, que em obsequio ao decoro da dama que lhe cahiu, dançando com elle, uma liga, (era muito presada d'el-rei) fez na mesma liga a nobre insignia de Jarreteira, uma das famosas cavallarias do mundo, com a celebrada letra: mal haja quem mal cuida, d'onde deu figas á malicia.

Font. V. Não sei eu se por tão justificado motivo se fez no palacio de Cintra aquella famosa casa das Pegas, do qual ouvi já dizer a velhos a fabricara

el-rei D. João o II, por haver pegado n'aquelle logar de uma dama, a quem ella com graça respondera: pega, pega, e se soltou d'elle com esta farça e desdem.

Font. N. Conforme ao que vos ouço, houve, parece, que já nos paços alguns perigos?

Appollo. D'onde os não houve? Em Castella não ha quem se esqueça de Florinda, mais conhecida pela Cava d'el-rei D. Rodrigo; em Inglaterra de Anna Bolena com o seu Henrique VIII, em França de madamoisele La Fochele com o seu Henrique IV.

Font. N. E em Portugal?

Apollo. Tambem cá houve uma dama, Ignez de Castro, e não sei se mais; com tudo os desconcertos particulares nunca evitaram aquella real segurança e cortezia, de que as casas dos reis são escolas universaes; porque theatros para delictos ha tantos em todo o mundo, como são as partes e atomos em todo elle.

Font. N. Pois até agora que uzos se estendiam á permissão do galanteio?

Apollo. Antigamente tinha maior alçada esta licença; havia damas, e tal vez convites; eram celebradissimos os saraus e festins que se experimentavam entre damas e galantes em bodas e nascimentos de principes, vindas de embaixadores, ou hospedes similhantes; agora está muito sincopada a galanteria!

Sold. Eu vos direi quanto, que achando-me eu com um fidalgo a quem servi na côrte de Madrid não ha mil annos, era tal a carestia de galantes, que o meu amo presado de pouco lerdo, vendo um dia passar despejados os estribos de um dos coches em que as damas passeavam no Prado, lhes disse: se vossas senhorias me pagaram bem, fôra eu ahi entretendo-as. Foi tal o riso e a galhofa que fizeram a este mote, que al-

guma disse, nó ay oro com que pagar a quien tiene tam buen gusto. Lembra-me como o que fiz hoje.

Font. N. E como podia elle lá metter-se em reste para dizer isso?

Sold. Porque era costume da côrte pararemos os coches, em entrando o d'el-rei no passeio, e passando elle, logo todos correrem as cortinas e se fecharem, passando as damas.

Font. N. Parece rudeza!

Sold. Antes se julgava grão primor: ou por lhe não serem molestas as vistas de tantos olhadores, ou porque vendo-se, era rasão despejar os assentos, e segui-las; o que tudo se considera impraticavel, e com esta demonstração se remedeia tudo.

Font. V. Por essa assistencia que se deve á presença das damas, succederam aquellas duas historias tão galantes, ao nosso grande cortezão D. Simão da Silveira.

Font. N. Quaes foram?

Font V. Uma de verão, outra de inverno, porque quem é galante, todo o anno está de bom humor: era costume dos fidalgos fazerem terreiro ás damas, de sorte que estando alguma á janella, nenhum mais passava adiante; pois como ellas folgassem de fazer travessuras a D. Simão, um dia de grande sol se pozeram patentes: veiu elle, e vendo tantos soes descobertos, parou como devia. Foram-se acinte detendo, até que não podendo já suportar a calma por estar sem gorra, d'alli proprio negociou com dois moços, a quem deu dinheiro, atirassem muitas pedradas ao balcão d'onde as damas estavam, que atemorisadas do assalto se recolheram, e elle então deixou depressa o posto, com muita honra e maior graça.

Font. N. E a de inverno como foi?

Font. V. Começou a chover passeando D. Simão

a cavallo n'este Terreiro do Paço; vendo-o as damas se foram amostrar em parte, d'onde elle pelas vêr não podesse deixar o passeio; porém como a malicia fosse descoberta e encoberta a tarde, fez elle o giro maior um pouco, e mandando subir um mouro seu no cavallo, trocou com elle a capa e chapeu e logo lhe ordenou que passeasse emquanto as damas o vissem, e elle subiu enxuto, e a seu salvo ás varandas do paço. Era grande o gosto que havia nas damas de verem molhar ao fingido D. Simão, e o verdadeiro tinha muito maior contentamento do engano que fazia, a quem folgava de lhe dar desgostos: porém sabida depois a galante trapaça e falsa finesa, foi de todos muito festejada e as damas pediram treguas.

Apollo. A natureza tem cuidado de prover o mundo de sujeitos notaveis, repartindo-os por maior honra sua de tarde em tarde por todos os seculos.

Fon. N. Qual é o estado da presente galanteria, ou serviço das damas, segundo o costume dos nossos?

Font. V. Já sabeis que Portugal esteve sessenta annos sem côrte verdadeira; e supposto que viviam todavia alguns cortezãos do tempo passado, ou que a edade lhe houvesse aguado o gosto, estragado e desbotado a memoria, ou que os tempos não consentissem a passada galanteria, foi necessario muda-la, imitando-a d'aquella côrte que tinhamos mais por nossa, que era a côrte castelhana, cujos costumes ou por bons ou por vizinhos, nos foram mais affeitos, e d'estes uzamos agora com pouca differença.

Font. N. Fazei conta que d'essa côrte a galanteria vos pergunto?

Font. V. Como eu nunca fui a Castella nem sahi jámais do meu Rocio, não vos poderei dar do que me perguntaes tão inteira noticia como quizera.

Apollo. Escusae o trabalho, que aqui estou eu, e dos

amigos bem se entende que a necessidade é a melhor pedra em que se tocam.

Sold. A todos nos fazeis mercê, e porque entre damas e armas não metteu palavra em meio o Ariosto, começando : damas e armas.

Font. V. Tomae-vos lá com o soldado.

Sold. Nenhum ha, que não seja servidor de damas, e sem isso se não póde fazer cousa a proposito : o que bem se mostra, porque até nas ordens militares, que são religiões approvadas pela egreja, se professa a defença, amparo e serviço das donzellas.

Font. V. Se com isso os soldados se contentassem, realçariam de novos matizes sua profissão, que profanam vivendo desconcertados.

Apollo. São estragos do tempo, a quem a malicia corrompe, como a infecção apodrece os ares.

Font. N. Satisfarei meu desejo e vossa palavra, visto que já não havemos de emendar o mundo, por mais que o acuzemos.

Apollo. A tres pontos se reduz hoje a galanteria, ou já lhe chamemos tempos, partes, ou occasiões. O primeiro é logares publicos, diante dos reis. O segundo iados de passeio. O terceiro cabeças de motes.

Font. N. Tambem esta arte tem preceitos?

Apollo. Tambem, e por muito pratico n'ella, o vosso D. Francisco de Portugal compoz aquella sua Arte de Galanteria, de que poucos tem noticia, e era digna de que por ella estudassem todos os galantes : quasi o mesmo fez Jorge Ferreira na sua Ortographia.

Font. N. Não percamos ponto d'esta doutrina, e nos dizei quanto pertence á primeira parte.

Apollo. Os logares publicos se alcançam n'esta maneira : uma vez declarado o galante por servidor de uma dama, sendo chegada alguma occasião de logares, ou calidade de alguma celebração, (como deixo

dito) manda pedir logar o galante a aquella dama, e ella se serve de admitti-lo e o communica á camareira mór da rainha, que com sua permissão lhe concede; ha comtudo aqui uma treta, que de ordinario senão faz este favor na maneira que se pede, mas quando o logar é pretendido para com tal dama, se concede para com outra sua amiga, e d'esta sorte se repartem e assignam os logares, succedendo que a uma só dama pelo menos lhe concedam dois galantes, o que se faz com artificio.

Sold. Por isso se contava na côrte em meu tempo, que chegando a galantear uma dama dois senhores, um coxo e outro mal visto, lhe disse ella: em verdade que muito vos devo, porque me buscaes como a imagem de milagres!

Font. N. Pois fallam de vós as damas aos senhores que as festejam?

Apollo. Sim, a todos que não são casados tratam de vós, mas que sejam grandes, ou tambem mudam de estylo com aquelles de quem não querem ser servidos, e é o maior signal de seu enfadamento aquella cortezia.

Font. N. E como lhe dizem os galantes a ellas?

Apollo. De senhoria, em tudo o que não fôr cabeça de motes.

Font. V. São raros esses uzos!

Apollo. Tambem as damas não uzam de Dom, que é cousa estranha, chamando-se sómente por seu nome e appellido, e por maior differença das outras senhoras, sendo as mais sempre tratadas de todos em presença e ausencia por minha senhora D. Fulana; só ás damas senão faz este comedimento, dizendo-se não mais que a senhora Fulana, porque se tem alli por grosseria e offensa esta palavra minha.

Font. N. Ora praticando-se com ellas, em que fórma se entende a conversação?

Apollo. Nada que cheire a amor, antes é palavra condemnada; esperança é herezia; merecimento blasphemia, gosto ironia.

Font. V. Que fica logo para dizer?

Apollo. Uma pratica corrente, salgada, mas não satyrica, supposto que póde ser picante: os mais dextros n'esta arte affirmam que se ha-de fallar no que mais se falla em aquelle tempo; porque o puro discretar é cousa perigosa; tanto, que um grande cortezão, dizendo-lhe a dama, como vieste tão tarde? Elle lhe respondeu: senhora, porqne se me não acharam mais cedo dois ovos para almoçar; e era a causa que pela falta que então havia d'elles, não se fallava na côrte em outra cousa, o que foi então muito celebrado.

Font. N. Tem mais requisitos essa pratica?

Apollo. Tem: não cuspir, não assoar, rir com mesura, as acções compassadas, vivas, porém alegres: e como dizia o outro: aquelle que em sua pessoa não fôr muito confiado, falle depressa e baixo, que sempre sahirá victorioso.

Font. N. Ess'outro que dizeis lá do passeio, como se consegue?

Apollo. E' prerogativa dos galantes declarados, quando sahe a rainha fóra, já cada qual poder tomar o estribo do coche sem que o peça.

Font. V. Succeder-lhe-ha como succedeu áquelle nosso portuguez em Castella n'outro tal caso.

Sold. Nunca peor seja.

Font. N. Que foi isso?

Font. V. D. Diogo Coutinho galanteava uma dama, a quem tambem servia o adiantado de Castella; madrugou primeiro D. Diogo, e tomou o lado da carro-

ça, em cujo logar ia fallando; chegou depois o adiantado, e sem mais cortezia ou requesta deu no cavallo de D. Diogo de sorte que o fez perder o logar, em que elle se accommodou: mas D. Diogo levando da espada o feriu de duas cutiladas na cabeça, e se retirou para diante passando com a espada nua na mão pelo coche d'el-rei, cujas guardas quizeram dete-lo ou mata-lo; ao que acudindo el-rei D. Felippe o III, disse, deixae-o, que parece se lhe desenfreou o cavallo, e assim escapou retirando-se ao convento dos Anjos.

Font. N. Ainda invejo mais o dito d'el-rei que o feito d'esse portuguez, sendo tanto para invejar; mas de perigos em fóra, se terá tambem seus nomenativos esse exercicio?

Apollo. Pouco differem dos que vos tenho dito: todavia é occasião mais leve, facil e soccorida, porque sempre o caminho e conversação das companheiras offerecem motivos de galanteria; senão aqui estou eu, e o pobre carro do sol que nunca nos negamos para comparação e exemplo das formosuras andantes.

Sold. Conforme a isso, não disse mal uma tapada, que fallando-lhe certo senhor, começou a fundar em nuvens e eclypses suas discripções, ao que a socarrona respondeu: a troco de que não venha algum conceito velho do sol, quero-me descobrir a vossa senhoria.

Font. N. Para quem não ha-de ser galante, tenho sabido o que basta, mas de cabeça de motes desejei sempre entender que regras e requisitos tinha?

Apollo. Não é das cousas mais triviaes do mundo, assenta tambem sobre occasião grande, e de ordinario em bodas de algum principe, ou dama do mesmo paço; alcança-se licença da rainha, a qual havida, um dos principaes galantes faz a cabeça de motes.

Font. N. Isso mesmo é o que ignoro.

Apollo. A cabeça de motes é uma pergunta, que não passa de seis regras ou sete, em verso solto; porque fôra descortezia obrigar as damas a serem poetas; contem esta cabeça uma questão ou duvida intrincada, que em certa maneira explique o cuidado, pena, ou desengano do que pergunta; o qual com ella escreve uma carta á dama, em que a trata de mercê e se assigna.

Font. N. Porque de mercê?

Apollo. Não mais, que por ser costume antigo, em que as senhoras se não vendiam ás duzias; logo se seguem os mais galantes, que então declaradamente galanteiam, e cada um com differentes palavras, que só se estende a dois versos ou tres, pergunta tambem a uma dama, que logo nomeia outra tal questão, que se deduz da primeira, sob pena de que se fôr em tudo diversa, lhe não responde: assigna-se este tambem, e todos quantos perguntam, sendo permitido que dois e mais perguntem a uma dama e um a duas, mas não se admittem n'esta cabeça de motes pessoas que não sejam galantes declarados, ainda que sejam grandes pessoas; envia-se por via da camareira mór á dama, que com sua licença recebe o papel, e depois se refere por maior á rainha, que concede se responda; a qual reposta se faz na mesma fórma, tratando as damas de vós áquelles a quem respondem; isto e em summa cabeça de motes, tão celebrada, como escusada cousa no mundo, e que poucas gentes acertarão.

Font. N. Jesus, que é isso? Cuidei que era outra cousa!

Apollo. Ainda assim, como digo, tem suas difficuldades, que bem graciosamente notou aquelle mallogrado cortezão, conde de Villa-Mediana, ao qual mostrando-lhe um senhor desatilado em trage e juizo, uma cabeça de motes pouco concertada, respondeu o

castelhano: Parece-me, senhor, que el sastre hizo los motes, e el poeta el vestido.

Font. N. Lembrou-me que disseste no principio, que se costumava galantear as damas para casamento?

Apollo. Disse, e é esse o melhor costume de galanteio.

Font. N. Como succede?

Apollo. Não embargante que as bodas do paço se referem sempre ao applauso, concerto e conveniencia dos parentes, não é com tudo máu padrinho ter por qualquer decente modo sollicitado a vontade da dama, que em voz do paço se chama attenção. Capitulados os noivos, se permitte que o galante escreva á dama, mas por taes modos, que não sei como é possivel acerta-los.

Font. N. E a dama responde por ventura?

Apollo. Por ventura se teria a sua resposta! Mas em leis do paço a dama já mais deve responder.

Font. V. Trabalho é affeiçoar a estatuas! Como dizem que já fez um estudante de Athenas!

Apollo. Trabalho!

Sold. Tudo tem sua conta.

Apollo. O remedio d'este caso é que juntamente com a carta da dama se escreve á creada, sua valida, ou aia, que depois de tres ou quatro cartas, responde desesperando o galante da resposta da sua senhora, mas aconselhando-o que escreva á amiga da dama, o que executado, a dama amiga logo responde, e assim se continua de tal sorte, que por estes oraculos se communicam os affectos e idiomas dos esposos, os quaes já n'estas cartas são tratados das damas com aquella cortezia de mercê, senhoria ou excellencia, que a cada um pertence: chega o dia das bodas, que por bom costume não pódem ser consumadas na côrte, e endo hospeda dos reis a dama, aquelle dia assiste o

c

esposado á mesa, tendo logar (por ser este dia dos celebres de logares) com a dama amiga da esposada; antes comiam ambos os noivos com os reis, agora não só na honra, mas no proveito vieram a menos, sendo menos as mercês e os favores. D'esta sorte se celebram os noivados do paço, como vos digo.

Font. N. Não podeis tratar negocio para mim mais estranho, e de maior contentamanto!

Sold. Será bem que estejaes destra para quando Deus vos fizer mercê.

Font. V. Ora parece-me que acabemos como comedia, em casamento, porque ás horas d'agora está muita infinda gente e muita praça da palha esperando que lhe vá fazer um brinde.

Font. N. Mal empregado officio em pessoa de tantas partes!

Sold. Parece que ainda não ouviste que as partes são inimigos, porque aos inimigos chamam partes?

Font. N. Amiga, officio uma vez quem ha de viver no mundo, mas que seja o de lidar com alimarias.

Sold. Tambem lá vem o cabo de esquadra mudar-me.

Apollo. Oh! lá, chiton! que o fallar não é para diante de todos.

Font. N. Adeus, senhora tia.

Font. V. Eu tornarei cá muito depressa, mas vós filha guardae segredo a tudo o que ouviste, porque vos não acabem de ter por mormuradora.

Apolio. São mentiras dos poetas.

Sold. Ficae embora até mais vêr, ouvir e dizer.

Font. N. Faço-me muda.

Apollo. Torno-me pedra.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume.......... 400
II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume 400
III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.......... 1$500
IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.......... 700
V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume...... 400
VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.......... 1$200
VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.......... 2$800
VIII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. I, II e III (VIII, IX e X).. 1$200
IX — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.......... 400
X — Arte da Caça de Altaneria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.......... 800
XI — Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 1.º e 2.º volume.......... 800

EM PUBLICAÇÃO

Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3.º volume.

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

Apologos Dialogaes

POR

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

(com uma noticia da vida e escriptos do author por Alexandre Herculano)

VOL. III

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA

1900

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

LISBOA
A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216

—

1900

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

Apologos Dialogaes

POR

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

(com uma noticia da vida e escriptos do author por Alexandre Herculano)

VOL. III

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

—

1900

HOSPITAL DAS LETRAS

APOLOGO DIALOGAL

QUARTO

AO SAPIENTE

DANIEL PINARIO

Professor de letras divinas e humanas

POR

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

FAZEM INTERLOCUÇÃO

Os livros de Justo Lipsio na Critica; Trajano Bocalino nos Regaglios
D. Francisco de Quevedo nos sonhos; e o author nos Dialogos

É scena uma livraria de Lisboa

QUARE?

ANNO DE 1657



Ao sapiente varão Daniel Pinario

Professor de sciencias divinas e humanas

A mesma fortuna que me trouxe de remotos climas (oh! varão sapiente!) a estes de um mundo, não só diverso mas novo, foi aquella que me fez encontrar-vos, porque me pagasse com tão grande achado as molestias de tão grande caminho: ora achando-vos eu para vos não conhecer, minha propria seria então como a perda, a injuria; justificando-se n'essa ignorancia minha arrazoada desgraça, de que me queixo.

Todavia, quem não dirá que ou desminto, ou encontro o que digo com o que faço; estou confessando-vos obrigações, e em vez de satisfazel-as me obrigo de novo, pedindo-vos que leiaes, censureis, e que talvez defendaes os meus desconcertos; que vem isto a ser, senão trapacear esta partida, voltando-vo-la de divida em galardão! Que é um artificioso agradecimento.

Porém correspondendo á boa sorte que tive em vos alcançar por ouvinte, e (se o posso dizer sem soberba) affeiçoado ás minhas ignorancias, justo será que vos não reserve a pratica d'estas, quiçá menos molestas, pois como encaminhadas a fins mais altos, é força

que levem mais destra guia, para que possam conseguir os fins de seu caminho.

Lá vão apoz de vós, peregrinando, e cedo espero vaguem pelo universo; se com licença e passaporte de vossa approvação já lhe annuncio grande prosperidade na viagem; porque quem como vós poderá soccorrer uma censura commua das letras? E quem senão aquelle, a quem as suas tem posto em salvo, isentas da corrupção, que aqui, ou se accusa, ou se melhora?

Por isto vêmos que com mais cargos que annos, se vos podia contar a edade de sufficiencia pelo numero das auctoridades, melhor que a natural pelo dos dias. Fostes primeiro ancião no espirito que nos annos: e amadurecendo a um tempo com as flôres os fructos, não podemos saber quando fostes mais ou menos aproveitado, achando-vos sempre util. A essa causa se viram n'esta copia tantas flôres de divina e humana erudição, fecundisadas de tantos fructos de obras piedosissimas, das quaes participando vosso virtuoso collegio, déstes a entender ao vicio como todo o bom exemplo dos superiores é pomo da vida, opposto áquelle pomo da morte, de que todos fallecemos sem doutrina.

Vós sabeis que podera eu aqui dizer muito mais, e eu sei que quizereis vós ouvir muito menos; mas que importa se a virtude é um activo fogo, que quanto mais encoberto, se declara mais explendidamente.

Mereça-vos minha affeição que passeis um pouco pelas enfermarias d'este Hospital das Letras, sem que vos embarace a julgar estas, não só pelo receio do contagio, porque contaminam os sabios, senão a curar os innocentes. Deus vos guarde, etc. Em um leito, 10 de setembro de 1657.

D. Francisco Manuel de Mello.

HOSPITAL DAS LETRAS

APOLOGO DIALOGAL

QUARTO

EM QUE SÃO INTERLOCUTORES OS LIVROS

De Justo Lipsio — Trajano Bocalino — D. Francisco de Quevedo — e o Auctor d'esta obra

Auctor. Aonde força ha, direito se perde!

Bocalino. E ás vezes onde não ha força; porque isto de quebrantar a razão é uma das cousas que se faz tambem por manha como por força.

Auctor. Sahiu hoje por accordão da Relação de Apollo, que vós, sr. Trajano Bocalino, o sr. Justo Lipsio, o sr. D. Francisco de Quevedo e eu dessemos uma vista a este Hospital, onde tambem jazemos como os mais peccadores. Vissemos, ouvissemos e remediassemos seus enfermos. Já não ha para quem appellar, senão fazel-o.

Justo Lipsio. Uma vez escrevi a minha Critica emendando e melhorando (mais que accusando) aos Auctores; e por uma vez que fiz tal livro, cento me arrependi; oxalá o não tivera feito, porque não ha cousa mais sem proposito, que curar de proposito a quem não quer saude!

Quevedo. Não direi eu outro tanto pelos meus Sonhos, dos quaes estou tão satisfeito, que pois toda a vida é sonho, me peza agora muito de não haver sonhado toda a minha vida.

Auctor. Ainda não posso prezar-me nem entristecer-me de haver escripto os meus Dialogos ou Apologos, porque todavia ignoro a fortuna que os espera.

Lipsio. Finalmente, senhor, nos quereis dizer que por sermos os presentes todos quatro escriptores de reprehensões e emenda de vicios e costumes da republica, eu com a minha Critica, Bocalino com os seus Regaglios, Quevedo com os seus Sonhos, e vós com os Dialogos, nos manda a Relação de Apollo, como rei da sabedoria, vizitemos esta bibliotheca convertida em hospital, ouçamos os doentes, nos informemos dos males, e lhes consultemos o remedio? Difficil commissão nos é dada!

Auctor. Sim, senhor Justo Lipsio, mismissimamente é o que dizeis.

Bocalino. Pois não fôra bom ajuntar todos, ou pelo menos os mais dos philosophos gregos e latinos, e admittir os medicos, quer fossem mouros quer pagãos, e com esta junta dar cura e mezinha a tantos languentos, como ouço gemer por essas estantes?

Quevedo. Medicos e Quevedo não se podem ajuntar em um proprio caso, e menos em uma casa propria; ou eu ou elles havemos de assistir n'este congresso.

Lipsio. Aos principes toca a consideração e medida das pessoas que elegem, e aos eleitos só servir e obedecer; façamos como bons servos, e pois o Hospital é do districto d'este reino, seja o nosso Auctor quem nos inculque e nos informe ácerca dos que devem ser curados, e dos que não tem cura.

Bocalino. Se nós houvessemos de observar aquella sentença do rei egypcio, ou às regras da prudente caridade, por nós mesmos havia começar a barrella. Porém já que o sr. Lipsio, sendo nosso mestre, assim o ordena, sua palavra vá adiante.

Auctor. Perigoso officio me daes; porém a troco

de ser mais depressa advertido de minhas faltas, mostrarei as alheias.

Bocalino. Assim dizia um galante bastardo. Nunca sei quem foi minha mãe, senão quando el-rei me faz alguma mercê.

Quevedo. Por essa conta o Auctor e nós outros, senão sahirmos honrados da festa, sahiremos pelo menos advertidos.

Lipsio. Com elegancia politica disse o Phenix de Africa, Santo Agostinho, que mais damno recebera Roma da victoria que alcançou de Carthago, que de toda a guerra que lhe havia feito, porque tirando-o Roma de defronte dos olhos, vivendo sem inimigos, vivera sem concerto; d'onde não só procederam os descuidos, mas os vicios do imperio. Tão saudavel cousa é a reprehensão e emenda ministrada como e quando convém.

Quevedo. Mas quem acertará com o tempo e com o modo, se são pontos indivisiveis!

Bocalino. Senhores, para que é agora deter n'essas pouquidades; em tendo edade logo é tempo de enfrear o potro, que se fôr por sua vontade jámais haverá animal que seja domestico.

Auctor. Escusae a disputa, porque as lastimas e queixas que alli está dando um doente, accusam já vossa ponderação por impiedosa; oh! coitado, como se mostra dolorido!

Quevedo. Vozes soam de grande afflicção, mas se me não engana o ecco, portuguezas parecem.

Bocalino. Pelo menos não são italianas, nem francezas.

Lipsio. Nem flamengas, nem latinas: e de caminho vos descubro este segredo, como versado n'elle: sabei que todos os idiomas do mundo tem seu tom particular, sobre que armam sua linguagem; como latinos, hespanhoes e inglezes, fazem sobre a letra O N, fran-

cezes sobre E A, como já foram os gregos; e são mais frequentes que todos os ethiopes na letra E: os barbaros das Indias occidentaes se affeiçoaram tanto á letra V, que em quasi todas as dicções n'ella acabam suas clauzulas, d'onde (se notardes) procedem dois galantes secretos; o primeiro, que sem comprehenção de palavras, se póde averiguar qual seja a lingua em que se proferem: o segundo, que pela frequencia das letras, se decifra qualquer segredo escripto n'ellas.

Bocalino. Não lhe faltava mais agora a este flamengo presumido, senão ensinar-nos o A B C.

Auctor. A menos custo de prosa eu sei já, senhores, quem é o doente.

Lipsio. Quem?

Auctor. E' o pobre de Luiz de Camões, que está alli lançado a um canto, sem que todos os seus cantos tão nobremente cantados lhe negociassem melhor jazigo!

Bocalino. De que se queixa o famoso poeta portuguez?

Quevedo. De nós todos se poderá queixar, porque sendo honra e gloria de Hespanha, tão mal tornamos por elle, que se são poucos os que o lêem, são menos os que o entendem.

Bocalino. Cuidei que se queixava de quatro traducções, e dois commentadores, que o tem posto na espinha.

Lipsio. Quaes são?

Auctor. O primeiro é o bispo Frei Thomé de Faria, que o traduziu em latim, vindo de Targa seu bispado; porque pela fórma da traducção mais parece romance punico, que Romano; mas se um Faria o não levantou como devia, outro veiu que sobre modo o engrandeceu, como foi Manoel Severim de Faria, na vida que escreveu d'este poeta.

Lipsio. Quem foi o segundo.

Auctor. O segundo foi Macedo, que a verso por verso, o quiz trocar em miudos, e no fim o deixou trocado, mas não traduzido. Os mais, é um castelhão e um franchinote, que pois lhe fizeram perder o nome que tal poeta merece, não é razão que os seus sejam sabidos.

Quevedo. Não nomeeis vós logo essas immundicias, que ainda que tambem cahi na tentação de traductor e nos meus Anacreonte, Epitecto, Phofilides e Romulo, muito dera a esta hora pelos não haver traduzido ao lume da fé da nossa linguagem.

Bocalino. Não te arrenhes amigo, nem te carpas, que erros ha que ficam por castigo a quem os commette: sempre tive para mim, que a maior penna das cousas mal feitas, era o havel-as feito.

Lipsio. E os Commentos?

Auctor. São dois e nenhum santo; de Manoel Corrêa o primeiro, e de Manoel de Faria o segundo.

Lipsio. E que taes?

Auctor. Um breve reprehensivel, e outro dizem que reprehensivel e longo; mas eu sou tão amigo de quem os fez, que ainda me perece breve, não o sendo, o trabalho do seu auctor, que por mais de vinte annos estudou este livro.

Lipsio. Negocios grandes, antes se offendem que lizongeiam da brevidade; esses livros, que tratam immensas materias, tem por qualidade principal serem diffuzos: porque se acham n'elles esplanadas as duvidas, descutidos os pontos com erudição copioza, que não póde haver nos opusculos limitados. E' cada livro d'essa sorte uma livraria, como vemos em Theodozio Zunglio, que com um só livro fez theatro universal a toda a sapiencia.

Quevedo. Direi o que vi do Commento do Faria, que sobre ser eruditissimo, affectou excessivamente a prova de algumas opiniões improvaveis que o fize-

ram resvalar a perigozo, como de muitos varões doutos e pios foi julgado.

Auctor. Ha mais certos Commentos manuscriptos: um de João Pinto Ribeiro, outro de Ayres Corrêa, que depois reduziu a melhor forma Frei Fransisco do Monte.

Lipsio. Como se julgava d'elles?

Auctor. Como de seus auctores.

Lipsio. Bem definistes: porque os auctores não sómente se parecem com os medicos na fé que se tem com elles, mas tambem com as proprias mézinhas: está ardendo em ancias um febricitante, e lhe lançam sanguexugas! Que cousa menos parecida com mézinha, que um bicho feio e golozo do sangue humano! Vem a opinião, e nos faz recebe-las, pedi-las e estima-las por diligencia saudavel. São d'esta sorte os auctores, que em virtude da sua reputação lemos um capitulo, um discurso, ás vezes alheio ou derramado do assumpto, e todavia por ser cujo é, nos vamos apoz elle, crendo que no cabo nos ha-de pôr em bom lugar, deixando-nos alumiados e advertidos do que não sabiamos antes de o ter lido.

Quevedo. Por isso eu, e certo meu amigo, eramos de opinião a que entre escriptos e escriptos não havia outra differença senão que antes de vistos os do sabio, se podia jurar e dizer que n'aquelle papel não haveria cousa má, e haveria muitas cousas boas, e nos do ignorante ao revés, que não haveria cousa boa n'elle, e haveria muitas cousas más; com que sempre acertavamos.

Bocalino. Egual regra tinha o outro para não errar nunca nos juizos da apparencia.

Lipsio. Que tal era?

Bocalino. Julgar por parvos todos os que o pareciam, e ametade dos que o não pareciam.

Lipsio. Por essa se governava um cortezão, dizen-

do, quem não quizesse errar, prezumisse o peior sempre.

Bocalino. Ainda que pareça mal, me arrimo com demazia á perigosa maldade; bem vejo que foi providencia haver no mundo talentos deseguaes, como vemos, que creou Deus estrellas nublosas entre as clarissimas! Se todas luziram com egualdade, não houvera formosura, se todas se mortificaram egualmente escurecidas, não houvera belleza!

Auctor. Amigos, vamos com o nosso poeta por diante, que ainda são mais os que entenderam com elle.

Bocalino. Todos portuguezes?

Auctor. Todos: porque se o melhor remendo é do panno proprio, a peior bainha é do mesmo páo. O abbade João Soares, e o sachristão Manoel Pires, levantaram sobre o triste Camões novo aqui d'el-rei, com uma apologia e uma defensa, que Deus lhe perdoe. Fóra outras demandas e respostas, ou libellos e contrariedades, que sobre o seu Commento se pozeram; D. Agostinho Manoel e o mesmo commentador Manoel de Faria e Souza.

Lipsio. Ha ainda mais Camoistas?

Auctor. Houve um Rolim e um de Gallegos.

Lipsio. Ambos sabios segundo tenho ouvido.

Bocalino. Ambos; e conforme d'elles se diz, ambos d'aquelles que sempre sabem o que não importa, como ha muita gente n'este tempo.

Quevedo. Pois de que se queixa d'estes dois o vosso poeta?

Auctor. De que lhe querem pôr a honra em balança.

Quevedo. Ora vá-se embora Gallegos, que Gallegos na vossa terra são melhores para alcaides, que para escrivães.

Lipsio. Se lhe doe todavia alguma cousa de novo

ao senhor Luiz de Camões? Porque sob pena de nossas vidas havemos de procurar sua saude.

Auctor. Sim senhor; tem uma formosa dôr de ilharga.

Lipsio. Qual?

Auctor. Que com pouca consciencia se atrevam alguns livreiros malvados a encadernar suas obras juntas com a Sylvia de Lizardo.

Bocalino. Com a Sylvia de Lizardo? Não, isso requer castigo e emenda!

Lipsio. Que sylvia, ou sylva, ou selva é essa, que não está no meu mappa, nem nas taboas de Claudio Ptolomeu!

Bocalino. São certas obrasinhas de um poeta nosso, cousa no mundo muito escusada.

Auctor. Comtudo se affirma, que era homem douto e religioso.

Bocalino. Jurara-o eu, porque nunca vi frade bom poeta.

Auctor. Rigoroso estaes! Parece que não vistes os versos de Vicentino Carvalhal, frei Agostinho de Jesus, e os modernos de D. Felix de Arriaga, que era frei Hortencio, o mais insigne orador de Hespanha; e os de Tirso de Molina, aliás frei Gabriel Telles.

Lipsio. Comtudo não disse mal Bocalino, por mais que sempre diga mal: a razão é clara, porque dos dois polos em que funda a poesia, que são amor e ociosidade, nenhum d'elles se póde achar verdadeiramente em os varões religiosos em quem a mortificação se oppõe ao affecto, e a disciplina ao ocio: logo como a poesia seja um estudo de muitos estudos, o qual de todo arrebate a mente de seus professores, já mais se compadece perfeitamente n'aquelles que exercitando sciencias mais altas se reservam talvez a esse accidental divertimento: d'onde nasce, que faltando o exercicio d'aquellas subtis idéas, á variedade d'aquel-

las sérias palavras, a frequencia d'aquelles agudos conceitos, ornados de razões pompozas, que tudo vem a ser as plumas mais louçãs de que a poesia se reveste, não póde ella nunca campear nos escriptos casuaes com egual galhardia á que seu culto requer, que só se acha (quando se acha) em os famosos espiritos, que abstrahidos de outra occupação, de todo se entregam á doce pratica das musas.

Auctor. Estou satisfeito n'esta parte, sendo duvida que muitas vezes adverti, e solução que poucas vezes achei; porque tambem me achei poucas vezes mão por mão com o senhor Justo Lipsio.

Lipsio. Mais lhe dissera a v. m. meu amigo Julio Cesar Escaligero, se com elle tratassemos estes casos de consciencia, mas para um philosopho isto basta: supposto que a poesia tambem é parte da philosophia e não menos illustre; d'onde o nosso Aristoteles se empregou tanto na poetica, como nas politicas e nas ethicas, e nas mais sciencias do ceu e da terra.

Quevedo. Não devia de saber isso um rapaz estudante do meu logar, que brigando com outro de quem não levava a melhor, entre as injurias com que por vingança o deshonrava, metteu o nome de poeta entre o de patife e filho da...

Bocalino. Atrevo-me a conciliar esses textos em duas palavras; ser bom poeta é gloria, ser ruim poeta, é infamia.

Auctor. Conforme ao que dizeis do mestre Estagerista, não se lhe deve fazer a face vermelha a um principe, a um ministro e a um ancião de se empregar na lição poetica?

Lipsio. O Menante tem seus embargos contra os que passando de cincoenta annos folgam com os consoantes.

Bocalino. Assim o vi resolver nas Côrtes do Parnaso, d'onde fiz este aviso.

Quevedo. Todavia lembro-me, que fallando em uma audiencia publica ao discreto marquez de Alemquer, depois de vice-rei e conselheiro de estado, me perguntou por certos versos que eu por aquelles dias havia feito; disse-lhe, aqui os trago, mas dirá esta gente que fallamos em versos: ao que me respondeu, vengan, señor, que mayor injuria les haremos nós otros diziendo que ellos no hablan en versos.

Auctor. Bem está, mas se tanto nos detivermos com as primeiras queixas, mal poderemos remediar as ultimas.

Bocalino. Em summa, qual é a enfermidade de Luiz de Camões, da fome em fóra!

Auctor. E'.

Bocalino. Ora não passeis adiante, porque não é justo; valha-me Deus, porque não soffre, pois é honrado! Tão pouco lhe parece ser o melhor poeta de Hespanha? entre os heroicos o mais venerado, o mais applaudido? Aquelle que despojou da sua primazia a lingua castelhana, que se poz barba a barba com o nosso insigne Tasso? Hombro por hombro com o mantuano Virgilio? Rés por rés com o grego Homero? Faltam-lhe por ventura (se lhe faltou dinheiro por desgraça) glozas, commentos, exposições, e ser citado e demandado pelos melhores auctores do nosso tempo? Se quatro parvos pedintes lhe quizeram pôr o pé diante, que importa, se deu com elles de avesso ao primeiro cambapé! Ignoramos sua vida, desprezamos sua memoria? Não são estimadas suas obras, até as de maior descuido? Pois que lhe doe, de que se queixa, quem lhe fez mal? Ora contente-se, que se na vida foi dos mais mofinos, foi na morte dos mais venturosos; quanto mais, que todos sabemos quanto importante tem sido a providencia d'este, a que nós chamamos cegamente desconcerto da fortuna; porque se o premio da virtude logo se dera de contado na vida, quem

fôra tão paciente que esperara para depois o premio da immortalidade!

Lipsio. Vamos ávante, e ess'outro que está junto ao Camões, que por acenos parece que se queixa egualmente, quem diremos que é?

Quevedo. Oh! muito é, que sendo do nosso officio o desconheçaes!

Bocalino. Ou já por isso o desconheço, que não de balde diz o rifão, quem é teu inimigo? official do teu officio.

Auctor. Aquelle é o nosso Francisco de Sá de Miranda, que em sua vida e escriptos encerrou toda a moral philosophica.

Bocalino. E' este por quem disse Diogo de Souza no seu Parnazo: poeta até o umbigo, os baixos proza.

Auctor. Essa foi uma travessura de um bargante, que não embargante, maldito o mal que lhe tem feito.

Lipsio. Muito bem, muito bem! Este é o Sá de Miranda: desejava encontrar-me com elle, porque em algumas epistolas latinas que me escreveu vosso natural, e meu grande amigo Francisco de Fontes, é varias vezes citado o Sá de Miranda, que com varias sentenças soccorre toda a doutrina aulica.

Bocalino. Pois como sendo tão avantajado poeta, o não tendes visto!

Quevedo. Eu responderei por todos; é tão vernaculo em seu estylo, tão serrado portuguez, que nenhum estrangeiro póde entende-lo.

Lipsio. Assim passa, e foi costume de famosos homens esconder altos conceitos, e mysteriosos, como os egypcios em estylo tosco: o qual observáram os mesmos prophetas, a quem o Espirito Santo aparou as pennas, como se vê, que porque Isaias e Jeremias foram cortezãos, escreveram com pennas delgadas, e em figuras politicas, e ao contrario Amós e Joel, como

homens do campo tomáram d'elle os tropos, e as razões de sua prophecia.

Bocalino. Novidade me foi com tudo o nome d'este auctor Fontes, que allega o senhor Lipsio, por ser pessoa que nnnca vi nem encontrei.

Auctor. Foi filho de Lisboa, quasi dos nossos tempos, déstro nas armas e cortezanias, com profunda noticia de humanidades.

Lipsio. Direi o que já disse d'elle, que na lingua latina foi só o homem a que na Europa tive inveja.

Auctor. Bem vos merece esses elogios, pelos que vos fez na Apologia que estampou, deffendendo alguns logares de vossas obras, em que á traição vos esperavam os criticos de alcateia.

Bocalino. Quem mais lhe faz companhia n'este tomo a Camões e Francisco de Sá, e ess'outra meretriz da Sylviá de Lizardo!

Auctor. Parece-me que é um castelhano.

Quevedo. Acabae de dize-lo em que vos pése, não é menos que o grande Garcilasso, rei dos lyricos.

Bocalino. Sim, elle é, porque se mette de gorra com os grandes poetas.

Quevedo. Mas se cuidareis vós que lhe vem larga a egualdade?

Bocalino. Arrenego d'ellas, que por escuza-las me não cazei; não ha materia no mundo mais perigosa que medir sangues e pezar talentos.

Quevedo. Não lhe fareis justiça a Garcilasso, quando ao menos o não denunciares por principe dos poetas castelhanos!

Bocalino. Eu direi n'este caso o que já disse n'outro o nomeado Beltram Descalqui ao vosso D. Pedro o cruel, na sua civil lucta: Não tiro reis, nem ponho reis, com quem venho venho; porém olhae senhor compadre Quevedo, que confesso que esse toledano Garcilasso foi suave, e que para os escuros tempos em que

madrugou accendeu uma nova luz de que recebesse claridade o vosso idioma; mas se vae a fallar verdade não a tenho por marca de tantos aqui d'el-reis, como sobre ella levantaram Francisco Sanches Brocense em suas notas, e Fernando de Herrera em seus Commentos.

Quevedo. Levaes geito de duvidar a esse mesmo Herrera, o cognomento de divino, pelo qual é chamado da antiguidade!

Bocalino. Essa demanda lhe ponha Platão, que para mim me basta conhecer que o divino Herrera foi um clerigo muito humano, ou muito deshumano poeta, em que se não acha verso algum d'onde se não descalavre uma náo da India de Portugal, ou uma mãona de Florença se chocarem com elles.

Quevedo. Vejo-vos logo o semblante de vos enfadares de Boscan!

Bocalino. Vêdes bem; por onde achei muita graça ao vosso Gongora, quando disse que mais quizera vêr um touro solto no campo, que vêr de palanque um verso solto d'este poeta; e mais vos digo, que até com o proprio João de Mena (mas que o soccorra o seu prepotente D. João o segundo) estou de candeias ás avessas; se nos não houve aqui Fernan Nunes de Leon, o commendador grego seu commentante, pois como Pindaro hespanhol (como vós chamais a Francisco de Figueirôa) vos digo eu, sempre o tive por poeta do Limbo, que no mesmo grau está com a innocencia o Bachiler de la Torre.

Auctor. Conformo-me com a desgraça em que a guerra vae entre Hespanha e Italia; Deus desavenha quem nos mantenha.

Lipsio. Ora paz cavalheiros, non se maten tales dos.

Bocalino. E' vilhacão, mas eu sei que o não dizia por tanto; e vós senhor D. Francisco tambem sabei, que se conferirmos os estylos dos poetas antigos e

modernos, estes farão muita vantagem áquelles, porque a argentaria e lentijuela que hoje se gasta, é sem duvida mais brilhante e agradavel, que a melancolica phrase dos antigos: e hoje resucitassem ao mundo aquelles famosos Simacos, Orpheos e Clenandros, e ateimassem em trajar o entendimento pelas medidas do tempo entanguido, a gente fugiria d'elles. Não digo por isto que deixemos de venerar e reconhecer mil brasas ardentes dissimuladas por entre aquellas cinzas frias, como vemos em o ouro, que nascendo de um parto com a terra, não apodrece em suas entranhas, antes por beneficio da edade se sublima em valor e pureza. Nego com tudo (o que affirmam outros) que só em aquelles primeiros seculos fosse liberal a natureza em produzir altos juizos; porque o mundo se bem é verdade que se ha-de acabar, não se ha-de desfazer primeiro que se acabe; com todas suas forças e faculdades se ha-de ir á sepultura, e até o fim permanecerá na propria ordem em que começou, convindo assim ao maior espanto dos vivos, e mais admiravel credito da Omnipotencia: porque tem proporção, que assim como Deus de nada fez tudo, de tudo faça nada, e como o mundo nunca ascendeu por gráos successivos á suu perfeição, não desça por outros taes á sua aniquilação: porque se o mundo fosse por gráos successivos caducando em suas operações, facil consequencia e pequena maravilha viera a ser depois o fim d'elle; além de que não faltara ignorancia que prezumisse fôra tambem auctor de si mesmo; mas obrar hoje o mundo como o primeiro dia de sua creação, e acabar-se ámanhã, é mysterio que enculca todos os espantos e encarecimentos. Honrae senhor a antiguidade para que da posteridade sejaes honrado; mas não honremos uma por deshonrar outra.

Quevedo. Morto é este Brichote por nos vender caro, o que já temos comprado a menos preço: assim

é nos livros, assim é na conversação, mas emfim elle é velho, soffr amos-lhe que advogue por sua causa, quanto mais, que os antigos tambem foram modernos e nós tambem havemos de ser alguma hora antigos.

Auctor. Vamos amigos, adiante, que a obra é grande e o tempo pouco.

Lipsio. Foi justa e antiga queixa de Hipocrates, quando exclamou : oh ! arte como és longa, oh ! vida como és breve !

Quevedo. Pois que queria esse phisico ? Viver ainda mais, para que nós vivessemos ainda menos ?

Bocalino. Cruel fostes sempre com os medicos.

Quevedo. Como vós insoffrivel com os venezianos; mas os medicos todavia são mais crueis para mim e para o mundo todo.

Lipsio. Seu tempo virá de averiguar esses excessos: passemos por ora adiante áquelle leito, aonde não faltam lastimosas querellas ? lêde auctor, que eu estou já velho e não vejo sem occulos.

Bocalino. Essa é a maior queixa que tem da vossa critica os escriptores, dizendo muitos que lhes emendastes lugares porque os não vistes, ou porque os não entendestes, que vos estará peior.

Lipsio. Confesso que ainda é maior aleijão trazer o juizo na vontade, que a vista na algibeira : julguei, sem embargo, como vi e entendi, mas digam-me a quem fiz aggravo ? Porque os leitores se se não conformam com a minha correcção, sigam embora o primeiro erro, e os auctores se erraram e folgam de desacertar, errados se fiquem para sempre, que eu protesto sahir-me do casal sómente com o dote do grande estudo, que me custou sua emenda.

Quevedo. Não vos escandaliseis de um mundo que ha tantos tempos que conheceis ; seu costume é nem sentir injuria, nem agradecer beneficio. Por isso dizia um bacharel meu compadre, que sabia o que dizia,

que a cada audiencia se lhe perdiam vinte chapeus, por dez sentenças que dava; porque os que levavam a seu favor as sentenças, como já o não haviam mister, nunca mais lhe tiravam o chapeo; os que sahiam condemnados, claro está que lh'o não tirariam mais.

Bocalino. Dias ha, que com cem bens não obrigamos tanto, como desobrigamos com um só mal.

Lipsio. Adiante, senhores, que o grito d'aquelles pobres não consente os nossos descanços.

Bocalino. Quem são agora estes tão doloridos?

Auctor. Dirvo-lo-hei: D. Luiz de Gongora é o primeiro, que está atravessado de mil pontadas e d'ellas a que mais lhe toma o alento é a consideração de que sendo elle pessoa principal, cujo pae D. João de Argote foi corregedor de Madrid, (que val como entre nós presidente da camara) e sendo homem de engenho tão applaudido e sublimado, não pôde jámais passar de racioneiro de Cordova, que trocado em meudos, é como se dissessemos quartanario: officio que só para amansar leões foi bom n'este mundo.

Lipsio. Se a fim de curar fortunas e meritos Apollo mandasse fazer esta junta, não eramos nós outros os que a ellas haviamos ser chamados: todos os signos do ceo, todos os planetas se achariam ainda incapazes de tamanho negocio. Dizei ao Gongora, que não faremos pouco, se o aliviarmos das dôres do officio, que das da sorte appelle só para Deus.

Quevedo. Se esse livro de Gongora é o que intitularam Horacio Hespanhol, adverti que lhe doerá a diminuição com que o imprimiram, faltando no melhor e nos melhores versos; se é o que publicou com nome de Obras de Gongora D. Gonçalo de Hozes, mais depressa lhe doeria o ver-se adulterado e cheio de erros enormes, e com os ossos desconjuntados, cousa que tarde torna a seu lugar.

Auctor. Seguem-se os Commentos: o primeiro de lições solemnes de D. Joseph Pelicer.

Quevedo. Tambem o Pelicer é solemne!

Bocalino. A esse commentador não deve o Gongora alguma honra, antes a ser mais casto lhe podera demandar a sua, porque com pouco empacho, que em latim se chama pouca vergonha, se põe Pelicer não poucas vezes a illustrar os illustres logares do Gongora, com outros de suas obras do mesmo Pelicer, sendo homem que nos seus tempos fugiam d'elle as descripções, pouco menos que a gente fugia dos pós de Milão.

Auctor. Seguem-se o Polifemo, Soledades, e Rimas, de D. Garcia Coronel de Salzedo, e a Tisbe de Chrystovão de Salazar Mardones.

Quevedo. Por me vêr livre de commentos dei em fallar como minha dona.

Bocalino. E por signal, que tanto pelo claro em vossas bargantarias, que fostes com justiça censurado por obsceno, dos varões sabios e compostos; porque a galanteria tem seus termos; a travessura entre a gente principal é uma comarca tão estreita, que não passa a cada um da porta da camara para fóra.

Quevedo. Acceito a reprehensão, por entretanto que vos não trago á memoria as befas da Italia, desde o vosso querido Francisco Beriza até o Marineide e Monteleide do Marino e Mortula, podendo não menos lembrar-vos no seu Adonis o canto de Bacey, o Lesbio do Tasso, que deu em que entender a tanta gente, e todas as liberdades deshonestas que pela vossa terra se admittem á estampa, que em Hespanha são condemnadas a perpetuo silencio; porém ficará meu direito reservado para outro tempo.

Bocalino. E' sem duvida que o vosso Gongora foi tentado de se metter com Estacio Papinio, seu matalote, que ganhou mais nome pelas sombras, que pelas luzes.

Quevedo. Pois parece-vos que esse Papinio foi mais sabio, ou mais elegante no seu idioma, que Gongora em o nosso?

Bocalino. Valha-me Deus, tão obrigado lhe estaes! Deve de ser logo mentira, que não escreveu elle por vós aquelle soneto, que começa: *Cierto poeta en fórma peregrina*. E vós por elle o soneto: *Yo me untaré mis versos con tocino*.

Quevedo. Se foi verdade me não lembra, mas tambem creio que foi mentira que levantaram os interpretes a Bartholomeu Leonardo de Argensola, julgando a satyra contra o Gongora, que já ouvireis: *Si áspiras al laurel muele poeta*.

Bocalino. Não vos quizera vêr tão sabio nos aleives, além de que é dito das velhas, que aquelle te fez a satyra que diz a trova.

Lipsio. Este Gongora começou a ser nomeado pelo mundo depois que eu sahi d'elle; mas lembro-me, que sendo chamado depois ás côrtes do Parnazo (ali estava Bocalino, que me não deixará mentir.)

Bocalino. Deixarei, deixarei, e não só vos deixarei mentir, mas até mentir por vós se quizerdes, porque além de ser cousa que me custa pouco trabalho, por outros menti eu já, a quem se deve menos respeito.

Lipsio. Para cousas mais difficultosas quizera valer-me de vós, quanto é mentiras, em gazeteiros curiaes e regaglistas, é fructa de todo o anno

Bocalino. Vamos, o que vos succedeu no Parnazo?

Lipsio. Digo, que achando-me n'elle um dia que se julgavam os meritos dos poetas castelhanos, certifico-me que ouvi dizer a Apollo, que dos viventes a nenhum estimava mais, que a D. Luiz de Gongora.

Quevedo. Deponho em modo, que faça fé, dizendo ao costume.

Bocalino. Não fôras tu jurista, senão armaras trampas á fé e palavras.

Quevedo. Torno a dizer, que não fui amigo d'esse Zotte, mas que do seu alto engenho não vi outro mais affeiçoado. Todos os que em seus dias, e depois d'elles versificamos, temos tomado seu estylo como traslado do Palatino, Barata, ou Morante, para vêr se podiamos escrever, imitando aquella alteza, que juntamente é magestade; poucos o conseguiram, precipitados, como demonios, do resplandor ás trevas; d'onde disseram muitos mal intencionados, que este engenho viera para maior damno que proveito do mundo, pondo sómente os olhos nos desbaratados, e não nos instruidos.

Lipsio. Assim é, porque da mesma sorte que se as estrellas não tivessem luz propria não seriam capazes de receber a luz do sol, os talentos que não tem propria grandeza, não podem participar da adquerida pela doutrina ou pelo exemplo; antes quanto um juizo grosseiro mais pertende adelgaçar-se com o artificio, se gasta em vão e se enfraquece, e no fim fica perdido, mas não delgado, exhausto, mas não agudo. As idéas subtilissimas não se produzem de sogeitos baixos, porque os homens proporcionalmente são fabricados em alma e corpo. Pelo que já Aristoteles com muitos dos peripateticos e naturaes quiz entender, que na felice organisação e compostura humana consistia o uzo do melhor juizo; como vemos que cerra e abre mais leve e facilmente a porta bem fabricada, que a pezada, tosca e torpe.

Auctor. Agora fallarei eu por não estar satisfeito do muito que n'esta materia se tem dito.

Lipsio. Dizei.

Auctor. Pois se isso assim é, como nos pintam tão enormes aos philosophos, que até o mesmo Diogenes Laercio, quando escreve suas vidas e costumes os demostra medonhos?

Lipsio. E' questão physica, e não moral, sobre ser

das menos vulgares; vemos todavia que sábia e próvida natureza encerra o precioso diamante nas entranhas de um rudo penedo, e assim as mais preciosas pedras: o ouro e a prata depositou entre os torrões barbaros do centro da terra, d'onde parece não contradiz a fealdade á discrição.

Bocalino. Por ventura, que por essa causa se diga, são as formosas nescias, e as feias entendidas!

Quevedo. A outro principio o attribuiria eu.

Auctor. Qual?

Quevedo. A' justiça da providencia; porque como se podia pagar o damno que faz em uma mulher a fealdade, senão com o entendimento! Ou com que se podia humilhar a soberba de uma formosura, senão com a necedade!

Lipsio. Deixemos já o Gongora, quem se segue?

Auctor. Aquelle a quem seguiram todos, o applaudido e universal poeta Lope de Vega Carpio.

Bocalino. Tende mão, em perigoso clima estamos; não ha para a saude maior contraste, que passar de um extremo a outro extremo: de Gongora a Lope! Mas quanto vae, que ficamos todos encatarroados?

Lipsio. Que obras são essas de Lope?

Auctor. Infinitas: todas as partes das comedias se offerecem primeiro.

Lipsio. Ellas tambem são as primeiras, querendo dizer melhores obras de Lope.

Quevedo. Basta que fosse o principe e inventor d'ellas.

Bocalino. Não te ouça Polidoro Virgilio.

Quevedo. Esse inglez é trapaceiro, porque n'esse seu livro dos inventores das cousas, a cada passo nos vende gato por lebre, dando e doando as primazias a quem se lhe antoja, com pouco temor de Deus. Porém antes que saiamos d'aqui, se o eu encontrar, eu lhe darei seu recado, como elle merece.

Bocalino. Os toledanos se prezam do seu João Ruso ser mestre de Lope de Vega nas farças, e accrescentam que D. Guilherme de Castro, Mira de Mescua, e Ximenes de Ensizo foram seus contemporaneos, todos discipulos do culto jurado, como já lhe chamou o culto poeta.

Quevedo. Assim foi, mas todos nossos antigos embaraçados com os exemplos dos primeiros comicos, se não determinavam a despir as velhas farças de sua prolixidade, reduzindo a comedia a mais agradavel e conveniente fórma: veiu Lope e se resolveu, á vista d'aquella desconveniencia, em derreter o estylo e traça das comedias antigas, e moldar d'ellas, como moldou a nova comedia, tão agradavel ao mundo, que justamente se póde chamar a este poeta pae e senhor da farça hespanhola.

Bocalino. Foi Lope, por essa conta, poeta alquimista.

Quevedo. Não tendes razão, que certo que nenhum d'esses que celebra a antiguidade, bebeu mais folgadamente as aguas de Elicona; d'onde procedeu a grande e suave copia de seus versos, affirmando de si que correspondera cinco folhas de papel impresso a cada dia de sua vida.

Bocalino. Agora por essa copia me veiu á lembrança o que ácerca d'ella disse em Madrid um certo domine da minha patria, a outro capigorrão espantadiço.

Quevedo. Como foi o caso? Contae-lo, se não é do numero dos casos desastrados, que fazem agouro ouvidos, como o sal derramado na mesa do tacanho.

Bocalino. Eis ali vae Lope de Vega (dizia o parvo do castelhano) que é tão grande poeta, que por amor de um seu amigo, fez em uma noite uma comedia, com loa e entremezes, que é a cabidella do contenta-

mento; sorriu-se o nosso caporal, e lhe tornou: senhor, se assim foi como dizeis, tendes provado que é bom amigo, mas não bom poeta.

Auctor. Faço-me que não sou dà briga: vós senhor D. Francisco hides e hides accumulando á vossa nação toda a gloria d'esses inventores, ou contendores do principado da comedia, não vos lembrando dos portuguezes, como se Gil Vicente não fosse o primeiro cortezão e mais engraçado comico que nasceu dos Perinéos para cá; a quem seguiu, e não sei se avantajou Antonio Prestes, Antonio Ribeiro, que foi o nomeadissimo Chiado, Sebastião Pires, Simão Machado nas comedias de Diu e de Alpheo, e por outro modo das que em proza se escreveram; o illustre Jorge Ferreira, auctor da Ullissipo, Aulagraphia, e dizem que Eufrozina, Francisco de Sá nos Estrangeiros, e Villalpandos, Luiz de Camões no seu Amphitrião, e Estratonica, de quem agora o tomou Lucas Assarino, e outras obras em que todos os nossos foram insignes.

Quevedo. Devem me logo os portuguezes essa restituição.

Auctor. E a mim outra, o estylo comico; porque o não julgava merecedor de tanto sequito, parecendome molle occupação de ociosos.

Lipsio. A comedia é uma gentil parte de toda a poesia, em a qual por exemplos agradaveis se dá a beber a todo o povo um famoso documento e lição contra as trapaças do mundo, o qual modo não só dos nossos maiores foi admittido com grande applauso, mas tambem dos modernos e vivos; porque eu me lembro ouvir muitas vezes a meu amigo Ericio Puteano, que me succedeu em Lovaina, na celebre Cáthedra de Erudições, não desejava vida para empregar melhor seus curiosos estudos, que na traducção de todas as comedias de Lope de Vega, convertendoas em nossa lingua flamenga, em a qual deixou algu-

mas já postas em limpo, não curando da composição latina, em que elle foi eminente.

Bocalino. Já que fallaes n'esse vosso morgado Puteano, dir-vos-hei que nunca me assombrou com suas obras.

Lipsio. Grande foi a juizo de todos, e quando outra approvação não tivesse, mais que os favores com que o tratou o Papa Urbano VIII, sem parar n'elles, até se não fazer seu compadre, esta só demonstração bastava para seu credito.

Quevedo. Urbano, quando Mafeo, foi poeta elegante, latino e vulgar, cujos versos se acham estampados em muitas partes de Italia, e bem se via a affeição que teve ás consonancias, no cuidado com que reduziu alguns antigos hymnos da egreja á observancia poetica, de que se achavam desviados.

Bocalino. A esse humor alludia a praga d'aquelle travesso, quanto engenhoso duque de Feria, quando com mais agudeza que piedade, dizia: *Bien governado mundo se nos apareja, pontifice poeta, emperador dançante e rei de España corista.* Porque o imperador D. Fernando IV se deleitava com demazia no sarău, e elrei D. Fillipe II na solfa.

Auctor. Ainda elle não tinha visto o de Portugal, perfeitamente sabio na musica.

Lipsio. São sciencias altas, que não ha que estranhar quando agradem a espiritos divinos: não está o perigo da affeição dos principes, quando se lhe affeiçõem, na incompetancia, mas no affago e doçura d'este exercicio, bastante a lhe captivar o gosto e inficcionar as mentes com damno da administração publica.

Bocalino. Ainda não acabámos com o Puteano, e temos a Lope de Vega em pé esperando a receita com que deve ser curado.

Lipsio. Foi nas cartas sobremodo elegante, e confiado.

Auctor. Eu vos direi o que me succedeu com elle, não ha cem annos: Estando de caminho de Hespanha para Flandres, se me offereceu um seu filho, por nome Felippe Herulo Puteano, com uma carta aberta de seu pae Ericio, pessoa com quem eu até então não tinha mais que o publico conhecimcnto de suas obras, quando fui lêr a carta, que achei que trazia por sobre'scripto: Aos sabios e nobres varões do mundo!

Bocalino. E que dizia n'ella?

Auctor. Dizia que seu filho Herulo sahira de sua casa para vêr algumas côrtes dos principes da Europa, e porque elle o mandava sem mais cabedal que esta recommendação, rogava muito aos virtuosos lh'o amparassem e reduzissem á sua presença.

Bocalino. E que fizestes?

Auctor. O mesmo que ella pedia, de que ficou agradecido e correspondeu depois commigo em muita amizade.

Bocalino. Não sei se foi soberba entenderes, que essa carta fallava comvosco!

Auctor. Se todos dessem n'essa humildade, aquella boa obra se não faria.

Bocalino. Sabei, que ha uns bensfazeres, que são finissima uzura!

Auctor. E umas modestias, que são a mesma hypocresia: a todo o proposito me não arrependi do bem que fizesse.

Quevedo. Ora basta, e nos dizei que livro é ess'outro que se segue ás comedias?

Auctor. E' a Epopêa, ou Jerusalem Conquistada.

Bocalino. Em outra peior estamos agora mettidos; nunca tai livro se apparecêra.

Quevedo. Seu auctor julgou d'elle havia feito um cabal poema heroico, e em vez de lhe sahir assim, não ha livro mais achacoso, em toda esta santa casa, que a Epopêa de Lope.

Bocalino. Desse-lhe vista a Torquato Tasso.

Lipsio. Dirá como d'elle disse a academia de Crusca, a que respondeu com a Ante-Crusca; e se lhe lançarmos Lodovico de Castelvetro, e a Escolla dos Malcontentes, que dirão d'elle?

Bocalino. Não pódem dizer mais do que já disseram, nem obriga-lo a maior excesso a censura dos criticos, que a desfazer um poema tão sezudo e abalizado, e torna-lo a fazer de novo, quasi outro, depois de publico ao mundo; mas de tal modo, que se affirmam os melhores que é melhor o poema errado (se o é, se o foi) que o emendado, a que não pondo menor differença entre a Jerusalem Conquistada, e a liberata.

Quevedo. Os engenhos de Hespanha foram de parecer, que n'esta Epopea se desaproveitára a lingua castelhana, porque sendo seus versos os mais illustres d'ella, nem por elles o poema foi illustre.

Lipsio. Senhores, a poezia epica é carreira que poucos no mundo tem acertado, porque são tantas, e tão varias as leis e preceitos de que consta, que vem a ser quasi impossivel ao juizo humano sua observancia. Aristoteles a poz em praxe, uzando d'aquelles escuros termos, que depois se ennevoaram muito mais pelo commento dos expositores.

Bocalino. Acabem alguma hora por isso os Epicos de se conformarem em suas regras, e haverá quem possa decora-las e satisfaze-las; mas entretanto que uns não querem que se conte mais que um só heroe, como fez Virgilio com Enéas; e que outros admittam muitos companheiros, como Valerio Flaco em os seus Argumentos: e entretanto, que uns mandam se dê principio aos poemas pelo principio da acção, seguindo a Homero em Ogigia, outros pelo meio d'ella conforme ao mantuano com o seu heroe á vista de Carthago, e que entretanto que uns se matam sobre o final apostrophe, ou peroração, dizendo que o poeta de boa lei

se devia despedir com cortezia do auditorio, fallando ao Mecenas, a quem convidou para ser ouvido, segundo que todos os poetas latinos o fizeram, e entre os mais elegantemente Silio Italico; e outros affirmam ser demazia indecorosa, de que fugio Lucano, Tasso e Camões, supposto que alguns vulgares a acceitassem, fique o negocio pois como d'antes e faça cada um o seu poema segundo Deus lhe ajudar, ou o não refaça, porque tambem é cousa dura, que tendo Homero liberdade para pintar o seu Rio deitado, não possa outro poeta, sob-pena da excommunhão dos criticos pôr o seu Rio encòqueras: quando chego a cuidar n'isto não sei abster-me sem reprehender, e ás vezes amaldiçoar a impertinente seita do poetismo, sendo o melhor de tudo, que poetando-se desde o principio do mundo, e sendo quasi tão infinito o numero dos poetas, como o dos parvos, o negocio se apertou de feição, que aos gregos só deixaram a Illiada: aos latinos a Eneada, aos portuguezes a Luziada, aos italianos a Godofreida; ficando de fóra hespanhoes e francezes, sem embargo de fallarem as duas melhores linguas da Europa, com perdão dos teutonicos, belgos, anglos e batavos, mas que appellem pelos seus Ronzardos, Theophilos, Bucanos, Barclaios, Erasmos e Anduenos.

Lipsio. Saibamos se ha ainda mais obras de Lope, que participem de achaque a que se possa dar mézinha:

Auctor. Alli está a Arcadia, a Filomena, o Izydro, Corona Tragica, Laurel de Apolo, Dorothea, Burguilhoz, Rimas Divinas, Soliloquios e Rimas Humanas.

Lipsio. Tudo versos?

Auctor. Não tudo, porque tambem ha prozas em estes livros.

Lipsio. Pois para esta só visita das obras de Lope nos ajuntaremos em dia particular, quanto mais que como dizem os philosophos e medicos, curando a causa

curaremos os effeitos: se podessemos curar de sua grande facilidade a Lope, logo curariamos alguns descuidos ou humildades de seus livros; porém como o mal está já tão apoderado de seu humor e unido com a natureza, difficultoso será o remedio, que por outro modo seria facil, pondo-se a felicidade d'este auctor, não na qualidade de suas obras, mas na quantidade de seus escriptos, que supposto seja mudar o predicamento, não é alheio da dignidade, porque se a um cidadão o celebrassem por opulentissimo em sua republica, quanto mais rico fosse, mais digno será de ser nomeado.

Quevedo. As obras d'esse poeta são como as obras da Sé, que nunca se acabam; por esta razão lhe chamaram em meus tempos o Potozi dos consoantes, denotando sua prodiga e inexhausta veia.

Lipsio. De que se queixa finalmente?

Auctor. De que chegando, ou sabendo de que seu nome servia de rubrica a toda a cousa boa, pois desde os vivos aos mortos, e desde todo o sensivel ao insensivel não havia outro encarecimento de bondade se não dissesse era de Lope, e sendo isto assim, agora por momentos vae seu nome esquecendo.

Lipsio. Tenha paciencia, que é só emplasto que serve n'estas dôres; os gostos variam com os tempos, a cuja variedade os lisongeiros quizeram hypothecar a formosura da natureza, como se não fosse o mais civil e cruel de seus costumes desfazer umas cousas para fazer outras: com tudo impossivel é lograr uma estimação eterna; por onde aquelle que por maior tempo possuiu honra da fama não tem de que queixar-se de a não vêr perduravel. Parece que a providencia fôra injusta (que não póde deixar de ser justissima) com os que viemos tanto depois ao bafo da vida, se conservasse inteiro o applauso dos que vieram tanto antes; é necessario que se despejem os ou-

vidos dos viventes, como se despejam os olhos da occupação que lhes tem feito o nome e fama dos famosos passados, para que se vejam, ou ouçam e estimem os nomes e famas dos presentes.

Lipsio. Ora que livro bem encadernado e melhor impresso é ess'outro que está alli adiante ruido dos ratos tamalavez?

Auctor. E' o famoso reitor de Villa Hermosa, e Lupercio Leonardo, seu irmão.

Lipsio. Que sentem os Leonardos?

Auctor. Sentem que os ratos lhes roam as encadernações, e os poetas lhes mettam dente.

Bocalino. Alguns dirão, que pela seccura do estylo.

Quevedo. Não é por isso, mas pela magestade de suas sentenças e propriedades de imitação dos antigos, em cujos escriptos convem ser muito versado, quem houver de penetrar os mysteriosos conceitos d'estes dois poetas.

Lipsio. Dias ha que vi suas obras, e lhe sou affeiçoado pela summa alteza que em todas observam; todavia são poetas a quem se póde mandar tomar o aço, para gastarem a opilação de que adoecem seus versos, alguns de grande difficuldade pelo muito que affectaram as vozes peregrinas, particularmente em os consoantes: Lupercio teve melhor veia que Bartholomeu; este melhor pompa que aquelle, e ambos maior estrondo que formosura. Direi com tudo que como os versos não sejam lição propria de sezudos, mas de mancebos, damas e ociosos, parece cousa importante professar n'elles tanta severidade, que antes causem horror que deleite a quem os lêr, como n'estes a cada passo succede; não obstante foram os dois irmãos um vivo erario das joias da erudição.

Bocalino. Alguns tem para si, que esse seu modo de compôr não foi imitando, senão traduzindo: quem passeia pelo livro de Lupercio, se lhe afigura que en-

tra por casa de Horacio, Claudiano, Persio, Propercio, Marcial, Juvenal, Catullo, Tibullo, ou Cornelio Gallo.

Lipsio. A imitação, para louvavel, quer-se feita com grande destreza, porque o simples sequito de um só, que vae deante, pertence aos animaes e não aos homens. Quem imita, melhor accrescente, diminua e troque, ou senão seja tido por bizonho.

Quevedo. Oh! Jesus! Que desfigurado me parece, que entreconheço alli ao conde de Villa Mediana, D. João de Tarsis, poeta satyrico.

Auctor. Não lhe arrendo eu a prebenda.

Bocalino. Sin discusro discorrid.

Quevedo. Assim o disse o Epitaphio da sua morte.

Lipsio. Não fallemos aqui nos homens, mas nos talentos.

Quevedo. Este nosso poeta castelhano, enxerto ou enxertado em Italia, teve alguma viciosa inchação; porque toda a inchação é achaque, sobre ser vicio. Saboreou-se muito da pompa das palavras, e como arvore de grande rama, que jámais deu fructo, vemos que em suas obras se leram muitos centos de versos, sem achar cousa de que a memoria lance mão, ou leve para casa o entendimento.

Lipsio. Por essa conta, outro deve ser o vicio d'esse auctor, outra sua enfermidade, porque as palavras boas e em boa ordem, é a mesma poesia; d'onde os gregos figuraram os poemas como um esquadrão de soldados, que consta de muitas fileiras, as quaes no poema vem a ser os versos, e os soldados as vozes collocadas em numero e medida, que a esse respeito achamos ser o verso chamado Estichis pelos aticos, e val Estichi de tanto, como certa medida, conforme tambem agora dizem: decima, que é medida e certa composição de versos de dez regras.

Quevedo. Era antigamente, as que chamavam esparsas, que continham doze linhas; veiu depois o fa-

moso poeta castelhano Vicente de Espinel, e lhe tirou dois versos, reduzindo-as ao modo que hoje guardam; por cuja razão n'aquelle tempo foram chamadas espinellas; é propria poesia, ou melhor hespanhol suave, amoroso, agudo, engraçado, que só aos poetas castelhanos e portuguezes tem chegado, com que muito luzem suas obras, e avantajam aos italianos e francezes, que ainda as não imitaram, supposto que nos pequenos escriptos de Theophilo entendo que vi já alguns remedos das nossas decimas, ou espinellas castelhanas.

Auctor. Que genero de contrapeçonha havemos de dar a este poeta tragico, ou que juizo faremos de seus bens e males?

Quevedo. Aquelle que já fizeram os mais sabios homens de Hespanha, dizendo muitos que se amaçassem os talentos e obras dos dois condes, a saber, o de Sallinas e Villa Mediana, se faria de ambos um bom poeta.

Auctor. Porque?

Quevedo. Porque o Sallinas todo era descripções sem adorno, e o Villa Mediana todo adorno sem conceitos.

Lipsio. Dizem que nas Satyras foi excellente.

Bocalino. Como boas lh'as pagaram.

Auctor. Ou as pagou como ruins.

Bocalino. E ruins novas devem de ser as que merecem tal porte.

Quevedo. Oh! não vos ouça o doutor Luiz Tribaldos, seu mestre, que sobre o talento e innocencia do discipulo nos fará aqui um prologo mais impertinente, que todos os seus tem parecido.

Lipsio. Nem todos os mestres serão ingratos com os discipulos, como Aristoteles com Alexandre.

Bocalino. Bem haja Nero, que se desquitou com Seneca d'essa aleivosia; porque se o mundo via um

filicidio tão escandaloso como ajudar o mestre a matar o discipulo, visse outro parricidio não menos enorme, como fazer o discipulo matar ao mestre.

Auctor. Ah! senhores, compadecei-vos dos ais de D. Diogo de Mendonça, que está alli gemendo e c ho rando no seu livro das Rimas, a quem segue D. Affonso de Ercilla com o seu Arauco, e pouco mais convalescido o nosso Antonio Ferreira com os seus Poemas Lusitanos.

Quevedo. Que diz agora esse velho sengo de D. Diogo; não se envergonha de que sendo o mais entendido homem do seu tempo, feito por esta causa embaixador de Veneza e Roma, de seu amo Carlos V, foi no cabo de sua velhice a namorar-se de modo, que deu comsigo e com os negocios ao travez: então grande sabedor sou eu!

Auctor. Não me metto em vidas alheias: direi com tudo, que depois que entrou a argentaria n'estes versos pomposos, que agora se costumam, se esquivou logo o applauso de acompanhar com os profanos, de tal sorte, que sendo costume antigo da côrte castelhana não se gastarem nos paços e galanteios outras galanterias senão as suas, hoje lhe dão unhadas os rapazes, os homens as desprezam, e as mulheres fisgam d'aquelles conceitos e requebros, que no seu tempo punham a bocca á orelha a quem os ouvia.

Bocalino. Tende mão, que já cuido que dizeis d'elle mais do que elle diz de si.

Lipsio. Esse Mendonça foi sabio, como em sua vida o pinta outro não menos sabedor.

Auctor. Quem?

Lipsio. D. João da Silva, que cá foi vosso conde de Portalegre, espelho dos cortezãos d'aquella edade, e um dos melhores discipulos da grande escola de Filippe II.

Bocalino. Já sei quem dizeis, porque meu amigo

Jeronymo Franqui Conestagio me contava em Italia, que a sua historia da união de Portugal a Castella, d'elle Conestagio só tinha o nome, mas o espirito e arte do conde D. João.

Auctor. Essa praga já foi d'aquelles tempos, mas o Franqui mostrou em outras obras que por si mesmo tinha engenho e maldade bastante para escrever essa historia, e as mais de que lhe faz censura Luiz Cabrera de Cordova, em a de D. Filippe.

Quevedo. Longe nos fica já o Mendonça.

Bocalino. Fique-se para poeta entanguido, fazendo trovas a Maria Castanha, que quando o toparmos historiador na guerra de Granada, lhe faremos mais cortezia.

Lipsio. Como mais cortezia? Veneral-o-hemos como a Caio Crispo Sallustio, Veleyo Paterculo, e o antigo Thucidides.

Auctor. E que faremos ao Ercilla e Ferreira?

Bocalino. Manda-los aos incuraveis: ao primeiro porque compondo um poema mixto, cuidou que o fazia heroico, e porque se poz muito devagar ao tempo que havia de dizer o que cantava, a dizer-nos o que não cantava, começando: não canto isto: não canto est'outro: o que com menos trabalho tinha feito, se nos não dissera o que não fazia, mas sómente o que queria fazer, que é a obrigação do poeta, e de qualquer auctor que falla com o mundo por bocca do seu livro. Pois se como agora digamos um homem indo a fallar com outro lhe dissesse, senhor, não vos quero fallar n'isto, e n'isto, e nem em est'outro, e aquel'outro, que tal ficaria o pobre, citado para similhante materia!

Quevedo. Como salvaremos logo o devotissimo poema de S. Joseph, escripto pelo mestre Valdevisso!

Bocalino. Tambem cahiu no mesmo erro esse mestre, como discipulo do Ercilla; mas a doçura da sua

musa e a piedade do auctor santo que canta, bem é que lhe valham na censura dos criticos catholicos.

Quevedo. Torno-me a confirmar em o mesmo que presumia, que este livro de S. Joseph é uma suavissima composição, cheia de maravilhosos affectos.

Bocalino. Assim o crêde sem escrupulo.

Auctor. Ao Ferreira, que responderemos?

Quevedo. Que se contente de lhe haver amanhecido a phrase sublime primeiro que á maior parte dos poetas d'aquem mar, porque em nenhum se acham melhores arremessos; e vá passando assim como poder, satisfeito de que os menos conhecidos são hoje por ventura os melhores parados; por aquella regra de um moderno, que fez a fama cumplice das grandes tragedias dos famosos.

Auctor. Isso lhe diremos.

Lipsio. Não só a este, mas a muitos da sua classe lhe pódeis receitar o mesmo pharmacopolis.

Bocalino. Quem é ess'outro d'álem, que se queixa na sua meia lingua das injurias do tempo?

Auctor. E' Messias March, o poeta vallenciano de quem se disse então, que o amor arrancára uma penna das azas, para lhe dar com que d'elle escrevesse.

Bocalino. Por isso elle escreveu do Amor com tantos comqués; suas perguntas e razões encadeadas rés por rés, com algumas de Boscan, o diabo lh'as espere e l'has desate!

Quevedo. Pois que direis se o virdes traduzido em castelhano!

Bocalino. Qual fez tal parvoice?

Quevedo. Não menos que Jorge de Monte Maior, o portuguez famoso, auctor da celebradissima Diana.

Lipsio. Esse Monte foi assaz grande, nem sabemos que então lhe egualasse outro que tão grande engenho tivesse; o qual particularmente reverberou em todas as materias amorosas.

Bocalino. Gaspar Gil Pollo o quiz competir com outra similhante Diana, mas sahiu bastarda, e só legitima a portugueza.

Auctor. Eu vos direi o que me succedeu ha poucos annos, que tão poucos ha, que havia ainda sandeos sobre a face da terra: achando-me em um logar dos principaes d'este reino me veiu a vêr um dos melhores sujeitos do logar, e depois das urbanas e ordinarias saudações me mostrou uma provisão real, aonde sua magestade mandava, que tres pessoas, quaes nomeassem as partes, (sendo o meu visitante o principal contrahente) julgassem um livro que se tinha feito á imitação d'essa Diana de Jorge de Monte Maior, e achando que lhe era avantajado fizessem um assento, o qual manifesto ao corregedor da comarca, elle mettesse logo ao auctor do livro de posse de uma quinta de valor de dois mil cruzados, que fulano (outro das partes) tinha apostado por escripturas publicas, e promettia conceder e entregar a quem fizesse melhor livro que Diana.

Bocalino. Estravagante cousa!

Auctor. Por tal vo-la refiro.

Bocalino. E como sahistes do julgado, ou por quem sahio a sentença?

Auctor. Eu tive o livro manuscripto oito dias em casa, e parecendo-me galhardo desproposito, muito de proposito me escusei da judicatura, por andar occupado então em negocios de maior importancia: sahi do logar brevemente, e pouco depois do reino, com que vim a ignorar o ultimo successo d'esta opposição de porfia tão escusada no mundo.

Quevedo. Bem se verifica o credito de Monte Maior.

Bocalino. Bem, mas por Dens, que homem que tal fez merecia ajoujado com D. Jeronymo de Orrea, traductor de Ludovico Aristo, oitava por oitava, e que

ambos acarretassem agua de Hypocrene para a cozinha de Appollo, sem mais vida nem descanço.

Lipsio. N'este peccado de traducções não costumam cahir senão homens de pouco engenho, porque da rudeza á paciencia, não são jornadas largas: os entendimentos leves em discorrer, agudos em penetrar, e perspicazes em discernir, mal se sujeitam a conselhos alheios, no que só se empregam os entendimentos grossos e fleugmaticos, como a ursa, que vagarosamente vae lambendo o parto imperfeito.

Bocalino. Tambem lhe podeis accrescentar que depois de muito bem lambidos ainda assim não ha ainmaes mais feios, nem tão mal limados como os ursos.

Lipsio. Baste, senhores, de Messias, que menos d'elle póde botar o dente á mais faminta curiosidade; quem se segue?

Auctor. Gregorio Silvestre, que já de velho não póde piar.

Lipsio. Vá-se com os mais este cadimo aos entrevados, e vamos nós adiante, adiante.

Quevedo. Como adiante, adiante de Gregorio Silvestre parece não fica já senão nosso pae Adão!

Bocalino. Aqui está João Rengifo, Mingo, Revulgo e D. Jorge Manrique.

Quevedo. Mas venha tambem Garcia Sanches, e D. João Manoel com os seus Cantares.

Lipsio. Se vier com o seu conde Lucanor folgarei muito de ouvi-lo, porque não são mais moraes, nem tão galantes os Dialogos do celebre Luciano.

Quevedo. Deixemos já esse podricalho, porque na edade presente se nos offerecem casos e curas de maior consideração nos poetas modernos.

Bocalino. Entre quaes ha de entrar Miguel de Cervantes Sávedra?

Lipsio. Do tempo a que pertence não disputo, mas

julgo por impossivel que se ache entre os metricos sendo poeta infecundo, quanto felicissimo prozista.

Bocalino. Pois d'esta esterilidade desejara eu ser curado como mulher carecida de filhos.

Quevedo. Não vimos que a natureza tanto se inclinasse a um sujeito, que de todas as partes o enriquecesse: é a razão de que os oradores não sejam poetas, e ao contrario de que os poetas não sejam oradores: a uns dotou de gravidade, a outros de agudeza, a outros de graça, de sorte que como um pae de muitos filhos reparte por elles todos seus haveres, assim esta mãe não menos rica que provida vae repartindo por todos seus partos e filhos, sua copiosa abundancia.

Bocalino. Muito livrinho dourado e enfeitado vejo eu lá por essa banda ; basta que tambem pessoas tão galantes tem seus achaques!

Quevedo. Por isso se disse aquillo do por fóra páo e viola, por dentro pão bolorento.

Auctor. Com tudo elles estão de sorte garridos, que parece lhes não doe pé nem mão.

Lipsio. Essas foram sempre as doenças mais incuraveis, quando o mal faz liga com a natureza, já mais a rompe menos poder, que o da morte: arrenegae das dôres que se não estranham, e de aleijões, que sendo vistas de todos, só quem as padece as ignora.

Auctor. O primeiro d'este miuçalho, é o livro chamado Ocios, do conde Rebolledo.

Quevedo. Bem ocioso estava esse auctor quando fez tal exercicio, e rebem ocioso o primor do seu secretario, que com taes ocios nos deu trabalhos.

Bocalino. Primeiro que se soubesse que tinha secretario, e que fazia versos, veiu esse livro ao mundo.

Auctor. Será como aquella graciosa carta do nosso Marcial de Alemquer, que estando hospede de certo senhor a quem furtando-se um prato de prata, houve suspeita em um creado seu, ao que elle acudindo es-

crevia: Aqui se furtou um prato ao conde, e põem bocca em um creado meu; foi grande providencia de Deus, para qne o mundo soubesse que o conde tinha prata, e que eu tinha creado.

Lipsio. Pergunto pelo livro, e do auctor me não lembro.

Quevedo. Versos são bastantes para que um cavalheiro os possa mandar escriptos de ruim letra a sua dama, de que lerá ametade, e ametade não saberá lêr, mas d'isso em fóra não parecem de conveniencia, nem obra de poeta cadimo: este é o seu mal.

Bocalino. Muitas vezes vejo poezias de certas pessoas, que se me parecem muito ás materias dos meninos da escolla; tem geito de que virão a escrever bem, mas de presente são em fim cousas de meninos.

Lipsio. Quem se segue?

Auctor. As obras de D. Gabriel Bocangel e Unçueta.

Bocalino. Se fôr poeta de tanto nome, como nomes, bem empregadas serão n'elle nossas mézinhas.

Lipsio. Não traz esse ruim annuncio no appellido: Bocca de Anjo! Propria é para cantar bem.

Quevedo. Este não é o peior dos vizinhos, e com quatro xaropes de riscaduras, e uma purga de amphibologias ficará são e salvo.

Lipsio. Isso se lhe faça.

Auctor. Eis aqui as estimadas obras de Francisco Lopes de Zarate.

Bocalino. Primeiro que tudo, deve declarar este poeta de que sexo quer uzar, como hermafrodito, se de lyrico, se de heroico.

Quevedo. Dirá que quer ser heroico.

Bocalino. Pois que o seja com a benção de Deus, visto que ainda o não é.

Quevedo. Moderae-vos Bocalino, porque o Zarate é dos viventes o mais opinado poeta castelhano.

Auctor. Se lhe não puzer embargos meu amigo D. Luiz de Ulhoa.

Quevedo. Os homens que não tem publicado suas obras, offerecendo-as ao exame universal, não pódem ter caxa com os auctores ladinos.

Lipsio. Que duvida põe Bocalino á fama de Zarate, de quem já por muitas vezes tenho ouvido preciosos echos?

Bocalino. O maior achaque d'este poeta é padecer uma notavel inconstancia, ou tremor de muza.

Lipsio. Nova enfermidade.

Bocalino. Procede este vicio da infelicidade dos ritmos; e como differentes consoantes fazem differentes palavras, que accommodadas sem ventura puxam á sua vontade e contra a do poeta por diversos conceitos. Nota-se que em qualquer estancia do poema de Zarate, poucos são os versos que digam uns com os outros: agora deixando a cousa por accudir á obrigação dos consoantes, e depois de livre tornando a pegar da cousa, talvez fóra de tempo.

Lipsio. Assim é, mas essas observações não são para todos, julga-se porém que Zarate respondeu com menos fructo do que se esperava de uma sementeira que durou perto de trinta annos: não foi menos o tempo que gastou na escriptura do seu Poema da Cruz; pouco ha publicado, sendo antes de visto tanta sua opinião, que me parece recebera d'elle maior gloria, se o não manifestasse.

Auctor. Que dizeis a estes outros dois, de meu Paisano?

Quevedo. Quaes são?

Auctor. O Partenope Ovante, e os Machabeos do doutor Miguel da Silveira.

Lipsio. Se esses livros não são a propria saude sendo de um phisico, responder-lhe-hemos o que Bartholomeu Philadelpho, rei egypcio, disse ao outro: medico és, cura-te a ti mesmo.

Quevedo. Arrogantissimo espirito teve esse portuguez, e tanto, que se nos levantou a maiores com a nossa propria linguagem, em que compoz avantajadamente.

Auctor. Sem embargo não perdeu elle nada por elle.

Lipsio. Não perdeu, nem a poesia perderá tão pouco, porque em todos seus escriptos se não viu nunca um só termo baixo.

Quevedo. Em mais partes que na alteza do estylo, consiste a felicidade de um poema; e n'esta proporcionada simetria de perfeições, não ha duvida que o douctor Silveira peccou tambem em Adão como os mais filhos de Eva.

Bocalino. Outro portuguez se queixa junto d'este.

Lipsio. Dizei quem é, com pena de suspensão de vosso officio; porque vos vejo semblante de vos escusardes de sua informação.

Auctor. Tambem quem rodeia chega, e ás vezes primeiro que os que atalham: o supplicante é meu grande amigo Manoel de Faria.

Quevedo. Quem lhe fez aggravo a um homem tão modesto e tão sabio?

Bocalino. O mundo todo inteiro, que sempre esteve mal comsigo e com todos, por não errar os inimigos, em cujo trage ás vezes accommodava aos amigos e bemfeitores, segundo o pavor que se tomou em Roma e Castella de suas intelligencias com o Papa.

Quevedo. Deixemos perigozas materias de estado, não pertencentes a coplistas, que por muito menos que isto, me mandou prender o conde duque e teve apertadissimo quatro annos em a prisão do convento de S. Marcos em Leão.

Bocalino. Eu ouvi d'esse vosso trabalho, e não achei quem me dissesse a causa d'elle.

Lipsio. Todos folgaremos de ouvil-lo.

Auctor. Eu mais que muitos, porque nossa boa amizade assim o pede.

Quevedo. Foi d'esta maneira. Aquelle negro senhorio da minha torre, ou villa de João Abbade, tantas vezes fóra de tempo nomeado nos meus livros, é vizinho das terras do duque de Medina Caeli, por cuja vizinhança se conseguiu entre nós uma boa amisade, tanto pela cortezia do duque, como por ser meu costume seguir muito aos grandes senhores, ao que alludiu aquelle Tapada, que em Madrid me disse uma vez: Vm., senhor D. Francisco, come-se de senhores, como de piolhos; obrigando-me a que lhe respondesse tão celebrada resposta: Vm., senhora minha, que sabe de todos, diga-me quaes picam mais? Finalmente como succedesse vir o duque meu amigo e vizinho á côrte algumas vezes, sohia eu acompanha-lo; entre outras, aconteceu que ajuntando-se muitos senhores mancebos em visita, e vendo-me alli ociozo, fizeram commigo que em a propria casa do duque, aonde se pouzava, lhes lesse academialmente (pela maneira que em Italia se uza) uma lição de politica; assim o fui continuando, até que dando o tempo logar, (e dando perigo) chegamos a disputar dois pontos, pelos quaes me rompi, como meia: o primeiro, se convinha que os monarchas tivessem valido, ou não? De que segui a parte negativa, persuadido de divinos e humanos exemplos: o segundo, se se podia dar caso em que o principe por ruim governo houvesse de ser deposto? D'onde affirmei a parte affirmativa, forçado do Capitulo Grandi de direito. Estas opiniões viciadas da maliciosa interpetração, foram logo condemnadas por impias, e eu por ellas preso, opprimido e desterrado, como Hespanha e Europa soube, até que entrando na presidencia de Castella D. João de Chaves, meu amigo e condiscipulo, me alcançou a liberdade; tal foi o successo e motivo da minha desgraça, ou ella d'elle.

Auctor. Quasi d'essa maneira procederam os trabalhos ainda mais urgentes de Faria.

Bocalino. Não tem que se nos queixar d'esses, pois são de outra jurisdicção.

Quevedo. Mais lhe doerá a esse pobre sua pobreza, de que foi observantissimo em todo o estado.

Bocalino. Essa é já manha velha dos poetas mendicantes, entre os quaes Manuel de Faria podera bem ser reitor.

Auctor. Nunca grandes meritos se viram melhor premiados!

Bocalino. Ora galantes homens são os poetas! Todos vereis queixar da malicia dos tempos e da avareza dos principes: eu provo que nunca os tempos foram menos maliciosos, nem os principes menos avaros: senão dizei-me, como podem os tempos deixar de ser muito bem inclinados, se elles soffrem tal quantidade de desvarios, como no mundo correm com o nome de poesias! E como deixariam os principes de ser agora mais liberaes, se os poetas são tantos que não ha monarcha no mundo que tenha hoje para poder dar um almoço cada anno aos poetas da sua freguezia! Quando se pagavam os versos a pezo de ouro por Augusto Cezar (que sabe Deus se seria, ou não seria) era por que era um só Virgilio o que poetizava; mas hoje, que se commutaram a poetas todas as sete pragas do Egypto, quem quereis vós que os farte, quanto mais que os enriqueça! Vão-se nas horas más, e de duas escolham uma ou sejam menos e melhores, ou se soffram a si como os estimam, tendo-se por aquelles que montam.

Lipsio. A mesma razão nos obriga a passarmos pelos achaques, contentando-nos de evitar doenças mortaes.

Quevedo. Despachemos logo os que se seguem, que é grande a multidão que se vae descobrindo.

Auctor. Anastacio Pantaleão, D. Jeronymo Cancer,

e Salvador Jacintho Pollo de Medina, estão aqui todos juntos, lançados em um leito, e doentes de um mesmo mal.

Quevedo. Crêde-me, que outro tal terno se não ajuntará em muitos tempos, pois por elle se pode entender aquelle verso de Gongora: *El terno Venus de sus gracias summa.*

Lipsio. O que li e entendo d'esses tres poetas cortezãos, não póde ser de melhor gosto.

Bocalino. Não ha duvida que os castelhanos nasceram para zombarias.

Quevedo. O Cancer, o poderá ser do Zodiaco; o Pollo do ceo, e o Pantaleão com duas letras menos pantheon de todos os deuzes.

Bocalino. Grande engenho tiveram esses mancebos, mas se advertis suas chanças, são como cazuaes, e consistem mais no geito da palavra, que na efficacia da cousa.

Lipsio. Pois d'esse pé coxeiam, curem-se d'elle e vão-se ávante.

Auctor. Vem Thomé de Burguillos, da mesma classse.

Lipsio. Esse participará dos remedios que se tem receitado ás obras de Lope, seu auctor disfarçado.

Auctor. Agora jaz alli uma grande copia de livros entre graciosos e travessos, dezenove ou vinte como sardinhas em tijella, de Alonso Jeronymo de Sallas Boubadilha, poucos menos de D. Alonso de Castilho, e com elles dois mil manuscriptos tinhosos, (que se mettem de gorra com os doentes) de poetas envergonhados, que não consta haverem sahido a publico com seus escriptos.

Quevedo. Quanto é com os envergonhados não estará Pedro Mendes de Loyola, a quem por desavergonhado chamaram o poeta Adão, porque tudo nomeava por seu nome, sem alguma observancia do decoro.

Auctor. Segue-se D. Antonio Solis, da Musa Festiva e Cortezã; D. Romão Monteiro, D. Antonio Martines, D. Antonio de Huerta e D. João Velles.

Lipsio. Tende mão, que a esses, mas que feneçam não podemos ouvir nem emendar, porque nossa commissão, sendo castigo e não previlegio, antes se restringue que dilata: uma cousa é serem engenhos, e outra é serem auctores.

Quevedo. Podeis-lhe mandar a todos, que em penitencia do bom humor, que se gastaram, se fiquem agora com o ruim, até que de todo esqueçam que não tardará muito.

Auctor. Ficava-se aqui entre elles escondida a Jococeria de Luiz de Benevente, que se doe muito do nome do livro ser tal, que nem os livreiros acertam a lh'o escrever em rotulo, nem os curiosos a lh'o appetecer em capricho.

Bocalino. Pelo nome fôra bem empregado deixal-o morrer á mingua.

Quevedo. Pelo engenho do auctor não, porque foi dos mais singulares d'este seculo.

Lipsio. Informado estou da variedade d'esse presbytero, e me parece que na estravagancia do gosto não teve egual.

Bocalino. E' o Jeronymo Bosco da poesia, como o Bosco foi o Luiz de Benavente da pintura; porque sendo desvarios quanto pintou o Bosco e escreveu o Benavente, nem os pinceis nem as pennas viram borrões e rasgos mais bem atinados.

Lipsio. Vède-me ora esse livro gordo, que parece inchado, se por ventura é hydropico, ou que mal padece?

Quevedo. Padece todos os males, porque a esse proposito foi chamado para todos.

Bocalino. Não é este o famoso João Peres de Montalvão, contra que vós, senhor D. Francisco de Que-

vedo escreveste a vossa Perinolla, e fostes respondido com o tribunal da justa vingança com que vos deram uma surra?

Quevedo. Esse é.

Bocalino. De mim confesso, que nunca tive inveja a papel algum, como d'aquelle vosso; nem raiva egual, como d'aquella invectiva tão pesada e desgalante, com que o Montalvão pertendeu o defender-se.

Lipio. D'essas demandas e respostas tenho eu muita noticia; mas estando Quevedo diante, que é suspeito, não se póde fallar em Montalvão, mas que seja Reinaldos.

Quevedo. Eu já disse d'elle o que sentia.

Lipsio. Antes o que elle sentiu.

Bocalino. Confesso que teve engenho mais facil que profundo; mas visto que perdeu o entendimento antes da vida, de sorte que nos não poderá agora informar de seus achaques, fique-se por incapaz de cura.

Quevedo. Olhae cá, juizos vejo eu no mundo, que muito grande ventura fôra darem uma volta a seus donos, porque então póde acontecer fiquem ás direitas.

Auctor. Por essa razão, em aquelle celebrado testamento de João de Saldanha (que foi dos grandes cortezãos de seu tempo) ordenava que o enterrassem de bruços, porque como o mundo acabasse de dar a volta que ia dando, ficaria elle enterrado de unhas acima.

Bocalino. Lembro-me quando a côrte de Castella andava dividida em Montalvanes (como elles diziam) e Vilhayzanes, que não venha cá mosteiro de freiras ociosas mais revolto, com Baptistas e Evangelistas!

Lipsio. E quem era esse Vilhayzanes?

Quevedo. Um pedaço de um advogado, que com duas comedias, ou uma e meia, se quiz levantar a tanto auge, que a todos nos despresava.

Bocalino. Pelo que vi e ouvi era de muito mais fino metal o talento de Vilhayzanes que o de seu opposto, porém todo curto dos nós, além de ser de esphera comica, que na ordem dos poetas montam como os barbatos ou leigos de qualquer outra religião.

Quevedo. Ajuntae-lhe que passou a competencia d'esses dois a tão grande excesso, que obrigou á magestade d'el-rei (creio que menos attentamente do que devia ser) a accudir ao pateo publico das comedias, supposto que em logar privado, afim de acreditar o espectaculo d'estas forças.

Lipsio. Os imperadores romanos e os famosos dignastas gregos frequentavam os circos e os espectaculos não só dos histriões, mas as orchestras e regmas, mal ou bem cantadas e representadas pelas ruas de Athenas e de Roma.

Bocalino. Por signal que faziam elles então o que aos sezudos parecia muito mal, e de temor não reprehendiam porque os principes sentindo muito que se reprovem suas obras, sentem ainda muito mais que se lhes não approvem seus costumes.

Auctor. Vejo agora aqui grande tropel de poetas e romancistas e farçantes, e por capitão dos aleijados a Luiz Velles de Guevara.

Bocalino. Por ventura que d'esse feito ficou coxo o seu Diabo, que foi a muza que lhe dictou o seu Diablo Coxuelo.

Lipsio. Muito extranhei eu quando me mostraram esse livro, que um homem de boa opinião depois de muitos annos de applauso, uma vez que se poz a escrever atrancos, (como elle chama aos capitulos d'esta obra) sahisse com cousa tão desegual ao que d'elle podia esperar-se.

Bocalino. Fazer livros é tentação, e para muitos tão urgente, que ha pessoas que tem por tão preciso

imprimir um livro, como passar em vida ou morte pelo buraco de Santiago.

Quevedo. Sem embargo Luiz Velles teve singular agudeza, graça e despejo em seus escriptos, e um destemor tão grande, que a todos nos fez ousados na poesia, musa alegre e bom castelhano, que todos egualaram.

Auctor. Apoz d'elle vem lançando a alma de cançado D. Antonio Coelho e D. Jeronymo seu irmão, Gaspar de Belmonte, D. Gabriel de Quezada, D. Pedro Calderon, D. Francisco de Roxas, D. João de Orosco, D. Francisco Rollim, e outros muitos mil, com mais compostos de comica, que traz comsigo na arte o nome Quis vel quid.

Lipsio. Tá, pelo amor de Deus passemos por elles como se tal gente não houvera no mundo, porque se cheiram ás mésinhas, se quer por novidade hão-de querer emplastos.

Bocalino. Por nos desenfastiarmos dos poetas entremezantes, folgára que viramos aquelle livrinho que alli diviso, magro e diminuido, a quem pelo titulo conheço.

Lipsio. Chama-se Leciones Morales, de Rodrigo Fernandes de Ribeira!

Quevedo. E' poeta de escolhido engenho, e depois de Gongora ninguem escreveu mais culto e christãmente que elle.

Auctor. Com tudo teve pouca razão em misturar com tantas veras as burlas do seu Mezon del Mundo, posto que com maiores allegorias.

Bocalino. E ainda n'ellas teve pouca e menor razão.

Auctor. Estas são as Rimas Varias, de D. Francisco de Borja, principe de Esquilache!

Lipsio. Vêde se vem ahi com ellas a sua conquista pe Napoles por El-Rei de Aragão D. Affonso o Con-

quistador, seu parente, porque ha annos que estou citado para me parecer bem esse poema.

Quevedo. Quer appareça quer não, o principe gozou mais principal muza para lyrico que para heroico: perdôe sua excellencia, e com perdão do senhor Lope de Vega, seu familiar, quando em aquelle verso disse: Virgilio, Borjas, Garcilano e Ovidio.

Auctor. Quando veiu á côrte castelhana por embaixador de D. Francisco de Este, duque de Modena, o conde Fulvio Teste com voz do maior poeta dos que então viviam em Italia, congregou em sua casa o principe os engenhos assignalados que se acharam em Madrid, para com elles e o Fulvio vêr e revêr o seu poema. Coube-me a mim em sorte ser eu o leitor do livro, d'onde estou lembrado que aos mais dos circumstantes pareceria talvez pressa ruinosa a facil e arrebatada veia do principe, a cuja causa não castigou os versos segundo a magestade epica requer, pelo que averiguamos que seria avantajado poeta lyrico.

Bocalino. Vemos comtudo suas rimas enfermas de alguns d'esses descuidos.

Quevedo. Certo que a doçura e amenidade d'ellas é tal, que notavelmente agrada aos ouvidos, peitando-os para que se não lembrem de suas venialidades.

Lipsio. Os engenhos são como os diamantes, que quanto um é mais subido, melhor se deixa conhecer n'elle a menor falha; a esta causa devemos exforçarnos quanto podermos por deixarmos purificadas umas e outras obras d'este senhor, ordenando-lhes um lavatorio de agua do Lethes, d'onde fiquem purgadas e esquecidas as partes indecentes e vulgares que n'ellas se acham, porque d'este achaquesinho em fóra, não só principe mas rei poderá ser o Principe dos Poetas.

Bocalino. Se elles fossem gente capaz de reinado!

Mas de mulatos ou ciganos não escapam na similhança, por ser gente sem rei.

Auctor. Parece que sahiu o triumpho de engenhos nobres!

Quevedo. Qual é esse volume que tendes na mão?

Auctor. O volume será arrazoado, mas não o foi seu auctor deixando-o na fé dos padrinhos, sem o dar á estampa.

Bocalino. Que cousa emfim é esta?

Auctor. As obras, quando menos, de D. Antonio de Mendonça.

Lipsio. Oh! quanto prézo de as achar aqui, que as hei-de levar commigo e cural-as em minha propria casa.

Quevedo. Valha-me Deus, que descuido tão grande.

Lipsio. Mas a essas obras, que lhes póde doer, salvo o não se verem já estampadas, para que todos participem da sua galanteria e primor.

Bocalino. O melhor que eu acho a esse Mendonça foi fazer tão pouco caso de suas descripções, que as deixou por alli desperdiçadas: na mina do ouro e na casa do ourives, até as varreduras são de vinte e quatro quilates.

Lipsio. Emfim, este livro levo eu, e fico por fiador de sua melhora.

Auctor. Não sei se vem a boa hora e occasião Francisco da Costa e França, e Antonio Lopes da Veiga a se curar com suas poesias.

Bocalino. Quanto é o primeiro d'esses, deve de ser poeta ethico, segundo a magresa d'esse seu livrinho.

Quevedo. Pois crêde que assim nos ossos como está, apoucado de sonetos e empobrecido de romances, foi um dos mais polidos engenhos do nosso tempo.

Auctor. E o outro?

Quevedo. Um dos mais sabios e de melhor escolha em tudo, como se vê no seu Heraclito e Demo-

crito, que entre todas as opiniões dos antigos é singular e esmeradissimo seu parecer.

Bocalino. Comtudo não se póde um nem outro remir da censura dos criticos; porque haveis de saber que o descontentamento ou detracção é tão preciso nos poetas como as bexigas: não sabemos quem a este mal haja escapado, desde o filho do rei ao do birbante, nem dos poetas desde Homero a Gregorio de São Martim.

Lipsio. Fique-lhe logo por medecina esse desengano, e vivam como a gallinha com a sua pevide.

Bocalino. Escutae esse livro novo, que se me não engano, se queixa por estyllo differente, e com vozes mais desenvoltas e prazenteiras.

Auctor. Não é menos que o Parnaso Espanhol, do senhor Quevedo, que aqui está presente.

Quevedo. Valha-me Deus, e já eu ando em duas figuras, como Cezar, sem ser imperador: mau negocio! A mim me não doe agora pé nem mão, sem embargo de que sou caxoçaço e gottoso, e já ando em vida mendigando remedios pelos hospitaes, que será isto! Quem lhe vae mais que a mim proprio em minha saude?

Bocalino. Faze conta que te acontece o que ao enforcado, a quem prégava certo religioso, que entendendo sua dureza lhe disse: olha, filho, o que me custas, e como vou aqui tão affligido, suando por teu respeito; ao que o enforcado com muito descanço respondeu; pois padre, se eu que vou a enforcar não suo, quem vos mette a vós a suar por mim!

Auctor. Ajuntae que é um dos frequentes desvarios do mundo, tomar sem ser por caridade, ás costas os trabalhos alheios, para fraquear com os seus.

Lipsio. Assim é, porque não ha amizade mais inutil ou zêlo mais depravado do que adoecer cada um das dôres alheias, quando o mesmo que as padece se

não sente d'ellas. Para com os grandes é lisonja enfermar de seus males, para com eguaes impertinencia, e para com os menores hypocrisia, sendo para com todos falsidade. O principe e o rei é obrigado a se compadecer da parte da natureza do affligido, não a lhe pagar com lagrimas e demonstrações inuteis, que chorar e engulir são manchas de corcodilo, sendo alto sacrilegio fazer a piedade serva da traição e seu ministro. Disse com galantaria um poeta, que mais favorecera Christo a Lazaro chorando-o, que resuscitando-o, porque os olhos são ministros do amor, e não do poder; d'onde fica claro que ao principe e o juiz não lhe foram dados os olhos para chorar, senão para olhar a fraqueza e a miseria alheia, tambem como homens miseros e fracos; reporto-me finalmeute a que são muito cansados no mundo uns certos homens, que se vos fazem tanto do coração, que não ha lança-los d'elle.

Auctor. Antes parece sobeja bondade.

Lipsio. Não é senão demasiado fingimento e negocio, sobre descortezia; porque se entrar uma pessoa na casa alheia sem consentimento de seu dono, se julga por mau ensino, quanto maior o será querer-se-me um marmanjo metter na alma á força. Digo-vos que me teem cançado mais que meus proprios inimigos uns meus amigos, que contra meu gosto querem ser mais meus amigos do que eu quero; porque olhae, o homem discreto ha-de ser n'esta parte como o bom physico, o bom lettrado e o bom confessor, que em consciencia não podem tomar mais doentes, litigantes, ou devotos, do que aquelles que pódem curar, aconselhar e deffender; se eu não fizesse conta de fazer muito por meus amigos, dera-me a todos facilmente; mas como isto não pode ser assim e que eu hei-de fazer tanto por cada um como por mim mesmo, não é possivel que tome carga com que não posso!

Bocalino. Outra melhor observação vos esquece, pois sahiu o triumpho de amisades.

Lipsio. Qual?

Bocalino. Que ninguem se obrigue a fazer por outrem mais amisades do que d'elle se espera que faça por seus amigos.

Auctor. Essa maxima tinha como tão grande politico bem conhecido, o nosso Sá e Miranda, dizendo: quando te hão mister, és seu: quando os has mister, és teu.

Quevedo. Já houve alguem, que disse nos eram mais damnosos os amigos que os contrarios.

Lipsio. E' porque elles não são, como haviam de ser.

Bocalino. Para tudo ha razões no mundo.

Auctor. Acabemos já com este livro, com que não temos ainda começado.

Bocalino. Assim seja, e acabe tambem o sr. D. Francisco de Quevedo com as suas musas, e faça nove sem temor, de que se diga, por estes nove fóra nada; antes ficando sómente seis, póde dizer algum velhaco vendo tal meia duzia, que não é ainda poeta das duzias, que é menos a metade.

Quevedo. O invento não foi meu, mas do macedonio, poeta italiano, que n'esta maneira publicou suas obras.

Auctor. Certo que não sabia eu que o Quevedo tinha pensamento, quando constituiu em titulo das tres muzas essas poucas obras que andam impressas com o meu nome.

Quevedo. Affirmo-vos que tal tenção não tive nunca; pois como vistes, mostrando-vos muitas vezes os cartapacios de meus versos, já mais achareis n'elles taes nomes. Veiu depois de minha morte D. João Antonio meu illustrador, e quiz ordenar por essa maneira a procissão d'essas ociosidades, mas posso-vos di-

zer que o não senti menos, que as pezadas dissertações com que introduz e explica as seis muzas que manifestou, e sendo certo que escrevi trovas não só para dotar as nove muzas, mas a dez ou doze, se as houvera, elle se cançou em perigoso numero.

Bocalino. Ainda mal, porque já n'elle se não estranham as faltas, quanto mais em muzas, que tambem são más mulheres, porque são de quem as quer.

Lipsio. Eu as li todas, e sobre louvar muito a elegancia, venustidade e graça de vossos versos, em alguns logares d'elles vos acho por immodesto, reprehensivel; porque contra o competente decôro, que é uma das mais honrosas leis da natureza, niñguem póde sem delicto ser licencioso; a vergonha, pejo e recato, sempre é santo costume, sobre que não ignoro a doutrina, que por differente estylo escreveu o portuguez João de Barros no seu excellente livro da viciosa vergonha; porém que escrevera aquelle grave auctor n'estes tempos, em que já não ha vergonha viciosa por excessiva, mas por limitada!

Bocalino. Acabae de o dizer como Deus manda: quer dizer tudo isso, que o maior mal que hoje padece o mundo e os mundanos, é de pouca vergonha.

Quevedo. Eu vou por uma vez doutrinado; mas quizera saber de vós outros se esta censura se estende a todas as minhas obras, ou se só nos versos se limita?

Lipsio. A todas não; porque ellas pódem ser molde dos acertos em quantas materias tendes tratado; noto-vos sómente de demasiadamente travesso.

Bocalino. Reprehendei-o vós, senhor Justo Lipsio, por parte da phylosophia ou quebranto da razão; eu aviso por parte da poetica a vossa musa de luxurioza, por luxo, superfluidade e frequencia, senão dissermos por via de conceitos, que se derrama ou desperdiça em cada assumpto, sendo força que sendo

muitos não possam ser eguaes, e que á vista dos sublimes que em vossos escriptos resplandecem, perdem muito os de menor quilate. Ao tropel dos conceitos deve o juizo do poeta fechar as portas da mente, extremando uns de outros, e deixando que uns saiam, outros não; parece-me que nos sobejos fostes falto, que é novo peccado para cavalleiro de Tenára!

Quevedo. A uma e outra censura vossas só respondo (não sei se satisfaço) que os humores mal se mudam, pode-os destemperar a edade ou a fortuna, e tempera-los tambem o gosto e a dita: aniquillalos de todo, só é officio da morte.

Lipsio. Assim é.

Quevedo. Bem se viu n'aquella galante historia do nosso salgadissimo Garci Sanches de Badajós, um dos homens de maior graça que o mundo teve; era tão inclinado a graças, que nem na morte se descuidou d'ellas.

Bocalino. Como foi essa historia: porque o morrer com graça é muito bom, e com graças é muito máo?

Quevedo. Estava espirando Garci Sanches, quando se mandou vestir no habito de São Francisco por acabar n'elle; e como por cima lhe puzessem o habito de Santiago, cujo cavalleiro era, ficou com tanta roupa, notavelmente pompozo; olhou para si, e vendo-se de tal sórte, dizem que disse aos circumstantes: agora dirá Dios: Mi amigo Garci Sanches muy arropado venis: y yó le responderé: Señor nó se maraville, que parti en invierno.

Lipsio. Ora como vos dizia, os costumes da vida mal se deixavam antes d'ella, sendo esta uma das maiores recommendações que tem por sua parte os bons costumes; veja por isso cada um que costumes recebe.

Quevedo. Lembra-me a esse propozito, que quando degolaram na praça de Madrid aquelle tragico valido D. Rodrigo Calderon, foi notado de que ao subir do

cadafalso levantara com tanto brio a falda do capuxo que levava por dó de si mesmo, que até o confessor, que o ajudava a bem morrer, reparou na sobeja bizarria e graça d'aquella acção; de que reprehendendo-o, se escuzou com haver sido em toda a sua vida despejado e airozo em seus movimentos.

Bocalino. Satisfação era bastante, porém mais digna de uma dama, que de um varão, cujo semblante desfiguram os sobejos adornos.

Quevedo. Ide-vos embora com o vosso mancebo mal cingido, que tudo foi uma illustre hypocrisia com que Cezar enganou os marmanjos de Roma para se fazer senhor d'elles e d'ellas.

Bocalino. Ainda me accommodo mais, com que ainda por ventura seria malicia de Catão, seu contrario, porque estes muito bachareis sempre se prezam de fazer de nadas cavalleiros armados.

Auctor. Bem está tudo isso; mas nós mal, se a este passo havemos examinar toda esta livraria; sendo assim, que só para a estante dos poetas portuguezes que agora nos ficam á mão, necessitamos de muitos dias de conferencias.

Bocalino. Tão tortos e aleijados são os engenhos dos vossos paizanos! Nova cousa é essa, porque de nós sempre foram tidos em boa reputação.

Lipsio. Se o achaque dos portuguezes não fôr inveja, cedo espero que tenham saude.

Quevedo. Ora venha o primeiro d'esses vulgares.

Auctor. Ahi tendes ao Lima de Diogo Bernardes.

Quevedo. Esse foi poeta da terra da promissão, todo mel e manteiga; não se viu muza mais mimoza.

Auctor. Parece que o estranhaes, como se á poesia conviesse por alguma via alguma asperesa!

Bocalino. Assim é, mas tambem nos não negareis, que os versos se querem varonis e esforçados.

Quevedo. Isso parece que entenderam os francezes

quando sobre a sua vulgar poezia lançaram aquelle grande preceito, a nós mais difficil de observar, que a dura lei dos consoantes.

Auctor. Qual foi?

Quevedo. O costume que tem de fazerem versos machos e femeas; com infalivel regra que se um verso acabou em dicção masculina lhe ha-de succeder outra dicção femenina: e assim procedem os poemas universalmente.

Bocalino. Não venham cá as Palmas Idumeas, que não dá fructo a palma mulher, sem que a palma homem seja plantada junto n'ella.

Auctor. E como são estes cazaes de versos francezes?

Quevedo. São agudos e graves; reputando os agudos por de genero femenino e do masculino os graves: de maneira que a ultima dicção de qualquer distico, (como vos disse) uma ha-de ser forçosamente longa, se a outra breve.

Bocalino. Farão casta os francezes com os seus rithmos, e não sei se mui castiça; sendo sem duvida que das nações vulgares, os francezes tem o derradeiro logar na poezia.

Lipsio. E o primeiro?

Bocalino. Quererão, se quer por mais antigos, que seja seu, os nossos italianos.

Auctor. Boa graça é essa para Manoel de Faria, que para os portuguezes acarreta esse principado.

Lipsio. Senhores, por agora curemos ao Bernardes, que não faremos pouco.

Auctor. Não tem cura, porque n'elle não ha algum mal notavel ou contagioso; haverá quando muito achaques de velho, com que já nos manda viver quietos o poeta latino, assegurando que ninguem vive sem crime, que é sem doença.

Lipsio. Quem é ess'outro?

Auctor. As obras varias de Francisco Rodrigues Lobo.

Lipsio. As de prosa tem perfeitissima saude, não ha para que lhes pôr mão; porque foi claro, engenhoso, elegante, grande cortezão, e não menor jardineiro da lingua portugueza, que tozou, poliu e cultivou como bom filho e grato republico.

Quevedo. A Côrte na Aldêa, que vi sua, avantaja ao conde Balthazar Castilhoni, na sua Aldêa dos Aulicos.

Auctor. O mesmo Castilhoni confessou n'esse seu livro, quanto reconhecia a cortezania dos portuguezes, dedicando-o ao nosso cardeal D. Miguel da Silva, filho do conde de Portalegre, concorrendo então em Italia tantos e tão notaveis sujeitos, como celebra Angelo Policiano, Aldo e Paulo Manucio, em suas Epistolas d'aquellas eras; d'onde se acham muitas do proprio Policiano para o cardeal D. Miguel, como espelho de cortezãos que com elle conviviam.

Bocalino. As Eglogas me pareceram o melhor livro d'este poeta.

Lipsio. Tendes rasão, que em nenhuma lingua vulgar achareis versos de maior propriedade e energia.

Auctor. Aos mais poemas que lhe diremos?

Bocalino. Já se sabe que os mandamos lançar no Tejo, d'onde seu auctor se afogou, para que o vão buscar e lhe requeiram que os emende ou os sepulte.

Auctor. Dois Rodrigues estão juntos ao primeiro, ambos poetas tisicos, segundo são diminuidos seus volumes.

Quevedo. Quaes se nomeiam?

Auctor. Fernão Rodrigues Lobo, a quem disseram o Zarapita, e Estevão Rodrigues de Castro, aquelle com um pequeno manuscripto, est'outro com um breve volume, estampado em Florença.

Lipsio. Do primeiro posso affirmar que se padece

alguma paixão extrinseca, bem póde ser; mas que no espirito poetico que o informou, está são de todo os quatro costados. Foi poeta mestre, e quando não escrevera mais que os seus Desvarios, bem se vê que quem desvariando acertava por aquelle modo, quanto acertaria atinado! O companheiro tinha melhor muza que fé; o seu Arion é poesia de conta, supposto que escreveu em castelhano, que o não sabia tanto como a sua propria lingua, em que luzira mais se n'ella fizera suas composições; porém no celebre poema que publicou da Immortalidade da Alma, fez prova de grande philosopho, sobre poeta illustre.

Bocalino. Não ouvi nunca a Lipsio tão officioso com os seus flamengos!

Lipsio. O mundo é patria do sabio, mais certa ainda que do forte; aquelle é mais meu paisano, que é mais erudito professor de sua sciencia ou faculdade.

Auctor. Aqui jaz bem lastimado Affonso Africano e o seu auctor Vasco Mozinho de Quevedo.

Quevedo. Toca-me pelo appellido a compaixão: que tem este pobre poeta?

Auctor. Tem muita pobreza, e muita riqueza: é muito pobre na fortuna e muito rico na sciencia.

Bocalino. D'elle tenho ouvido ser um dos mais regulares poemas heroicos, que andam nas linguas vulgares.

Lipsio. Assim é, mas que aproveita! Se a ruim sorte do vosso rei D. Affonso o V, seu heroe, se lhe pegou ao poeta!

Bocalino. Escaligero me jurava no nosso tempo pelo juramento dos seus gráos, que o Mozinho no Affonso, e o Ponciano no Pelayo, podiam ser reformadores da Recolleta dos poemas heroicos de Hespanha.

Quevedo. Por signal que são n'ella e fóra d'ella os menos conhecidos! Sêde lá grande poeta, a vêr o que vos succede!

Bocalino. Não escondaes lá de nós ess'outros livrinhos, que não vimos aqui a empécer e censurar, senão a melhorar e a advertir, que é obra de misericordia.

Auctor. Tenho-lhe affeição, pela que tive a seu compositor.

Bocalino. Enganaes-vos, que quem quer conhecer o mal, quer ministrar a mézinha e quem procura a fraude, deseja a vida ao doente.

Auctor. Comtudo o amor nunca foi bom enfermeiro; vereis que a mãe foge com o filho nos braços pelo não vêr padecer uma cura rigorosa, expondo-se antes á morte, que á crueldade: tal me succederá com este livro.

Lipsio. Ora acabae, dizei-nos quem seja?

Auctor. E' a Lisboa Edificada, de Gabriel Pereira de Castro.

Quevedo. Jesus! Este livro para ser são e salvo, não tendes mais que despegar-lhe aquelle Juizo Critico que traz, de Manoel de Gallegos, ao principio, que eu vos dou minha palavra que logo elle fique rijo e valente.

Lipsio. O vosso doutor Pereira de Castro escreveu em direito civil um livro de manu regia; mas com mais real mão ainda escreveu este, que agora vós escondeis.

Bocalino. Tão bom livro é este!

Lipsio. Tão bom! Porque comprehende grande poesia, pensamentos, tropos, adornos, flôres, clareza, elegancia e magestade.

Bocalino. Acabae já de nos dizer que esse livro é um estojo, e acabaremos de entender que ha n'elle serventia para toda a cousa boa.

Auctor. Não, quanto é por este, ponho eu que não tenha achaque.

Lipsio. Enganaes-vos; os livros são como os ho-

mens, que quiçá de serem seus filhos herdaram d'elles esta ruim disposição. Vereis acaso um homem de gentilisima presença, finas côres, compassados movimentos, e quando o julgaes um symbolo, cofre, ou casa de saude, vos desenrola um aranzel dos achaques que padece, tal que só de o ouvirdes ficaes enfermo. Assim succede com um livro, que apesar do frontespicio prospero, do applauso dilatado da opinião estrondosa, lá por dentro padece seus trabalhos, que melhor se encòbrem que remedeiam.

Auctor. Isso será, senhor, em os mais, mas não cuidava eu que outro tanto podia ser com este; creio, porque vós o dizeis; não ha logo livro nem homem seguro n'este mundo?

Lipsio. Deixemo-lo como estava, e sabei de caminho, que não ha cousa de maior perigo que querer estar melhor que bem, aquelle que não está mal.

Auctor. Dois livros de menor grandeza se nos offerecem aqui juntos: Paulo Gonçalves de Andrade e Antonio Alvares Soares, ambos poetas lyricos e temporaneos.

Lipsio. Aqui estão esses dois! Não pódem deixar de vir juntos, como a noite e o dia; porque de um a outro não ha menos differença, que do dia á noite.

Quevedo. E qual o dia?

Lipsio. Vós o sabeis muito bem: o Paulo Gonçalves foi um polido e galante poeta.

Bocalino. Por essa conta o Soares é farello d'esta farinha, e no cabo o farello leva a fama dos trovadores do seu tempo.

Lipsio. Lá fazei vossas amassaduras.

Bocalino. Seguem-se os dois Dons Franciscos, Rolim e Portugal.

Lipsio. Já que fallaes n'esse appellido, vêde se me achaes ahi as obras de D. Manoel de Portugal.

Auctor. Aqui estão para um canto, e tão dormentes, que não terá pouco que fazer com ellas a trombeta do dia do juizo.

Lipsio. Em canto estão! Com muita justiça, porque são obras encantadas.

Quevedo. Direi por ellas o que com não menos graça que razão disse o marquez de Alemquer D. Diogo da Silva, quando lhe mostraram essas obras.

Auctor. Que disse?

Quevedo. *Ello grande cosa es, no sé yo si mala, si buena.*

Bocalino. Bem difiniu o castelhano, mas pela regra do outro, muito má cousa deve de ser essa.

Auctor. Que regra?

Bocalino. Dizia um bargante que a regra geral para se conhecerem os parvos era sommar todos os que o parecem, e ametade dos que o não parecem.

Auctor. O aphorismo é bom, mas não vem applicado, porque este auctor, sobre confuso poeta, foi scientifico, e cuidou com profundidade: quanto mais que temos por experiencia que do appellido Portugal, não ha pessoa indiscreta em o mundo.

Bocalino. O bem não é como tinha.

Quevedo. Bastava que os portuguezes só tivessem em suas casas aquelle illustre conde de Vimiozo, o primeiro D. Francisco de Portugal, que foi a mina da galantaria e do avizo, porque elle só adubasse de discrissão toda a sua familia.

Auctor. O que vos eu posso affirmar é que ess'outro D. Francisco de Portugal, de quem agora tratamos (de poeta em fóra), foi um dos sujeitos de maior applauso que houve em nosso tempo, assim n'este reino como no de Castella.

Bocalino. Gosto da distincção que fazeis, dizendo, de poeta em fóra, porque me lembro a esse proposito, que sendo gabado muito na minha aldeia, deante

de um sandeo, certo engenho de fama, respondeu elle: ora fulano para poeta não é parvo.

Quevedo. Pelo Portugal se póde dizer á bocca cheia, porque eu sei era elle estimadissimo na nossa côrte, com ciumes de nós todos.

Auctor. Eu vos direi o que me succedeu com o vosso galante D. Antonio de Mendonça, e meu tambem, segundo o muito que foi meu amigo; mostrei-lhe eu (antes que elle de todo me soubesse as manhas, de que já suspeitava) aquelle soneto que anda nas minhas obras, escripto ao principe de Hespanha, e começa: *No te offerece aquel triunfo, oy solamiente.* Viu-o, e olhou-me, e depois de mostrar que folgava de o vêr, me disse: *Yo pense hasta aora, que de prezente no se hallava otro poeta en su tierra sino D. Francisco de Portugal;* ao que lhe respondi: *Yo tambien soy D. Francisco, y soy de Portugal.* Tanta opinião lhe deram os estranhos, quanta quiça agora lhe nega a patria, ou lhe regateia.

Lipsio. Que obras ha suas?

Auctor. As Tempestades e Batalhas, uma ideia galante e namorada, que imprimiu em seus dias debaixo do nome de Thomaz de Jape; muitos annos depois da sua morte se estamparam algumas rimas suas, com titulo de Divinos e Humanos Versos, a que deu fórma de livro e pôz os remates Francisco de Vasconcellos, cujas obras tambem sem rasão alguma houveram de padecer uma forte similhança de seu engenho, bem desegualmente merecida; porque o sangue da veia da sua muza, foi muito parente do sangue das suas veias, illustre e illustrado por avós e por estudos. Tinha composto D. Francisco a Arte da Galanteria, o Solitario, os Espiritos dos Portuguezes, e um famoso livro de cavallarias, que ainda hoje se guarda com o nome de D. Belindo.

Lipsio. Grande trabalho, mas grande desculpa é essa dos auctores de obras posthumas.

Quevedo. Não vos mateis por elle, nem por ellas, que todos vemos em o caracter d'esses versos; gosava gentil espirito quem os compoz.

Bocalino. E que tal ess'outro D. Francisco Rollim, porque entendo vos ouvi já n'este logar dizer e fallar n'elle outras vezes.

Auctor. Estes são os seus Novissimos do Homem, poema mixto, e ainda mixto com muitas partes de moral e heroico.

Lipsio. Ah! sim, já o tenho visto, e o julguei mais douto que agradavel; cure-se de melancholia, e ficará para viver muitos annos.

Bocalino. Será pouco mais ou menos como a Infanta Coroada, de D. João Soares de Alarcão, que eu vejo alli tão cahida detraz d'aquelle almario, como cahiu a Grã-Princeza de Bertanha.

Auctor. Mais, e muito mais, é o Rollim por singularmente estudioso, como se mostra no seu retrato de Galathea, á imitação do que Marino traz em sua Galathea, retratando o duque Carlos de Saboya.

Quevedo. Tambem em sextas rimas?

Auctor. Tambem.

Quevedo. Oh! valha-me Deus, que metro sem sabor esse; nas primeiras côrtes do Parnaso em que nos acharmos hei de pedir a el-rei Apollo por satisfação de meus serviços, que mande desterrar as sextas rimas do mundo, ou desterre para ellas os seus affeiçoados.

Auctor. Escreveu de mais os Dias Criticos e uma Arte de Tourear, com estravagante capricho.

Lipsio. Os gostos procedem dos humores, poucas vezes similhantes, e menos vezes concertados nos homens.

Auctor. De tudo o que vi de seus escriptos, que varias vezes me communicou, não apparece parte.

Lipsio. Assim consome o tempo, e esperdiçam os herdeiros o nobre labor de tantos annos.

Bocalino. Deixae já essas lamentações em que não incorrestes, sendo tantos como bem logrados os vossos livros anteriores e posteriores á vossa morte, para que haja logar de que o auctor nos faça capazes dos muitos que pedem visita.

Auctor. Seja o primeiro este meu amigo Antonio Gomes de Oliveira nos seus Idylios Maritimos, parto nascido de uma dôr, como elle diz em seu prologo, ao que alludindo um doido em Coimbra (dito o doutor S. Martinho) topando-se acaso com esse poeta lhe dava engraçadissima corrimaça, dizendo-lhe: velhaco, nunca has-de parir sem dôr, como se fôras mulher?

Bocalino. Esse nome Idylio é frequente em os nossos poetas italianos, entre os quaes se fez grande logar Jeronymo Preti, um dos famosos modernos, que na minha patria ajuntam os consoantes.

Auctor. Não averiguo cuja é a invenção, mas affirmo-me que este poeta foi o primeiro que trouxe a Portugal a cultura dos versos aureos, de que agora nos vestimos.

Quevedo. Dizeis verdade, e eu me lembro que D. Luiz de Gongora me mostrou um exemplar d'esse livro e carta de seu auctor, communicada por D. Gonçalo Coutinho, grande entre os vossos sujeitos, em prosa e verso; sabio ministro e destro capitão (como se não falle do livro que compoz da sua jornada e governo de Africa, que estas são outras mil e quinhentas), mas tambem me não esqueço de que o Congora sendo soberbo e desabrido assaz, respeitou notavelmente esta composição de Oliveira.

Lipsio. Já sei que foi homem estudioso: ha maré emfim bem estreada em nomes e symbolos; sei comtudo que padece sua indigestão de musa infelice, que

por procedida da frialdade do genio, é de cura difficultosa.

Auctor. Assim fundou não acabar suas obras.

Bocalino. Quaes foram as imperfeitas, se o não foram todas?

Auctor. Deixou quasi no fim um poema heroico portuguez d'el-rei D. João o I, e as historias em prosa da ilha Terceira.

Quevedo. Uma vi eu da ilha de S. Miguel, escripta por Gonçalo Vaz Coutinho, seu governador, que me pareceu bem principiada, se a causa fôra maior.

Auctor. Como disse Virgilio que da aguia não nascia a pomba, direi eu agora que uma aguia não póde deixar de ser filha de outra aguia; porque o alto engenho do nosso discreto e prudentissimo embaixador Francisco de Sousa Coutinho, filho d'esse Gonçalo Vaz, que dizeis auctor d'esse pequeno livro, não pede senão um pae grandissimo: quanto mais que a discrissão, graça e condições, parece que tem solar n'esta casa; porque irmão foi seu, Manoel de Sousa Coutinho no seculo, e Frei Luiz de Sousa na religião illustre chronista, não só da familia dominicana (d'onde recebeu o habito homem já de boa edade) mas d'el-rei D. João o III, cuja grande historia compoz suprindo os defeitos e descuidos de Francisco de Andrade. Por esta posse continuou o bom logro de seus estudos e experiencias o embaixador Francisco de Souza, tanto em varios poemas (que furtou e publicou á curiosidade) como no seu famoso livro, antes perfeito que acabado, das memorias historicas e politicas dos annos das suas embaixadas, que são quasi dezoito, (com os intermitentes). Não degenera o sobrinho Manoel Pereira Coutinho, em quem foram eguaes as graças e as desgraças; porque sobre ser elle um livro vivo e inexhausto de cortezanias, tem composto outros galantemente escriptos, varias novelas e inve-

ctivas, que bem correspondem ao credito de seu auctor, filho tambem de aguia, como se vê nos agudos versos que deixou escriptos Lopo de Sousa Coutinho, seu pae, filho, como o embaixador, d'esse auctor da Historia Insulana, que referistes.

Bocalino. Certo vós não podereis negar a affeição que tendes a essa prosapia.

Auctor. Nunca temi ser importuno nos agradecimentos, porque como é fructa que o mundo vê tão de tarde em tarde, já mais enfastia.

Quevedo. Pois todos esses não devem ser curados?

Auctor. Digo que o sejam, que lá lhes virá seu dia.

Lipsio. Quem diremos agora que vem n'esse livro tão bem impresso?

Auctor. Parece que sahíu o trumfo de auctores aquaticos; é a Insulana de Manoel Thomaz, e com ella dois livros mais em verso; a Vida de S. Thomaz, seu assumpto, e os Poemas Sacramentaes!

Bocalino. Aquelles que se nos acolhem a sagrado, parece que fogem da justiça, que já por essa causa, conhecendo eu alli atraz o livro da Conceição, de Luiz de Abreu e Mello, e o de Santo Antonio, de D. Luiz de Tovar, com todos os de Francisco Lopes Livreiro e os de Fr. Manoel das Chagas, de proposito vos não quiz perguntar por elles.

Lipsio. Pois isso não ha de ser assim, que uma vez julgados, todos é força que venham á audiencia e passem pela razoura, visto que é para saude das famas, senão das pessoas.

Bocalino. Eu me emendarei, assim se emendarão elles.

Auctor. Se houver logar podeis aqui tão-álavez deter-vos com dois manuscriptos encadernados, que não parecem senão livros.

Quevedo. Que auctores?

Auctor. De grande merecimento: o primeiro Fernam Corrêa de Lacerda, a quem nada faltou para poeta grande senão a desconfiança, cuja falta lhe fez descuidar de suas obras, certo de muita estima.

Quevedo. Assim o ouvi já, e que tem filho de seu nome, herdeiro do primeiro espirito, e galanteria do pae.

Lipsio. Visto isso, fique-se assim doente em custodia até vêr se seu filho torna por seu sangue e nome, fazendo estampar seus escriptos: e por entretanto se apiede com qualquer lembrança sua memoria, afim de que se não perca: e o que se segue?

Auctor. Nuno de Mendonça, conde de Val de Reis, a quem a musa não impediu o consulado, porque depois de varias occupações, foi governador d'este reino.

Quevedo. Ah! sim, este era aquelle Nuno, a quem o nosso Bartholomeu Leornado escreveu a illustre Epistola, que começa: *Dizenme Nuño, que en la côrte quieres.*

Auctor. Esse mesmo foi, porque o grande reitor de Villa Hermoza o tinha em logar de discipulo, havendo sido mestre do principe de Esquilache, primo e collega d'este conde.

Bocalino. Boa prova tendes dado á qualidade do sangue e da doutrina, se foi tal a do talento.

Lipsio. D'esse estou eu muito bem lembrado, que era grande e suave; porque Nuno de Mendonça serviu em Flandres na camara do cardeal principe e archiduque Alberto, em tempos que eu o tratei e conheci sempre reputado por pessoa de grande talento e cortezia.

Bocalino. Isso tem os portuguezes, que fóra da patria se esmeram no procedimento até não mais.

Lipso. Comtudo nossas ordens não dão logar a entender e intrometter-nos na saude dos manuscriptos,

porque ainda não tem doença confirmada a respeito, que podem ser todavia emendados e convalescidos por si mesmos.

Auctor. Conforme a essa regra, passo logo pelos escriptos de Martim de Castro, Gaspar Mimozo, Luiz Pereira, Simão Torrezão, Alvaro Frade, Thomé Tavares, Diogo de Sousa, Antonio de Castilho, Henrique Nunes, Francisco Corrêa, Gonçalo de Lucena, D. Thomaz Jordão, Jorge da Camara, e mil outros poetas de conhecido e levantado espirito, porque não chegaram a vêr suas obras manifestas por meio dos typos.

Lipsio. Do descuido á culpa ha tão pouco, como da culpa ao castigo.

Auctor. E' chegado Fernam Alvares do Oriente, com musa estrepitosa, na sua Luzitania Transformada.

Quevedo. Já li esse indiatico, e me pareceu como pedra durissima, como são as da sua terra, não com menos quilates na dureza, do que ellas costumam trazer na formosura.

Lipsio. Notastes como deveis, porque um poema não é, nem se fez para ser uma postila dos estoicos ou cynicos, não é uma homilia devota, não é um opusculo mystico, para que n'elle tudo sejam gravidades e melancholias. Já mais lêmos que Saturno entrasse a fazer convite nas delicias do Parnaso; quiçá a esta causa fingiram os antigos, que as musas eram damas, estando na sua mão assignar-lhes outra fórma mais respeitavel. São as donzellas louçãs emquanto á flôr da sua edade, porque verdadeiramente ella é uma arte florida, que pede sujeitos floridos em annos florescentes, tira-a de seu natural, e cuido que pelos cabellos, todo aquelle que a quer fazer carrancuda.

Bocalino. Estou conforme com que se saiba que tão pouco ha de ser chacota a poesia, ainda que ha entre nós certo genero de versos, a que chamam ba-

hallatas, tomado dos italianos, que se fizeram propriamente para os bailes das comedias, que tanto montaram tambem as orchestras dos gregos, que se compozeram para cantar e bailar pelas ruas em grandes festividades.

Lipsio. Não desprezeis esta composição, que tem mais antigo e mais nobre solar, do que porventura cuidaes; porque antes que os gregos, os hebreus uzaram de similhantes jubilos, expressados pela voz e movimento, que tal foi a santa composição psalmodia, em que floresceu David; e ainda antes Maria, irmã de Moyzés, compoz canticos e bailes, e o mesmo fizeram as donzellas de Jerusalem, quando David entrou victorioso do gigante Golias, degolado no valle Therebintho. Assim todos os mais canticos famozos que a Escriptura celebra, e d'ella podemos imitar canonisados.

Quevedo. Deixemo-nos de tantas veras, que ainda lá não chegámos, melhor seria ir desenrolando esses pobres aleijados.

Auctor. Que me apraz; mas notae que estão aqui dois livros de versos impressos em França.

Quevedo. Que auctores? Porque já sabeis que depois que vi o Mercurio feito Monsieurs não dou muito por livros nossos, que se vão estampar Cisalpinos ou Cisperineos.

Auctor. De um d'elles se dê por cumplice o capitão Miguel Botelho.

Bocalino. Essa officina carmoeziana havia mister arrazada, porque dá alcouce aos mais dos despropositos que vão de Hespanha a França, curar-se de alporcas do entendimento, cura até agora não achada na empelota do oleo de Clodoveo.

Lipsio. Já fui de parecer que se mandasse evitar estas girias ou faculdades da estampa, e cada uma das famosas officinas do mundo, trabalhasse sómente nas

obras de seus naturaes, sem trasladar o que não entendia: Como se puzera algum meio em licenças demasiadas, houvera-o nos sacrilegios que cada hora vemos publicos, em damno das republicas.

Bocalino. Por certo que a troco de se escusar o escandalo que tem dado ao mundo aquelles tres anonymos que hoje conhecemos, a saber: a Nuda Veritas, a Justa Statéra e o maldito livro de Tribus Imperatoribus, que modernamente não Merlim (que dizem ser filho do diabo) mas o mesmo diabo devia manifestar e semear pelo mundo, foram bem tiradas d'elle todas as imprensas, com que não ha duvida se adorna, uzando-se como a razão pedia.

Quevedo. Ainda que com magoa, acrescentae a esses toda, ou quasi todas as obras do Ferrante Palavicino; *Il Locutorio delle Monichi; Il Divorcio Spirituale; Il Othanta Molli*, que os mais d'estes e outros similhantes, quando não toquem todos os quilates de erroneos, são de vinte e quatro quilates impios e deshonestos.

Bocalino. Guardemos este alvitre para as primeiras côrtes do Parnazo, como dizeis, d'onde de caminho podemos averiguar a este propozito aquella antiga questão, que já excitei se foi mais prejudicial ao mundo a invenção da polvora, ou a de João de Grotimburgo com a das impressões?

Lipsio. Deixemos já este negocio, porque espera ess'outro livrinho francez, cujo auctor nos não declarastes.

Bocalino. Poetas ha, e não poucos, porque se pode passar como cão por vinha vendimada, porque já mais a sua vinha dá fructo que appeteça a curiosidade.

Auctor. Soror Violante do Céo, foi a compositora dess'outro livrinho feito publico por D. Leonardo: ambas as cousas a meu juizo escuzadas, por decoro de

duas pessoas religiozas interpostas n'esta discreta ociosidade.

Quevedo. No seculo vi e ouvi muitos versos d'este sugeito, e sempre tive para mim, que sendo divino havia parar em o divino, porque o espirito, menos ainda que o sangue, se quer rogado.

Auctor. Tem que curar este livro?

Bocalino. Todos os filhos dos filhos de Adão participam dos seus achaques.

Auctor. Tambem logo julgarei por doente um e outro poema de D. Bernarda, que aqui estão, como vos parcem achacozos os de Violante do Ceo?

Quevedo. Ambas vem d'esse solar por linha direita do talento, que em ambas resplandeceu, e como no ceo se não admitem peregrinas impressões, claro está que não pode lá haver achaques.

Bocalino. Fallaes pela bella phiosophia; já sabemos que a massa syderea até o firmamento é corruptivel, segundo a nova escola dos philosophos e astronomos.

Quevedo. Soffrerei o que ácerca d'isso disser Thico Brahe Danense, como me não allegueis com Renato des Cartes, porque estou com elle de candeias ás avessas.

Lipsio. Muita noticia tenho d'estas duas poetizas portuguezas, e certo é de grande louvor em uma mulher cultivar tão varonilmente o entendimento pela parte laborioza; porque quanto é na data e sesmaria d'elles não foram ellas peior aquinhoadas que nós outros, superamo-las sendo mais robustos e capazes para o trabalhos da alma e corpo, não porque o espirito reconheça ou se dobre á fraqueza do sexo.

Bocalino. Bem se vê pois d'aquellas duas bem notaveis freiras de Italia, ambas benedictinas, gozamos comporem dois livros tão divinos, um da Paixão de Christo, todo composto de versos de Homero, outro

do proprio assumpto, fabricado dos de Virgilio, que fez maior admiração, por mais notorio.

Quevedo. Eu na minho Culta Latiniparla, e o auctor na sua Carta de Guia não parece que nos amassamos bem com mulheres doutoras, auctoras e compositoras, porque como dizia um cortezão, é triste cousa que estejaes com vossa mulher na cama, na meza, ou na casa, e andem lá pelas tendas mil barbados perguntando por ella; mas sem embargo dos embargos louvemos estas nossas irmãs, e se o seu mal não é melindre, sejam as primeiras a quem se advirta a emenda e receite a mezinha, se de todo o coração a pedem para remedio de suas obras.

Lipsio. Assim seja.

Bocalino. Melhor fôra dizer amen.

Quevedo. Não vi nunca ser officio de homens grandes dizer os amens a outra gente.

Bocalino. Dizeis vós n'isso bem mal, porque só esses amenistas tem hoje a fortuna amena.

Lipsio. Esta vizita dos poetas vae sendo grande em demazia, e não sei se nos será mal contado gastar tanto tempo com os vulgares.

Auctor. Se quereis começar com os latinos, aqui entre os nossos achareis Diogo de Paiva em os seus Chauleydos, que segundo a opinião dos modernos não deve nada aos antigos.

Bocalino. Assim é, mas este poema sobre se armar em versos preciozos, é sobejamente melancolico.

Quevedo. Como quereis que o não seja, sendo dedicado a um defunto.

Lipsio. Não está ahi a maior infelicidade, mas na contextura d'elle.

Bocalino. Assim é, porque não sabe de que freguezia seja.

Lipsio. Ora cure-se d'este mal, e quando viermos

a vêr os gregos e latinos, lhe tomaremos o pulso, e então segundo virmos, assim faremos.

Quevedo. Ora que dois livros enlutados de fitas são aquelles que alli se queixam doloridos? Não o dirá o auctor que nos guia, mas eu o direi por elle: são as Rimas de Melodino, e o Pantheon, da mesma mão guizado de outra maneira.

Bocalino. Sempre tive enxeco com homens invencioneiros.

Lipsio. Moderae-vos n'essa censura porque a invenção é uma nobre parte do talenlo das pessoas, e se em alguma cousa se admittem justamente figuras, disfarces, tropos, e symbolos, é na materia dos livros. Assim vemos que Lope de Vega se chamou Belardo em muitas obras suas; Frei Gabriel Telles, Tirso de Molina e Frei Bernardo de Brito Lizardo, quando poeta; e que ainda na composição das Letras Sagradas se acham auctores anonymos, outros anagramaticos, e outros symbolicos; por isso houve já auctor sabio, que se chamou o idiota; outro cabal, que se chamou o imperfeito; o mesmo Pedro Lombardo é mais conhecido por Mestre das Sentenças, que por seu nome proprio; e do proprio modo o doutor subtil João Duns, cujo nome poucos sabem, trocado ao de Escoto, tão digno de saber-se; nem mais nem menos, D. Alonso de Madrigal, a quem ora chamam o Tostado, ora o Abullense; e quasi a esta imitação o nosso insigne Frei Jeronymo da Azambuja sómente conhecido por Oleastro.

Quevedo. Se d'essas ficções soubera um cortezão do nosso tempo, accrescentára esta quarta mentira ás tres, que considerava honradas.

Bocalino. Olhae bem o que dizeis, porque honra e mentira ainda cabem menos em um sacco, que honra e proveito.

Auctor. Quaes eram? Para vêr se vão por ahi todos os honrados mentirosos, que eu conheço.

Quevedo. Annos, fazenda e caça.

Lipsio. Bem disse, mas n'essas tres se ensaiam em pequenos para mentir em grandes, como o barbeiro, que começa a sangrar em veia de folha de couve.

Bocalino. Deixemos o que pouco importa, e ouçamos, ou averiguemos o que publicamente se diz d'estes livros.

Quevedo. Que se diz?

Bocalino. Publicamente se affirma que o auctor que nos acompanha, é seu auctor e de outros, sendo o peior que ha na materia; mas para sahir d'estas duvidas, será bom que venham aqui logo á balha todas as obras e livros que tem escripto, porque não occupemos com um enfermo muitas visitas, conforme o costume dos medicos d'estes tempos.

Auctor. Ahi estão, e prouvera a Deus que fossem menos, dera eu assim menos trabalho aos amigos na melhora, e aos inimigos menos gosto na censura.

Quevedo. Este é o primeiro dos impressos, dito Politica Militar.

Bocalino. Pequeno livro para materia tão grande, mas elle dirá com sua boa licença, o que um prégador moderno, que sendo louvado de prégar pouco, respondeu: senhores, não se espantem, porque eu disse quanto sabia.

Quevedo. Est'outro é a Guerra da Catalunha, dedicado ao Summo Pontifice Innocencio X.

Lipsio. Tende mão, esse livro não corre em nome de Clemente Libertino? Por signal que por esse o citam os auctores que lhe succederam, como João Baptista Moreli, na sua Restauração de Portugal, e D. Fernando de Molina, em a Epistola Apologetica a El-Rei D. Filippe, afóra outros?

Quevedo. Clemente Libertino, diz o titulo d'elle.

Lipsio. Pois que causa teve o auctor para, em um livro tão verdadeiro, pôr um nome fingido?

Auctor. Se bem olhardes, não foram poucas, e folgo eu muito que se ache aqui um castelhano que as ouça.

Quevedo. Entre os sabios não ha nações; d'onde já disse um dos gregos, que era cidadão do mundo todo.

Auctor. Comtudo, estimo ter-vos por testemunha, juiz e parte.

Quevedo. E amigo, que fui sempre vosso, que não é mau contrapeso para tudo isto.

Auctor. O descrime dos fados, e os meus crimes, me destinaram para ser um dos algozes do supplicio destinado á Catalunha, d'onde certo passei trabalhos, que feneceram em uma prisão, perigosa, sobre injusta!

Quevedo. Isso notei eu já, em uma carta vossa escripta ao nosso bom poeta e bom amigo D. Luiz de Ulhôa, d'onde, se mal me não lembram, em dois disticos d'ella dizeis, parece que com fatalidade:

Yo tambien al tropel de nuestra gente
No menos offendido, que forçado,
Pizé las huellas pereçazomente;
No puedo recentirme, y voy llevado
Para ser instromento del castigo,
Y voy a ser castigo, y castigado.

Bocalino. A rôdo vão os versos como os falsos testemunhos; acabae já de dizer, vos pedimos, o que começastes sem preambulos, porque discursos com adros diante, são de peior traça, que egreja sem elles.

Auctor. Ora tinha el-rei de Hespanha ordenado ao general d'aquella guerra fizesse pela pessoa mais habil, que no exercicio se achasse, pôr em memoria os progressos d'ella; não sei porque causa fui en escolhido para este effeito, não sendo o mais ociozo da companhia; mas foi sem falta porque nasci em signo

de Taballião. Recolhi logo a este fim com grande pureza, subministradas as relações de tudo o que se obrava, ou pelas mãos, ou pelos olhos. Porém quando eu já me dispunha a dar principio á minha historia, e eis que me mandou prender el-rei por portuguez, sem mais delicto que o nascimento; andaram os tempos, cheguei á patria d'onde depois de muito bem pizado e acalcanhado, á imitação do nosso Ouvidio em Ponto, (e tanto, que fui em o ponto mais cruel da minha vida) continuei a escriptura começada d'esse livro; e porque a este tempo vagavam pelo mundo muitas falsas opiniões de um tão grave negocio, entendo fazer serviço á republica, manifestando-o assim como elle fôra, e não como o odio, ou o amor (que são dois grandes pintores) o haviam pintado no lenço da eternidade, com mão differente: quando se começou, aquelle livro era offerecido a el-rei de Castella, quando se acabou devia offerecer-se a el-rei de Portugal: partiu esta contenda o discurso, acolhendo-me á egreja, e fazendo que o livro fosse posto aos bemditos pés da Santidade de Innocencio X, por mãos de Jeronymo Bataglino, cujo primeiro exemplar mandou se collocasse na livraria do Vaticano. Dir-vos-hei tambem, que como em aquelle conclave que se celebrou por fallecimento do grande Urbano VIII, se esperou Pontifice o insigne cardeal Guido Bentivoglio, nosso escriptor famoso, tive eu maiores desejos de lhe offerecer aquelle fraco presente, porque quem não sabe a arte, não a estima: atalhou a morte a conveniencia, mas não desatou o voto; e porque tambem a juizo publico parecia suspeitoso que um portuguez em seus trajos, (e por esse em Castella punido e vexado) fallasse em suas obras e justificasse sua razão, ou sem razão, fiz mudança antes do nome que do proposito: uzei por essa causa d'este supposto, chamando-me Clemente Libertino, porque a não ter o nome que tenho, esse hou-

vera de ser o meu nome, sendo Clemente o Santo titular do meu nascimento, o qual estimo pelo mais estimado horoscopo e ascendente : Libertino, porque já sabeis que era entre os romanos o nome dos filhos dos escravos libertos; assim acudindo á liberdade, que já gozava minha patria, fiz d'elle brazão e appellido; se em tudo errei bem pode ser culpa da eleição, que pertence ao juizo, não do proposito, que é filho da vontade.

Lipsio. Não errastes, certo, e menos de o haveres aqui explicado, porque a mingua da notica d'estes segredos mil vezes me havia indignado contra vós, e muito mais depois que soube que este vosso livro corre por Europa com honesta opinião, e o citam os mais dos auctores que vos succederam, e de prezente se traduziu em francez com muito applauzo.

Bocalino. Não me falta que dizer sobre isso, mas guardar-me-hei para este Ecco Politico, tambem vosso.

Auctor. Pelejar com o ecco, é como dar couces na sombra.

Quevedo. A mim me toca essa batalha, mas quero dar-lhe antes áquelle auctor, que tomou esse livro por texto que glozasse na sua diffusissima Epistola Apologetica.

Bocalino. Se eu soubera quem era, tambem lhe havia dar meus recados.

Lipsio. Pois lá o tendes em Italia, d'onde o seu livro se imprimiu, e me escreveu ha dias largamente.

Quevedo. Não me direis quem seja?

Auctor. Não posso, porque os segredos não são de quem os recebe, senão de quem os confia.

Bocalino. Estas são outras mil e quinhentas, e poucas menos as obras d'este nosso camarada, que leva geito de querer apostar com Theophrasto, a quem esperdiça mais papel.

Quevedo. Aqui está El Mayor Pequeño.

Bocalino. Não nos ha-de escapar pelo devoto.

Lipsio. Ouvi que n'este livro vos arguiam de confuzo para historiador, e de affectado para moral; que para livro de devoção comprehendia sobeja cultura, e para de relação reprehensivel brevidade.

Auctor. Confesso que nem chronica nem soliloquios; mas se notardes a omissão que ha n'este tempo em todas as diligencias da virtude, vereis que para conduzir a gente a qualquer leitura honesta (quanto mais piedoza) é necessario dourar-lhe a pilula como ao enfermo, ou adoçar-lhe o freio, como ao potro, quando queremos curar o doente, ou enfrear o cavallo. Esta foi sem falta a razão porque aquelle famozo e novo espirito, quero dizer o padre Hortencio, levantou a tanta sublimidade suas orações evangelicas, para que cevado o appetite dos ouvintes na raridade e grandeza de seu estylo, juntamente com o deleite da oratoria levassem o proveito da doutrina.

Quevedo. Estes os Phenix de Africa.

Bocalino. Estes são por quem um critico dos vossos disse, que pois o auctor trinchava o Phenix em duas ametades, visto que já eram dois, e não nenhum d'aquelles o Phenix, que por força ha de ser unico.

Quevedo. Comtudo o livro é trabalhado e proveitoso.

Bocalino. Soffrei que vos diga d'esse passaro que se praguceja de outros que tem mais penna, que corpo.

Auctor. Eu não sou dos que nos não querem deixar o entendimento, que é nosso, porque tambem faço de melhor vontade sacrificio de vontade, que do entendimento aos respeitos, a quem se deve sacrificio.

Quevedo. E que me dizeis ás muzas que já vimos?

Bocalino. Que são mais sonhos de Homero, que sonhos de Scipião; como se dissessemos mais descuidos que valentias.

Quevedo. Vêdes ahi ò Pantheon bem estravagante.

Lipsio. Tenho varias queixas d'esse livrinho.

Auctor. Tal é o engano dos homens, e eu cuidava que fizera mais n'esse só, que em todos os mais que tenho escriptos.

Lipsio. Talvez succede que a mãe ama com maior excesso o filho de que teve peior parto; porque emfim cada um regula a estimação do que possue pelo que aquella cousa lhe custa a possuir.

Quevedo. Ora pois que assim é e vós tendes similhante chave á de Barclayo para abrirdes e fechardes outros mysterios, como os de Argenes, se a pedirdes ao grego bispo Eliodoro, mostrae-nos por vós mesmo essas maravilhas, que segundo virmos, assim faremos; comtanto, que por agora ninguem se chegue a esse poema, porque entretanto diffinimos sua escuridão por contagiosa.

Bocalino. Por isso ess'outro é tão claro que de claro teve nota.

Lipsio. Qual é ess'outro?

Bocalino. A Guia de Casados.

Lipsio. Nunca vi esse livro dos olhos e nunca outro tanto me occupou os ouvidos: a homens sabios ouvi fallar n'elle com exquisita variedade.

Auctor. Succedeu-me, fazei conta, como ao grego pintor famoso que celebraram todos os poetas d'este seculo: era o seu modo de pintar tão severo e tão escuro, que aos mais desagradava; nunca se lhe gastou painel em pessoa do vulgo; vivia a este respeito muito pobre, como soberbo da grandeza de seu espirito: finalmente persuadido da fome e dos amigos, se foi a Sevilha em tempo de frota e tantos ricos feitios pintou, até que ficou rico; conhecendo que o estava, tornou-se á solemne pintura, a que o chamava seu natural, dizendo: antes quero viver misero, que rudo; ametade d'esta historia me serve, porque eu me acho agora com estylo corriqueiro, que protesto de não tornar ao magestoso, por mais que o espirito lá pertenda

conduzir-me, como fiz em quanto d'elle deixei levar-me: só das mulheres me temo n'esse livro; assim porque como são dos homens as mulheres amigas, são as maiores inimigas, como porque algumas não tomaram em graça as minhas graças.

Quevedo. Por Deus, que se o livro vos não rendesse outra cousa mais que seu odio, vós vos podieis chamar ditoso.

Auctor. Olhae, que está alli perto o nosso Sá e Miranda jurando, que d'onde não ha mulher, vida nem gosto ha.

Lipsio. Oh! quantos juraram o contrario, mas eu digo que d'essse amor indigno é mais culpada a mãe que o menino; como com estranha galanteria disse o nosso Camões.

Bocalino. Se tem mais livros que lhe vejamos da saude ou da enfermidade, este nosso auctor?

Auctor. Estampados só esses nove.

Bocalino. Ouvi eu, ou enganei-me, que a historia de Varões Illustres, impressa em França na Cramoeziana era tambem vossa, e não sei se tambem outros estampados de além-mar.

Auctor. Se pelo que n'esse livro obrei, lhe houvesse de chamar meu, de muitos outros sou padrinho, quero dizer, que em outros muitos tenho parte.

Lipsio. Será justo que nos deis um rol dos fidalgos da vossa casa, como agora digamos dos filhos d'ella, que filhos costumam ser, ou chamar os auctores a todos os partos do seu entendimento.

Auctor. E que se seguirá d'esta boa diligencia?

Bocalino. Emendal-os-hemos por avença, como cabeção das cinzas.

Auctor. A memoria está na memoria, ide ouvindo, e aparelhae a paciencia.

Bocalino. Dae-nos lá essa famosa matraca.

Auctor. Já sabeis da Politica Militar, En Avisos de

Generales, dos Movimentos, Separacion y Guerra de Cataluña, do Ecco Politico, Mayor Pequeño, Primera parte del Phenix de Africa, Augustinho Filosofo, Segunda, Augustinho Santo, As tres Musas, O Pantheon, Carta de Guia de Casados. Antes e depois se tem escripto a Concordancia Mathematica e Antigas e Modernas Hypotheses, O Labyrintho da Fortuna, comedia, Os Secretos bem Guardados, comedia, Domine Lucas, comedia, De Burlas haze Amor Veras, comedia, La Impossible, tragedia imperfeita, As Finezas Mallogradas, novella, Verano en Cintra, Novella das Novellas, O Entremez de los Entremezes, farça, D. Establo, entremez, O Fidalgo Aprendiz, farça, La Casa de la Fama, panegyrico, As Epistolas Portuguezas, com seis Centurias de Cartas, As Tres Musas Portuguezas, As Ultimas Tres Musas Castelhanas, Arte Cabalistica, Arte Simbolatoria e Tratado das Insignias Religiosas, Militares e Politicas, Arte de Escrever Cartas, Dictoria Sacra, Espiritos Morales, Daniel o Christão, Alexandre e Tobias, As Côrtes da Razão, As Verdades Pintadas, Vida del Hombre e Historia Imperfeita, Juizio de las Maravillas de la Natureza, O Gram Theodozio II de Bragança, El Cezar de Ambos Mundos, O Tacito Portuguez, O Aparato Genealogico dos Reis de Portugal, O Livro de Ouro, Las Desculpas del Ocio, O Compendio de Expedientes, O Tratado da Verdadeira Amizade, As Relações Historicas da Expedição dos Lusitanos em America, Das Alterações de Evora, Do Descobrimento da Ilha da Madeira, Do Naufragio da Armada Portugueza, Das Batalhas do Canal, Das Novas Embaixadas do Oriente, Do Congresso Militar dos Parlamentarios e Realistas, Os Manifestos do Assassinamento Real, Dos primeiros Inventos das Armadas da Companhia do Commercio, Da Recuperação de Pernambuco, A Estrea Providente e Satisfação aos Confederados, Os Apologos Moraes dos Re-

logios Fallantes, Do Escriptorio Avarento, Da Visita das Fontes, Da Feira dos Annexins, e este do Hospital das Letras, que mais estimo, que todos.

Quevedo. Valha-me Deus, já não ha quem possa com tanto : tudo isto tendes feito ?

Auctor. Em verdade, que me não demazio, e ainda mal, porque gastando tantas horas em escrever, não gastasse uma só em me arrepender de ter escripto tanto.

Bocalino. São logo conforme a essa conta quasi sem conto vossos trabalhos.

Auctor. Antes de tão pouco conto, que sendo sómente nove os livros impressos por meus, e tres que se encobrem á sombra de outros nomes, que eu dou por bem alheados, e tres manifestos de molde, restam sómente algumas obras muito em seus principios, outras mal acabadas, nenhuma perfeita, e infinitas medrozas de respectivas ao tempo e suas occorrencias.

Quevedo. Podeis logo pleitear com Appeles aquelle dito, de nenhum dia seu tinha.

Auctor. Não demando a ninguem por competir com seus trabalhos; mas bem sabem os que me conhecem, que quantas horas vivo, como escrevo ; pois por ventura não se poderão contar muitas de minha vida ociozas.

Bocalino. Assim deve ser necessario, se é certo o que me disseste, que fazendo computo ha mais de dez annos dos papeis familiares que nos cinco passados tinheis escripto, achareis o numero de dozentos e vinte e dois papeis.

Lipsio. Logo bem podereis dizer por vós e vossa fortuna, aquillo do Poeta, que a copia vos empobreceu.

Bocalino. Diga o Auctor o que quizer, ou digam d'elle o que quizerem, o que eu agora dizia era que nos passassemos de outra banda, porque se só com

os poetas o havemos, acabará primeiro os seus cem mil annos o soccarrão de Mafoma, que nós de curar gente tão incuravel.

Lipsio. Bem me parece, mas nos que restam não levemos todos a fio, que é um processo infinito, sobre penozo.

Bocalino. Antes seria darmos todos com esse fio, os fios á tea.

Lipsio. Venham agora cá d'esses politicos.

Auctor. La vae o primeiro.

Lipsio. Lêde o titulo.

Auctor. Assim diz: Politica de Justo Lipsio.

Quevedo. Bem aviados estamos: aposto que a Politica de Dios não tarda aqui muito.

Bocalino. Por aquella regra, de que o mal e o bem á face vem.

Lipsio. Já sei o que querereis dizer: Dizeis (como antes foi parecer de muitos criticos) que não fiz livro, mas uma cadeia de sentenças de sabios, dirigidas ao proveito dos principes e republicas, é isto o que quereis dizer?

Bocalino. Mesmissimamente.

Lipsio. Ora sabei Bocalino, e comvosco os malcontentes, que os habitos da erudição em a propria maneira que se adquirem, se manifestam, e então diremos de um homem estudioso, que é sabio, quando o virmos obrar e fallar sabiamente; porque entrar a doutrina e não sahir da mente do homem, é máo signal de bom logro d'ella. Galante negocio fôra, que porque Aristoteles assentou um poblema, nunca mais outro philosopho o praticasse. Quem viu já mais o ouro desprezado por servir de engaste ás pedras preciosas, antes d'ellas recebe tanto valor, que com ellas se peza egualmente; senão dizei-me: visteis alguma hora collar menos valiozo por muito povoado de diamantes? Zombae da novidade, como eu tambem d'ella zombo, pois

não é menos que a sabedoria de Salomão, o fiador para provar que já desde o avoengo do mundo ninguem diz couza que outro não tenha dito; dando licença o Poeta Latino, quando nos inculca por facil as crecenças ou melhoras d'aquillo que uma vez foi descuberto. Cançam-se os modernos esbaforidos apoz da novidade, e depois de larga carreira (precipitada as mais vezes) quando muito se sahem com mudarem os nomes ás cousas, sem lhes haverem mudado o uzo ou a virtude.

Bocalino. Parece que parecerá melhor esse prologo em defensa alheia.

Quevedo. E quem te disse que eramos nós mais proximos dos outros, que de nós mesmos; quando a maior perfeição está em amar como a nós mesmos os proximos.

Auctor. Dae senhores, lugar aos doentes suspiros do patriarcha dos estadistas, Cornelio Tacito.

Lipsio. As dores de Tacito só eu as entendo, porque sempre tive para mim que só eu o entendia.

Bocalino. Tornaremos á nossa questão grande, de que á mingoa de o não entender como convinha, o acusastes de blasfemo contra a Divina Providencia, jurando Seneca por vida sua, que no livro que d'ella escrevera a seu amigo Lucio, não fôra mais seu devoto, que o pobre Tacito em seus escriptos.

Auctor. Olhae como fallaes, que se Lucio Anco foi mestre de Nero e o Tacito conviveu com Nerva, não podia conhecel-o.

Bocalino. Baixo tocou o Auctor, não vamos cá, amigo, tão literaes, mas desculpa tendes, visto que o Cronicon dos tempos, os Annaes de Baronio, e as Taboas de Ferdinando Bardi, vem a ser a taboada dos historiographos.

Auctor. Nunca em al me empeceis, que em me terdes por verdadeiro; porém como não sei quando me

acharei em outra tão sabia companhia, não me direis de raiz quem foi este Tacito, que tanto applauzo tem no mundo?

Bocalino. Quem havia de ser! Foi um chapado velhacão, lisongeiro e adulador, como mil que andam por esses paços, mas com tal arte, que vituperando aos principes que já lhe não podiam fazer peccado nem mercê, agradou e serviu aos que o podiam sublimar, até que seu dito, seu feito.

Auctor. Ainda pergunto mais. Que casta de engenho tinha? Que profissão? Que estudo?

Lipsio. Perguntae-m'o em auto apartado, que eu vo-lo direi cabalmente; mas entretanto informae-vos de Scipião Amirato, Sebastião Querino, Alexandre Sansovino, D. Balthazar de Flavios, D. Carlos Collona, Manoel Soeiro, e outros muitos, que todos tomaram o Tacito á sua conta, traduzindo-o, annotando-o e illustrando-o: de ordinario se trata de sua vida, partes e acções, com tanta diffusão, que ficareis lá de vossas perguntas bem satisfeito.

Auctor. Reparei já muito, em que sendo o Tacito tão antigo não florescesse sua memoria nos seculos passados.

Quevedo. Ficaram suas obras enleadas no silencio com a perda do imperio romano, em tal feição, que em muitos tempos não gozou o mundo o resplendor de sua doutrina.

Auctor. Deixae-me que creia antes fôra providencia altissima, relevar-nos tantos annos de uzo de suas maximas; mas porque do mesmo modo que se affirma da antiga Roma, que por alimpar a republica tornou a admittir os medicos, em razão da muita gente que sem elles vivia e multiplicava os 300 annos de seu desterro (segundo quer Dionisio Alicarnase.) Assim tambem parece, que por castigar a republica com os effeitos de maximas rigorosas e insuportaveis alvi-

tres, permittiu Deus resuscitasse a escolla de Tacito, visse a gente suas obras, para ser castigada na observancia de seus escriptos.

Auctor. Tantos foram?

Quevedo. Os que bastaram para que fosse uma tinha universal, pegada na cabeça dos monarchas.

Bocalino. Só sabemos de tres obras suas: a Historia de Roma Imperfeita, os Annaes de Alguns Imperadores, começando em Tiberio, e a vida de seu sogro Julio Agricola, tudo por acabar, porque o Tacito, assim como era malcontente dos outros, tambem de si não era satisfeito, riscava e borrava muito: proveitosa diligencia para o bom logro de qualquer escripto, contra a presumpção dos faceis ou soccorridos.

Lipsio. Que importa tudo isso, se pelo dedo pareceu tal o gigante, que a todos fez anãos diante de si.

Auctor. Pois como se conta o Tacitō entre os politicos, se elle foi historico?

Lipsio. A pergunta é tão formal, que requeria mais tempo para vos satisfazer, porém para o ficardes por agora, bastará advirtirdes que n'este auctor como nos mais historiadores, não serve o discurso ao caso, antes o caso serve ao discurso; sendo contado como acaso tudo o que se conta. E' bem verdade que a historia se quer vestida e revestida de juizos, sentenças, secretos, malicias e discripções: porque emfim uma historia nũa sobre deshonesta, é desaproveitada: isso vos dizia Agostinho Mascardi, que melhor o escreveu do que o observou, mas comtudo não por tal modo que se quebre o fio dos acontecimentos, sendo tirado fortemente para outra parte pela força do discurso.

Auctor. Como ora dizeis bem, a cujo proposito me lembra, que vi já um cortezão tão imperfeito historiador, que lhe succedia, indo contando um acontecimento, divertir-se a tantos periodos, que já mais acabava de contar cousa a que désse principio; d'onde

procedeu chamarem-lhe então na côrte Fulano Começos.

Bocalino. Oh! muito melhor fazia certo bacharel meu compatriota, que como muito derramado nos discursos lhe esquecesse sempre o que ia contando, costumava pedir ao ouvinte que acabasse já de dizer o que elle proprio ia dizendo, persuadido de que o outro era o contador, e elle o escutante.

Lipsio. Vá-se o Tacito com Deus, que para Tacito nos tem feito fallar muito.

Quevedo. Com razão lhe mandaes dar as boas viagens, porque desde aqui estou vendo uma famosa esquadra de politicos languentes, cujo capitão é Nicoláo Machiavelli, veneziano, e o alferes João Bodino, francez; sargentos Felippe Plezio, Arroldo Brixia, e cuido que loco-tenente Scipião Duplais, trazendo na bandeira de uma parte a medalha de Tiberio, e da outra a do antigo Crizias. Oh! poderozo Deus accudi-nos, que esta quadrilha parece apertada; não sei se me ria ou chore do medo com que os vejo de Claudio Clemente, que vem atraz d'elles, jurando que os ha-de degolar a todos com os ardimentos do seu livro, que a esse fim de antemão intitulou Machiavelismo Degolado: pois á fé que não é o mais valente arguidor e confutador do mundo; mas ao ladrão os argueiros lhe parecem gigantes; não vêdes as tropas copiozas que se lhe seguem de gallos e belgas, de batavos, germanos, de etruseos, de albionezes, de valerios, e não poucos iberos, de quem mais me escandalizo?

Bocalino. Pelo menos, tambem eu alli vejo o nosso famoso contrario, aquelle Francefarroxo, que lhe parece basta sómente contra vós e contra Alexandre Patricio Armaçano, mas que se arme do seu Mars Gallicus, e da mesma lança de Achiles, ou clave de Hercules.

Quevedo. Tende-me lá conta de Pedro Matheo, em-

quanto por aqui busco o Secretario Villa Roel, que por haver escripto livrinhos como ouções, receio que se nos vá por entre os dedos.

Bocalino. Não topeis vós em seu lugar (porque buscaes secretarios) a Rafael Peregrino em traje de Antonio Peres, que vos póde dar muito cuidado.

Quevedo. Muitos annos viva o nosso conselho real que tomou tão bom conselho, que deffendeu com grandes penas todas as obras d'esse auctor, ou d'esse réo.

Bocalino. Foi recommendação para que fossem mais lidas.

Auctor. Sois chegado ao Tacito Francez, livro de grande opinião por ser escripto por um dos mais eloquentes homens que hoje vivem no mundo.

Bocalino. Quem é esse?

Auctor. E' monseur de Cirisiers, esmoler mór do infante de França João Gaston, duque de Orleans.

Lipsio. Não me mostreis cá tal livro; Cirisiers foi dotado de egual engenho que demazia; de tal sorte, que sendo o Demosthenes das Gallias, com pouco sizo se deixa dizer no seu Heroe Francez (lisongeria exquisita, bem mas fallada, com perdão de Lourenço Gracian Infançon) que elle fez ao seu Henrique de Lorena, conde de Arcourt; que Hespanha não tem valentes; que Allemanha não tem senão borrachos; com tal demazia, ou para melhor fallar portuguez, com tal insolencia, que não é digno de ser lido de nenhum sezudo, por sua paixão, sendo dignissimo por seu engenho de que o leiam e decorem os sabios.

Bocalino. Vá-se Cirisiers curar á sua terra de alporcas, e deixe-nos cá emplastar a est'outros pobres e aleijados.

Auctor. Pois trunfo sahiu de França, que não é muito andando os francezes tão triumphantes, vós haveis de ter paciencia para vêr, e rever o Mercurio

Francez, que com os seus vinte e seis tomos vos tem tomado a sahida.

Lipsio. Apartae-mos, que antes me matarei, que olhar para elles, mas que os veja morrer sem confissão.

Bocalino. Por Deus, que aqui era eu homem, se m'os deixavam descozer!

Quevedo. E eu tambem os desencadernara de bom talante, porque não se crearam mais féras na ilha Trinacria, nem maiores monstros produziu a selva Caledonia, do que por estes livros se acham espalhados.

Lipsio. Dae-me em seu lugar a Côrte Santa de Nicolao Caussino, que por mais tomos que traga, os tomarei nas mãos e beijarei como reliquia.

Bocalino. Esse livro não ande com est'outros em más companhias, que ellas lhe darão o pago.

Lipsio. Não ha mais Politicos Francezes?

Auctor. Antes por serem tantos, não sei por onde comece.

Quevedo. Como não seja pela Politica Angelica, de Antonio Henriques, impressa em França, começae por onde quizerdes.

Auctor. Nem por elle, nem pelo Politico Christiano, d'aquelle desaventurado politico M. T. V. que não é digno de ser nomeado, começarei.

Quevedo. Tende mão, esses dois portuguezes enxertados em gallos, foram homens de muitos discursos e engenho, posto que arcades ambos, como disse Virgilio, porque o auctor da Politica Angelica sobre ter engenho, é desaproveitado e phantastico, como se vê em os mais livros que publicou; senão vêde-o em a Mescelania do Siglo Pitagorico; e o Auctor Politico cerra melhor as abobadas dos seus discursos, não sendo como alguns que cozem sem dar nó na linha,

cujos arrazoados, se por elles puxaes depois de feitos, tudo fica descozido.

Auctor. Pouco mais ou menos ouvi, que foi no seu Luiz a-Deo-dato, que elle por força quiz fazer Samuel, sendo não só christão velho, mas christianissimo.

Quevedo. Vejo aqui enxeridos como os estadistas os dois condes, que hoje nos quebram a cabeça.

Bocalino. Dois não mais?

Quevedo. Os de que agora me queixo, são Galeazo e Maiolino.

Bocalino. Esses são dois relacionistas, pouco mais de gazeteiros; mas afora de venezianos, meus compadres, muito intrometidos a estadistas.

Lipsio. Se o Galleazo Gualdo Priorato o ha pelo seu Guerreiro Prudente, que dedicou a Luiz o Justo, nós lh'o tornaremos de boa vontade, a troco de que se não chame a Politica, e se fiquem antes na classe de novelleiros.

Quevedo. E como estaes com o Maiolino?

Lipsio. Como com os mais, faz o que pode, junta gazetas e capitulos de cartas de mercadores, e talvez de birbantes; e em fim de um á parte lhes não vae nada em matarem ao Gram Turco, infermarem ao imperador e convalecerem ao Pontifice, e no cabo dezanda com um livro em que deve achar gosto, honra e proveito, porque em fim no cabo ninguem o cita, ou demanda pela injuria, visto que não são os historiadores os homens dos quaes se disse: o homem pela palavra.

Quevedo. Dir-se-hia logo por elles aquell'outro: *de palavras y plumas el viento las lleva?*

Bocalino. Mais depressa.

Lipsio. Ainda não é tempo de tosquear os historiadores, pois por agora só entendemos com esta praga dos politicos.

Bocalino. Não me faltava que requerer contra este gremio dos auctores, se me não parecera que antes vos convinha deixa-los perecer á mingoa, (se é que póde haver mingoa em tanta abundancia,) tendo por certo, que a saude d'estes é a doença do mundo, corrompendo as republicas: uma vez por suas licenciosas introducções, e mil vezes com seus perniciosos conselhos.

Lipsio. Tá, tá, tá, essa doutrina é mui contraria ao que proferimos; vós não vêdes, que o divino Platão e o morgado da sabedoria Aristoteles, tão de vagar se empregaram em formar a composição de suas politicas, a cujo beneficio escreveram suas leis Moysés aos hebreus, Solon aos athenienses, Phoronio aos gregos, Mercurio aos egypcios, Numa aos romanos, Minós aos cretenses, Licurgo aos lacedemonios, Filon aos thebanos, Apollo aos arcades, Platão aos magnesios, Zoroastres aos bricianos, Deucalion aos delphicos, Saturno aos italos, Phindon aos corinthios, Hypedomo aos milezios, Zalnocrio aos scitas, Bello aos caldeus, Falcas aos cartaginenses, os Magos aos persas e os Druidas aos gallos; porque como o homem é a mais nobre cousa do mundo, é tambem mais nobre aquella faculdade a que sua conservação se dirige. Agora se os impios politicos querem pervalecer com suas doutrinas, por isso se armaram contra elles muitos varões sabios, que lhe resistem, escrevendo livros que são valentes baluartes, e castellos oppostos ás suas erroneas maximas.

Quevedo. Por isso eu vejo alli tão perto o Governador Christão de Frei João Marques, a Politica Christã de Frei João de Santa Maria, a Filosofia Moral de Principes, do padre João de Torres, a Republica Segura de Frei Manoel do Espirito Santo, a Harmonia Politica do doutor Antonio de Souza de Macedo, e a Arte de Reinar de Antonio Carvalho de Perada; o

Espelho de Principes do doutor Francisco de Monroy, e o Conselho e Conselheiro de D. Lourenço Ramires do Prado; o Conselheiro de Principes de Bartholomeu Felippe, e a Razão de Estado de Eugenio de Norbona; os Discursos Politicos do secretario Pedro Fernandes de Navarrete; e aquelle grande Cassiodoro, ministro e secretario dos famozos reis gallos, que além dos mais lançou a barra na destreza e piedade para conservar o estado e religião.

Bocalino. Muito auctor regular vejo n'este catalogo, e eu vos confesso que não estou bem com a politica muliada dos religiosos, considerando que suas artes d'ellas não podem ser notorias aos que vivem abstrahidos do manejo de negocios profanos; e d'aqui vem que sempre tive azar com os pregadores, quando por inculcarem do pulpito quatro maximas, que os principaes já sabem e desprezam, se divertem do seu principal officio e instituto, que é aproveitar as almas e mostrar-lhes o caminho da amenda.

Lipsio. Não dizeis bem, pelo menos seaão distinguis o que dizeis; porque se o officio de pregador, como referistes, é a salvação do proximo, que cousa mais propria sua que dar aos reis (como aos homens mais importantes do mundo) os documentos por onde governando-se bem não só salvem suas almas, mas ainda por virtude da Razão, Justiça e Temperança, que incumbe aos reis, disponham como tambem se salvem aquelles a quem governam e senhoreiam.

Bocalino. Bem dizeis se os meios e os fins foram similhantes ; mas nós vemos tudo contrario.

Lipsio. A malicia é mais longa que a arte, estende-se qnasi incomprehensivelmente.

Quevedo. Parece que ignora Bocalino, que S. Thomás, sabio como religioso, compoz um livro do Regimento dos Principes?

Bocalino. Bem o conheço, por signal que elle é o

primeiro tomo que hoje se estampa entre os quarenta e quatro das republicas do mundo, recopilados pelos typos elzevirianos da famoza officina assentada em Leyden, ou Lugdunidos Batavos, como lhe chamaram os antigos geographos.

Quevedo. Não negareis que do mesmo modo Santo Agostinho a Valenciano, Santo Ambrozio a Theodosio, S. Bernardo a Eugenio, e outros grandes Santos e eminentes doutores da egreja se empregaram na observação politica, sem nota, mas applauzo de seus professores.

Auctor. Ouçamos a Bocalino, em que funda sua razão, se já não foi teima ou capricho, que são achaques que costumam inficionar os juizos de muitos sabios.

Bocalino. Concedo que assim fosse, e concedo que seja, segundo dizeis, que nos pulpitos se trata a instrucção dos principes e anda a sua emenda com tal egualdade, arte, modestia, e inteireza, como se o proprio pulpito fosse o mesmo confissionario sacramental. E' confissionario moral, com uma differença, que em o primeiro dizemos as nossas culpas e em o seguudo no-las dizem: em o primeiro as accusamos em segredo, e em o segundo no-las reprehendem em publico. N'esse lugar deve a verdade, zêlo e inteireza, derramar sobre os vicios publicos os Oleos Santos da reprehensão suave e discreta, de sorte que os delictos do mundo fiquem modificados, e não inculcados, corridos antes, que manifestos. Porém como quereis que se admitta e louve algum d'estes oradores evangelicos, (se ha algum) desviando-se do seu alto instituto, e lembrado do que só devia esquecer-se, arraste pelos cabelos os Logares Santos e interpetrações piedosas da Escriptura Sagrada, para os fazer cumplices de seu capricho, d'onde vão a servir com não menos risco, que violencia.

Auctor. A questão não parece muito propria d'este logar, mas é digno seu inconveniente de que se lhe busque remedio com todo o tento pelos varões sabios e piedosos.

Quevedo. Quanto dissereis d'isso, se ouvireis, como eu ouvi toda a vida os mais eminentes homens de Hespanha, d'onde me lembro que em dois sermões successivos, disse um pregador, porque tinha pretenções com o principe e ministros que o ouviram, que ao rei não só era licito como pastor e maioral do seu reino tosquear e esfolar as ovelhas, porém mata-las e fazer de sua morte seu regallo, fausto e alegria, porque assim o fizera o pae de familias do Evangelho, quando matára o vitelo para festejar com elle a vinda do filho derramado. Mal parece se havia despedido este, quando no mesmo pulpito outro não satisfeito do tempo, disse que não era para pastor, e menos para rei, aquelle rei que para guardar a ovelha perdida, deixava as noventa e nove, e a não carregava ao hombro quando convinha, como se exemplificava nas parabolas e doutrinas do Evangelho.

Bocalino. Que melindrozos estão v. mercês de ouvidos, e que fizereis se ouvireis e visseis o que nós em Italia ha pouco tempo vimos e ouvimos cada dia e cada hora, de mil doutrinas e politicas inculcadas incompetentemente.

Autor. Por essa causa me disseram, que por cá andava hoje estampado um notavel sermão, de um tambem notavel prégador dos vossos, d'onde sobeja austeridade, e se accusam e castigam os pregadores modernos á reveria.

Bocalino. Verdade vos disseram, mas quem d'esse nogocio ficou mais queixoso, foi Eugenio Raymundo Brixiano, porque havendo ha pouco tempo escripto a sua Esphera, ou Azorrague das Sciencias e dos Escriptores, que estampou em Veneza anno de 1640,

como se elle os houvera a todos açoutado mal, veiu em seu lugar esse discurso por segunda esphera.

Lipsio. Manuscripto dou fé, que passou este papel ao Collegio de Sorbona, do qual foi communicado aos theologos lovanienses, e de uns e outros, quanto no engenho da invectiva, foi louvado o engenho de seu auctor; no modo d'ella o julgaram reprehensivel, dizendo que o fim da reprehensão não é o escandalo, e que essa deve ser ninistrada primeiro secreta, e depois publica, ambas porém por pessoa pertencente em o discreto: de tal sorte, que reprehender um prégador a todos os pregadores, é manifesta incompetencia, por ser cousa que só podera e devera fazer um concilio; e reprehender com uma pregação aos pregadores, antes lhes serve de calumnia, que de emenda; quanto mais parece toca de temeridade inculcar por sophistica a doutrina commum dos mais oradores christãos, do que lança a mão o povo malevolo, porque se consegue por intercessão da malicia humana primeiro nos ouvintes o desprezo, que nos pregadores a melhora.

Auctor. A razão soe enfurecer-se: pelo menos inflamar-se com o excesso, como vemos que o rio sahe da mãe pela abundancia das aguas.

Quevedo. Não é razão o que não é arrazoado.

Bocalino. Ajuntae-lhe a essa invectiva juizo, crisis, ou censura, que em mil partes tropeça, e cahe em os proprios laços de que pretende desviar-nos.

Lipsio. Assim foi já o antigo Demosthenes, que orando contra a perigosa eloquencia dos advogados de Grecia, nunca tão eloquente oração fez em sua vida, como aquella que reprehendia o mesmo que executava.

Auctor. Ora dae, senhores, ouvidos ás querellas d'esse grande livro que se lastima e pranteia de esquiva dôr que tem, pois sendo elle um livro tão gran-

de, não ha pessoa que o compre, que o peça, ou leve para casa, como conselho de sermão.

Quevedo. Esse mal é antes do mercador de livros, que do auctor d'elles; mas quem diremos que seja, se se póde dizer?

Auctor. E' não menos politico, que Adam Contzem em o seu notavel tomo dos dez livros de sua Politica.

Lipsio. Vêde se está ahi como esse o Daniel Aulico.

Auctor. Não está, nem ainda se estivera corrrera por minhas mãos sua saude, porque depois que o bispo D. Frei Joseph Laynes se me atravessou diante com o seu Daniel Cortezano, fiquei tão atrazado com o meu Daniel perseguido, que tenho pejo em os mais dos auctores que tratarem esse assumpto.

Lipsio. Só sei que por modestia vos suspendestes, mas pois nos consta que começastes primeiro, a vós foi feita a força, e podeis com justiça desforçar-vos, se vos estiver bem.

Quevedo. Não façaes tal, porque é demazia sem desculpa querer um homem de contado obrigar-se a uma de duas contingencias, perigosas ambas. A primeira o avantajar notavelmente o que está dito, a segunda, a ficar vencido sem escusa, que já por similhante razão disse de antes, que ninguem fallasse sem ter por certo avantajaria o silencio.

Bocalino. Deixae-me crismar agora esse Allemão alto, e perguntae-lhe quem esperou que lhe désse um livro, com quem não póde uma estante?

Lipsio. Bem vos deixaramos se as vossas crismas não foram unções, porque não reprehendeis senão de morte.

Bocalino. Ora aonde está, ou que cuida quem faz livros disformes, e mais de politica, que só se dirigem a principes e a ministros, cujas horas são poucas e preciosissimas, pelo que não pódem esperdiçar-se;

de sorte que Jesio, sogro de Moysés, o reprehendeu, dizendo-lhe que o seu modo de despacho era gastar todo o dia com os homens, e toda a noite com Deus, por lhe parecer a este famoso ancião que as horas dos ministros não pódem ser de uma só pessoa ou emprego, havendo de ser universaes, para toda a republica haver d'elles o que lhe conviesse.

Auctor. Logo não faria o que deve o ministro que désse horas particulares á audiencia das partes.

Bocalino. Estou em dizer que não: porque como os negocios não são regulares, e succedem livremente como os casos, e sendo os ministros e principes o remedio e via dos negocios, pela mesma razão que uns não tem lei ou tempo determinado para succeder, e outros não pódem ter costume e hora para os ouvirem e remediarem.

Quevedo. Com essa doutrina diz bem aquella opinião dos que assentam, que o reinado não é dignidade, senão officio.

Lipsio. O mesmo se colhe da doutrina de Christo, quando disse quo o dia tinha muitas horas, porque se só uma fosse de negocio não podia resultar aos desditozos a ventura de hora boa, d'essas successivas e varias que tem o dia.

Quevedo. Certo a hora da pretensão sempre parece a mofina, ainda que haja no mundo algumas pretensões ditosas.

Auctor. Não advogo pela prolixidade, mas um livro não é só ruim por ser diffuso.

Lipsio. E' verdade que estes assim dilatados comprehendem varias materias, que ventilam por todas suas qnestões, admittindo e confutando todas as duvidas e respostas que occorrem por uma e outra parte.

Quevedo: Com tudo, alli enxergo a Pedro Gregorio Toletano, que sendo dos largos, não é dos reprehendidos nem dos reprehensiveis.

Bocalino. Este bacharel franchinote, não podemos negar que foi homem de juizo, e que da jurisprudencia que professava se lhe pegou alguma prudencia para viver e ensinar, supposto que em muitos outros póde casar sem dispensação o habito com o monge, visto que o monge não é feito pelo habito.

Quevedo. Com tudo, alguns julgaram suas maximas por severissimas e impraticaveis.

Lipsio. Olhae cá, senhores, o homem sabio se ha de haver com as disciplinas, como as nuvens com a agua; é bem, porque as nuvens bebem as aguas salgadas do Oceano, as venham assim chover com o seu proprio sal, sobre a terra? Então fôra a chuva assolação, e não fecundidade. O sal ha-de ficar no coração da nuvem e a agua se ha-de estylar á terra. Esta observação não só pertence ao bom uzo das erudicções, (porque realmente ha preceitos n'ella duros e incompetentes) mas antes que tudo pretence á administração politica; porque se em um principe não houver industria e bondade para moderar o conselho, o alvitre e o mexerico do vassallo, e executar tudo em sua força, dae logo ao vassallo e ao principe por perdidos; senão vêde que guardando-se todos os mysterios de nossa Fé Sagrada em o deposito da Escriptura Santa, a egreja e seus doutores allumiados do Divino Espirito, admittiram muitos sentidos varios a essa mesma doutrina da Escriptura, como analogico, tropologico, literal, mystico e moral, não sendo toda a intelligencia d'esses altos segredos de uma propria maneira, antes havendo logares que se literalmente se entendessem davam grande perturbação á concordia das verdades catholicas.

Quevedo. Os que tão apertadamente impõem leis sobre o governo commum das republicas, faltam na arte pratica d'ellas: bem é que as cidades observem leis justas; porém é necessario considerar a differença

que vae de uma cidade a um convento. Imagino eu uma republica como um corpo humano: vive sadio, se é humoroso, abrindo duas fontes, que verdadeiramente são duas chagas e fistulas incuraveis e molestas, se com tudo se cerram essas chagas, eis a morte diante; de maneira que a republica é força que tenha seus emunctorios d'onde lancem e despejem o vicio de seus máos humores, para que a communidade dos bons costumes goze saude perfeita.

Bocalino. Lembra-me por isso que dizeis, aquelle famoso arrazoado que traz D. Antonio de Fuen-Mayor, feito do prefeito de Roma a Pio V, quando quiz lançar da Santa Cidade a caterva das meretrizes, o qual foi tão efficaz, que sendo aquelle Santo Pontifice um espelho da pureza e honestidade, consentiu as rameiras, e revogou o decreto já despachado contra a liberdade d'ellas.

Auctor. Jacabo Simancas com sua Politica, e Bovadilha com sua Razão de Estado, a quem faz espaldas João Botero, se estão alli confrangendo de vossa grande dilação.

Bocalino. Por ventura que dizem bem, que como ladrões de casa, sabem que com nenhuns outros livros foram melhor gastados que com elles nossos unguentos.

Quevedo. Assim o creio!

Lipsio. Ambos são já dois velhos tontos.

Quevedo. Quanto por ahi bem podemos queimar os nossos Aristoteles, Platão e Pitagoras, que são mais velhos ainda.

Lipsio. Aquelles auctores que universalmente ensinam não importa que sejam antigos, antes por ventura são melhores, porque nas primeiras edades do mundo, dado que as sciencias não estivessem tão descubertas nos mestres, estava mais pura a aptidão nos discipulos; porém aquelles que especialmente nos

ensinam sobre pontos determinados, é bem que sejam modernos, ou porque esses resolvem já as duvidas oppostas da malicia, ou porque sendo mais vizinhos a nós, se conformam com os nossos uzos, e praticam os remedios da sua corrupção.

Auctor. Deixemos os passados, e vejamos este moderno de gram nome entre os politicos presentes.

Bocalino. Quem é?

Auctor. E' D. Diogo Savedra Fajardo.

Bocalino. Castelhano havia elle ser por força, para que lhe cahisse bem a récua de appellidos.

Lipsio. Para que é fazer-lhe esse cargo sem razão, quando já os romanos acomularam nomes, pornomes, cognomes e agnomes, como vimos de Publio Cornello Scipião Africano, e outros muitos, qual se agora disseramos Rodrigo Dias Cide Campeador.

Auctor. Mas se é o Fajardo digno de tanto nome?

Quevedo. Sim é, e bem se vê; pois sendo esse o livro que intitula Idéa de um Principe Politico, obra moderna, o traduziram e levaram ás suas lingoas França e Italia, sobre a latina, em que florece.

Bocalino. Logo de balde está no Hospital, mandemos-lhe se vá embora, ou mande em sen logar a Corona Gotica de seu proprio auctor, a quem não faltam mazellas que elle bem escusara, por ser historia já honestamente escripta por Julião de Castilho.

Lipsio. Não mandarei eu este pobre livro que se vá, antes que se detenha muito de vagar, a ser curado de uma pestilente opinião que n'elle se pratica, persuadindo enganadamente e enganosamente aos reis que na vida se façam temidos sem pretenderem ser amados, e obrem de tal maneira, que comecem a ser amados na morte, quando acabarem de ser temidos na vida; como se fosse possivel ser amado depois de morto por suas virtudes, quem em vivo foi odioso por suas rigoridades!

Bocalino. Galante cousa seria esperar que Hercules chorasse sobre o côllo da Hidra Lernea, ou sobre a pelle do Leão Nemeo, que por defensa propria havia entre as mãos despedaçado.

Quevedo. Vimos com tudo chorar a Cesar sobre a cabeça do grande Pompeyo.

Bocalino. Essas lagrimas derramou antes a astucia que a piedade; porque como Cesar aspirava a fazer do applauso do povo degrau para subir ao seu imperio, força era começar pela fingida humanidade. Outros mais galantes affirmam que chorou de alegria, e não de lastima, por se vêr já desembaraçado do grande inconveniente que achara na pessoa de Pompeyo, para conseguir a diadema do mundo. Arrenegar d'estas lagrimas dos monarchas, se vêdes que um Alexandre quando chora, chora não haver mais que um mundo para usurpar, e se um Cesar, quando chora, chora de prazer, vendo-se livre para senhorear o universo.

Auctor. Muito me espanto de que o nosso auctor de que tratamos, sendo varão sabio e ecclesiastico, escrevesse um axioma tão escandaloso.

Bocalino. Pouco mais disse o tyranno apostata Juliano, quando disse temam-me, mas que nunca me amem. Porque amar aos principes passados, sobre que as mais vezes é censurar os presentes, affecto fica sendo inutil egualmente aos mesmos principes que aos vassallos, que tão para tarde deixaram seu amor aos principes; porque, que serviço ou conveniencia recebem d'aquelle sacrificio da saudade os vassallos, porque todo o amor que põem nos passados senhores, falta de ordinario nos presentes.

Quevedo. Ora não posso deixar de vos dizer, que esse axioma tomado em sua força, parece cruel, mas que sem embargo tem algumas explicações não impias, que o favorecem.

Lipsio. Estou melhor com ess'outro livro grande dourado, e que merecera estar escripto com letras de ouro.

Auctor. Ah! sim, este é o gran Commento de Vitrião ás obras do senhor de Argenton, Felippe de Comines.

Lipsio. Perece-me livro sabio, e de homem douto, com gentil eleição nas opiniões, cheio de florida erudição, graça e noticias, sobre um estylo asseado e plausivel.

Bocalino. Eu, que não jurei opiniões *in verbo magistri*, ou por aquelle celebre Acitofere dos Pitagoricos, tambem lhe quizera dar a esse livro meus recados.

Quevedo. Que taes, porque o livro é de toda a conta; senão perguntae-o lá ao vosso memorioso e memoravel Macedo, que tanto se serve d'elle em suas obras, que bem lhe póde chamar auctor seu; pois até eu, que dos meus naturaes não sou o mais contentadiço, seja inveja, affeição ou magisterio, d'esse livro me dou por satisfeito.

Bocalino. Entre os mais achaques d'esse volume, é aquella reprehensivel frequencia, que tudo acha melhor nos seus reis de Aragão, que em nenhuns outros do mundo; pondo em tão alto ponto algumas das pequenas e ordinarias acções d'aquelles principes que as mais heroicas e superiores dos ontros, sem mais razão que serem aragonezes uns, e não serem aragonezes outros.

Quevedo. Se é doce e famosa cousa morrer pela patria, como cantou um poeta, quanto mais famoso e suave será o resuscital-a.

Auctor. Aqui jazem alguns portuguezes cahidos, que conforme a essa regra que dizeis, não me será mal contado fallar por elles, tornando por sua cura e mezinhas.

Lipsio. Mostrae cá esse maior.

Auctor. Ahi vae, e é a Arte de Reinar do arcipreste Perada.

Lipsio. Bem lhe chamou Arte, que já algum sabio disse, que a dominação dos homens exercitada dos principes, é a mais summa arte das artes, e a sciencia das sciencias.

Bocalino. Mas se acertou esse presbytero n'este livro mais que em outros, que d'elle tenho visto?

Auctor. O livro o dirá.

Quevedo. Mui limpo o vejo eu, signal de pouco manejado.

Auctor. Eu vos direi como disse Lupercio dos sepulchros: os livros tambem teem seus fundos, como as outras fabricas que ha no mundo, cuja jurisdicção é tão dilatada, que não só comprehende as cousas racionaveis e scientificas, mas ainda as insciencias alcança.

Bocalino. Assim dizia um cortezão italiano, e o prova galantemente com as sortes dos lenhos, os quaes nascendo todos juntos em um bosque, e todas as arvores rudas, uns d'elles se cortam para fazer imagens, que hão de viver no altar, e outros levam para trafugueiros a morrer na chaminé; por isso ha livros muito estimados sem rasão, e livros sem rasão muito desestimados.

Auctor. Quem duvida que este seja algum d'elles.

Quevedo. Ora est'outro mais pequeno, encadernado e impresso á la moda, d'onde veiu?

Auctor. Tambem é portuguez, posto que em traje diverso.

Bocalino. Antes parece que por isso é portuguez, cujo proprio traje se lhes tornou essa diversidade.

Quevedo. Que me matem, se não é a Harmonia Politica do vosso Antonio de Sousa de Macedo.

Auctor. Não vos matarão por isso, que elle é, mas

matar-vos-heis por elle, sendo certo que entre os muitos auctores que n'esta edade escreveram de nossas cousas, se não é o primeiro, é dos primeiros em a erudição, zêlo e liberdade.

Lipsio. Eu o li, quando se estampou em Hollanda, e posso affirmar que de sua boa disposição, presumia que não viesse tal livro tão cedo ao Hospital.

Bocalino. Pois ainda agora sabeis vós que os livros, como filhos dos homens, padecem nossas proprias paixões e perigos! D'aqui procede que muitos agradaveis e famosos escriptos tem dentro de si graves enfermidades, as quaes chegando ao ultimo ponto os faz morrer de subito na fama e no applauso.

Lipsio. Pareceu-me ingenuamente livro de boa erudição e acertada doutrina.

Quevedo. Demos vista ao Pellicer, a Cramuel e a Nicolas, das obras d'este jurisconsulto.

Auctor. Bem necessitam esses e outros de que lhe demos vista, pois tão cegos estão.

Bocalino. Mas que quereis que dissessem, sendo inimigos: pois á fé, que nenhum dos que nomeastes é tão são como a meada em suas faculdades, porque o Pellicer já se sabe ser auctor phantastico, sobre incerto; o Cramuel malicioso sobre venal, e o Nicolas mentecapto sobre insolente.

Lipsio. Passemos adeante, que a nossa boa amizade e companhia não é paiz neutral, para dar campo seguro ás vidas de cavalleiros andantes.

Auctor. Bem melhor empregado seria o tempo em lastimar-nos d'este elegante manuscripto, em elegantissimo latim, obra politica de Frei Manoel do Espirito Santo, religioso Agostinho, porque elle é tal, que eu vos fico que a todo o custo lhe busqueis remedio.

Lipsio. Confesso, como affirmaes, sua sublimidade, crendo vos não enganaria o affecto de patricio e mes-

tre; mas bem me podeis crêr, senhor Auctor, pois tambem mereço presumaes de mim que me não engane outro similhante affecto: o mundo já hoje não recebe algum beneficio por um livro mais que n'elle haja, nem perda de que o não haja; e é neceesario que advirtam os que hoje escrevem livros, e com mais especialidade os que compõem para os reis, se lhes offerecem materias graves, que nenhum merece alguma aceitação ou reverencia, por se lhe dizer a um principe que castigue, que dê premio, que ame a clemencia, a liberalidade, a fortaleza, que seja egual, humano, prudente, forte, sabio, inteiro, callado, advertido, diligente, horrivel aos maus, agradavel aos bons, pae da patria e dos vassalos, amor e medo, que com mais ou menos palavras, menos ou mais logares das letras humanas, taes falsos, taes verdadeiros, vem a montar todos os livros de politica do mundo; aquelle que se não atreve a lançar o malhão mais alto n'estas materias, de meu conselho, dê as bollas por trocadas e por ganhado o jogo da doutrina aos que lhe ganharam a mão em vir deante, porque o al é sandice, ou proluxidade de vinte e quatro quilates.

Auctor. Conheço, senhor mestre, o que dizeis, e o recebo em emenda dos maus pensamentos que confesso tive algum dia de politicas, de que hoje me arrependo bem e verdadeiramente, porque os reis (segundo barrunto e pelo que d'elles ouço) já não deixam de ser bons (se algum que o não seja) á mingua de ignorar a bondade, mas de a aborrecerem, por ser lei penosa ao desaforado appetite dos homens: d'onde já disse o Seneca que os soberanos aborreciam a rasão, só porque viam era a cousa a que só deviam obediencia, sendo mais soberana que elles.

Bocalino. A benção de Deus que vos cubra, Auctor, e a todos os mais que os deixaram de seus documentos; lá se avenham os principes com o seu mundo

inteiro, e nós com a nossa fatia, porque se não fôr assim, a fallar por contos e parabolas, quem na panella do entendimento porá a cozer para outrem melhor bocado?

Quevedo. De tal humor, como tu agora estás, devia estar o nosso Gongora, quando disse que se visse segunda vez arder a Troya, antes a havia de ajudar com um gosto, que com um sopro.

Bocalino. Das cinzas dos parvos que se queimam n'esses incendios, fazem os discretos suas vandas ou decoadas para tirar dos negocios o desengano limpo e secco: mas andae vós lá a morrer por quem nem por vós adoece.

Auctor. D'elles bem (a minha fé) disse o nosso Sá; doe-lhes pouco a dôr alheia, querem que nos dôa a sua!

Lipsio. Não de alheia dôr geral, nem da febre do imperio, deixa de ser frenetico o vassallo: todos nós temos no mundo nosso quinhão, e se cada qual se descuidar de sua posta se perderá todo inteiro.

Bocalino. Bem se prova por aquella historia tão galante como moral, que dizem succedera em Cintra ao vosso magnanimo rei D. Manoel.

Quevedo. Como foi e como a sabem melhor os estranhos que os naturaes?

Bocalino. Sabem-no melhor porque nunca se estima tanto o sal em Setubal sendo a terra d'elle, como lá em aquellas aonde o sal não produz; nem ainda os diamantes e perolas tem tanto preço onde se acham, como d'onde carecem mais d'elles; mas o caso foi d'esta maneira.

Quevedo. Dizei-o.

Bocalino. O auctor o saberá.

Auctor. Sei, porém não sei que seja canonico, ou ao menos chronico.

Quevedo. Seja como fôr, contae Bocalino.

Bocalino. Quiz a governança de Cintra fazer a el-rei umas festas em certas bodas reaes que n'aquella villa se celebraram, e ordenou que no meio da praça corresse uma fonte de leite, que pelo sabor e estranheza recreasse, (a tudo dava occasião a fertilidade d'aquella illustre serra) lançando pois pregão que todos os lavradores do termo trouxessem suas bilhas de leite para correr a fonte em tal dia. Fez cada um com uma propria malicia, uma mesma conta, e julgando que entre tanto leite se não conheceria uma só bilha de agua, cada um levou cheia de agua a sua bilha. Veiu a hora da solemnidade, e como cada qual em vez de leite que lhe fôra mandado, lançasse na fonte agua clara, desatados á sua hora os registros, nunca se viu fonte de agua mais crystalina e pura, com espanto da gente, que ignorava o mysterio. Assim se conheceu de novo no mundo, que por falta de cuidar cada um em se aproveitar d'este mundo o que d'elle lhe toca, o lançam todos a perder todos juntos, do modo que vemos.

Lipsio. Na verdade, que mais claro que a agua que lá manou da fonte, é o exemplo que d'esse gracioso successo corre para nós todos.

Quevedo. Ha mais politicos contagiosos?

Auctor. Ainda mal, que ha tantos mais, e aqui o está muito por sua corrupta doutrina a Politica de Antonio Henriques Gomes.

Lipsio. E' esta, por ventura, uma a quem elle desattentadamente chama Politica Angelica?

Auctor. O proprio é.

Quevedo. Já em Hespanha está deffendido, pelo que offendeu aos prudentes e piedosos.

Auctor. Hespanha não sei o que fez, mas Portugal o tem já ha muito tempo prohibido.

Bocalino. Barrabás espere as obras d'esse auctor portuguez, enxertado em monsieur e cavalleiro das

ordens d'el-rei, como elle com pouca ordem se nos intitula; para homem de tantas ordens, não vi pessoa de mais desordem; o que arrazoa, o que embrulha sobre nada, é cousa que me faz, não só perder o gosto, mas a paciencia; e logo não ha anno que vos não venha com um parto, d'onde parece que perderam já sua virtude os annos bissextos.

Quevedo. Esse Gomes é mais meu lacaio, do que já decidiram atrevidos entre Avicena e Escoto, a tudo se põem deante, e não olho para logar aonde o não veja alli muito meu amigo; assim foi em mil partes, mas agora mais em o seu D. Gregorio Gadanha, em que quiz retratar o meu Pablos, el Buscon, já poeta, já satyrico, dou ao peccado tal auctor, por lhe não dar os peccados a elle, visto que lhe não faltam em seus escriptos.

Lipsio. Oh! tambem isso parece ramo de paixão, que é arvore bem copada; havemos deixar um ouvido ao ausente; eu nunca vi escriptos de Antonio Henriques, eu os verei e lhe receitaremos depois a emenda que lhe communicar por mézinha.

Auctor. Não façaes como o outro, que dando-lhe um seu amigo certa carta de amores para que lh'a emendasse do que lhe parecesse mal, elle lh'a riscou toda inteira, e por debaixo da palavra senhora, que estava no alto da carta, escreveu esta senhora correu muito risco.

Lipsio. Ora senhores, componhamo-nos, que eis alli está o gravissimo historiador Tito Livio Patavino.

Bocalino. Seja bem chegado, que por elle esperava ha muitos dias.

Quevedo. Aconselho-vos a que considereis bem o modo porque vos haveis de haver com elle, porque é capitão dos historiadores e copiosa sua classe.

Bocalino. Zombo d'isso, quem a fizer ha de pagal-a; quanto mais que nem Tito Livio foi mestre, nem prin-

cipe, nem capitão da historia, sendo os gregos, caldeus, egypcios e hébreus muito de antes seus descobridores; e ainda na historia romana sei eu que lhe daria leis e ás, e a mão Cayo Crispo Sallustio.

Lipsio. As materias graves não se devem tratar por modos leves. Esse grande chronista mór de Roma só uma dôr póde ter, de que já o achou mal disposto a antiguidade.

Auctor. Qual foi essa?

Lipsio. Foi o ser tão affeiçoado á sua nação, que talvez omittiu a verdade do successo por não confessar suas quebras, tal dissimulou o valor dos barbaros (que assim chamavam elles quantos batalhavam contra o imperio indistinctamente), e tal apropriou aos seus os acontecimentos gloriosos dos nossos.

Auctor. Se todos houvessemos de vir á baralha com nossas queixas do Livio, não só os belgas e os batavos, por quem Lipsio se escandalisa, poderão ser os aggravados, mas os nossos lusitanos, porque (como já notou um varão sabio dos portuguezes) chegando este auctor na 4.ª Decada lib. 5, a referir os feitos de Scipião, e tratando da victoria que alcançou dos portuguezes, sendo elle vice-pretor, diz que accommetendo-os no caminho da provincia ulterior, os colheu carregados de despojos, sendo os romanos eguaes em numero, mas vantajosos em sitio e disciplina; accrescenta, que o successo foi tão duvidoso, que Scipião prometteu a Jupiter fogos solemnes, se com seu braço vencia tão duros contrarios: prosegue, que a batalha foi tão crua, que se viram em grande turbação as legiões de Roma; e remata, finalmente, no desbarato dos portuguezes, dos quaes affirma morreram 12:000 e se captivaram 540, com perda de 134 bandeiras. Ora pergunto eu agora: é crivel que em uma refrega tão ardua, em que o exercito romano se viu perdido, aonde seu capitão prometteu votos, deixando as vidas

12:000 d'aquelles soldados, que tanto embaraço e opposição fizeram aos vencedores, por fim de tamanha contenda só 73 romanos custasse uma contenda tão duvidosa, como refere o mesmo Livio, não faltando escriptor antigo que testemunhe pereceram na batalha da sua parte sete mil e novecentos soldados? Pois se na mesma Decada lib. 7, lêrdes a róta que deram os portuguezes ao pretor Lucio Emilio junto á Villa de Lincon na Lusitania, sendo certo que n'este combate se perderam seis mil homens de Emilio e elle fugiu desordenadamente com o restante do exercito, attentae bem, e vereis que lá resolve e escreve a verdade d'este acontecimento, com dizer que os romanos escaparam ao medo fugindo, sem acabar de confessar nosso valor, nem se sujeitar á pronunciação de sua fraqueza.

Bocalino. Valha-me Deus, isso monta por miudo, o que em grosso vos tenho dito.

Quevedo. Maiores opposições se fizeram á sublimidade de sua historia, condemnada de secca e infructuosa.

Bocalino. Os preceitos d'ella tocam a meu paisano auctor, Agostinho Mascardi, em a sua Arte Historiographica, livro de grande e bem logrado estudo.

Quevedo. Pois sem embargo de ser o mestre d'essa Arte, tambem elle peccou em Adão no outro seu opusculo da conjuração d'esse mental tyranno de Genova, o conde João Luiz Fieschi.

Lipsio. Em uma de duas maneiras se deve escrever a historia. A primeira, quizeram os antigos fosse austera e incorrupta, sem que o historiador puzesse de sua casa mais que o estylo, do qual modo de historiar foi grande observante Tito Livio, que aqui vêdes, e entre os gregos o famoso Thucidedes, principal texto d'esta faculdade. A segunda, não só consente, mas requer no historiador que entreponha seu

juizo quando refere as acções, e sobre ellas levante discursos, como não sejam alheios ou prolixos: d'estes foi illustre sequaz o Tacito, tomando-o á de Xenofonte, e outros primeiros historiadores e politicos. A classe dos romanos se dividiu em parciaes sentimentos, julgando uns que a historia se havia de escrever pura, outros ornada, assim depois os vulgares italianos, belgas, hespanhoes e francezes. Agora se me perguntares meu parecer n'esta confusão de opiniões, dir-vos-hei que os analystas, chronicos, summaristas, epithomistas e epilogistas, como todos aquelles que escrevem e regulam successos humanos, segundo a ordem dos tempos, não tem outra auctoridade e jurisdicção, mais que para referi-los ordenados, ajustando-se á verdade das cousas e computo dos dias, mas aquelles historiographos que se empregam na escriptura de uma só acção, como se dissessemos a vida de um principe, o successo de uma guerra, a relação dos movimentos e transferencia de uma republica, a estes taes affirmo ser licito e obrigatorio salpicar de sentenças, observações e juizos a sua historia, porém com tal sizo e mesura, que não seja o esmalte mais que o ouro, pena de degenerarem de historiadores a discursantes. A razão é clara, porque aquelles que escrevem historias geraes, como Baronio, Eusebio, Pineda, Tarcagnota, Carrilho e outros similhantes, com a grande variedade de materias que nos offerecem e trazem á memoria, nos ensinam e deleitam, que são os dois honestos fins de toda a lição boa; mas aquelles que só pintam uma acção particular, como n'ella não possam concorrer as copias da variedade e estranheza de inventos, que as primeiras historias comprehendem, é necessario que o que faltou de riqueza á narração, supra a erudição em nosso proveito.

Auctor. Bem aviados estamos, logo se n'essa delicada balança havemos de ir pezando os Lucios Fol-

ros, Quintos Curcios, Suetonios Tranquillos, os Trogos Pompeyos, os Justinos, Flavios e Plutarchos, com toda a immensa multidão de historiadores do mundo.

Lipsio. Impossivel é essa mostra universal, ella fique lá para o dia do juizo, e nós demos aqui por curados uns e outros, quando se achem feridos de similhantes morbos.

Auctor. Eis aqui jazem, como mortos, com ess'outros que referistes ha pouco, o Cesariense e o Baronio, os Annaes de Marco Antonio Sabelico, Polidoro Virgilio, Eneas Silvio, Dionysio Alicarnaso, Dion Cassio, Diodoro Siculo, Ferdinando Biondi, Berozo, Caldeo, João de Viterbo, Gio Baptista, Guichardino, a Tripartita, os Platinas, Scipião de Pluis Benter, Diogo Beldu, Garibay, Mariana, Zurita, Bavia, Ilhescas, Blau Brito, Brandão, Faria, Guadelaxára, Castilho, Possevino, Bassio, Turtelinos, Marmol, Herrera, Cabrera, Marulo e Catherino.

Quevedo. Tende mão, que se vos empregaes em referir toda essa caterva, nem tão sómente para entender os nomes, quanto mais os achaques, temos tempo, mas que vivamos em competencia do velho Mathuzalem; porém noto, que de nossos historiadores castelhanos vos não vejo fallar com particularidade, cousa que me cheira a desprezo.

Lipsio. Será porque consta já de conclusões certas e juizos, que d'elles tem feito os criticos.

Quevedo. E que tal?

Lipsio. Mariana é o mais destro e malicioso, Zurita o mais grave, Garibay o mais trabalhador.

Bocalino. Florião do Campo e Lucio Marneo, com Ambrozio de Morales, em materia de levantar falsos testemunhos ao mundo, não quizera eu a minha alma com a sua, e se apertardes muito, nem com a de Fernando de Pulgar, Antonio de Nebrissa, D. Diogo Lopes de Ayala, nem com o mesmo Garcia Dias, por-

que escrevendo por mandado de principes poderosos e desarrosoados, não vemos que fizessem historia, mas uma apologia.

Quevedo. N'esses sómente cifrastes o numero dos nossos famosos!

Lipsio. Já sei que o dizeis pelo Marco Bruto, que escrevestes regrado pela pauta do vosso amigo Marquez Virgilio, livro é que todo o homem sezudo se póde prezar de o haver feito.

Quevedo. Eu sei o que tenho n'elle e em mim: porem tardaes em louvar os benemeritos; e que se não é cura da virtude, (porque a virtude sempre é sadia), é pelo menos sua precaução.

Bocalino. Tendes geito de vos regerdes pela escola salernitana, segundo vos ajudaes da arte precautoria que n'ella se ensina contra o parecer dos melhores; porque aquelle que sempre se precauta, como vive sem confiança, elle por si mesmo se dispõe á vida infelice.

Lipsio. Se suppozerdes que vimos aqui sómente á censura e não ao elogio, desculparei que os não façamos a esses para quem os requereis; com tudo vos direi que o vosso D. Diogo de Mendonça (de quem já nos lembrámos entre os poetas) na sua Guerra de Granada, D. Antonio de Fuen-Mayor na Vida de Pio V. D. João Antonio de Vera no seu Epitome de Carlos, e D. Lourenço Val de Ilhamene no de D. João de Austria, são livros, que dos vulgares poucos lhe podem pôr o pé diante.

Quevedo. E que me dizeis á conquista das Moluccas por Bartholameu Leonardo de Argenzola?

Lipsio. Que a poucos é concedido ser historiador e poeta insigne, tudo junto em um volume.

Quevedo. Ainda tenho razão de queixa por deixardes de augmentar e procurar a saude das famosas historias de Sevilha, de Segovia e de Granada, com as cele-

bres de Madrid, Toledo e Santiago, e sobretudo todas as famosas antiguidades de Aldrete.

Lipsio. Esse clerigo foi doutissimo, e como a seu livro não doe cousa alguma, é escuzado comprehendel-o no circulo dos outros morrinhosos.

Quevedo. Só pela historia de Flandres vejo alli uma estante occupada de varios languentes, sem que d'elles nenhum de vós se apiede.

Bocalino. Já eu os via e conhecia, mas quem quereis vós que se vá meter entre taes nomes eternos, como ha em todos esses historiadores?

Auctor. Não, se vôs quereis rezolve-los, alli estão não poucos, que vos darão bastante enfadamento.

Quevedo. Demos-lhe se quer uma vista de olhos, por ser seu assumpto além da mais grave guerra da Europa, a mais justa de Hespanha.

Auctor. Alli está Gabriel Altingen, com o seu Leão Belguo, quasi importunissimo diario dos movimentos de Flandres; e Manoel Soares, portuguez com os seus Annaes, seguidos do Secretario D. Antonio Carneiro.

Lipsio. Muita differença vae de uns a outros : porque meu discipulo Soares foi dos maiores homens do seu tempo, e se não acabara tão mallogrado, arrebatara das mãos a gloria litteraria a todos os antigos.

Auctor. Vem D. Carlos Colona e o duque de Carpinano, D. Francisco Lanario.

Lipsio. Estes dois cavalheiros bem podem correr uma parelha.

Quevedo. Certo que se bem lêrdes ao Colona achareis uma doce e propria historia, como de homem professor d'ellas, alumiado da sciencia militar e experiencia do mesmo que escrevia, que vae muito a dizer para os acertos do que se escreve ; pois já sabemos por tradicção, que Salustio passou de Roma a Carthago só por vêr aquelle porto, que havia de escrever na Guerra Jugurtina.

Auctor. Ainda faltam os mais celebres.

Quevedo. Quaes são?

Auctor. O padre Famiano Estrada, e o cardeal Guido Bentivoglio.

Bocalino. Por mais que vós os ajunteis, elles em amor e sentimentos se apartam tudo quanto podem, não se podendo levar em paciencia um ou outro.

Lipsio. E' cousa natural pelejar o leão com o tigre, a abada e o elephante, só porque são dois animaes valentes e poderosos. Dois engenhos grandes encerrados ambos na lei de um mesmo assumpto, não podiam deixar de competir sobre a preferencia.

Bocalino. Comtudo o cardeal nos seus Fragmentos Historicos maltrata ao Famiano.

Quevedo. E o peior é que dá razão do seu dito.

Auctor. Mais queixa podera eu agora ter, que todos, da parte da minha nação, havendo-se passado tantos historiadores sem se nomear o famoso historiador portuguez João de Barros, a quem uns e outros estudiosos chamaram sem medo o segundo Livio.

Lipsio. Podeis d'elle prezar-vos á bocca cheia, porque se bem alguns criticos o calumniaram de casual, e quasi incivil, pela inteireza com que se não diverte a alguma apostrophe ou aphorismo politico, basta que insensivelmente os deixe com grande arte embebidos na narração, pela qual e suas geographias é eminentissimo, sendo esta historia de Barros uma das perfeitas Epanaforas que disseram os gregos, quando a historia sem advertencia chegava ao fim de sua acção, havendo de caminho informado aos leitores de tudo o que lhe pertencia.

Quevedo. Não: quanto é á falta de aphorismos politicos, não perderá nada João de Barros, se D. Fernando de Alva e Castro continuara os que d'elle tirou e imprimiu, das entranhas da primeira Decada.

Bocalino. Buscou-os sem falta de mergulho, porque elles não apparecem á face do estylo, mas por isto se verifica a observação do outro, que dizia, que todo o homem tinha sua graça, se lh'a sabiam mostrar e lh'a queriam achar.

Auctor. Tende paciencia, que eis alli vem entrando dos nossos essa esquadra de velhos, com quem nos não auctorisamos pouco.

Bocalino. Houvereis dizer: e nos enfadamos muito.

Lipsio. E' obrigação ouvi-los.

Auctor. Vêde, alli está Gomes Annes de Azurara, chronista antigo, tão candido de pena, como de barba; Fernam Lopes, e Fernam Lopes de Castanheda; Ruy de Pina; Duarte Galvão; D. Rodrigo de Lima; Damião de Goes; Garcia de Rezende; Duarte Nunes; Antonio de Mariz; Diogo de Couto; Gaspar Estaço; Gaspar Barreiros; o Mestre André de Rezende; Fr. Bernardo de Brito; Francisco de Andrade; Diogo de Paiva, e seu adversario Fr. Bernardino da Silva; Manoel de Faria; Fr. Antonio e Fr. Francisco Brandão; Luiz Coelho de Barbuda; o chantre Manoel Severim, Fr. Luiz de Sousa; D. Agostinho Manoel e Luiz Marinho de Azevedo; D. Gonçalo Coutinho; o conde da Ericeira e João Nunes da Cunha; porque então andamos os moços por bons passos, quando seguimos os passos dos velhos; todos estes não vêm positivamente a se emendar; mas grande sandice seria, se sabendo que a saude era chegada á terra, não fossem haver tanto d'ella, que nunca lhes faltasse.

Bocalino. Bem confesso a travessura do meu genio como todos sabeis, mas sem embargo d'elle e d'ella, sou obrigado a confessar, e confesso, que não foi a natureza nem a fortuna avara com os portuguezes da gloria do engenho; porque tal poeta como vos deu no Camões, tal historiador como em João de Barros, tal orador como em Jeronymo Osorio, tal rhetorico

como em Cypriano, tal jurista como em João das Regras, tal escripturario como em Oleastro, tal theologo como em Egydo, tal mathematico como em Pedro Nunes, tal medico como em Amato Lusitano, tal canonista como em Luiz Corrêa, tal prégador como em Antonio Vieira, tal philosopho como Balthasar Telles, tal antiquario como Rezende, tal tangedor como Alexandre Moreira, tal musico como João Cordeiro, tal déstro como Gonçalo Barbosa, tal compositor como João Soares, tal escrivão como Manoel Barata, tal pintor como Manoel Camelo, tal engraçado como Antonio Panasco, tal comico como Gil Vicente, tal nobiliario como Manoel Delgado de Mattos, tal embaixador como Francisco de Sousa, tal ginetario como D. João Pereira, tal capitão como D. Nuno Alvares, tal rei como D. João o II, emfim, tal santo, como Santo Antonio, não vimos que juntos a outra nação se dessem.

Auctor. Agradece-vos o episodio, ainda que se foi restituição, vosso será o proveito, por vos não verdes na injuria do moderno João Imperial, que escrevendo no seu Muzeu de Varões Illustres quantos advogados e physicos de meio tostão achou no estado de Lombardia, só dos varões portuguezes não achou algum digno de annexar entre aquelles senhores.

Lipsio. N'este desatino encorrem todos os que se querem ao mundo introduzir auctores de materias universaes; e que vos parece a vós, que de nós outros se queixaram muitos porque ainda que fossem para fazermos aqui anatomia d'elles, os não trouxemos a este lugar, sendo que procuramos mais que ninguem, o nome e remedio de todos.

Quevedo. Bem diz o Lipsio, mas por agora não quizera que a titulo de miudos se nos passassem pelos dedos os livrinhos de meu amigo Virgilio Malvezi, ainda que algum dissimulado do vulgar anagrama de Grevillo Vezalmi.

Bocalino. Nem a fama nem a patria lhe valerá, se eu posso, para deixar de ir muito bem sarjado, por que a leviandade d'essa mascara merece gentilissimos açoutes.

Lipsio. Cura é de doidos e delirantes a primeira, e segunda lhe receitae, e tudo parece que lhe cabe a um homem que sem que nem para que, muda o nome tanto, que logo o direito presume mal d'aquelles que sendo uns, se nos inculcam por outros.

Auctor. Por ventura, que as ventozas viessem melhor ahi, por ser mézinha que se applica ás inchações, mal a que este marquez é muito sugeito.

Lipsio. Ora já sei que por mais velho sou obrigado a ser a paz da casa, entendendo que não a edade, mas a fleugma natural dos flamengos é quem me conserva mais egual na turbulencia de vossos affectos.

Auctor. Pois que nos dizeis agora em ordem á saude d'esse nobilissimo engenho de Italia?

Lipsio. Digo-vos que o bolonhez tem altos pensamentos proporcionados a seu profundo saber; passando porém ao modo pratico de explical-o, quanto foi louvavel em desterrar a tediosa prolixidade dos italianos, foi reprehensivel no sincopal estylo que abraçou; d'onde de ordinario gemem apertados os conceitos, calçando muito menos pontos de palavras, do que seus pés pediam, para se fazerem praticos e intelligiveis ao juizo commum dos homens, para quem se escreve; o Romulo Tarquino e David, tem a sabida doença d'este marquez.

Quevedo. E que tal? Porque eu sempre que os vi me pareceram de saude perfeita.

Lipsio. Estar sempre em sua historia todo o caso suprimido do discurso, e abafado d'elle, de sorte que havendo o discurso de servir ao caso, este serve áquelle, lendo-se ou adivinhando-se o caso no discurso, o que notavelmente suspende o juizo dos leitores.

Quevedo. E da lição, que dizeis?

Lipsio. Que é falsa, como impertinente.

Quevedo. Como julgaes do primeiro, que intitula Successos do Anno 39?

Lipsio. Padece esse miseravel volume uma lisonja coral, e adulação canina, de que não convalescerá jámais o livro, nem o auctor.

Quevedo. Pois a vida do Conde Duque, que sentis d'ella?

Lipsio. N'ella acho mais desculpa, porque lhe valeu o posto de conselheiro de guerra, o cargo de embaixador da Gram Bretanha, honras, commendas e soldos, que lhe soldarão quantas quebras e quebraduras possa ter a sua fama por todo o mundo, visto que por muito menos premio canta e baila e representa um homem, muito contra sua vontade.

Auctor. Rogo-vos, que se poder ser, ainda que seja depressa, tomeis o pulso ao nosso bom velho Diogo de Couto, successor na Historia Oriental de João de Barros; porque é Diogo de Couto pessoa que não merece o deixemos por incuravel, a troco do fraco dispendio de quatro receitas, que se pódem gastar com elle.

Lipsio. Não o duvido, porque toda a historia nobre é digna de alto preço; e muitas vezes tenho lastima quando leio, vejo e ouço, que um marmore, um madeiro, e quando muito um metal, por remedar um rosto na fé dos padrinhos de um dos nossos passados, valha tão grande maquia na fazenda; e um livro historieo, d'onde não já as feições do rosto, mas os assectos da alma se vêm tão vivos como n'ella propria, ao mesmo tempo valham estas estatuas e estatuarios tão pouca fazenda.

Bocalino. Acabae já de dizer ahi o que n'este passo dizem todos, que a pintura e esculptura é historia morta, e a historia pintura viva; mas adverti, que se

com todos estes velhos nos formos assim detendo, virá um rancho de potrilhas, que se não acabará nunca.

Quevedo. Tambem eu assim o digo, mas a troco de duas horas mais não é razão deixar a Diogo de Couto gemendo, e passar adiante.

Lipsio. Elle não tem achaque de perigo, e o que mais o lastima são quatro arranhaduras que lhe deu João Baptista Lavanha, meu amigo, ácerca da quarta Decada; vê mal de um olho de puro chorar a queima da sua quinta, d'onde procede a falta do fio das Historias Orientaes, escapando poucos e maltratados volumes.

Bocalino. Tambem ahi com elle se devia queimar a obrigação, respeito e curiosidade dos que podiam, pois sendo-lhes tão facil fazer nova edição por um d'esses exemplares, lhe passou isso por alto.

Quevedo. Se eu do livro e do auctor não tivera tanto conhecimento, persuadira-me a que succedera n'este caso, o que a certo compositor meu contemporaneo, que fazendo um livro máo que se lhe não gastava, fez diligencia com o bispo, a que lh'o mandasse recolher sob graves penas, as quaes ainda não bem eram publicas, quando já o livrinho se gastava ás punhadas.

Bocalino. De longe nos vem a golodice do vedado.

Auctor. Reparae que o chronista Labanha, parece que está e fica queixoso de o não fazerdes digno de um reparo, e sendo dos benemeritos do seu seculo.

Bocalino. Esse homem não acabei de conhecer nunca; e supposto que o nome me parece transalpino, nunca acabou de mostrar d'onde era, lá se enxerio em Portugal e achou quem o favorecesse.

Auctor. Não. Quanto é se por ahi ides n'esses signaes, bem me parece estrangeiro, porque a ser portuguez, eu vos fico que por mais elle soubesse outro

tanto do que sabia, e por mais cego que fosse, não acharia em Portugal quem lhe fizesse carreira.

Quevedo. Teve em Castella boa opinião de suas letras e costumes.

Lipsio. Com justa causa, porque dou fé que era varão doutissimo nas sciencias e faculdades humanas, sobre que o engenho não foi liberal nem ditoso.

Bocalino. Vós vêdes o que lá vem de velhos corcovados, tossindo e arrojando os pés, esta gente se faz com terra ou se vae desfazendo n'ella tudo quanto pode.

Auctor. Já sei quem são, ainda que os vejo de longe; o primeiro é Gomes Annes de Azurara, Fernam Lopes e o de Castanheda, Ruy de Pina e Duarte Galvão, os dois Rezendes, Luiz Coelho, Castilho, Amaral e Toscano.

Bocalino. Oh! que cousa lá vem.

Quevedo. Antes entendia eu, que triunfaveis com o arcipreste Juliano Paulo Ozorio, o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, D. Lucas de Tuy , e o invisivel D. Raymundo Ortega, tão mentado dos vossos modernos antiquarios.

Lipsio. Senhores, antes que alguem nos reprehenda, saibamos que logar havemos de dar aos maus auctores, já que assim foi que entendendo vinhamos a visitar um Hospital, nos achamos com um mundo inteiro de enfermos. Estes senhores historiographos devem dar logar a que os mais se venham chegando, porque d'aqui d'onde estou, estou vendo a mais de dois mil jurisconsultos amarellos como cera, bom testemunho do mal que trazem dentro dos corpos.

Bocalino. Mais depressa será do sobresalto, vendose ser julgados os que se crearam para juizes.

Quevedo. Isso será, porque esta tal gente não é a que mais depressa mostra no rosto o mal que tem no coração.

Lipsio. Aqui dizia eu, senhores, se vos parecesse, deviamos nós applicar todos os remedios e estudos, porque na saude d'estes livros consiste a saude da republica, e a vida muito mais.

Quevedo. Bom fôra, se elles quizeram receber leis, eu apostarei que não ha livro d'essa faculdade, o que mais está para dar conta a Deus, que não diga póde vender saude e disposição boa pelas praças, e que os mais em sua comparação são uns sandeus contagiosos.

Lipsio. Vem-lhe da grandeza do exercicio de sua faculdade, sempre encaminhada ao grande fim do regimento, moderação e conservação da republica.

Auctor. Reparo em que lhe chamaes faculdade, e não sciencia.

Lipsio. Chamar a uma pessoa o nome que lhe não pertence é uma cortez injuria, porque muitos passam alegremente; eu chamo a cada um pelo seu nome, e não pelo alheio, supposto que a vaidade dos homens se tem destemperado de sorte, que cada qual se acha acanhado e estreito em seu proprio nome ou officio.

Bocalino. Dizeis bem, e lhe succede uma galante cousa a esses marmanjos, a qual é, que elles logo de contado se envilecem o novo grau ou exercicio que possuem, e como estranhos de ess'outros a que aspiram nunca se affirmam n'esse; de sorte que nos deixam certos do mal, e do bem incertos, como que entendem tem feito grande negocio.

Auctor. Estou esperando resposta do que vos perguntei, e com escrupulo não quizera se divertisse por ora a outros sujeitos a conferencia.

Lipsio. Não quizera que me obrigasseis a começar por Aristoteles, supposto que o tenho por mestre, mas por ser principio que muito me enfada, comtudo bom é levar a candeia deante: olhae, haveis de saber que a sciencia é a segura e immovel certeza, que

mora em nossas almas, de alguma cousa illustre, util e honesta; continuam em habitos intellectuaes, que já mais caduquem em nosso entendimento, nem sejam sujeitos a algum accidente: esta é a definição da sciencia, que mais ou menos claramente assignam os sabios. Por esta causa ha no mundo poucas sciencias, ainda que ao commum entender, toda a doutrina que se aprende e ensina parece sciencia, cujo nome só cabe onde ha certeza e evidencia.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

OBRAS PUBLICADAS



I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume	400
II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume	400
III — ETHIOPIA ORIENTAL, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.	1$500
IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.	700
V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO), por *Fernão Lopes*, 1 volume.	400
VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.	1$200
VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.	2$800
VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, VOL. I, II E III (VIII, IX E X) . .	1$200
IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.	400
X — ARTE DA CAÇA DE ALTANERIA, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.	800
XI — APOLOGOS DIALOGAES, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volume.	1$200

EM PUBLICAÇÃO

Chronica d'El-Rei D. Duarte, por Ruy de Pina.

